

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

LÍDIA MARIA DE ABREU GENEROSO

**“O povo colonizado não está sozinho”:
Terceiro Mundo, anti-imperialismo e revolução nas páginas da
revista *Tricontinental* (1967-1976)**

Mariana

2018

LÍDIA MARIA DE ABREU GENEROSO

“O povo colonizado não está sozinho”:

**Terceiro Mundo, anti-imperialismo e revolução nas páginas da revista
Tricontinental (1967-1976)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História.

Área de concentração: Poder e Linguagens.

Linha de pesquisa: Poder, Linguagens e Instituições.

Orientador: Prof. Dr. Mateus Fávaro Reis

Mariana

Instituto de Ciências Humanas e Sociais / UFOP

2018

G326p

Generoso, Lídia Maria de Abreu

"O povo colonizado não está sozinho" [manuscrito]: Terceiro Mundo, anti-imperialismo e revolução nas páginas da revista Tricontinental (1967-1976)/ Lídia Maria de Abreu Generoso. – 2018.

217f.: il.: color.

Orientador: Prof. Dr. Mateus Fávaro Reis.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-graduação em História.

Área de concentração: História.

1. Áreas subdesenvolvidas. 2. África - História . 3. Ásia - História - Sec. XX. 4. América Latina - História. 5. Política e cultura. I. Fávaro Reis, Mateus. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 94

Catálogo: sisbin@sisbin.ufop.br

Lídia Maria de Abreu Generoso

"O povo colonizado não está sozinho": Terceiro Mundo, anti-imperialismo e revolução nas páginas da revista *Tricontinental* (1967-1976)"

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em História da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.



Prof. Dr. Mateus Fávares Reis

Departamento de História/UFOP



Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes

Departamento de História/UFOP



Profa. Dra. Adriane Vidal Costa

Departamento de História/ UFMG

Agradecimentos

aqui está o mais profundo segredo que ninguém sabe
(**E. E. Cummings**, eu levo o seu coração comigo)

O presente trabalho é fruto de encontros, diálogos e trocas, sem os quais essas páginas não teriam sido possíveis. Por *não estar sozinha*, agradeço a todos e todas que caminharam ao meu lado e contribuíram, a sua maneira, para a elaboração desta obra.

Minha eterna gratidão aos meus pais, Heli Magno e Zilda Maria, por todo o amor, carinho e cuidado, por me ensinarem a sonhar e por terem sido fonte de tranquilidade e segurança nos momentos difíceis. A todos os familiares que acreditaram em mim, por todo o carinho e incentivo, sobretudo à minha prima-irmã Danielle Abreu e à querida tia Maria Evangelina Generoso.

Sou extremamente grata ao meu orientador, Mateus Fávaro Reis, por ter sido tão solícito, dedicado e generoso, por todas as contribuições fundamentais, e enfim, por sua tranquilidade e confiança no meu trabalho, que foram fundamentais para que esse percurso tenha sido mais leve. Aos professores Luiz Estevam de Oliveira Fernandes e Ana Mônica Lopes pelas importantes críticas e valiosas contribuições durante o exame de qualificação. Ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, por ter me acolhido tão bem, e à CAPES pela concessão da bolsa de estudos.

Se ter amigos é escolher pra si uma família, eu não poderia deixar de agradecê-los. À Caroline Morato, com quem dividi uma casa, risadas, felinos, sucessos e angústias, por caminhar ao meu lado e pelo apoio mútuo nos momentos decisivos, muito obrigada (vamos juntas!). Aos amigos Átila Guerra e Ana Luísa Murta, agradeço pelo carinho e o companheirismo, pela contagiante confiança no meu trabalho e por todas as visitas que tornaram a mudança menos difícil. Ao Pedro Nogueira e à Natália Ribeiro, agradeço pelo prazer de poder caminhar e crescer ao lado de vocês nos últimos dez anos (e que venham mais dez!). À Isolda Lins Ribeiro, um agradecimento especial pela excelente revisão dessas páginas, feita com tanto cuidado e carinho, e por seguir sendo fonte de inspiração.

Sou extremamente grata às amigas que a graduação me trouxe, e espero carregar vocês comigo para toda a vida: Isabela Dornelas, Clara Cazarini, Maria Visconti,

Gabriel Bueno e Marcela Coelho. Em especial, meu agradecimento a Maíra Nascimento, Thiago Prates, Felipe Malacco e Rhuan Fernandes Gomes, por lerem e relerem meus textos com tanto cuidado, carinho e entusiasmo. Aos amigos de longa data que, de alguma maneira, estão comigo apesar das idas e vindas: Estefânia Mesquita, Daniel Saran, Pedro Bezerra, Victor Maia, Bruna Gribel, Marina Avelar, Gabrielle Xavier e Wagner Artur Cabral. À Stella Gontijo, Daniela Chain, Camila Figueiredo, Luíza Dias, Maria Luíza Amâncio, Luis Otávio Botelho e Samyla Oliveira, agradeço pelo carinho e pelo incentivo.

Por me receberem com tanta atenção e cuidado na sede da Organização de Solidariedade dos Povos de África, Ásia e América Latina, em Havana, meu especial agradecimento a Eva Dumenigo, e também às queridas Rosita, Mercedes e Sheila. A todos cubanos e cubanas que me acolheram com tanto carinho, em especial à Laura. À Taciana Garrido, agradeço pela amizade, pela companhia e pelos ótimos momentos durante a última viagem à Cuba, dentro e fora dos arquivos.

Aos queridos amigos e colegas que encontrei graças à Universidade Federal de Ouro Preto minha gratidão pelo carinho da acolhida, pelos diálogos e pelo incentivo, sobretudo à Isabel Leite, Luana Melo, Lucas Samuel Quadros, Bruna Stutz Klem, Livia Vargas, Aguinaldo Boldrini, Ana Carolina Monay e Felipe Alves. Um agradecimento especial a Mauro Franco e Guilherme Bianchi, pela confiança no meu trabalho, pelas contribuições acadêmicas, e pela oportunidade de dividir com vocês a experiência do Estágio Docente.

Aos mestres que tanto me ensinaram ao longo da vida, meu muito obrigada. À professora Adriane Vidal Costa, por ter me apresentado Cuba e o internacionalismo revolucionário, por todas as contribuições fundamentais à elaboração desta pesquisa, e por todo o carinho nessa caminhada. Aos professores Luiz Arnaut e Kátia Baggio, agradeço por me possibilitarem, dentro e fora das salas de aula, enxergar o mundo sob novas lentes.

O povo colonizado não está sozinho.
A despeito dos esforços do colonialismo,
suas fronteiras são permeáveis às notícias, aos ecos.

(**Frantz Fanon**, *Os condenados da Terra*)

Os continentes são convenções, apenas existem terras separadas por mares.
Nos bolsos dos seres marinhos sempre há montes de terra seca.
Nós desconsequimos de chegar aos bolsos aferrolhados.
Na loucura do pôr do Sol, gaivotas gritam avisando rotas.
Uns poucos sabem traduzir os gritos das gaivotas.
Esses chegam a terra firme.
Pessoas têm vidas paralelas, seguem juntas sem se cruzarem.
Outras, convergentes, acabam se encontrando num canto do mundo. [...]

(**Pepetela**, *O planalto e a estepe*)

Resumo

A presente dissertação consiste em um estudo da revista *Tricontinental*, órgão teórico da Organização de Solidariedade dos povos de África, Ásia e América Latina (OSPAAAL), revista de política e teoria marxista publicada em Cuba a partir de 1967, aqui analisada em suas 48 primeiras edições. Buscaremos demonstrar que a publicação se tornou importante espaço de debate e reflexão sobre a situação política e cultural dos três continentes, a partir de uma perspectiva revolucionária e anti-imperialista. Considerando as profundas diferenças políticas, culturais e econômicas entre os locais envolvidos, indagamos de que modo foi possível construir uma publicação capaz congrega e mobilizar grupos tão distintos. Nesse sentido, as edições da *Tricontinental* permitem-nos um olhar privilegiado sobre as esquerdas latino-americanas, africanas e asiáticas e, principalmente, sobre o estabelecimento de uma aliança política de dimensões globais entre elas, marcada por fortes laços de solidariedade. Defenderemos nestas páginas que um dos pilares do projeto editorial da *Tricontinental* consistiu precisamente em, por meio da promoção do debate e da reflexão, tecer os laços políticos, intelectuais e discursivos que deveriam unir os três continentes em torno de um projeto comum de libertação para a África, a Ásia e a América Latina; suas páginas permitem delinear, portanto, as aspirações, sucessos, contradições e limites desse projeto. Na medida em que foi responsável pela produção e circulação de materiais políticos, culturais e teóricos, a revista operou precisamente na interseção entre os domínios da política externa e da política cultural, e atuou, também, como importante espaço para defesa e legitimação da Revolução Cubana.

Palavras-chave: Revista Tricontinental, Terceiro Mundo, Anti-imperialismo, Revolução.

Abstract

This dissertation consists on a study of the *Tricontinental* journal, theoretical body of the Organization of Solidarity of the People of Africa, Asia and Latin-America (OSPAAAL), published in Cuba since 1967. Here, we analyze the first 48 editions of the journal. Our objective is to demonstrate that this publication became an important space for debate and reflection on the political and cultural situation in these three continents, from a revolutionary anti-imperialistic perspective. Considering the profound political, economical and cultural differences between the locations involved, we inquire how it was possible to congregate and mobilize groups that were so distinct. In this sense, the *Tricontinental* journal allows us to look into the Latin-American, African and Asian lefts, and most importantly, into the establishment of a political alliance with global dimensions between them. We argue on these pages that the pillars of the *Tricontinental* editorial project consisted precisely on promoting a debate to weave the ties towards a common liberation project for Africa, Asia and Latin-America. In this manner, *Tricontinental* allow us to delineate the aspirations, successes, contradictions and limits of such project. As the magazine was responsible for production and circulation of political, cultural and theoretical material, it operated on the intersection of foreign policy and cultural policy, and acted also as important space for the defense and legitimation of the Cuban Revolution.

Keywords: Tricontinental journal, Third World, Anti-imperialism, Revolution.

Sumário

Introdução	1
1. Projetos de libertação para África, Ásia, América Latina.....	19
1.1. De Bandung à Tricontinental	19
1.2. A revista Tricontinental: reflexões sobre um projeto editorial	52
2. De Frantz Fanon a Ernesto Che Guevara: anticolonialismo, anti-imperialismo e o intelectual revolucionário	81
2.1. <i>Ni Appolo ni Oddúdua: Tricontinental</i> e a obra de Frantz Fanon.....	83
2.2. <i>Su querida presencia</i> : Che Guevara entre as memórias e o testamento político	98
2.3. O dever dos intelectuais: configurações do intelectual revolucionário	113
3. A <i>Tricontinental</i> e a construção do Terceiro Mundo	135
3.1. <i>Tercer mundo, nuestro mundo</i> : conceito e aporia, raízes e ramificações	136
3.2. Itinerâncias e sensibilidades tricontinentais	168
Considerações Finais	194
Lista de ilustrações.....	200
Fontes	201
Referências.....	202

Introdução

O presente trabalho apresenta um estudo da revista *Tricontinental*, órgão teórico e de divulgação da Organização de Solidariedade dos povos de África, Ásia e América Latina (OSPAAAL), revista de política e teoria marxista publicada em Cuba a partir de 1967, aqui analisada em suas 48 primeiras edições. Buscaremos demonstrar que a publicação se tornou importante espaço de debate e reflexão sobre a situação política e cultural dos três continentes, a partir de uma perspectiva revolucionária e anti-imperialista. Considerando as profundas diferenças políticas, culturais e econômicas entre os locais envolvidos, indagamos de que modo foi possível construir uma publicação capaz congrega e mobilizar grupos tão distintos. Nesse sentido, as edições da *Tricontinental* permitem-nos um olhar privilegiado sobre as esquerdas latino-americanas, africanas e asiáticas e, principalmente, sobre o estabelecimento de uma aliança política de dimensões globais entre elas, marcada por fortes laços de solidariedade. Defenderemos nestas páginas que um dos pilares do projeto editorial da *Tricontinental* consistiu precisamente em, por meio da promoção do debate e da reflexão, tecer os laços políticos, intelectuais e discursivos que deveriam unir os três continentes em torno de um projeto comum de libertação para a África, a Ásia e a América Latina; suas páginas permitem delinear, portanto, as aspirações, sucessos, contradições e limites desse projeto. Na medida em que foi responsável pela produção e circulação de materiais políticos, culturais e teóricos, a revista operava precisamente na interseção entre os domínios da política externa e da política cultural, e atuava, também, como importante espaço para defesa e legitimação da Revolução Cubana.

De 3 a 15 de janeiro de 1966, centenas de representantes do mundo reuniram-se em Havana para participar da Conferência Tricontinental, cujas atividades iniciaram-se logo após as celebrações do novo ano e dos 7 anos da Revolução Cubana. Talvez possa-se dizer que aquele ano se iniciou em estrondo. As fontes a que tivemos acesso para seu estudo, nos primeiros momentos da investigação, foram escassas. De modo que foi importante buscar alternativas para a elaboração desse estudo, momento em que

incluímos a cobertura publicada acerca da reunião nas páginas do semanário uruguaio *Marcha* e da revista estadunidense *Monthly Review*.

Se percorrermos os limites que permitem a imaginação, alcançaremos uma profusão de pessoas, cores e línguas semelhante a Babel. Participaram da Conferência Tricontinental 150 representantes de 28 países africanos, 197 representantes de 27 países asiáticos e 165 representantes de 27 países da América Latina, além de 88 observadores e convidados de outros países e organizações internacionais.¹ Entre eles, líderes políticos, intelectuais, estudantes, revolucionários. A Conferência Tricontinental foi um importante marco para a história das esquerdas na África, Ásia e América Latina, uma vez que congregou líderes políticos e intelectuais dos três continentes em um mesmo fórum de debate, a fim de pensar estratégias e mecanismos coletivos para aproximação e solidariedade entre si. Ademais, foram debatidas estratégias para a luta contra o capitalismo, o colonialismo, o imperialismo e o neocolonialismo em escala internacional. A Conferência significou, ainda, a convergência entre os movimentos de solidariedade afro-asiáticos e o latino-americanismo, liderado pela Revolução Cubana, cujo objetivo era uma maior internacionalização das lutas anticoloniais e anti-imperialistas. A historiografia disse pouco sobre essa reunião de proporções impressionantes².

Algumas questões emergem quando buscamos estudar um movimento internacionalista que não foi apenas estatal. Poucos governos e muitos outros grupos – entre movimentos de libertação nacional, organizações e partidos – participaram da Conferência Tricontinental. Quem é autorizado a falar por cada país? No caso da

¹ ESTRADA, Ulises (org.); SUÁREZ, Luis (org.). *Rebelión Tricontinental: las voces de los condenados de África, Ásia y América Latina*. La Habana: Ediciones Tricontinental e Ocean Press, 2006. p. 417.

² A reunião é abordada e citada por vários estudiosos, mas é estudada específica e detalhadamente por um número limitado deles, entre os quais destacamos Anne Garland Mahler, Robert J. C. Young, Saïd Bouamama e Roger Faligot. Os primeiros autores buscaram analisar o impacto, significado e importância da Conferência. Saïd Bouamama produz uma importante análise de seu decurso, especialmente das resoluções aprovadas e dos esforços por sua implementação. O jornalista francês Roger Faligot, por sua vez, elabora uma interessante narrativa acerca da Conferência, enfocando seu dia a dia, fundamentada principalmente em relatos, cartas e entrevistas. BOUAMAMA, Saïd. *La Tricontinentale*. Les peuples du Tiers-Monde à l'assault du ciel. Genebra e Paris: Éditions du CETIM e Syllepse, 2016; FALIGOT, Roger. *La Tricontinentale*. Quand Che Guevara, Ben Barka, Cabral, Castro et Hô Chi Minh préparaient la révolution mondiale (1964-1968). Paris: Editions La Découverte, 2013; MAHLER, Anne. *Beyond the Color Curtain: Empire and Resistance from the Tricontinental to the Global South*. Tese de Doutorado, Emory University, 2013; YOUNG, Robert J. C. *Postcolonialism: an historical introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2001; YOUNG, Robert J. C. *Postcolonialism: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2003 (Kindle Edition).

América Latina, algumas delegações da Conferência Tricontinental incluíram membros de uma dúzia de organizações políticas distintas e essa pluralidade de vozes em disputa não foi exclusividade desta região.

Na ocasião, foi fundada a aliança política e militar entre movimentos revolucionários e de libertação nacional diversos, que ganhou forma através da criação da Organização de Solidariedade dos Povos de África, Ásia e América Latina (OSPAAAL). Sediada em Cuba, a organização coordenou relações de colaboração, integração e solidariedade entre os três continentes. A OSPAAAL foi responsável, ainda, pela produção, impressão e distribuição do boletim *Tricontinental*, diversos livros, cartazes e rolos de filme, e pela publicação da revista *Tricontinental*, que é a principal fonte e objeto de estudo desse trabalho. Como uma organização de projeção internacional, e que também é responsável por produção e circulação de materiais políticos, culturais e teóricos, a OSPAAAL operou precisamente na interseção entre os domínios da política externa e da política cultural.

A revista *Tricontinental* foi gestada na Conferência Tricontinental de 1966, e teve sua publicação iniciada em julho de 1967. Denominou-se “órgão teórico” da OSPAAAL, e buscou promover debates sobre socialismo, anti-imperialismo, luta armada, “solidariedade militante” e experiências das esquerdas nos três continentes. Em seu auge, alcançou a tiragem de 50 mil exemplares³, distribuídos gratuitamente a movimentos revolucionários, governos e partidos de esquerda membros da organização, e vendida por subscrição a uma vasta gama de assinantes em todo o mundo. A publicação circulou bimensalmente em espanhol, inglês e francês, além de ter tido alguns de seus números publicados em árabe e italiano.

Segundo o editorial de fundação da revista *Tricontinental*, sua missão era promover “uma maior compreensão dos importantes problemas enfrentados pelos povos do Terceiro Mundo, e como superá-los através de medidas eficientes”⁴ e “denunciar sistematicamente as políticas criminosas de intervenção, pilhagem e agressão utilizados pelo sistema imperialista mundial [...] contra os povos africanos, asiáticos e latino-

³ ESTRADA, Ulises. Prólogo. In: ESTRADA, Ulises (org.); SUÁREZ, Luis (org.). *Rebelión Tricontinental: las voces de los condenados de África, Ásia y América Latina*. La Habana: Ediciones Tricontinental e Ocean Press, 2006. p. 3.

⁴ Editorial. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967, p. 2.

americanos”⁵. Para esse fim, a revista buscaria “coletar em suas páginas as contribuições dos mais proeminentes líderes do Terceiro Mundo, bem como intelectuais revolucionários intimamente ligados às manifestações culturais dos países subdesenvolvidos”⁶, servindo “como meio de agitação, difusão e intercâmbio de experiências revolucionárias, bem como das mais nobres ideias dos homens que lutam pela completa liberdade da humanidade”⁷.

O “Terceiro Mundo” é compreendido neste trabalho como uma cartografia, tracejada por meio das redes intelectuais e políticas traçadas em torno das páginas da *Tricontinental*, da OSPAAAL, e do internacionalismo revolucionário. Muito além de uma alcunha negativa repetida exaustivamente na segunda metade do século XX, o “Terceiro Mundo” é apresentado, na revista, como um projeto político transnacional cultivado pelos movimentos anticoloniais e anti-imperialistas e diversos intelectuais a eles vinculados.

Central para a proposta deste trabalho, o “Terceiro Mundo” pode ser pensado como um conceito que deteve grande capacidade de mobilização da política⁸, e mais que isso, como um conceito que – como qualquer outro – traz em si o caráter aporético que o mantém em disputa, re-interpretação, movimento e transformação. Segundo Elias Palti, quando falamos de conceitos políticos, não se pode dizer que se referem a um único real, mas a um problema colocado e às buscas de sua solução⁹. Tal posição, acreditamos, pode também ser atribuída ao conceito de “Terceiro Mundo”, e orienta a forma como o abordamos neste trabalho. Acreditamos que não há uma realidade verdadeira, material,

⁵ Editorial. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967, p. 2.

⁶ *Ibidem*, p. 2.

⁷ *Ibidem*, p. 2.

⁸ Para uma breve história do conceito de Terceiro Mundo e da capacidade mobilizadora desse conceito, ver VIGEVANI, Tullo. *Terceiro Mundo: conceito e história*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

⁹ Essa proposta de uma História Conceitual do Político se aproxima da leitura da obra de Pierre Rosanvallon, *Por uma história do político*, proposta por Elias Palti, segundo o qual “[...], los conceptos nucleares del discurso político moderno no designan ningún conjunto de principios o realidades, no remiten a ningún objeto que pueda determinarse, sino que indican básicamente problemas [...]. Esto supone una visión completamente diferente en cuanto a la raíz de la historicidad de los conceptos; significa que aun cuando nadie cuestione las definiciones existentes de los mismos, éstos serán siempre precarios, contienen nudos problemáticos irresolutos.” (PALTÍ; BONILLA, 2010: 125). Conferir: PALTÍ, Elias. *Giro Lingüístico e Historia Intelectual*. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes, 2001; PALTÍ, Elias; BONILLA, Rafael Polo. Un Dialogo con Elias Palti (Entrevista). *Íconos: revista de Ciencias Sociales*. Num. 36, Quito, enero 2010, p. 119-129; ROSANVALLON, Pierre. *Por una historia do político*. São Paulo: Alameda, 2010.

fixa e absolutamente externa à qual se refere e que determina o conceito de “Terceiro Mundo” – a economia, por exemplo. Por este motivo, tentamos compreender os usos multifacetados dessa categoria e delinear os contornos geográficos, políticos, culturais, históricos e econômicos da percepção de uma diferença.

Definir o que é “Terceiro Mundo” é, nessa perspectiva, investigar as múltiplas respostas dadas a essa pergunta ao longo do período estudado. Esse percurso nos aponta para uma aporia fundacional de sua elaboração discursiva, e enquanto tal, para uma não solução: a colocação de um problema irresoluto da diferença e das próprias contradições que permeiam qualquer tentativa em pensar uma história global. Eixo central de nosso problema de pesquisa, a investigação do conceito de “Terceiro Mundo” e da forma multifacetada como esse foi pensado e elaborado, permite-nos examinar precisamente a forma como – do lado de cá do globo – as páginas da revista *Tricontinental* buscaram delinear esse mundo e os caminhos para sua necessária transformação.

A revista *Tricontinental* publicou textos que intentavam definir o Terceiro Mundo de diversas maneiras, à medida que tematizou alguns aspectos que foram entendidos à época como comuns aos países dos três continentes, entre eles: a pobreza e a miséria como materialidades compartilhadas; a experiência da colonização, no passado ou no presente; o jugo do imperialismo e do neocolonialismo como possibilidades atemorizantes do presente e do futuro; os debates sobre o dever dos intelectuais para com aquele mundo permeado de contradições; o papel da cultura na luta anticolonial e anti-imperialista; apologias ao potencial revolucionário dos três continentes; a busca por tecer laços de solidariedade militante.

Este trabalho se nutre de diversas contribuições dos estudos pós-coloniais¹⁰ e do giro decolonial¹¹, que chamam a atenção para o caráter violento dos encontros culturais

¹⁰ CHAKRABARTY, Dipesh. *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference*. Princeton: Princeton University Press, 2000; GROSFUGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, Março 2008: 115-147; SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011; SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *Malhas que os Impérios tecem – textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2010; SETH, Sanjay. Razão ou Raciocínio? Clio ou Shiva? *História da Historiografia*, 11, abril 2013: 173-189; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *History*. In: *A critique of postcolonial reason: toward a history of the vanishing present*. Cambridge: Harvard University Press, 1999; YOUNG, Robert J. C. *Postcolonialism: an historical introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2001.

promovidos pela globalização; para o caráter híbrido e complexo das negociações e apropriações que marcaram essas interações; para a forma como movimentos de descolonização promoveram negociações dialógicas entre modernidade e tradição; para o eurocentrismo das categorias que organizam o nosso pensamento contemporâneo, enquanto pesquisadores e historiadores inseridos na lógica de uma disciplina.¹²

A importante literatura latino-americana acerca das possibilidades e métodos do trabalho com *revistas* como objeto de estudo do historiador nos forneceram guia ímpar para a formulação de nossas indagações, e as obras de Beatriz Sarlo¹³, Fernanda Beigel¹⁴ e Tânia Regina de Luca¹⁵ merecem destaque. Nosso objetivo é compreender a revista *Tricontinental* como uma modalidade de intervenção cultural que busca iniciar um debate elaborado por e para movimentos anti-imperialistas, e intervir de maneira política, imediata, e também reflexiva e teórica. Baseados na noção de "editorialismo programático", elaborada por Fernanda Beigel, reconhecemos que a revista *Tricontinental* tornou-se um espaço para explorações teóricas e para a preparação das ações políticas da OSPAAAL e dos movimentos que a ela se alinharam. Por outro lado, ao pensarmos a revista como um projeto coletivo, permeado por conflitos, urgências, disputas e particularidades, estivemos cientes e tentamos contornar o risco de abordá-la como um objeto estático, que não se transforma ao longo do tempo. As revistas, enquanto objetos de estudo, são dotadas de uma materialidade própria. É importante considerar natureza, forma e ordem de disposição do seu conteúdo, seu projeto gráfico, seu público

¹¹ Listamos aqui, os principais autores consultados, deixando claro que não nos propusemos aqui a conduzir uma leitura exaustiva de todos textos publicados pelos membros do *Coletivo Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade*, e que não buscamos nesse momento exaurir as distinções entre suas produções. Ver: GROSFUGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, Março 2008: 115-147; MIGNOLO, Walter. "La opción descolonial". *Letral – Revista Eletronica de Estudios Transatlaticos de Literatura*. Universidad de Granada. Espanha. Número 1, 2008, pp. 4-22; QUIJANO, Aníbal. *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

¹² Esses diálogos se dão ao longo de todo o trabalho, mas são sistematizados na sessão 3.1, nas páginas 138-141.

¹³ SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *Cahiers du CRICCAL*. Paris, n. 9-10, 1992. p. 9.

¹⁴ BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia Latinoamericana. *Utopía y Praxis Latinoamericana*. n. 20, 2003, p. 105-115.

¹⁵ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

alvo, seus objetivos de fundação, o grupo responsável por sua publicação e seus contribuidores mais assíduos.

Acreditamos ser pertinente incorporar, também, reflexões acerca da História Transnacional que, segundo Maria Lígia Coelho Prado, tem como objetivo “romper com a ideia e os limites da nação como marco espacial”¹⁶. De acordo com Barbara Weinstein, o pesquisador da História Transnacional tem como objeto de estudo as zonas de contato, “pontos não necessariamente físicos nem geográficos onde os ‘encontros’ internacionais mais intensos transparecem”¹⁷. Partindo de uma perspectiva que valoriza a circulação cultural, a autora afirma que “o exato ponto de origem de certo conceito ou prática (às vezes, irrecuperável) é menos importante [para o pesquisador de História Transnacional] do que os contextos da sua circulação, implementação e apropriação”¹⁸.

O conceito de **zona de contato**, pertinente aos estudos que buscam focar a circulação cultural e a História Transnacional, é elaborado de maneira bastante aprofundada por Mary Louise Pratt em sua obra *Imperial Eyes: travel writing and transculturation*. Para a autora, zonas de contato são “espaços sociais onde culturas díspares se encontram umas com as outras, muitas vezes em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação”¹⁹.

É importante destacar que a obra de Pratt, diferentemente do trabalho aqui proposto, foca-se no estudo de contatos circunscritos nos marcos da expansão da colonização europeia. Neste trabalho, por outro lado, consideramos as “zonas de contato” entre culturas distintas que buscaram tecer, por meio da OSPAAAL e da *Tricontinental*, relações marcadas pela solidariedade. Não obstante, acreditamos que a publicação foi também uma zona de contato entre a Europa e os três continentes, por meio da participação de intelectuais europeus em suas páginas, bem como da forte presença do

¹⁶ PRADO, Maria Lígia Coelho. América Latina: história Comparada, histórias Conectadas, história Transnacional. *Revista Digital Escuela de Historia UNR*, #3, 2011/2012. p. 10-11.

¹⁷ WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 14, p. 13-29, jan./jun. 2013. p. 17.

¹⁸ *Ibidem*, p.17.

¹⁹ PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: travel writing and transculturation*. London: Routledge, 2003, p. 4. O livro foi publicado também em português. Conferir: PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

marxismo – e de apropriações criativas²⁰ desse por intelectuais dos três continentes –, o que tornou suas páginas palco de interações características da zona de contato, também no sentido que Pratt confere à categoria.

A revista *Tricontinental* operou, portanto, como uma zona de contato transnacional na medida em que se constituiu como uma comunidade de discurso e conhecimento – uma rede de sociabilidade intelectual e solidariedade entre movimentos revolucionários – que transcende as fronteiras nacionais. Publicou textos de colaboradores de todo o mundo, foi distribuída em inglês, espanhol, francês, árabe e italiano, foi lida em dezenas de países e veiculou temáticas de interesse e abrangência internacionais, muitas vezes a partir de perspectivas marcadamente transnacionais.

A revista evidenciou tensões históricas enfrentadas pelas esquerdas nos três continentes, e a busca destes grupos por conciliar diversas influências políticas e intelectuais, tais quais os anseios pela libertação nacional; a adesão a propostas identitárias e de cooperação regional, como o pan-africanismo, o pan-arabismo, o latino-americanismo e o pan-asiatismo; elementos do internacionalismo revolucionário de cunho marxista; expressões do conflito sino-soviético. Enfim, diversos elementos que conformaram consensos e dissensos presentes nas páginas da revista; ora de maneira explícita, ora de maneira sutil.

Cabe aqui ressaltar, ainda, algumas das dificuldades enfrentadas por esta pesquisa, e, portanto, seus limites, que em algum sentido reproduzem as próprias dificuldades encontradas pela constituição da publicação que é nosso objeto de estudo. A *Tricontinental* foi uma revista cuja publicação bimensal estende-se desde 1967 até os dias atuais, com uma breve pausa ao longo do Período Especial em tempos de paz, em Cuba²¹. Os temas abordados em suas páginas percorreram todo o globo. Os processos de independência no Yemen do Sul, Angola, Moçambique, Cabo-Verde; as guerrilhas urbanas brasileiras, uruguaias, argentinas, nicaraguenses, dominicanas; o movimento pela

²⁰ SAID, Edward. Reconsiderando a teoria itinerante. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *Deslocalizar a Europa - Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonidade*. Lisboa: Cotovia, 2005.

²¹ O “período especial em tempos de paz” sucedeu a Queda do Muro de Berlim e a dissolução da União Soviética, sendo um período de drástica crise econômica na Ilha – tão dependente economicamente de suas relações com os soviéticos. Autores divergem acerca das datas de início e término do período. Luis Fernando Ayerbe o define como estendendo-se de 1989 à 1993. A pausa na publicação da revista se estendeu de 1990, por sua vez, se estendeu de 1990 à 1995. Cf: AYERBE, Luis Fernando. *A revolução cubana*. São Paulo, Editora UNIFESP: 2004. p. 83-85.

independência de Porto Rico; a luta contra o *apartheid* na África do Sul e o movimento *Black Power* nos Estados Unidos; o Maio de 68; o lugar e a função da cultura em Estados recém-independentes e em processo de descolonização como Coreia do Norte, Vietnã e Guiné [Conakry]. A lista se estenderia por mais inúmeros temas e questões, mas encerraremos aqui as citações por acreditar que já foi possível confirmar a abrangência da publicação.

Nesse sentido, ficou claro para nós durante a construção do problema de pesquisa um dilema incontornável que partilharemos agora com o leitor. Foi necessário estabelecer um recorte bem delimitado, que privilegiou a compreensão da publicação e das linhas gerais de seu projeto editorial, em muitos momentos em detrimento da compreensão extensa e detalhada dos casos nacionais específicos abordados em suas páginas. A partir deste recorte, e a fim de conferir ao trabalho exequibilidade em um período de dois anos, deixamos de abordar tantas outras questões pertinentes. Sobre um objeto de pesquisa tão rico quanto a *Tricontinental*, sempre caberão novas questões e perguntas possíveis, e nesse sentido, esse trabalho pretende-se uma introdução e um convite.

Optamos por estender nossa pesquisa apenas até o ano de 1976. Buscamos com isso abordar os caminhos percorridos para o estabelecimento da revista em seus primeiros anos; e consideramos também a centralidade de questões como a Guerra do Vietnã e as independências dos países africanos de expressão lusófona, processos que se encerram no ano anterior. Neste sentido, nos filiamos à proposta de Claudia Gilman²², e buscamos pensar os anos sessenta/setenta como época, marcada pela certeza de que o mundo estava prestes a mudar, e de que o Terceiro Mundo era o sujeito histórico desta revolução. Em muitos sentidos, 1976 demarca o ocaso desta crença. Com o golpe na Argentina naquele ano, todos os países do Cone-Sul passam a ser governados por ditaduras, que são duramente criticadas nas páginas da revista²³.

Acreditamos que, se as páginas da *Tricontinental* evitaram explicitar o ocaso da crença na ruptura iminente, atribuído por Gilman e Jameson a meados dos anos 70, é

²² GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en America Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

²³ A revista dedicou seu número 38-39 à cobertura do golpe militar no Chile, liderado por Pinochet, que depôs o presidente democraticamente eleito Salvador Allende. Desde sua fundação, ainda, dedicou-se à crítica de outras ditaduras militares como a brasileira, contando com a participação de intelectuais como Ruy Mauro Marini e de revolucionários como Carlos Marighella e Carlos Lamarca.

precisamente porque o otimismo foi marca característica da sensibilidade revolucionária que permeia suas páginas.²⁴ Silvia Miskulin demonstra, em *Os intelectuais cubanos e a política cultural da revolução*, que o pessimismo e a dúvida sempre foram sentimentos associados à contrarrevolução, indesejáveis inclusive no conteúdo das obras literárias e da crítica cultural.²⁵ Deste modo, se por um lado lamentava a situação latino-americana, por outro, a *Tricontinental* insistia em atentar-se às vitórias conquistadas no Vietnã e na África de expressão lusófona. Encerrar nosso recorte temporal na edição 48, comemorativa das independências da África de expressão portuguesa, demonstra nossa atenção a este otimismo²⁶, que foi marca característica da revista e de seu projeto editorial nesses primeiros anos, dividida entre a denúncia do sofrimento humano e a apologia do potencial, aberto pelos momentos de crise, para uma ruptura sistêmica com o imperialismo por meio da luta armada.

Apesar desse otimismo demarcado, como abordaremos ao longo do capítulo 2, mudanças significativas acontecem nas páginas da revista em decorrência do caso Padilla²⁷. Após este momento, o volume de contribuições de intelectuais europeus nas páginas da revista sofre uma queda considerável, e os debates sobre cultura são ainda mais restritos, restando apenas elogios de políticas culturais de países aliados à OSPAAAL e críticas ao imperialismo cultural. Os primeiros anos da revista buscaram manter algum distanciamento em relação ao conflito sino-soviético, e inclusive teceram

²⁴ GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en America Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003; JAMESON, Frederic. *Periodizing the 60s*. *Social Text*, Durham, v. 9/10, p. 178-209, 1984.

²⁵ MISKULIN, Silvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009.

²⁶ Otimismo que por vezes oculta incongruências e derrotas. As comemorações da independência de Angola foram publicadas na *Tricontinental*, ao passo que o país convulsionava em uma guerra civil com extensa participação internacional, que opôs o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), apoiado por Cuba, à União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA), apoiada pelos Estados Unidos e pela África do Sul. Este conflito se estendeu até 1999, quando todas as tropas internacionais se retiraram daquele país, que continuou em Guerra Civil até 2002.

²⁷ Em 1971, o escritor cubano Herberto Padilla foi preso após a leitura do texto *Provocaciones* em um recital da União Nacional de Escritores e Artistas Cubanos (UNEAC). Padilla já era crítico da Revolução Cubana e da União Soviética há algum tempo, e acusado pelo governo revolucionário, por suas contribuições a publicações como *El Caimán Barbudo* e pela publicação de seu livro de poesias *Fuera del Juego*, de ser “polêmico”, “anti-histórico”, “criticista”, “descompromissado com a revolução”. A prisão de Padilla em 1971, e sua posterior autocrítica perante o Primeiro Congresso de Educação e Cultura, suscitou críticas da intelectualidade internacional à Revolução Cubana. O desfecho do caso, abordado mais detidamente em nosso Capítulo 2, foi o rompimento de relações entre Cuba e muitos de seus apoiadores fora da ilha, entre eles Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Mario Vargas Llosa e outros.

críticas abertas em suas páginas aos partidos Comunistas ligados à Terceira Internacional e sua defesa de políticas reformistas. Entretanto, vale reconhecer que a revista publicou gestos claros de aproximação à URSS ao longo de 1973 e 1974, inclusive com a inserção de textos elogiosos à União Soviética nas edições publicadas naquele ano. Esses destoam do conteúdo apresentado até então e parecem indicar uma adesão da organização à política de aproximação à União Soviética pela Revolução Cubana, política essa que se acentuava desde 1968, com o apoio à invasão da Tchecoslováquia.

Os sessenta/setenta conferiram ao Terceiro Mundo considerável centralidade, não só entre as esquerdas, mas enquanto principal palco dos conflitos da Guerra Fria, como aponta Young²⁸. Na esteira dos trabalhos de Gilman²⁹ e do autor britânico Frederick Jameson³⁰, identificamos os meados dos setenta – escapando de concepções duras de cronologia, elaboradas em torno de décadas terminadas em zero – como momento do eclipse destas esperanças, sufocadas por sua ferrenha repressão, bem como pela inauguração de novas adaptações do sistema capitalista, a emergência do neoliberalismo, entre outros fatores.

Sob a influência de Robert J. C. Young³¹, buscaremos pensar os sessenta, e particularmente a Conferência Tricontinental, como marco temporal em um processo de ruptura epistêmica e multiplicação dos sujeitos históricos; momento em que as críticas ao etnocentrismo e ao racismo, aliadas à crítica do imperialismo, do colonialismo e do capitalismo convergem em torno da Conferência Tricontinental e nas páginas de sua revista homônima³². Pensar este momento como ruptura epistêmica parece interessante, especialmente por permitir-nos refletir sobre as conexões entre o que se passava no

²⁸ YOUNG, Robert J. C. Postcolonialism: from Bandung to the Tricontinental. *Historein*, Athens, v. 5, p. 11-21, 2005.

²⁹ GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil*: debates y dilemas del escritor revolucionario en America Latina. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

³⁰ JAMESON, Frederic. Periodizing the 60s. *Social Text*, Durham, v. 9/10, p. 178-209, 1984.

³¹ YOUNG, Robert J. C. *Postcolonialism*: an historical introduction. Oxford: Blackwell Publishing, 2001.

³² Compartilhar desta visão não significa dizer, entretanto, que estes questionamentos não tenham sido suscitados anteriormente; para um interessante levantamento das multiplicidades de críticas elaboradas ao colonialismo e ao imperialismo, nos três continentes e também na Europa, ver a obra de Robert J. C. Young (2001). Mesmo esse autor não abordou todos os espaços onde críticas ao colonialismo e ao racismo, entre eles a Revolução Haitiana, certas lutas por independência na América Latina, entre outros. Tal ausência não deixa de ser compreensível, uma vez que busca explorar a resistência prática e teórica ao imperialismo, à colonização, ao racismo e ao eurocentrismo a partir de um recorte geográfico e temporal impressionante, percorrendo de Bartolomé las Casas à Ghandi, de Marx à Frantz Fanon.

Terceiro Mundo neste momento e o eco avassalador daqueles questionamentos. Muitos dos jovens de 1968, na Europa e nos Estados Unidos, tiveram os revolucionários terceiro-mundistas de Cuba e Vietnã entre suas referências.³³ Esta aproximação se inseriu em um contexto de forte crítica ao modelo revolucionário soviético, marcando uma transformação no marxismo europeu e a ascensão das novas esquerdas em países como a França, por exemplo. Já nos países latino-americanos, passou-se a falar de uma *nueva izquierda latinoamericana*, inspirada pela Revolução Cubana e pela figura de Che Guevara.

Nos países da África, Ásia e América Latina, este foi um momento de rejeição à ortodoxia marxista, que dá continuidade a uma série de apropriações do marxismo, iniciadas por autores como José Carlos Mariátegui, Mao Tse Tung, Aimée Césaire, Frantz Fanon, Kwame Nkrumah e inúmeros outros. Nas páginas da *Tricontinental*, lê-se as variadas formas como o marxismo – enquanto saber e enquanto verdade – foi transformado por autores que o pensaram e aplicaram a suas respectivas experiências. Nosso objetivo, com esse comentário, não é de maneira alguma reviver a polêmica acerca das ideias estarem ou não ‘no lugar’; pelo contrário, o que buscamos evidenciar com esse trabalho é que ideias não pertencem a lugares específicos, e ainda assim, quando estão em movimento, em itinerância, transformam-se, por meio do que Edward Said denomina *apropriações criativas*.³⁴

³³ Entre trabalhos que exploram estas conexões, destacamos o de Christoph Kalter, que aborda o impacto do terceiro-mundismo na nova esquerda francesa. Conexões desse tipo também são abordadas por Gláudia Gilman, que identifica na emergência do Terceiro Mundo a elaboração de novas formas de organização à esquerda. Já Eric Zolov ressalta a importância da Conferência Tricontinental para a adoção de políticas que se diferenciam – por exemplo – da política defendida pelos partidos comunistas ligados à Terceira Internacional, que afirmavam não haver espaço para uma revolução na América Latina e defendiam que os PCs se aliassem à burguesia para promoção de reformas de cunho nacionalista. Ver: GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003; KALTER, Christoph. *The Discovery of the Third World: decolonization and the rise of the New Left in France – 1950-1976*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016; ZOLOV, Eric. *La Tricontinental y el mensaje del Che Guevara*. Encrucijadas de una nueva izquierda. *Palimpsesto*. Santiago de Chile: v. VI, n. 9, jan-jun, 2016, p. 1- 13.

³⁴ Esse comentário foi elaborado a partir de múltiplas referências. Sobre história intelectual e história dos conceitos, ver: PALTÍ, Elias; BONILLA, Rafael Polo. Un Dialogo con Elias Palti (Entrevista). *Íconos*: revista de Ciencias Sociales. Num. 36, Quito, enero 2010, p. 119-129; PALTÍ, Elias. *Verdades y saberes del marxismo*. Reacciones de una tradición política ante su “crisis”. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005; ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010. Sobre as itinerâncias da teoria, ver: SAID, Edward. Reconsiderando a teoria itinerante. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *Deslocalizar a Europa - Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonidade*. Lisboa: Cotovia, 2005.

O marxismo na *Tricontinental* aparece, acreditamos, como uma multiplicidade controlada, em alguns momentos de maneira contraditória e incongruente. Esse traço condiz com nossa leitura da própria Revolução Cubana e suas relações com o marxismo e o socialismo, bem como a postura de seu mais expoente líder, Fidel Castro, acerca desse tema. Em seu discurso de encerramento do Primeiro Congresso Cultural de la Habana, publicado pela *Tricontinental* em sua edição 4/5, o Primeiro Ministro afirma que

Não pode haver nada mais antimarxista que o dogma; não pode haver nada mais antimarxista que a petrificação das ideias. [...] Mas o marxismo necessita desenvolver-se, sair de certo engessamento, interpretar com sentido objetivo e científico as realidades de hoje, comportar-se como uma força revolucionária e não como uma igreja pseudo-revolucionária.³⁵

Nesse sentido, a *Tricontinental* pareceu entender que o marxismo é uma tradição a transformar-se por meio da prática e da necessidade; a compatibilidade entre teoria e prática é mais relevante que o ‘engessamento’ teórico; a produção de conhecimento apareceu como – ao mesmo tempo – um tanto quanto utilitária, e um tanto aberta à reconstrução. Na mesma ocasião, Fidel Castro afirmou também que “ninguém pode declarar hoje, em meio à enorme complexidade do mundo, que tem toda a verdade”³⁶. O marxismo na *Tricontinental* seria um conjunto de verdades e saberes que devem necessariamente serem balizados pela prática e pela experiência. Fica evidente, ao menos no campo do discurso, uma relação com a produção de conhecimento bastante interessante, que afirma um apego a uma verdade universal – do marxismo – enquanto ferramenta teórica para a elaboração de análises locais.

Como construir uma publicação capaz de mobilizar grupos para a luta revolucionária em locais que guardam entre si diferenças políticas, culturais e econômicas tão profundas? Quais grupos foram incluídos nestes esforços e quais foram excluídos? Que estratégias foram utilizadas? Afinal, a revista *Tricontinental* carregou em suas páginas uma proposta unificadora e homogeneizadora ou deu espaço à multiplicidade e à divergência política? Que multiplicidades e divergências foram essas?

³⁵ CASTRO, Fidel. Discurso de clausura del Congreso Cultural de la Habana. *Tricontinental*, Havana, n.4-5, jan-abr 1968, p. 40.

³⁶ CASTRO, Fidel. Discurso de clausura del Congreso Cultural de la Habana. *Tricontinental*, Havana, n.4-5, jan-abr 1968, p. 40.

De experiências nacionais, de experiências regionais, de leituras do marxismo? Há um protagonismo cubano em suas páginas? Enfim, foi em torno da hipótese e problema apresentados até agora que buscamos construir e reconstruir nosso projeto de pesquisa, alcançando a configuração que apresentamos a seguir.

*

O editorial de fundação da revista *Tricontinental* pode ser destrinchado em algumas indagações que assumirão caráter central ao longo das páginas da dissertação que se segue. Este trabalho se foca nas questões políticas e intelectuais que identificamos como centrais para a proposta editorial da revista, ao passo que as análises de casos nacionais específicos aparecem quando julgamos serem necessárias para uma maior compreensão das questões abordadas.

Primeiramente, a revista elenca entre suas funções principais atuar como espaço de compreensão, denúncia, agitação, difusão e intercâmbio de experiências e ideias. O primeiro capítulo se debruça sobre o percurso que levou o Terceiro Mundo, de Bandung (1955) à Havana (1966), sobre os trabalhos conduzidos na Conferência Tricontinental, e enfim, sobre uma apresentação da revista *Tricontinental* e das principais estratégias adotadas pelo corpo editorial para cumprir com os objetivos lançados na Conferência e no editorial de fundação. Nesse sentido, “Projetos de libertação para África, Ásia, América Latina” tem como objetivo principal apresentar o objeto de estudo, situá-lo em relação aos demais percursos do internacionalismo revolucionário em voga no período, e por fim, inserir esse trabalho em um diálogo com a bibliografia sobre o tema.

Compreendemos que uma boa apresentação da revista *Tricontinental* não seria completa sem uma maior compreensão da Conferência responsável por sua fundação. Nesse sentido, em “De Bandung à *Tricontinental*”, nosso foco será elaborar uma breve apresentação dos percursos históricos traçados pelos movimentos anticolonialistas e anti-imperialistas dos três continentes, e que culminaram em sua convergência na Conferência Tricontinental de Havana, em 1966. Atentamos, ainda, para a Conferência Tricontinental, a partir da qual se gestou a Organização de Solidariedade dos povos de África, Ásia e América Latina (OSPAAAL) e o projeto editorial da publicação. Enfocamos ali a

cobertura jornalística publicada sobre a reunião, apresentando um panorama dos principais debates conduzidos, enfatizando pontos de consenso e dissenso, bem como algumas das declarações e decisões aprovadas.

Em “A revista *Tricontinental*: reflexões sobre um projeto editorial”, elaboramos uma apresentação abrangente da revista, por meio de um estudo de seu projeto editorial, seu projeto gráfico, o perfil geral de seus colaboradores e uma análise das principais seções publicadas. Argumentamos que a *Tricontinental* atuou como “órgão teórico” da Organização de Solidariedade dos Povos de África, Ásia e América Latina, com o objetivo de institucionalizar relações entre movimentos, partidos, organizações e governos vinculados às esquerdas revolucionárias e à libertação nacional. Nesse sentido, transcende em muito as fronteiras nacionais da ilha de Cuba, e até mesmo suas próprias páginas.

O segundo capítulo, por sua vez, foca em alguns dos pilares intelectuais desse projeto editorial, bem como o perfil de seus colaboradores. Este é definido pelo editorial como sendo “proeminentes líderes” e “intelectuais revolucionários”, duas definições que em muitos momentos são utilizadas de maneira intercambiável, e que podem e devem ser lidas a partir do pano de fundo dos debates conduzidos no período acerca das configurações que o termo *intelectual* assume no período estudado. Nesse capítulo, exploramos algumas das mais importantes referências políticas e intelectuais presentes nas páginas da revista. De Frantz Fanon a Ernesto Che Guevara, como as páginas da publicação articularam e conectaram as luta anti-coloniais à luta contra o imperialismo e o neocolonialismo? Ademais, a partir das trajetórias destes dois “homens de ação e palavra”, buscamos refletir sobre como a revista compreende as relações entre política e cultura, entre as revoluções e “o dever dos intelectuais”.

Em “*Ni Appolo ni Oddúdua: Tricontinental* e a obra de Frantz Fanon”, apontamos a presença de sua obra *Os condenados da Terra* (1961) como uma leitura estruturante, um pano de fundo a partir do qual foram tecidas leituras comuns que interligam os destinos dos três continentes. As páginas da *Tricontinental* partilham com Fanon inúmeras concepções fundamentais: a defesa de um internacionalismo anti-imperialista para os “condenados da terra”; a defesa da violência revolucionária como forma primordial para a transformação do mundo; a retomada da figura do “intelectual

revolucionário” que aparece em sua obra; e a defesa em suas páginas de uma nova síntese que fosse capaz de aspirar ao universal e transcender uma concepção essencialista de raça ou de nação. Nesse sentido, partimos das páginas da revista estudada para concluir que há ali uma resposta direta à obra de Frantz Fanon³⁷.

Em “*Su querida presencia: memória e testamento político de Che Guevara*” nos focaremos, por sua vez, nas formas como Che Guevara participou postumamente das páginas da *Tricontinental*. Oferecemos uma análise tanto de seus escritos políticos e suas concepções sobre anti-imperialismo e internacionalismo, que são extremamente presentes na revista, quanto das formas como as páginas dessa publicação mobilizaram sua memória, e trabalharam para reforçar sua imagem póstuma como aquela do intelectual e revolucionário ideal. Aqui esboçamos ainda algumas conexões pouco exploradas entre as obras do argentino e a obra de Frantz Fanon, de quem Guevara foi leitor³⁸.

“O dever dos intelectuais: configurações do intelectual revolucionário”, seção que encerra esse capítulo, busca mapear a concepção dominante – nas páginas da *Tricontinental* – acerca do papel a ser desempenhado pelo intelectual nos processos revolucionários. Este deve usar suas armas contra o imperialismo, lutar contra sua própria condição burguesa, ser revolucionário. Acreditamos que a concepção de intelectual defendida na *Tricontinental* é resultado de uma bricolagem que se forma percorrendo de Frantz Fanon a Che Guevara, de Fidel Castro a Kim Il Sung. O problema central é precisamente compreender de maneira crítica os caminhos políticos e teóricos que levaram tantos defensores da libertação nacional a convergirem em torno de concepções normativas de cultura e intelectualidade, cuja aplicação burocrática em Cuba levou a experiências tão graves quanto o caso Padilla.

Por fim, em sua primeira carta *al lector*, a revista se propõe oferecer a seus leitores a possibilidade de saber e analisar “como vive, o que quer, como pensa e como

³⁷ Anne Garland Mahler defende que o *tricontinentalismo* traz em si uma resposta à obra de Frantz Fanon, enfocando como esse ressignificou a categoria de raça, partindo de uma concepção desterritorializada e não essencialista da opressão, a partir da análise de produtos culturais como a poesia do movimento *Nuyorican*, e filmes como *Now*, de Santiago Alvarez e *Café Arabiga* de Nicolas Guillen Landrián. O que promovemos aqui é, a partir das páginas da revista *Tricontinental*, compreender de que modo as leituras de Frantz Fanon compuseram todo seu projeto editorial. Cf: MAHLER, Anne. *Beyond the color curtain: Empire and resistance from the Tricontinental to the Global South*. 2013. Tese de Doutorado – Emory University, 2013.

³⁸ LOWY, Michael. *O pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Expressão Popular, 1999.

atua este homem do Terceiro Mundo”³⁹. Mais uma vez, emerge o termo “Terceiro Mundo” sobre o qual essa dissertação se debruçará em seu último capítulo, investigando-o em suas dimensões conceituais e, posteriormente, refletindo acerca das sensibilidades que este termo busca mobilizar. Nesse sentido, no último capítulo, o Terceiro Mundo ocupa o centro da investigação: primeiramente, abordamos as maneiras como esse conceito é apropriado e transformado pelos autores que o empregam nas páginas da publicação; em um segundo momento, enfatizamos outras dimensões do uso da expressão, e sugerimos que as páginas da *Tricontinental* operaram para a configuração de uma sensibilidade terceiro-mundista e solidária⁴⁰.

Em “A *Tricontinental* e a construção do Terceiro Mundo” sustentamos a hipótese de que o Terceiro Mundo – nas páginas da revista – não se remete exclusivamente a uma condição de inferioridade e atraso em relação à modernidade europeia, mas é, pelo contrário, uma expressão multifacetada, disputada e transformada performativamente⁴¹ por aqueles que a empregam. Nesse sentido, “*Tercer mundo, nuestro mundo: conceito e aporia, raízes e ramificações*”, analisa como distintos autores conferiram a esse conceito, nas páginas da revista *Tricontinental*, significações políticas, econômicas e culturais complexas e múltiplas.

Em “Itinerâncias e sensibilidades tricontinentais”, por sua vez, abordamos a forma como os relatos de viagem e reportagens fotográficas presentes nas páginas da *Tricontinental* tiveram importante papel na produção de outras imagens possíveis sobre os países africanos, latino-americanos e asiáticos. Ali, a *Tricontinental* apresentou um Terceiro Mundo cada vez menos mediado pelo olhar do colonizador. O conceito de

³⁹ Al lector. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967, p. 3.

⁴⁰ Daniel Wickberg oferece uma interessante introdução à História das Sensibilidades e suas contribuições para os estudos de História Cultural. Damián Fernández demonstra a importância de emoções como a paixão revolucionária, os imperativos morais e a afeição das relações familiares para a história cubana, aspecto que segundo ele foi pouco explorado pela historiografia. Cf: WICKBERG, Daniel. What Is the History of Sensibilities? On Cultural Histories, Old and New. *American Historical Review* (2007), p. 661-684; FERNÁNDEZ, Damián. *Cuba and the politics of passion*. Austin: University of Texas, 2000.

⁴¹ Para uma maior compreensão acerca do caráter performativo do discurso, dialogamos especialmente com Jacques Derrida e Judith Butler. Ambos autores buscam complexificar as reflexões acerca do caráter performativo do discurso e de sua capacidade de instituir aquilo que enuncia. A questão será abordada de maneira mais aprofundada no capítulo 3. Conferir: DERRIDA, Jacques. Conjuring – Marxism. In: *Spectres of Marx: The State of the Debt, the Work of Mourning and the New International*. New York City: Routledge Classics, 2006; DERRIDA, Jacques. Signature Event Context. In: *Limited Inc*. Evanston: Northwestern University Press, 1988; BUTLER, Judith. *Bodies That Matter: On the discursive limits of “sex”*. New York City: Routledge Classics, 2011. [iBooks Edition].

circulação cultural aqui assume uma tônica distinta. Como esses grupos pensaram-se entre si, enquadraram a si, ao outro, e construíram um “nós”?

Cabe aqui resgatar a noção de redes transnacionais, que para nós assume papel central na medida em que nos convida a direcionarmos nossa atenção para o caráter coletivo e multifacético da publicação. A documentação analisada permite delinear dois perfis distintos de redes que, de maneira complementar e interconectada, convergem nas páginas da revista *Tricontinental*: uma primeira formada entre partidos, governos, movimentos e organizações ligadas à OSPAAAL; e uma segunda, mais fortemente ligada aos intelectuais que se alinharam a seu projeto político. Conjuntamente, essas configuram uma cartografia do Terceiro Mundo em questão, fundamentada não só em elaborações teóricas, mas também em um tecido de relações complexas engendradas pela OSPAAAL e por seu órgão teórico.

Um salvadorenho na Coreia do Norte, cubanos na Palestina, uma uruguaia no Nordeste brasileiro, um australiano no Laos, um sueco no Vietnam, membros do movimento negro estadunidense em Cuba, e tantos outros, dão relatos marcados pela solidariedade, pela busca das semelhanças, pela admiração pela forma como o outro – ou aquele nós, tricontinentais? – enfrentamos problemas compartilhados. Nesse sentido, nosso objetivo chamar atenção para o caráter subjetivo da elaboração da solidariedade enquanto algo que é, afinal, não só ação, mas também afeto.

1. Projetos de libertação para África, Ásia, América Latina

1.1. De Bandung à Tricontinental

A Conferência *Tricontinental* de Havana reuniu na capital cubana aproximadamente 600 delegados, entre eles representantes de dezenas de países africanos, latino-americanos, caribenhos e asiáticos. Para além das 82 nacionalidades quantificadas, convergiram ali uma profusão de línguas, ideias, vestimentas, experiências, trajetórias. Tentar abordá-la nestas páginas esbarra nos limites do narrável, naquilo que o trabalho disciplinarmente atribuído aos historiadores não permitiria explorar em demasia. A disciplina histórica urge o retorno às fontes, às formas possíveis de buscar a materialidade de uma realidade histórica com a qual o historiador deve manter um compromisso ético. Esta demanda por verdade histórica continua presente, ainda que saibamos que o passado tal como foi está perdido para nós, e ainda que o historiador de hoje saiba do imperativo que é suspeitar de qualquer fonte em sua capacidade de narrar os fatos tal como se sucederam, ou de representar uma materialidade neutra, anterior ao discurso e à significação.

Assim começamos nosso relato: cientes de que encontraremos ao longo destas páginas os limites do documentado e permanente, do disciplinarmente conhecível ou narrável. Defrontando-nos com as limitações impostas pela disciplina histórica e pelo tempo, convidamos o leitor a imaginar por alguns instantes como pode ter sido uma reunião de centenas de representantes de dezenas dos povos do mundo; línguas e culturas; passados e experiências acumuladas; futuros esperados. Diversos temas convergiram naqueles instantes no tempo e espaço, ao longo de doze dias de evento que, ousamos dizer, condensaram uma época: em suas verdades, aspirações e contradições. Enfim, em um gesto pouco usual, convidamos o leitor a imaginar e sentir – antes mesmo de obter respostas – o que foi a Conferência Tricontinental.

Desde o perfil de sua comissão organizadora e de seus participantes aos tópicos de sua agenda⁴², a Conferência Tricontinental delineou-se de maneira consideravelmente distinta dos encontros e movimentos anti-imperialistas que a precederam. Demarcou-se como um movimento não só anticolonial, aspectos que compartilhou com a Conferência de Bandung (1955) e o Movimento dos Não-Alinhados (1961), mas também como espaço de crítica ao capitalismo e ao imperialismo, e defensora da luta armada e da “revolução” como métodos primordiais para a transformação do mundo. Neste sentido, longe de buscar uma via independente ou neutra em relação aos blocos socialista e capitalista, a reunião congregava um Terceiro Mundo cujo eixo político e ideológico deslocava-se à esquerda. A conferência dos três continentes condenou o imperialismo estadunidense, ao passo que incluiu consideráveis delegações chinesa e soviética, lidando inclusive com as disputas crescentes entre elas. Ao fim desta reunião de proporções surpreendentes, aprovaram-se algumas dezenas de declarações temáticas, e uma declaração geral que, além de condenar o imperialismo *yankee*, previa a criação de mecanismos para a coordenação e unificação dos esforços ali reunidos, dentre os quais o mais importante foi certamente a fundação da Organização de Solidariedade dos Povos de África, Ásia e América Latina (OSPAAAL).

Antes de dedicarmos mais páginas à análise da Conferência Tricontinental, é importante situá-la historicamente, ao passo que justificamos e explanamos também aspectos do recorte temporal proposto nas páginas que se seguem. Cravada em meados da década de 1960, mais precisamente em janeiro de 1966, a reunião encontra-se no centro de uma época marcada pela certeza de que a transformação do mundo era iminente, de que o “carro furioso da história” atropelaria aqueles que se colocassem no caminho daquela transformação.

A revolução cubana, a descolonização africana, a guerra do Vietnam, a

⁴² Participaram da Conferência Tricontinental 150 representantes de 28 países africanos, 197 representantes de 27 países asiáticos e 165 representantes de 27 países da América Latina, além de 88 observadores e convidados de diversos países e organizações internacionais. A agenda geral da Conferência foi: “1) A luta contra o imperialismo, o colonialismo e o neocolonialismo; 2) Os problemas de maior atualidade na luta anti-imperialista na Ásia, na África e na América Latina; 3) Solidariedade anti-imperialista no terreno econômico, social e cultural; 4) Coordenação e unificação dos esforços dos povos da Ásia, África e América Latina em sua luta comum pela emancipação e reconstrução nacional”. Ver: ESTRADA, Ulises (org.); SUÁREZ, Luis (org.). *Rebelión Tricontinental: las voces de los condenados de África, Ásia y América Latina*. La Habana: Ediciones Tricontinental e Ocean Press, 2006. p. 421.

rebelião antirracista nos Estados Unidos e os diversos surtos de rebeldia juvenil permitem aludir ao hall de relações institucionais, políticas, sociais e econômicas fora das quais é difícil pensar como poderia haver surgido a percepção de que o mundo estava prestes a mudar [...].⁴³

Na esteira da obra de Vladimir Lenin⁴⁴, *O Imperialismo: fase superior do capitalismo*, boa parte das esquerdas neste período haviam se convencido de que o imperialismo, na medida em que garantira melhor qualidade de vida ao proletariado europeu, teria atrasado o sentido da história naqueles países, e produzido uma sociedade acomodada ao bem-estar social e à socialdemocracia. Em meio à inúmeras autocríticas, que se seguiram à morte de Joseph Stalin e da divulgação dos *gulags* na União Soviética, bem como à desilusão com a possibilidade de que o proletariado dos países desenvolvidos europeus fossem os “sujeitos históricos da revolução”, outras leituras marxistas ganharam força. Surge aqui a necessidade de re-pensar o sujeito histórico da revolução – que combinada às leituras positivas acerca da Revolução Chinesa, em 1949, da Revolução Cubana, em 1959, da guerra de independência da Argélia – fez emergir e fortalecer a ideia que dominou os sessenta/setenta: não mais o proletariado do mundo industrializado, mas as nações proletárias e oprimidas, em luta por sua libertação nacional e independência política e econômica, eram o primordial sujeito da transformação do mundo. Esta posição esteve sempre presente nas páginas da *Tricontinental*; em carta aos leitores da primeira edição da revista, o líder vietnamita do Sul Nguyen Huu Tho afirmou que

a região Afro-asiática-latino-americana é *onde se concentram as maiores contradições do mundo*, e é também onde a tempestade revolucionária alcançou o mais enérgico desenvolvimento e está acertando golpes demolidores à cabeça dos imperialistas, desintegrando seu sistema colonial.⁴⁵ [grifo nosso]

⁴³ GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en America Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003. p. 37.

⁴⁴ LENIN, Vladmi. Ilich. *Obras Escolhidas*, tomo II. Lisboa, Moscou: Editorial Avante!, Edições Progresso, 1984. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/>>. Acesso em 19/12/2017.

⁴⁵ THO, Nguyen Huu. Carta. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967, p. 6.

Pensar os sessenta/setenta como época, como propõe Claudia Gilman⁴⁶, permite refletir sobre a predominância neste período de noções que operaram como pilares do projeto editorial carregado pela revista *Tricontinental*: a expectativa depositada em mudanças radicais e iminentes, a serem alcançadas por meio da via revolucionária; a crescente politização da produção de conhecimento e cultura. A Conferência Tricontinental ficou marcada como ponto espacial e temporal no qual, em muitos sentidos, encontraram-se as aspirações desta época. Nesse sentido, resta claro que as páginas da *Tricontinental* não inauguram nenhuma dessas noções, essas sim se constituem como seu ponto de convergência: textos acadêmicos, manifestos culturais, discursos de líderes políticos, programas de governo, programas partidários, entrevistas, cartazes, enfim, uma ampla gama de documentos que, se pesem suas distinções de formato, tiveram a certeza da revolução tricontinental como horizonte.

Se tomamos a Conferência Tricontinental como um instante, é necessário considerar que os debates acerca do Terceiro Mundo, entretanto, não se restringiram a esse tricontinentalismo revolucionário, estendendo-se de maneira multifacetada para o seu passado e o seu futuro. Por isso, damos alguns passos atrás em nosso recorte temporal, seguindo a trilha dos caminhos percorridos por este conceito. O termo esteve em uso desde bem antes da Conferência Tricontinental, em contextos distintos, desde o senso comum, à diplomacia e à produção de conhecimento científico.

A expressão "Terceiro Mundo" foi cunhada por Alfred Sauvy em um texto curto intitulado *Trois mondes, un planète* publicado na revista *L'Observateur*, em 1952. Ali, Sauvy expõe o que acredita ser o principal equívoco das propostas de coexistência pacífica defendidas ao longo da Guerra Fria: o fato de que “o que importa a ambos esses

⁴⁶ A autora busca pensar os sessenta/setenta como época, de modo a produzir uma periodização mais apegada a elementos, percepções e discursos compartilhados que às arbitrariedades da cronologia. Neste sentido, os sessenta seriam iniciados pela Revolução Cubana, ainda em 1959, e seus ventos soprariam revolução e rebeldia até meados dos anos de 1970. Estes anos seriam, então, marcados pelo arrefecimento de muitas destas esperanças (o golpe no Chile, em 1973, na Argentina em 1976; a derrubada por meio de golpes militares de governos das esquerdas na África, bem como a prolongada guerra civil em Angola, entre MPLA e UNITA; e também o caso aparentemente bem sucedido das lutas de libertação em Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde e da Guerra do Vietnã). Todos estes aspectos arrefeceram a defesa da via revolucionária, em primeiro lugar por que esta foi impossibilitada pela repressão em países como Chile e Argentina, e em segundo caso porque as vitórias da via revolucionária deixaram claro que, mesmo quando sucedia, a “revolução” nem sempre bastava; após a tomada do poder, muito ainda havia de ser conquistado.

dois mundos [Primeiro mundo, capitalista; e Segundo mundo, socialista,] é a conquista do Terceiro ou, ao menos, que o tenha ao seu lado⁴⁷. Sauvy então chama a atenção do Primeiro Mundo para a miséria, o crescimento demográfico, a fome, a falta de acesso à saúde, as taxas de mortalidade e a baixa expectativa de vida nos países subdesenvolvidos. As urgências causadas pela necessidade fazem com que esses países possam muito mais facilmente tornarem-se comunistas que capitalistas, segundo o autor. Sauvy encerra o texto com um tom de admoestação que, mais tarde, se tornará a leitura dominante ao longo dos sessenta/setenta: se o Primeiro Mundo não se atentar às mazelas do Terceiro, verá, como observaram nobreza e clero durante a Revolução Francesa, que “depois de ter sido ignorado, explorado, desprezado como o Terceiro Estado, o Terceiro Mundo vai, também, ser alguma coisa⁴⁸”.

A primeira grande reunião internacional a propor reflexões autônomas e autoconscientes sobre o então chamado Terceiro Mundo foi, certamente, a Conferência de Bandung. Esta se iniciou em 14 de abril de 1955 e reuniu líderes políticos dos países recém-independentes da África e da Ásia, que reivindicavam o direito de viverem livres de controle e intervenções externas. A reunião marcou a aproximação entre as solidariedades asiáticas e africanas, congregando importantes lideranças políticas destes continentes; o indiano Jawaharlal Nehru, o indonésio Sukarno, o vietnamita Ho Chi Minh, o premiê chinês Zhou Enlai e o egípcio Gamal Abdel Nasser são alguns dos célebres nomes participantes. Como destaca Robert Young⁴⁹, Bandung foi o primeiro momento em que estes representantes se reuniram não só como líderes de movimentos de libertação, mas como chefes de Estado. Ali estiveram representadas as nações recém-independentes asiáticas e importantes líderes de nações que se consolidariam na África nos anos seguintes, como a Costa do Ouro [Gana], que se tornaria independente em 1957 e foi representada em Bandung por Kwame Nkrumah⁵⁰.

⁴⁷ SAUVY, Albert. Trois Mondes, une planète. *L'Observateur*, 14 août 1952, n. 118, p. 14.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 14.

⁴⁹ YOUNG, Robert J. C. Postcolonialism: from Bandung to the Tricontinental. *Historien*, Athens, v. 5, p. 11-21, 2005.

⁵⁰ Kwame Nkrumah foi o primeiro Presidente e Primeiro Ministro de Gana, tendo atuado como importante líder político durante o processo de independência. Destacamos ainda sua produção intelectual, com a publicação de obras como “Neocolonialismo: último estágio do imperialismo” e sua atuação em defesa do pan-africanismo.

Entre os principais pontos presentes em sua declaração final, podemos destacar a defesa da soberania e da integridade territorial dos países presentes, a igualdade dos povos e nações, a não-intervenção. Ainda que esses princípios já estivessem previstos na Carta das Nações Unidas⁵¹, é importante notar que em Yalta esses operaram como um subproduto indesejado, ao passo que, ao serem pronunciados por países recém independentes da colonização europeia, assumem um caráter mais interessante, crítico e combativo. Tullo Vigevani⁵² nos chama atenção para a importância deste momento, especialmente enquanto um espaço crítico de busca pela constituição de alianças e de um lugar autônomo no sistema internacional para os países da África e da Ásia.

Ao estudar grandes conferências internacionais das quais participaram países tão distintos, é necessário atentar-mo-nos para os embates e contradições que precedem a aprovação dos documentos oficiais. As grandes declarações e resoluções tendem a conformar a memória sobre esses eventos, consolidando narrativas sobre grandes consensos e dificultando estudos que busquem explorar disputas e divergências. Dipesh Chakrabarty⁵³ desta alguns desses embates em Bandung. Enquanto alguns países da Ásia haviam assinado tratados comerciais e de proteção com os Estados Unidos – como as Filipinas, o Paquistão e a Tailândia –, outros partícipes da conferência não eram sequer reconhecidos pela Organização das Nações Unidas ou pelos EUA, como foi o caso da China comunista e tantos outros países africanos investidos em lutas de independência. Aliás, os Estados Unidos e o Reino Unido, ambos por intermédio da ONU, solicitaram ao comitê organizador da Conferência que, em nome da neutralidade da reunião, não estendesse convite à China de Pequim, pedido que foi negado. Bandung tornou-se, então, uma oportunidade para a que a delegação chinesa se aproximasse de seus pares asiáticos, e os assegurasse quanto ao seu não-expansionismo.

Nenhuma das Coreias foi convidada a participar da Conferência de 55, tampouco participou a União Soviética. Young⁵⁴ chama atenção para o fato de que, ainda que

⁵¹ *Carta das Nações Unidas* – ONU, 1945.

⁵² VIGEVANI, Tullo. *Terceiro Mundo: conceito e história*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

⁵³ CHAKRABARTY, Dipesh. The legacy of Bandung: decolonization and the politics of culture. In: LEE, Christopher (ed.). *Making a World After Empire: The Bandung Moment and Its Political Afterlives*. Athens: Ohio University Press, 2010. p. 45-68.

⁵⁴ YOUNG, Robert J. C. Postcolonialism: from Bandung to the Tricontinental. *Historiein*, Athens, v. 5, p. 11-21, 2005.

reconhecesse a experiência da colonização como compartilhada por todos os países ali representados, Bandung foi marcada também pelos temores suscitados pela recente Guerra da Coreia, e pela relutância em tomar posições mais duras de crítica ao colonialismo em solidariedade aos países ainda colonizados. Buscou-se, muito mais, reafirmar a independência dos Estados presentes, com o intento de garantir sua segurança. Como pontua esse autor,

Muito das discussões giraram em torno de como os países asiáticos podiam evitar envolverem-se nas batalhas quentes da Guerra Fria. Estava óbvio para os participantes que a Guerra Fria estava se desenrolando por meio das rivalidades postas em arenas coloniais e descolonizadas.⁵⁵

Estes aspectos, se bem confirmam a importância de Bandung para que se repensasse diversos aspectos da política internacional, também deixa claro que o neutralismo era senão uma pretensão de difícil execução naquele período. Chakrabarty, por sua vez, deixa claro que os líderes presentes em Bandung “não concordavam em questões de política internacional, nem tampouco possuíam as mesmas compreensões acerca do que constituía o imperialismo”⁵⁶. A declaração de Bandung, condenando “todas as formas de colonialismo” foi, em certo sentido, uma alternativa diplomática para manter a Conferência de Bandung aberta a ambas ideologias que dividiram o mundo durante a Guerra Fria.

Bandung afirmou-se, sob influência ghandiana, como a proposta de uma liderança moral em defesa da paz. O Movimento dos Não-alinhados (MNA), fundado 6 anos depois em Belgrado, seguiu percurso semelhante, ainda que suas lideranças mais proeminentes tenham sido distintas de Bandung, com destaque iugoslavo e egípcio. O MNA foi mais apegado à neutralidade estratégica, em defesa de uma terceira via para os países ali representados, buscando uma coesão que nunca existiu em Bandung. Defendia, ainda, a proposta de que o grupo operasse como um bloco com posições alinhadas em instâncias deliberativas da Organização das Nações Unidas, por exemplo. Tornou-se um

⁵⁵ YOUNG, Robert J. C. Postcolonialism: from Bandung to the Tricontinental. *Historiein*, Athens, v. 5, p. 11-21, 2005. p. 13.

⁵⁶ CHAKRABARTY, Dipesh. The legacy of Bandung: decolonization and the politics of culture. In: LEE, Christopher (ed.). *Making a World After Empire: The Bandung Moment and Its Political Afterlives*. Athens: Ohio University Press, 2010. p. 49.

fórum permanente de debate que existe até os dias atuais. Entretanto, falhou em definir alternativas positivas ao socialismo ou ao capitalismo, ou positivar a defesa de uma identidade outra para o Terceiro Mundo, limitando-se a uma rejeição das duas vias.⁵⁷

Robert Young afirma que os partícipes de Bandung esperavam que as independências africanas fossem conquistadas de maneira similar à experiência indiana: sem uso da violência, contando com apoio os Estados Unidos e sem participação soviética. Frustradas essas expectativas, o caminho percorrido *de Bandung à Havana* foi marcado por um deslocamento significativo do eixo que definia o Terceiro Mundo: da defesa moral da paz e da descolonização à defesa ativa da via revolucionária; da neutralidade e do Não-alinhamento a uma aproximação cada vez maior do bloco socialista.⁵⁸

No início dos anos sessenta, os primeiros textos de Frantz Fanon⁵⁹ e Kwame Nkrumah⁶⁰ sobre o neocolonialismo apontaram as contingências enfrentadas pelas nações recém-independentes em sua busca por desenvolvimento e independência econômica. Esses textos tiveram papel incendiário nas reflexões acerca de como construir nações autônomas sob um sistema econômico capitalista e imperialista que mantinha estes países em constante desvantagem. O recrudescimento da repressão às lutas por independência na África foi importante em demonstrar as limitações da neutralidade, bem como de defesas da descolonização baseada apenas em princípios morais e humanistas, crítica que ganha destaque em *Os condenados da Terra*. Nesse cenário, multiplicaram-se as experiências africanas de luta armada pela independência: na África de expressão portuguesa sob as lideranças do PAIGC de Amílcar Cabral em Guiné-Bissau e Cabo Verde, da FRELIMO de Eduardo Mondlane no Moçambique e do MPLA de Agostinho Neto em Angola; e na guerra da Argélia liderada por Ben Bella, inclusive com participação de Frantz Fanon. Esse foi, também, um momento de fortalecimento do internacionalismo cubano, e estreitamento das relações entre a Cuba revolucionária e alguns desses movimentos. Como aponta Robert Young,

⁵⁷ YOUNG, Robert J. C. Postcolonialism: from Bandung to the Tricontinental. *Historiein*, Athens, v. 5, p. 11-21, 2005.

⁵⁸ *Ibidem*.

⁵⁹ FANON, Frantz. *Os condenados da terra* [1961]. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

⁶⁰ NKUMAH, Kwame. *Neocolonialismo: último estágio do imperialismo* [1965]. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1967.

[O]s movimentos de independência encontraram resistência intransigente pelos poderes coloniais, o que resultou em um número crescente de movimentos que recorreram à luta armada. [...] Nesta situação, em que os poderes coloniais eram direta ou indiretamente sustentados pelas potências ocidentais do Reino Unido, França, Portugal e dos EUA, e em que a maior parte do apoio material dos movimentos anticoloniais vinha do bloco oriental [socialista], da União Soviética e da China comunista, *tornou-se mais e mais difícil sustentar a conexão entre independência e não-alinhamento*.⁶¹ [grifo nosso]

Os esforços estadunidenses para malograr experiências de transformação social e libertação nacional nos três continentes também foram determinantes para que, na Conferência Tricontinental de Havana, em 1966, o anti-imperialismo terceiro-mundista assumisse uma tônica cada vez mais próxima do bloco socialista e da luta armada. À luz da obra de Frantz Fanon, “os condenados da Terra” partilhavam cada vez mais a percepção de que, não bastando a independência formal, caso os países africanos não se transformassem radicalmente, seu destino seria semelhante ao latino-americano – sujeito ao neocolonialismo e à multiplicação de golpes de estado patrocinados e apoiados pelos Estados Unidos da América. Afinal, antes da Conferência Tricontinental, Guatemala (1954), Haiti (1957), Brasil (1964), e República Dominicana (1930-1961, 1965) já haviam passado golpes de Estado e ditaduras militares apoiados pelo governo estadunidense.

Ademais, a invasão da Baía dos Porcos/Playa Girón, em 1961, e o aumento crescente do contingente de soldados estadunidenses na Guerra do Vietnã, ao longo da década de sessenta, operaram como eventos-chave, que mobilizaram a opinião internacional e colocaram os Estados Unidos e o imperialismo yanqui na mira dos terceiro-mundistas. Multiplicaram-se as experiências que apontavam a necessidade de que a luta anticolonial africana e asiática fosse continuada enquanto luta anti-imperialista e contra o neocolonialismo. O Vietnã, país independente invadido pelos Estados Unidos da América sob o pretexto da necessidade de “conter o comunismo”, torna-se emblema de como as lutas anticoloniais por independência política não são suficientes. O imperialismo e o neocolonialismo tornam-se verdadeiros espectros a rondar os jovens países africanos e asiáticos.

⁶¹ YOUNG, Robert J. C. Postcolonialism: from Bandung to the Tricontinental. *Historiein*, Athens, v. 5, p. 11-21, 2005. p. 15.

Compreender os caminhos que levaram “de Bandung à Havana”, nos aponta ainda para a Conferência do Cairo, que reuniu nesta cidade, em dezembro de 1957, 500 delegados de países africanos e asiáticos. A ocasião, inspirada pelo “espírito de Bandung”, apontou outras formas para se fazer política internacional no Terceiro Mundo, na medida que foi não só uma reunião de chefes de Estado, mas incorporou organizações populares e emancipatórias distintas, como partidos e movimentos de libertação nacional. A Conferência do Cairo diferencia-se de Bandung, também, em função da participação ativa dos soviéticos, que se tornaram inclusive membros do secretariado da organização permanente ali fundada: a Organização de Solidariedade Afroasiática (OSPAA)⁶². O mandato dessa organização consistiu em coordenar comitês nacionais de solidariedade, realizar novas reuniões periódicas, bem como promover a edição de uma revista trimestral de escritores Afro-asiáticos intitulada *Lotus*.

Foi em uma reunião desta organização, realizada em 1961 na cidade de Tanganika, que o governo cubano – então convidado a participar como observador – apresentou pela primeira vez a proposta de que se realizasse uma reunião dos três continentes. Cinco anos depois, a Conferência Tricontinental marcou a convergência entre movimentos de solidariedade afro-asiática pré-existentes, e a vertente do latino-americanismo revolucionário e de esquerda, que encontrava na Revolução Cubana sua maior liderança e inspiração. Em seu formato, a Conferência Tricontinental estendeu à América Latina uma estrutura análoga à adotada pela Organização de Solidariedade Afro-Asiática (OSPAA), permitindo e encorajando a participação conjunta de governos alinhados ao seu projeto político e de movimentos de libertação nacional e partidos de esquerda.

Não podemos nos furtar a uma última comparação entre Bandung e Havana. Se, por um lado, Sukarno havia iniciado a conferência de 55 com a afirmação de que a independência dos Estados Unidos da América fora a “primeira bem-sucedida guerra

⁶² Se os trabalhos acerca da *Tricontinental* e da OSPAAAL são escassos, ainda mais limitado é o número de trabalhos produzidos acerca da OSPAA. Até onde sabemos, a Organização ainda não foi objeto de um estudo sistemático e específico, ainda que seja mencionada na maioria dos trabalhos que estudaram a OSPAAAL, como parte de seus antecedentes e, como veremos em seguida, parte dos dilemas enfrentados pela Conferência. Acerca da atuação da OSPAA no âmbito cultural, conferir YOON, Duncan Mceachern. *The Global South and Cultural Struggles: On the Afro-Asian People’s Solidarity Organization*. 2012. Disponível em: <<http://blogs.cornell.edu/globalsouthproject/files/2012/09/Yoon-1317jzt.pdf>>. Acesso em: 10/02/2017.

anticolonial na história”⁶³; por outro, o Presidente do Comitê Internacional Preparatório da conferência de 66, Mehdi Ben Barka, destacou a importância de que esse evento “histórico” fosse espaço de convergência entre socialismo e libertação nacional. Nas palavras do marroquino,

Histórico por sua composição, porque estarão representadas nesta conferência as *duas grandes correntes contemporâneas da revolução mundial*. A corrente que começou quando da Revolução de Outubro na União Soviética e que é a corrente da *revolução socialista*, e a corrente paralela, a corrente da *libertação nacional*. Nesta conferência se encontrarão estas duas correntes em escala dos três continentes.⁶⁴ [grifo nosso]

É a Revolução de Outubro que é recuperada aqui como antecedente, em um processo claro de afiliação e apropriação. Nesse momento, as desconfianças em relação à União Soviética que tinham aparecido em Bandung assumiram caráter secundário para a maioria dos participantes, com exceção da delegação chinesa. A Conferência Tricontinental não apenas estendeu convite à União Soviética, como contou com uma delegação expressiva deste país. Na coletiva de imprensa citada acima, Mehdi Ben Barka não se furta, ainda, a referenciar e elogiar a Revolução Cubana por seus méritos, por reunir em sua experiência revolucionária as duas correntes que esperava ver unirem-se, em escala tricontinental, naquele janeiro em Havana.

Esta Conferência é histórica também porque se celebrará em Cuba, porque *a Revolução Cubana é a concretização da união destas duas correntes*; porque Cuba conheceu sua revolução de libertação nacional e agora se apressa a realizar sua revolução social [...] ⁶⁵ [grifo nosso]

Para Ben Barka, a luta contra o imperialismo é uma, e deve ser coordenada em escala tricontinental, uma vez que o imperialismo é um fenômeno que afeta todos os três continentes. A necessidade de reafirmar este ponto se apresenta principalmente em

⁶³ Citado por CHAKRABARTY, Dipesh. The legacy of Bandung: decolonization and the politics of culture. In: LEE, Christopher (ed.). *Making a World After Empire: The Bandung Moment and Its Political Afterlives*. Athens: Ohio University Press, 2010. p. 52.

⁶⁴ BEN BARKA, Mehdi. El portador del mensaje. *Tricontinental*, Havana, n. 1, jul-ago, 1967, p. 87.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 87.

função do cisma sino-soviético⁶⁶, que já há alguns anos havia tornado a Organização de Solidariedade Afro-asiática palco de suas rusgas⁶⁷. Ben Barka elenca, ainda, os critérios que foram adotados durante o processo de seleção das delegações.

Realizamos uma divisão de trabalho: a Organização Afroasiática [OSPAA] estabelece e estuda a lista para as organizações de Ásia e de África. Os companheiros latino-americanos, membros do Comitê Internacional Preparatório [CIP], estabelecem a lista para as organizações do continente latino-americano. [...]

O primeiro princípio: que *haverá uma delegação por país*. Quando o partido for a força fundamental do país, como por exemplo Cuba, Venezuela, e quando haja uma frente organizada, será, pois esta frente [ou partido] que será convidada [...], naturalmente, existe uma situação delicada em países onde existem várias organizações anti-imperialistas, então o Comitê Preparatório convida essas organizações a constituir um Comitê Nacional para a Conferência dos três continentes; [...]

Existem três critérios que foram decididos no Cairo, por proposição feita pelos companheiros da América Latina. A saber: estas organizações devem ser representativas, quer dizer, ter uma *base popular*; segundo, ser *anti-imperialistas* e; terceiro, aceitar trabalhar pela *unidade* contra o imperialismo na Conferência.⁶⁸ [grifo nosso]

A solidariedade, por sua vez, deve ser organizada; não apenas questão de espontaneidade, mas objeto de necessária coordenação de esforços. Enquanto a Organização Afro-asiática ficou responsável pelos convites a organizações na África e na Ásia, estendendo convite aos países e grupos que já compunham esta organização, o Comitê Preparatório Internacional ficou responsável pelos convites aos latino-americanos. O comitê preparatório, aliás, contou com ampla representatividade internacional: guineenses, argelinos, tanzanianos, sul-africanos, marroquinos, egípcios⁶⁹; japoneses, chineses, soviéticos, indonésios e vietnamitas. Nos casos – comuns na

⁶⁶ Iniciado na década de cinquenta e intensificado nos anos sessenta, o cisma sino-soviético consistiu em uma crise nas relações diplomáticas entre a União Soviética e a República Popular da China. As divergências entre os dois países eram muitas, sendo importante destacar o ponto que mais amplamente influenciou os debates acerca do internacionalismo. Em linhas gerais, enquanto a União Soviética passava, com Nikita Krushev, a defender uma política de coexistência pacífica com os países capitalistas, os chineses afirmavam a necessidade de combate imediato ao imperialismo. Para além das divergências programáticas, o cisma sino-soviético significou também uma disputa por influência e pela liderança das esquerdas internacionais.

⁶⁷ ZOLOV, Eric. La Tricontinental y el mensaje del Che Guevara. Encrucijadas de una nueva izquierda. *Palimpsesto*. Santiago de Chile: v. VI, n. 9, jan-jun, 2016. p. 1-13.

⁶⁸ BEN BARKA, Mehdi. El portador del mensaje. *Tricontinental*, Havana, n. 1, jul-ago, 1967, p. 88-89.

⁶⁹ Esses são referidos na documentação como representantes da República Árabe Unida, proclamada em 1958 e composta pela união entre Egito, Síria e Iêmen até seu declínio em 1961, denominação que foi mantida pelo Egito até meados dos anos 70.

América Latina – de países com mais de um movimento anti-imperialista, foi solicitada a formação de um Comitê Nacional, responsável por formar delegações que representassem se não todas, as mais expressivas organizações atuantes em cada país. Ainda que a tônica geral da Conferência Tricontinental fosse a defesa da unidade e solidariedade entre as esquerdas, ao fim e ao cabo, a participação ali tornou-se objeto de querela em alguns países. Mais que um conjunto homogêneo, a Conferência Tricontinental foi um espaço disputado, assim como o foram as narrativas a seu respeito.

Na coletiva de imprensa que proferiu em nome do Comitê Internacional Preparatório, Mehdi Ben Barka chegou a advertir os movimentos para que não se focassem nessas “divergências secundárias”, e priorizassem a luta realmente importante, contra o imperialismo. A busca pela equidistância, que fora tão cara aos representantes de Bandung onze anos antes, havia sido substituída pela unidade contra um imperialismo que, como apontam as resoluções da Conferência de Havana, tem nome: *yanqui*. O foco deveria ser a constituição de uma frente única internacional contra o imperialismo, bem como Comitês Nacionais que pudessem trabalhar de maneira articulada. Esta tarefa se provaria mais difícil na prática do que em discursos. O estudo da Conferência a contrapelo esbarra, necessariamente, nas vicissitudes que marcam as histórias das esquerdas, *no plural*.

O primeiro autor contemporâneo a estudar a Conferência Tricontinental foi Robert J. C. Young⁷⁰. Em *Postcolonialism: an historical introduction*, o pesquisador defende a tese de que a crítica pós-colonial é produto histórico da resistência ao colonialismo e ao imperialismo. O autor elabora uma extensa exegese de “práticas teóricas”⁷¹ de resistência ao colonialismo e ao imperialismo, a partir de uma abordagem interdisciplinar, e identifica nelas a fonte das epistemologias que viriam a ser defendidas pelos Estudos Pós-coloniais. Para Young, a Conferência Tricontinental foi um espaço pioneiro de convergência, por congregar representantes de todo o ‘mundo não-Occidental’

⁷⁰ YOUNG, Robert J. C. *Postcolonialism: an historical introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2001.

⁷¹ No centro da obra de Young está a afirmação da indissociabilidade entre prática e teoria, encapsulada no repetido uso da expressão “práticas teóricas [*theoretical practices*]” e na adoção da perspectiva gramsciana, que leva Young a considerar os autores que estuda “intelectuais orgânicos”. Para Young, as apropriações e transformações do marxismo performadas pelos autores *tricontinentais* são reflexo da necessidade de atualizar a teoria marxista à luz de experiências não-Occidentais, um processo que é sempre *ativo*, e *marcado* pelas urgências da prática. Cf: GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

e por posicionar-se em favor de um anti-imperialismo radical, alinhado ao campo socialista, mas independente da URSS e da China. Em diálogo direto com o trabalho de Robert J. C. Young, Besenia Rodríguez⁷², Sarah Seidman⁷³ e John Gronbeck-Tedesco⁷⁴ estudaram as redes de contato e colaboração entre o movimento negro nos Estados Unidos e a Revolução Cubana, tendo como importante eixo a elaboração de uma ‘ideologia tricontinental’ compartilhada.

A pesquisadora estadunidense Anne Garland Mahler, defende em *Beyond the Color Curtain: Empire and resistance from the Tricontinental to the Global South* que o “tricontinentalismo” ressignificou as categorias de raça e opressão a partir de uma perspectiva desterritorializada e não-essencialista. A crítica literária seleciona algumas fontes, entre produções cinematográficas cubanas e textos de poesia porto-riquenha, para então promover uma abordagem cultural do “tricontinentalismo”. Para Mahler, que discorda de Robert Young, o conceito de resistência subalterna global encapsulado no uso do termo *Sul Global* tece relações mais próximas com o legado da Conferência Tricontinental que a crítica pós-colonial.

Há uma tendência de que os trabalhos acerca da Conferência Tricontinental e da OSPAAAL tenham como horizonte uma preocupação explícita com as formas de internacionalização da resistência no presente. Saïd Bouamama⁷⁵, sociólogo que desenvolveu o mais completo trabalho acerca da Conferência Tricontinental e seus desdobramentos, traduz de maneira interessante essa preocupação: é importante estudar a Tricontinental porque “[a] memória das lutas passadas é uma arma dos dominados e os esquecimento delas é uma arma dos dominantes”⁷⁶. A obra de Saïd Bouamama dá importantes passos adiante nesse sentido, dividindo-se em três eixos principais da análise: o primeiro aborda os antecedentes da Conferência, especialmente no âmbito das relações

⁷² RODRIGUEZ, Besenia. “De la Esclavitud Yanqui a la Libertad Cubana”: U.S. Black Radicals, the Cuban Revolution, and the Formation of a Tricontinental Ideology. *Radical History Review*, n. 92. 2005. p. 62–87.

⁷³ SEIDMAN, Sarah. Tricontinental Routes of Solidarity: Stokely Carmichael in Cuba. *Journal of Transnational American Studies*, ano 4, n. 2, 2012.

⁷⁴ GRONBECK-TEDESCO, John. The Left in Transition: The Cuban Revolution in US Third World Politics. *Journal of Latin American Studies*: n. 40, 2008, p. 651-673.

⁷⁵ BOUAMAMA, Saïd. *La Tricontinentale*. Les peuples du Tiers-Monde à l’assault du ciel. Éditions du CETIM e Syllepse: Genebra e Paris, 2016.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 187.

internacionais; o segundo analisa os principais debates e resoluções aprovadas ali; e o terceiro enfoca seus ecos e desdobramentos.

Nosso trabalho buscou contribuir para os estudos acerca da Conferência, incorporando fontes diversas para abordar a Conferência Tricontinental. Incluímos aqui os relatos de Jean-Jacques Brioux, intelectual francês que publicou suas impressões acerca da conferência no mesmo ano, na revista *Politique étrangère*; a cobertura da Conferência em edições da revista estadunidense *Monthly Review* e no semanário uruguaio *Marcha*; e o relatório produzido para o Senado Estadunidense, intitulado *The Tricontinental Conference of African, Asian, And Latin American peoples - a staff study*. Uma de nossas preocupações foi a elaboração de uma leitura não homogeneizante, de modo que buscamos expandir a análise em relação aos documentos oficiais sobre a reunião – enfatizar consensos e sucessos é tendência comum em documentos diplomáticos, como resoluções e discursos de encerramento⁷⁷.

A Conferência Tricontinental foi conduzida nas salas e corredores do Hotel Havana Libre, anteriormente pertencente à rede Hilton, ocupado pelo exército rebelde em primeiro de janeiro de 1959, e posteriormente estatizado. Contou com a participação de Fidel Castro, Salvador Allende, Amílcar Cabral e muitos outros, além de receber mensagens de líderes políticos como Brejnev, Chou Enlai, Abdel Gamal Nasser, Kim Il Sung e Luis Carlos Prestes. “Euterpe e Terpsichore [musas gregas da dança e do canto] foram [também] inscritas: 110 músicos soviéticos, uma centena de dançarinos chineses, 60 cantores vietnamitas, 80 dançarinos guineenses, etc”⁷⁸. Nas palavras do documento produzido para o Senado dos Estados Unidos sobre a reunião – comprovando que não só os revolucionários apontavam a grandiosidade daquela ocasião, mas que esta era percebida também pelos seus detratores – Havana sediou o que foi “provavelmente, o

⁷⁷ Também consultamos documentos publicados nas páginas da revista *Tricontinental*. Ademais, durante nossa última pesquisa de campo em Cuba tivemos a oportunidade de acessar outros documentos interessantes ao estudo da Conferência, como relatórios produzidos pelo *Ministério de Relaciones Exteriores de Cuba* (MinRex), discursos, atas, listas de convidados e listas de presença. Infelizmente, o volume documental foi demasiado extenso e, por limitações logísticas, não foi incorporado à pesquisa conduzida durante o Mestrado, e será discutido em oportunidades futuras.

⁷⁸ BRIEUX, Jean-Jacques. La «Tricontinentale». *Politique étrangère*, n. 1, 1966, 31o ano. p. 22.

mais poderoso encontro de forças pró-comunistas, anti-americanas na história do hemisfério ocidental”⁷⁹.

Em seu relato, Jean-Jacques Brioux indica pontos de convergência e divergência, bem como alguns questionamentos interessantes. Para o autor, a Conferência convergiu em torno da identificação dos Estados Unidos como “cabeça do imperialismo” – para parafrasear Che Guevara –, da defesa da luta revolucionária, e da solidariedade para com o povo vietnamita. Outros temas geraram polêmicas, entre eles o conflito sino-soviético, as indagações acerca do paradeiro de Che Guevara e o formato de uma possível organização de solidariedade que englobasse os três continentes.

De acordo com o relato de Brioux, os principais vencedores da conferência foram certamente Cuba, Vietnã e União Soviética. O governo de Havana, com a criação da Organização de Solidariedade dos Povos de África, Ásia e América Latina sediada em solo cubano, tornou-se o principal ponto de convergência dos esforços de solidariedade entre os três continentes, inclusive apontando o guerrilheiro Osmany Cienfuegos como Secretário Geral deste organismo internacional. Especialmente após a morte de Mehdi Ben Barka, e do fracasso nas tentativas de organizar uma segunda Conferência Tricontinental no Cairo, Cuba vai cada vez mais assumindo uma posição central nesse movimento. A Conferência Tricontinental foi mais um dos grandes eventos que corroboraram para que Cuba se consolidasse, ao longo dos sessenta/setenta como o que Túlio Halperin Donghi chamará de “Roma antilhana”⁸⁰, espaço de convergência e que exerceu forte atração sobre inúmeros intelectuais e também inúmeros membros de grupos revolucionários. Ademais, a atuação da OSPAAAL e a publicação da revista *Tricontinental* passaram a integrar de maneira significativa as medidas do governo que visavam fortalecer e garantir a legitimidade da Revolução Cubana.

Quanto ao Vietnã, pode-se apontar a criação de um Comitê de Solidariedade com o povo do Vietnã, a centralidade que a Guerra do Vietnã assumiu nos debates da

⁷⁹ O documento, disponível on-line, não encontra-se numerado em páginas, mas em sessões. US GOVERNMENT, *The Tricontinental Conference of African, Asian and Latin American Peoples: a staff study*. 1966. Disponível em: <<http://www.latinamericanstudies.org/tricontinental.htm>>. Acesso em: 05/02/2015. Seção 1.

⁸⁰ DONGHI, Túlio Halperin apud COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina – o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa*. São Paulo: Alameda, 2013. p. 43.

Conferência – inclusive com certa disputa entre China e União Soviética para determinar quem lhes prestou mais auxílio –, e o destaque que recebeu nas páginas da revista *Tricontinental* a partir 1967.

Apesar dos esforços da delegação chinesa, os representantes na Conferência Tricontinental não se indispuseram com a União Soviética. A estratégia chinesa de direcionar duras críticas aos soviéticos – as relações entre os dois países já estavam estremecidas desde fins da década anterior – repercutiram de maneira negativa na reunião. Os chineses são acusados pelos relatos de Brieux de se utilizarem de uma “tática de obstrução sistemática”⁸¹. A postura soviética, por sua vez, é descrita pelo autor como conciliatória e flexível. Esses teriam doado cerca de 10.000 francos por delegado como auxílio para o financiamento da reunião. Às críticas chinesas dirigidas aos soviéticos, por não ajudarem significativamente as tropas em luta na Guerra do Vietnã, a URSS respondeu com o compromisso de enviar-lhes aviões e armamentos. O chefe da delegação soviética afirmara que “se tratando de uma conferência de solidariedade, portanto de unidade, se recusa a polêmica, e a divisão face ao inimigo não era uma política nem revolucionária, nem inteligente”⁸².

Nos meses que se seguiram à Conferência, a revista *Monthly Review* veiculou em suas páginas um editorial, trechos do discurso de Fidel Castro, um artigo de Adolfo Gilly e um artigo de Jose Vazeilles, todos estes em torno da Conferência Tricontinental e das polêmicas que ela suscitou. Um dos principais pontos polêmicos da cobertura girava em torno do não comparecimento de Che Guevara, e das acusações que circulavam pela imprensa no período de que o governo cubano teria sido responsável por seu desaparecimento. Duas edições da revista estadunidense *Monthly Review*⁸³ documentaram alguns dos meandros desta polêmica, que foi um dos temas do discurso de encerramento de Fidel Castro na Conferência.

⁸¹ BRIEUX, Jean-Jacques. La «Tricontinentale». *Politique étrangère*, n. 1, 1966, 31o ano. p. 32.

⁸² Rashidov apud BRIEUX, Jean-Jacques. La «Tricontinentale». *Politique étrangère*, n. 1, 1966, 31o ano. p. 32.

⁸³ A revista *Monthly Review*: an independente socialist magazine foi fundada em 1949, nos Estados Unidos da América, lançando-se em defesa de um socialismo “crítico” e “independente”, sob edição de Paul Sweezy e Leo Huberman.

Segundo o líder cubano, o intelectual argentino Adolfo Gilly havia publicado um artigo no semanário *Marcha*⁸⁴, em 1965, afirmando que Che Guevara teria deixado Cuba em função de sua posição em relação ao conflito sino-soviético. Ao contrário do que era proposto pela União Soviética no período, o Che defendia a expansão da revolução pela América Latina e, de acordo com Gilly, isso teria gerado conflitos entre o argentino e o cubano, e acarretado a saída de Guevara da ilha.

De fato, veículos declaradamente associados à Quarta Internacional⁸⁵ veicularam reportagens e artigos indagando acerca do paradeiro de Ernesto Guevara, chegando a acusar a Revolução Cubana de tê-lo prendido ou assassinado. Entre eles, Fidel Castro cita em seu discurso o jornal italiano *Lutta Operaria*, segundo o qual “eles eliminaram Guevara para parar sua luta”. Indignado, Fidel Castro dedicou vários minutos de seu discurso desferindo críticas ferrenhas ao trotskismo e a Adolfo Gilly – aos quais atribui a invenção e difusão destas afirmações.

Fidel Castro ainda acusa Adolfo Gilly, por “de vez em quando posar em meio a outros intelectuais Norte Americanos na revista estadunidense (*Monthly Review*)”⁸⁶, e tece duras críticas ao movimento guerrilheiro guatemalteco MR-13, liderado por Antonio Yon Sosa, e defendido pelo argentino em artigo publicado meses antes na revista estadunidense. Para Castro, não bastava atacar o intelectual argentino, era preciso mostrar que este apoiava os movimentos “equivocados”, ainda que os argumentos de Castro contra o MR-13 e o trotskismo sejam, no mínimo, vagos. O cubano limita-se a repetir a afirmação de que o trotskismo atuava como arma do imperialismo, na medida em que divulgava as mesmas “calúnias” sobre o paradeiro de Guevara que eram propagadas pela imprensa “dos imperialistas”. Segundo o Fidel Castro, apenas aqueles que não conhecem a história revolucionária poderiam defender o trotskismo, por ignorância ou ingenuidade. Essas afirmações podem ser lidas não só como uma resposta virulenta aos críticos

⁸⁴ O artigo foi publicado na edição de 22 de outubro de 1965 do semanário *Marcha*.

⁸⁵ A Quarta Internacional é uma organização comunista fundada por León Trotski e outros que compartilhavam de suas posições após sua expulsão da União Soviética. A organização não é reconhecida pela URSS, e adota uma posição de crítica à Stalin e ao stalinismo.

⁸⁶ O discurso também foi publicado na revista estadunidense *Monthly Review*, entretanto optamos por consultá-lo no sítio de acesso livre marxists.org. CASTRO, Fidel. *At the Closing Session of the Tricontinental Conference* [1966]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/cuba/archive/castro/1966/01/15.htm#cuban-support>>. Acesso em: 10/01/2017.

trotskistas da Revolução Cubana, mas também como um gesto de aproximação à União Soviética. Cuba e seu processo revolucionário, por outro lado, deviam ser defendidos, afinal, o movimento revolucionário cresce “acima de tudo por causa do exemplo da Revolução Cubana, [...] por causa das vitórias da Revolução Cubana, por causa da posição de Cuba contra o inimigo”⁸⁷.

O discurso de encerramento pronunciado por Fidel na ocasião não esclareceu o paradeiro de Guevara, afirmando apenas que esse deveria manter-se secreto por motivos de segurança. Castro estava certo de que, com o tempo, tudo poderia ser esclarecido, e de que “os anos vindouros cuidarão de esmagar os caluniosos”⁸⁸. O líder cubano não deixou de abordar diversos dos pontos centrais discutidos ao longo da Conferência Tricontinental: as lutas do povo vietnamita, as lutas pela libertação nacional na África, os caminhos da luta armada na América Latina, a criação da Organização Latinoamericana de Solidariedade (OLAS) e da Organização de Solidariedade dos povos de Ásia, África e América Latina (OSPAAAL), as dificuldades de construir consensos em uma reunião de tamanhas proporções e, apesar de tudo, os sucessos alcançados pela conferência.

No editorial *The Tricontinental Conference and After* os editores da revista *Monthly Review*, Paul M. Sweezy e Leo Huberman, oferecem uma leitura crítica da reunião e do discurso de Fidel Castro. Para eles, as acusações feitas pelo cubano aos trotskistas eram não só equivocadas como “feias” e “ameaçadoras”. Castro era quem ignorava a história da revolução russa e dos julgamentos que, em 1930, levariam às Grandes Purgas e a um acirramento da perseguição política na União Soviética sob Stalin. Retomar críticas ao trotskismo era um movimento perigoso que poderia desaguar na retomada de uma “caça às bruxas”⁸⁹. Inclusive, convidam Castro a informar-se melhor acerca da história de Trotski e lhe indicam leituras sobre a Revolução Russa.

O caráter trotskista – ou não – do movimento MR-13 é, para os editores da *Monthly Review*, irrelevante. “Na nossa opinião, o único tipo de revolução que tem alguma chance de sucesso na América Latina hoje é uma revolução socialista. Nós

⁸⁷ CASTRO, Fidel. *At the Closing Session of the Tricontinental Conference* [1966]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/cuba/archive/castro/1966/01/15.htm#cuban-support>>. Acesso em: 10/01/2017.

⁸⁸ *Ibidem*.

⁸⁹ SWEEZY, Paul M., HUBERMAN, Leo. *The Tricontinental and After*. *Monthly Review*: a socialist independent magazine. 1966, abril, vol. 17, n. 11. p. 2.

estivemos, acreditamos, entre os primeiros a dizer que a Revolução Cubana seria forçada a avançar rapidamente para o socialismo – ou seria derrubada”⁹⁰. Nesse sentido, caberia a Fidel Castro e aos Partidos Comunistas latino-americanos reconhecer a “necessidade, e de fato inevitabilidade”⁹¹ da revolução socialista. Clamar por ela como próxima etapa histórica no continente não significa ser trotskista, afirmam os estadunidenses.

Apesar de suas críticas às afirmações de Castro, os autores não partilham da visão de Adolfo Gilly⁹², segundo o qual a Tricontinental tinha sido uma conferência “sem glória e sem programa”⁹³. Constatando a importância adquirida pelo conflito sino-soviético na Conferência Tricontinental, Adolfo Gilly afirma que o posicionamento cubano era de aberta aliança aos soviéticos, e tinha colocado Cuba em uma posição absolutamente contraditória, que impedia que os cubanos professassem uma verdadeira defesa da via revolucionária. Tal movimento cubano teria sido seguido pelos representantes latino-americanos da Conferência que, para o argentino, também se aliavam a Moscou e ao reformismo naquele momento.

Gilly se equivoca em inúmeras de suas afirmações acerca de delegações representadas na Conferência Tricontinental, chegando a afirmar que a maioria das delegações latino-americanas eram subordinadas aos partidos comunistas, à coexistência e ao reformismo soviético. Tal afirmação foi refutada de maneira contundente pelo argentino Jose Vazeilles, tanto nas páginas do semanário *Marcha* quanto nas páginas da própria revista *Monthly Review*. Em *The Tricontinental: concrete internationalism and revolution*, Vazeilles expõe detalhadamente⁹⁴ a composição das delegações latino-

⁹⁰ SWEEZY, Paul M., HUBERMAN, Leo. The Tricontinental and After. *Monthly Review*: a socialist independent magazine. 1966, abril, vol. 17, n. 11. p. 2.

⁹¹ *Ibidem*, p. 2.

⁹² Argentino naturalizado mexicano, Adolfo Gilly foi preso pouco depois da publicação do texto que comentaremos ao longo da presente seção, e as motivações de sua prisão são atribuídas tanto à tentativa de viajar do México à Guatemala para juntar-se ao Movimento 13 de Abril quanto à sua participação no movimento estudantil. Absolvido em 1972, o autor atua hoje como professor de História e Ciência Política na Universidade Nacional Autónoma de México (UNAM).

⁹³ GILLY, Adolfo. A Conference without glory and without program. The Tricontinental and After. *Monthly Review*: a socialist independent magazine. 1966, abril, vol. 17, n. 11. p. 1.

⁹⁴ “Em oito países o PC não tinha representação: Peru, Panamá, Haiti, México, Porto Rico, as três Guianas. Em três países o PC era minoria: Brasil, Argentina e República Dominicana. Em dois países, Cuba e Guatemala, o PC segue a linha revolucionária (luta armada). Em um país, Paraguai, o PC faz parte do front revolucionário. Em um país, Venezuela, a linha revolucionária do PC, conjuntamente com a linha paralela do MIR (Movimiento de Izquierda Revolucionária), forma o comando político das guerrilhas (ambas organizações têm braços que apoiam a via pacífica, mas estas não estiveram representadas na Conferência).

americanas presentes na Conferência, concluindo que ao menos 15 delas apoiavam abertamente a linha revolucionária, ao passo que outras posicionaram-se de maneira neutra ou enfrentavam contradições internas. Só era possível, afinal, apontar seis delegações latino-americanas em linha com a proposta reformista e pacífica. Nesse sentido, Vazeilles indaga: “o que significa pintar delegados latino-americanos que, com armas às mãos, estão desenvolvendo uma prática revolucionária sólida, como um rebanho de ovelhas, abjeto, servil a Moscou?”⁹⁵.

Para os editores da *Monthly Review*, a visão de Gilly de que a Conferência foi irrelevante e vazia de programa ou de glória resultava de uma “falta de perspectiva apropriada”⁹⁶.

Foi uma grande, de fato uma ‘gloriosa’ realização congregar delegações representando organizações revolucionárias e anti-imperialistas de tantos países asiáticos, africanos e latino-americanos. Novos e duradouros contatos e canais de comunicação foram abertos. Visões e experiências foram trocadas, quiçá mais em sessões privadas que públicas. Acima de tudo, a Conferência despertou e deu expressão dramática para um senso sem precedentes de militância revolucionária e solidariedade internacional entre as vítimas do imperialismo. O direito e o dever de contrapor à violência imperialista, exemplificada para todos verem no Vietnã e na República Dominicana, com contra-violência revolucionária foi tema central de toda a Conferência. Como Marcel Niedergang reportou para o *Le Monde* de 20 de janeiro, ‘entusiasmo revolucionário facilmente carregaram o dia, e os soviéticos que chegaram com resoluções de prudência foram obrigados a entoar o mesmo refrão’.⁹⁷

Nesse sentido, a Conferência teria tido um papel em pressionar os soviéticos a reforçarem o reconhecimento e o apoio às lutas revolucionárias no Terceiro Mundo. Indagam, afinal, “realmente não é importante que eles tenham sentido ser necessário fazer essas concessões?”⁹⁸. De fato, especialmente em relação à África e à Ásia, a posição soviética já era de apoio aos movimentos de libertação nacional há algum tempo, aspecto

Em outras palavras, um total de 15 delegações abertamente apoiaram a linha da revolução”. VAZEILLES, Jose. The Tricontinental Conference: concrete internationalism and revolution. *Monthly Review*: a socialist independent magazine. 1966, junho, vol. 18, n. 22. p. 31.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 34.

⁹⁶ SWEEZY, Paul M., HUBERMAN, Leo. The Tricontinental and After. *Monthly Review*: a socialist independent magazine. 1966, abril, vol. 17, n. 11. p. 2.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 3.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 4.

que fica evidente por sua participação na OSPAA, por exemplo⁹⁹. Os editores da *Monthly Review* focam-se, ainda, na defesa do socialismo, elemento que acreditam ser fundamental às discussões sobre anti-imperialismo que tenham objetivo progressista, na medida em que é o socialismo que confere aos novos Estados um plano necessário para o momento posterior à independência e tomada do poder. Para Sweezy e Huberman, as discussões sobre o socialismo foram o elemento que faltou às discussões da Conferência Tricontinental.

Sweezy e Huberman vinculam o futuro da Revolução Cubana, interna e externamente, ao esclarecimento quanto ao paradeiro de Che; esse, que “passou a simbolizar tudo que há de melhor, tudo que há de puro, tudo que é amado na Revolução Cubana”¹⁰⁰. Era preciso dar informações acerca de onde ele estava, especialmente porque as desconfianças cresciam a cada dia e, caso seu desaparecimento fosse responsabilidade da Revolução Cubana, esta perderia por completo sua “autoridade moral”.

As acusações de que a Revolução Cubana teria sido responsável pelo desaparecimento do guerrilheiro argentino são, certamente, infundadas. De acordo com John Lee Anderson¹⁰¹, naquele momento Guevara encontrava-se recluso na embaixada cubana em Dar es Salaam, na Tanzânia, e escrevia as memórias da conturbada missão no Congo, que se encerrara em novembro do ano anterior. Alguns meses após esta polêmica, a última campanha de Che Guevara se encerrou com seu assassinato na Bolívia. Ainda que reconheçamos as divergências entre o argentino e as lideranças cubanas, especialmente em função das críticas que este fazia à União Soviética e à aproximação entre Havana e Moscou, não acreditamos ser apropriado afirmar motivos que o levaram a deixar Cuba que não os apontados por ele mesmo em sua carta de despedida e em sua *Mensagem à Tricontinental*¹⁰²: a defesa do internacionalismo revolucionário.

A revista *Tricontinental*, principal fonte e objeto de estudo das páginas que se seguem, foi palco para exposições e arguições tão ferrenhas quanto as expostas aqui.

⁹⁹ Outros exemplos importantes são dignos de nota, como o fornecimento de armamentos ao Egito durante o conflito acerca do Canal de Suez, em 1956. Sobre as relações entre os países africanos e os países socialistas, conferir: THIAM, Iba Der; MULIRA, James. A África e os países socialistas. In: MAZRUI, A. A. (Ed.); WONDJI, C (Ed.). *História Geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília: UNESCO, 2010.

¹⁰⁰ SWEEZY, Paul M., HUBERMAN, Leo. The Tricontinental and After. *Monthly Review*: a socialist independent magazine. 1966, abril, vol. 17, n. 11., p. 7.

¹⁰¹ ANDERSON, John Lee. *Che Guevara: a revolutionary life*. New York: Grove Press, 2010.

¹⁰² Maiores discussões acerca de Che Guevara serão desenvolvidas ao longo do capítulo 2.

Operou ainda como espaço para a conciliação de algumas das polêmicas suscitadas ao longo da Conferência. Em 1968, Paul M. Sweezy publicaria um artigo na nona edição da revista *Tricontinental*, o que indica que – de alguma maneira – as relações entre este intelectual e a Revolução Cubana se tornaram menos contenciosas e algumas das questões suscitadas nas páginas de *Monthly Review* em 1966 haviam sido superadas. Ademais, anos depois suas páginas celebrariam a atuação do MR-13, movimento que fora tão duramente criticado por Fidel Castro em seu discurso de encerramento.

Outro espaço privilegiado para o estudo da Conferência Tricontinental e sua repercussão foram, certamente, as páginas do semanário uruguaio *Marcha*¹⁰³, que no período entre 31 de dezembro de 1965 e 24 de maio de 1966, publicou mais de 50 textos diretamente relacionados à Conferência de Havana. Artigos, editoriais, reportagens, ensaios, e um grande volume de cartas dos leitores permearam suas páginas, com contribuições advindas de diversos cantos da América Latina.¹⁰⁴

Entre as discussões conduzidas ali, ganham destaque o processo de formação das delegações latino-americanas – com especial atenção ao caso uruguaio¹⁰⁵ –; o cisma sino-soviético e seu impacto decisivo no tom das discussões da reunião; a Revolução Cubana e seu crescente protagonismo sobre este cenário internacional; e o conflito árabe-israelense, expresso na Conferência por meio da recusa a convidar uma delegação israelense e da aprovação de resoluções que tomavam o partido dos povos árabes.

¹⁰³ Fundada em Montevideu em 1939, a publicação consolidou-se como um importante espaço de discussão política e cultural na América Latina, carregando em suas páginas diversas polêmicas além da que será abordada aqui, e contando com as contribuições de inúmeros intelectuais. Para mais informações sobre o semanário, conferir: REIS, Mateus Fávoro. *Políticas da leitura, leituras da política: uma história comparada sobre os debates político-culturais em Marcha e Ercilla (Uruguai e Chile, 1932-1974)*. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012; MACHIN, Horacio; MORAÑA, Mabel (eds.). *Marcha y América Latina*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana / Universidad de Pittsburgh, 2003; ROCCA, Pablo. *35 años en Marcha: mapa de la escritura en el semanario Marcha (1939-1974)*. Havana: Casa de las Americas, 2015.

¹⁰⁴ Algumas das reflexões retomadas aqui foram previamente abordadas no artigo “Cara y cruz: a Conferência Tricontinental sob os olhares do semanário Marcha”, publicado durante o mestrado na revista *Temporalidades*. Ver: GENEROSO, Lúcia Maria de Abreu. *Cara y cruz: a Conferência Tricontinental sob os olhares do semanário Marcha*. *Temporalidades*, v. 9, p. 49-75, 2017.

¹⁰⁵ Não nos debruçaremos tão detidamente sobre esse tema ao longo da dissertação, por acreditarmos ser mais interessante focar outras questões. Interessados em conhecer mais sobre as relações entre as esquerdas uruguaias e eventos como a Conferência Tricontinental ou a Conferência da OLAS, ver: GENEROSO, Lúcia Maria de Abreu. *Cara y cruz: a Conferência Tricontinental sob os olhares do semanário Marcha*. *Temporalidades*, v. 9, p. 49-75, 2017; VILLAÇA, Mariana. *Cuba e a esquerda uruguaia: o encontro da OLAS (Organización Latinoamericana De Solidaridad, 1967) nas páginas de Marcha*. *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 59, p. 309-336, 2017.

A cobertura publicada no semanário *Marcha* reforça a leitura de que o cisma sino-soviético permeou não só os debates conduzidos em Havana, mas também o processo de formação e seleção das delegações presentes na Conferência. Marcel Niedergang afirmou em artigo sobre a Conferência que os delegados latino-americanos estavam com "um pedaço do coração em Pequim e a cabeça em Moscou"¹⁰⁶, expressando que a defesa das vias pacíficas se encontrava em crise naquele momento. Os convites de Havana à adoção da luta armada e de Pequim à "insurreição permanente e generalizada"¹⁰⁷ ganhavam força. Mesmo entre os conferencistas mais ponderados, parecia ser consenso que eventos como a Guerra do Vietnã e a invasão da República Dominicana "provam que o caminho pacífico se encerrou"¹⁰⁸. Enfim, a luta armada foi a ponta de lança da reunião, especialmente entre os latino-americanos, ainda que essa defesa viesse sempre acompanhada do reconhecimento da necessidade de uma "análise correta das condições objetivas e subjetivas da luta em cada país"¹⁰⁹.

Na leitura de Marcel Niedergang, a Conferência Tricontinental evidenciava uma situação *paradoxal*, bem como um momento de mudança na atuação de muitos Partidos Comunistas latino-americanos, que ao menos até 1964 eram teciam duras críticas às ações revolucionárias. As derrotas da luta armada eram atribuídas não ao reforço do combate às esquerdas que se recrudescera após o sucesso do caso cubano, mas a um descuido com a preparação política e um romantismo idealizado. Durante a conferência de 66, entretanto, os comunistas se veem obrigados a adotar um maior dinamismo para manterem-se relevantes, e isso significa flexibilizar as posições acerca da luta armada e disporem-se ao diálogo com outros movimentos anti-imperialistas e de esquerda. É para esse movimento que aponta, também, Carlos Nuñez, segundo o qual a criação da OLAS como organização suplementar às Conferências de PCs latino-americanos consistia na tentativa de buscar uma via que supere os dilemas do comunismo internacional de maneira independente, "sem subserviência ideológica"¹¹⁰.

¹⁰⁶ NIEDERGANG, Marcel. Los partidos comunistas encabezan la revolución? *Marcha*, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p. 16-17.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 16.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 17.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 16.

¹¹⁰ CASTRO, Fidel apud NUÑEZ, Carlos. Cuba a nível de potencia. *Marcha*, ano XXVII, n. 1289, 21/01/1966, p. 15.

Para Carlos Nuñez, a Conferência foi fundamental para solidificar a posição protagonista de Cuba no cenário internacional. Ao perguntar-se sobre a “audácia e envergadura” da política externa cubana nesse momento, o autor alude à busca de um possível “poli-centrismo”¹¹¹, à tentativa de “solucionar as contradições intensificando-as”¹¹². Cuba centralizava em torno de si a atenção dos movimentos anticolonialistas e anti-imperialistas, ao passo que reivindicava para si o lugar de uma espécie de “fiel da balança” entre eles, mediando inclusive os diálogos entre os defensores da luta insurrecional e os optantes pela linha pacífica; e segue mantendo relações com ambos, ainda que se posicione em favor dos primeiros. Nesse sentido, é importante constatar mais uma vez que os projetos internacionalistas foram importantes para fortalecer e legitimar a Revolução Cubana internacionalmente.

Carlos Nuñez defende Cuba das acusações de ter se aliado a Moscou. O autor afirma ter perguntado a um dirigente cubano que não identifica em sua reportagem sobre a atuação de Cuba como ponto de apoio da política externa soviética, ao que o dirigente cubano respondera – com um otimismo característico – que foi “a URSS quem se dobrou à linha cubana”¹¹³. Essa posição, demasiadamente otimista, é passível de uma análise crítica. Acerca das relações entre Cuba e a URSS, tão importante quanto reconhecer que a Revolução Cubana adotou uma política de crescente aproximação e alinhamento ao longo dos anos sessenta e setenta, é constatar que essas relações foram complexas marcadas por desavenças. Constatar o alinhamento não implica em afirmar que há uma relação de submissão ou subserviência, caracterização que consideramos simplória.

Em oposição aberta aos soviéticos durante a Conferência Tricontinental, por sua vez, “Pequim manteve, em todas as comissões e em todos os campos, a ofensiva”¹¹⁴, e de acordo com o uruguaio, foi derrotada. Nuñez resume os debates da Conferência afirmando que

A China não reconhece a unidade na práxis sem conciliação ideológica; portanto, uma vez que essa não é possível, a unidade prática se dará sem

¹¹¹ NUÑEZ, Carlos. Bien está lo que bien acaba. *Marcha*, ano XXVII, n. 1288, 14 de janeiro de 1966, p.18-19.

¹¹² *Ibidem*, p. 19.

¹¹³ NUÑEZ, Carlos. Y ahora, en que campo está Cuba? *Marcha*, ano XXVII, n. 1293, 18 de fevereiro de 1966, p. 18.

¹¹⁴ NUÑEZ, Carlos. Cuba a nivel de potencia. *Marcha*, ano XXVII, n. 1289, 21 de janeiro de 1966, p. 15.

a China; na medida em que Moscou se mostre permeável às necessidades da unidade, essa se fará com a URSS, quiçá inclusive em torno da URSS, mas sem que isso signifique dar aval a priori a qualquer tese ou tática.¹¹⁵

Segundo Marcel Niedergang, as discordâncias e a irritação dos delegados para com a delegação chinesa estavam muito mais ligadas às “políticas de obstrução” e à “repetição monótona”¹¹⁶ das críticas à política soviética de coexistência pacífica que a uma discordância em princípios. Afinal, a tônica da reunião ecoava os chamados de Pequim à internacionalização da luta anti-imperialista. A maioria dos delegados, entretanto, priorizava a defesa da unidade perante o inimigo, que os chineses praticamente inviabilizaram. Nesse sentido, o sucesso dos soviéticos consistiu em terem aproveitado a reunião como uma oportunidade de demonstrar boa fé, declarar apoio – ao menos nominal – aos movimentos que optaram pela luta armada, e expandir sua influência nos três continentes.

Um contraponto interessante é que houve insistência – e sucesso – da delegação chinesa na manutenção da Organização de Solidariedade Afro-asiática em atuação, outro palco onde o cisma sino-soviético se expressava, com maiores vantagens e protagonismo chinês. Nesse contexto,

A pergunta central era se a OSPAA devia ser redefinida para incorporar a América Latina (que era a posição soviética) ou se mantinha-se intacta, estabelecendo um espaço organizacional paralelo para a América Latina, mas evitando que se fundisse com a OSPAA (proposta chinesa).¹¹⁷

O resultado encontrado para o dilema foi, 1) a manutenção da Organização de Solidariedade Afro-asiática; 2) a criação de um organismo latino-americano, a Organização Latino-americana de Solidariedade e 3) a criação de um órgão permanente e tricontinental com sede em Havana, a Organização de Solidariedade dos povos de África, Ásia e América Latina (OSPAAAL).

¹¹⁵ NUÑEZ, Carlos. Y ahora, en que campo está Cuba? *Marcha*, ano XXVII, n. 1293, 18 de fevereiro de 1966, p. 18.

¹¹⁶ NIEDERGANG. Los partidos comunistas encabezan la revolución? *Marcha*, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p. 16-17.

¹¹⁷ ZOLOV, Eric. La Tricontinental y el mensaje del Che Guevara. *Encrucijadas de una nueva izquierda. Palimpsesto*. Santiago de Chile: v. VI, n. 9, jan-jun, 2016. p. 8

Outro grupo que é apontado como vitorioso na Conferência é o grupo dos países árabes, bem-sucedidos em aprovar uma série de resoluções acerca do conflito árabe-israelense e em favor da Palestina. É importante notar – algo que foi apontado exaustivamente nas páginas do semanário *Marcha* – que tampouco os movimentos anti-imperialistas de Israel foram convidados a participar da Conferência Tricontinental. Naquelas páginas, as polêmicas em torno do caso de Israel, que tinham sido iniciadas com pedidos de explicações em cartas de leitores, se estenderam por alguns meses. Organizações judias e sionistas argentinas e uruguaias cobravam do Comitê Internacional Preparatório convite para uma delegação israelense que representasse as esquerdas anti-imperialistas daquele país. O corpo editorial de *Marcha*, inclusive, emitiu uma nota apoiando essas pretensões, mas a carta não obteve resposta. (O marroquino Mehdi Ben Barka, o presidente do CIP, foi sequestrado e assassinado em Paris às vésperas da conferência, e foi substituído em algumas de suas funções pelo representante da República Árabe Unida¹¹⁸ Yousef El Sebai, fator que pode ter contribuído para que o pedido fosse ignorado.)

Em um primeiro momento, a posição das cartas era de reconhecer a importância da Conferência e pleitear a participação de Israel. Entretanto, a polêmica se agrava significativamente após o término da reunião. Entre as resoluções aprovadas ali, afirmava-se que o território de Israel era utilizado como “base militar do imperialismo” no Oriente Médio. Israel é mencionada não só por sua atuação na Palestina, mas por suas ações em cooperação com o “mundo livre” no Congo, na Nigéria, e – claro – sua ação militar conjunta com França e Inglaterra contra o Egito anos antes, após a nacionalização do Canal de Suez. A Conferência aprova duas resoluções sobre a Palestina, e destacamos os seguintes pontos:

1. CONSIDERA que *o sionismo é um movimento imperialista* por natureza, com propósitos agressivos e expansionistas, e no referente a seus métodos, tem uma estrutura *racista e fascista*.
2. CONSIDERA que o estado sionista de emigrados é uma *base imperialista*, um instrumento útil e obediente do imperialismo para a agressão e penetração econômica, política e cultural e para a infiltração,

¹¹⁸ El Sebai nasceu no Egito, que durante o período compreendido entre 1958 e 1971 utilizou a denominação República Árabe Unida (RAU). O nome advém da breve união entre Egito e Síria que se inicia em 1958 e vê seu ocaso em 1961, quando um golpe de Estado na Síria volta a separar os dois países.

e como tal, Israel constitui uma *ameaça à segurança e à paz mundial* e um impedimento ao desenvolvimento do progresso nesta região.

3. CONSIDERA o direito da Palestina a libertar-se como uma extensão dos direitos inerentes e inalienáveis de todos os povos a defenderem-se.

4. CONDENA o movimento sionista e a *existência de Israel* no território ocupado da Palestina.

5. PEDE o *rompimento das relações políticas* com Israel, seu *bloqueio econômico* e cultural e *expulsão* das organizações internacionais, particularmente exorta a todos os partidos e comitês progressistas a redobrar seus esforços para combater a infiltração e penetração sionista em seus países respectivos e a cancelar os acordos firmados com Israel.

[...]

9. APOIA PLENAMENTE a *Organização de Libertação Palestina* (OLP) em sua luta pela independência deste território.

[...] ¹¹⁹ [grifo nosso]

As reações às duras palavras desta resolução inundaram as páginas do semanário *Marcha*. O conteúdo das resoluções foi acusado de ser “anti-judio”¹²⁰, “anti-israelense”¹²¹, “racista”¹²² e “chauvinista”¹²³. O artigo de Julio Adin expressa de maneira bastante clara a forma como essa resolução foi recebida: um “convite à morte”¹²⁴.

Agora são 'os condenados da terra' quem nos negam o direito de somar nossa voz à deles; de oferecer nossa solidariedade requerida de todos, exceto de nós. Não há lugar para nós entre os combatentes. Rechaçam nossa presença. Nos tiram a esperança. Nos negam o direito de existir. Que devemos fazer, suicidar-nos?¹²⁵

O autor chama atenção para o fato de que a Conferência fez clara distinção entre representantes dos povos e governos durante a elaboração dos convites de todas as delegações – diversos países foram representados por partidos e movimentos da luta armada, e não por seus governos – e o único caso em que essa regra não fora aplicada foi o de Israel. Para Adin, essa resolução entra em desacordo com os princípios da conferência, entre eles o de autodeterminação dos povos. Adin aponta que há uma contradição entre as políticas externas de Cuba e URSS acerca de Israel adotadas até então e o conteúdo aprovado na Conferência Tricontinental, e acusa as delegações de

¹¹⁹ Resolución sobre Palestina. Arquivo Histórico Digital da OSPAAAL. Acessado *in loco*, junho de 2017.

¹²⁰ Anônimo. Tricontinental (V). *Marcha*, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p. 2.

¹²¹ *Ibidem*, p. 2.

¹²² R. P. Injusticias en la Tricontinental. *Marcha*, ano XXVII, no 1296, 18 de março de 1966, p. 5.

¹²³ ADIN, Julio. Invitación a morir, *Marcha*, ano XXVII, n. 1293, 18 de fevereiro de 1966, p. 15.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 15.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 15.

Cuba e da URSS, que até então reconheciam politicamente o Estado de Israel, de utilizá-lo como “moeda de troca”¹²⁶ para conseguir o apoio dos países árabes.

Para a Juventude Sionista Socialista Mordejai Anilevich, se o sionismo é o movimento de libertação nacional do povo judeu, então ele é também parte da luta anti-imperialista, em defesa do domínio pelos judeus de seu território nacional e meios de produção. Para essa organização, a resolução promove a desunião, quando movimentos anti-imperialistas judeus e palestinos deveriam se unir e lutar contra seu inimigo comum: o imperialismo. Para eles a resolução vai contra o direito do povo judeu à sua existência e autodeterminação, contradizendo os próprios princípios que guiam a luta anti-imperialista e a moral revolucionária. Em suas palavras de conclusão, afirmam que "a paz e o socialismo no Oriente Médio serão com Israel ou não serão"¹²⁷, em defesa de uma solução que prevê a existência dos dois Estados, Israel e Palestina. Muitos dos textos reiteram que em Israel há camponeses, trabalhadores e burgueses; e, portanto, luta de classes.¹²⁸

Dante Tomassini, por sua vez, afirma que os posicionamentos em defesa de Israel publicados em *Marcha* são caracterizados por “clássico fanatismo” e “sectarismo dogmático”. Para o autor, Israel atua em favor do imperialismo, inclusive contando com sua ajuda financeira e militar. Todas as vezes em que Tomassini fala sobre a esquerda judia/israelense, ironiza colocando o termo entre aspas. O autor se lança em defesa da resolução aprovada na Tricontinental, afirmando que esta é a expressão de uma ideologia proletária, ao passo que o sionismo é uma “ideologia burguesa”¹²⁹. Tomassini define o Estado de Israel como “um engendro das forças reacionárias e contrarrevolucionárias sionistas a serviço do imperialismo na última etapa do capitalismo”¹³⁰. Por meio da leitura da resolução, bem como das acaloradas opiniões apresentadas em *Marcha*, entrevê-se um

¹²⁶ ADIN, Julio. Invitación a morir, *Marcha*, ano XXVII, n. 1293, 18 de fevereiro de 1966, p. 15.

¹²⁷ Anônimo. Tricontinental (V). *Marcha*, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p. 2.

¹²⁸ ANILEVICH, Juventud Sionista Socialista Mordejai. Tricontinental (VII). *Marcha*, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p. 3.

¹²⁹ TOMASSINI, Dante. La Tricontinental y la cuestión judia. *Marcha*, ano XXVII, n. 1299, 15/04/1966, p. 3.

¹³⁰ *Ibidem*, p. 3.

acirramento significativo das tensões entre Israel e os países árabes, que pouco mais de um ano depois culminaria na Guerra dos Seis Dias¹³¹.

Além dos aspectos explicitamente políticos da Conferência, a cobertura do semanário *Marcha* nos traz uma série de relatos especialmente interessantes por sua dimensão sensível, que nos convidam a imaginar, sentir, um pouco do que teria sido aquela experiência. Segundo Carlos Núñez, a Conferência Tricontinental caracterizava-se pela “ausência do protocolo engomado”¹³² que dominava as relações internacionais. Ademais, a recepção acalorada oferecida pelos cubanos era digna de nota, juntamente com seu “apaixonado grau de politização”¹³³.

Nunca, em nenhuma reunião ao nível mundial ou continental, me encontrei como aqui com corredores de gente aplaudindo os delegados, na rua, no aeroporto, na saída dos hotéis, com um sentido de participação que se nota, em toda ordem, como [aspecto] definitivo da Cuba revolucionária. [...] Não exagero nem um pouco ao dizer que, em menos de 24h, encontrei mais cubanos preocupados com a situação do Uruguai que conheço uruguaios atentos ao continente.¹³⁴

Relatos que mesclam a cobertura estritamente política da Conferência à tentativa de abordá-la sob uma perspectiva que valoriza as experiências sensíveis de seus participantes em Havana abundaram nas páginas de *Marcha*. Nesse sentido, o artigo de Marcel Niedergang oferece interessante relato acerca das dificuldades encontradas pelas esquerdas latino-americanas para participar da reunião, em especial as dificuldades para estabelecer contato entre si, compartilhar informações e constituir alianças políticas. O bloqueio estadunidense, por sua vez, influenciava os caminhos percorridos pelas delegações para chegar à Cuba, e mais ainda para voltar ao país de origem após encerradas as atividades.

Um comandante da *Frente Sur de Colombia* gastou um mês e meio para

¹³¹ Ocorrida entre 5 e 10 de junho, a Guerra dos Seis Dias consolidaria de maneira definitiva a ocupação israelense em territórios que anteriormente pretendiam aos árabes, e agravando ainda mais as relações entre Israel e seus vizinhos. Partes das Colinas de Golã sírias, da Península do Sinai pertencentes à República Árabe Unida (RAU), e da Cisjordânia, na fronteira com a Jordânia, passam ao controle de Israel; centenas de milhares de palestinos são deslocados e se refugiam nos países vizinhos.

¹³² NUÑEZ, Carlos. El Tercer Mundo en la Habana. *Marcha*, ano XXVI, n. 1287, 31 de dezembro de 1965, p. 9.

¹³³ *Ibidem*, p. 9.

¹³⁴ *Ibidem*, p. 9.

chegar em Havana, depois de peripécias e incidentes de itinerário cujos detalhes não se pode revelar aqui. O responsável militar venezuelano da guerrilha do Oriente precisou de *vinte dias de viagem*, e alguns dirigentes políticos de organizações revolucionárias tinham deixado seus países há *dois meses*. Retido no México, o líder das Ligas Camponesas do nordeste brasileiro, Francisco Julião, - que tinha conseguido abandonar o Rio logo depois de sua saída da prisão - não pôde unir-se à Tricontinental. Alguns delegados africanos e asiáticos acharam muito longa a viagem até Havana. Mas o que diriam os chilenos - obrigados ao rodeio por Praga - ou até mesmo vizinhos mais próximos de Cuba, como os dominicanos e jamaicanos, que *precisaram cruzar duas vezes o Atlântico para retornar quase que ao seu ponto de partida?*¹³⁵ [grifo nosso]

Tudo isso valia a pena, afirma o autor, já que, apesar dos riscos, os participantes estavam dispostos a enfrentar todas as consequências para “provar que Cuba não está isolada politicamente e manifestar essa unidade e essa solidariedade frente ao imperialismo norte-americano”¹³⁶. Luis Pedro Bonavita, membro da delegação uruguaia que também oferece seu relato nas páginas de *Marcha*, é bastante perspicaz quanto às limitações e desafios da conferência, sendo um dos poucos a apontar um limite incontornável dos esforços empreendidos em Havana: o linguístico.

Os idiomas oficiais da Conferência eram o espanhol, o francês, o inglês e o árabe. *Mas em quantas línguas se expressavam os dramas dos povos da África e da Ásia? A dor só se pode expressar na língua de quem sofre, e um percebeia que a intensidade da denúncia era muito mais forte que a versão irremediavelmente incompleta das traduções.*¹³⁷ [grifo nosso]

Apesar destas dificuldades, Bonavita ressalta os méritos da Tricontinental, na medida em que foi um momento que rompeu com o isolamento entre os povos do mundo. Os argumentos contra seu formato que buscam deslegitimar sua representatividade – a presença de movimentos revolucionários e de libertação nacional, e não apenas governos – são, na verdade, críticas àquilo que foi seu principal mérito: reunir povos. Para o autor, é desse mérito que surge o medo dos imperialistas frente à Tricontinental, já que é por

¹³⁵ NIEDERGANG. Los partidos comunistas encabezan la revolución? *Marcha*, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p. 16-17.

¹³⁶ *Ibidem*, p. 17.

¹³⁷ BONAVITA, Luis Pedro. Crónica de la Tricontinental. *Marcha*, ano XXVII, n. 1292, 11 de fevereiro de 1966, p.19.

trás da formalidade de organismos com a OTAN e a OEA, por trás precisamente de sua construção *formalmente* perfeita, que se escondem “a dominação, a entrega, exploração e o crime contra os povos”¹³⁸. Era do interesse dos imperialistas, afinal, que “os prostrados não saibam que outros se levantam. Até que a Primeira Conferência Tricontinental de Havana invalidou a técnica do silêncio”¹³⁹.

Pensar a crença na revolução mundial iminente que dominou os sessenta/setenta a partir de uma perspectiva que valoriza as sensibilidades compartilhadas pelos grupos que atuavam naquele momento nos parece um caminho bastante interessante e, em alguma medida, pouco explorado. As respostas dos intelectuais à pesquisa¹⁴⁰ conduzida por Carlos Nuñez em Havana permitem enxergar alguns aspectos que marcaram as sensibilidades deste momento de convulsão política e social. Nuñez inicia a apresentação da pesquisa se perguntando:

O que faziam aqui, junto aos exóticos gorros de pele dos zimbabuianos, entre os rostos curtidos dos guerrilheiros venezuelanos e o olhar ardido de uma heroína vietnamita, homens como Vargas Llosa, como Alberto Moravia, como Manuel Rojas? Quer dizer: em que ponto do caminho que esta Conferência se propunha a abrir podiam convergir interesses e inclinações aparentemente tão díspares?¹⁴¹

As respostas oferecidas indicam que a crença em um mundo transformado pela revolução era compartilhada naquele momento não só por aqueles que empunhavam as armas, mas contaminava também os meios intelectuais. Adriane Vidal Costa chama atenção para o fato de que se cobrava desses intelectuais a tarefa “não apenas de defender a revolução, mas de realizá-la em seus respectivos países, onde a realidade nem sempre

¹³⁸ BONAVIDA, Luis Pedro. Crónica de la Tricontinental. *Marcha*, ano XXVII, n. 1292, 11 de fevereiro de 1966, p. 19.

¹³⁹ *Ibidem*, p. 19.

¹⁴⁰ A pesquisa de Nuñez é abordada de maneira mais extensa que a proposta aqui por Adriane Vidal Costa (p.67-72). De maneira mais ampla, sobre o tema do papel dos intelectuais e sua relação com as revoluções na América Latina, conferir: COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina* – o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa. São Paulo: Alameda, 2013; GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003; MISKULIN, Silvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009.

¹⁴¹ NUÑEZ, Carlos. Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional. *Marcha*, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p. 20.

era favorável”¹⁴². Entre os latino-americanos, especialmente, predomina a necessidade de compromisso ou de auto-definição, e exceções a esse posicionamento foram escassas. Entre elas, o escritor peruano Mario Vargas Llosa¹⁴³ distingue entre o escritor e o intelectual, defendendo que o escritor deve resguardar sua espontaneidade criativa, ainda que acredite que tanto o escritor quanto o intelectual devem participar da libertação nacional como cidadãos.¹⁴⁴

Entre os demais intelectuais latino-americanos, como o poeta colombiano Jorge Zalameda, predomina a ideia de que nos atuais tempos de ebulição política, o trabalho do artista não é “dedicar-se à análise introspectiva”¹⁴⁵ mas assumir o papel de “testemunho de seu tempo”¹⁴⁶ e “participar da mudança da sociedade”¹⁴⁷. Seguindo linha de raciocínio semelhante, Elvio Romero afirma que o intelectual deve escrever sobre a revolução e se comprometer com ela por que *sente*, como “expoentes máximos da espiritualidade e da consciência de seu povo”¹⁴⁸. Participar da revolução era resultado de um sentimento de dor e indignação compartilhadas nos três continentes, como demonstra o trecho abaixo.

É quase *impossível* conceber nestes tempos um pensador ou um artista que evite tomar-se por essa respiração coletiva, esperançosa de ver transformada a terra que o acalenta. [...] Vemos nesta primeira Conferência de Solidariedade dos povos de África, Ásia e América Latina, quando as palavras se *incendeiam de ira* frente a inqualificáveis atos agressivos que repugnam pelo tamanho de sua vileza[.] *Quando se é capaz de sentir - como se fosse mesmo o coração do mundo - o padecimento imenso de outros povos que não o seu*, [capaz] de ver a si mesmo sangrando se alguém, em Santo Domingo, em Vietnã, derrama seu sangue por uma dignidade sem a qual não vale a pena viver.¹⁴⁹
[grifo nosso]

¹⁴² COSTA, Adriane Vidal. Intelectuais, política e literatura na América Latina – o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa. São Paulo: Alameda, 2013. p. 71.

¹⁴³ Para uma análise da trajetória política e intelectual do escritor peruano, conferir: COSTA, Adriane Vidal. Intelectuais, política e literatura na América Latina – o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa. São Paulo: Alameda, 2013.

¹⁴⁴ LLOSA, Mario Vargas. Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional. *Marcha*, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p. 20.

¹⁴⁵ ZALAMEA, Jorge. Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional. *Marcha*, ano XXVII, n. 1293, 18 de fevereiro de 1966, p. 22.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 22.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p. 22.

¹⁴⁸ ROMERO, Elvio. Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional. *Marcha*, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p. 21.

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 21.

É curioso perceber que, enquanto alguns setores das esquerdas afirmaram que a Conferência Tricontinental não foi suficientemente socialista ou radical em sua defesa da via revolucionária, essa motivou uma série de reações ao redor do mundo, especialmente entre os que a temiam e criticaram nos Estados Unidos, na Europa e na América Latina. Essas incluíram pedido de explicações ao embaixador soviético no Uruguai, bem como a convocação de uma reunião da Organização dos Estados Americanos (OEA) pelo governo peruano, que culminaria na aprovação de uma resolução condenando não só a Conferência, mas também o próprio governo cubano por ato de intervenção e agressão contra os países americanos.¹⁵⁰

Atribuídas as necessárias matizações, para aqueles que partilharam da crença de que o mundo estava prestes a mudar por meio da luta revolucionária, para os que acreditaram que aquela “grande humanidade havia dito basta, e começado a andar”¹⁵¹, os sessenta/setenta corresponderam a um momento em que o Terceiro Mundo passa a significar revolução, e não de neutralismo ou não-alinhamento. Nesse sentido, a Conferência Tricontinental foi espaço de convergência daqueles que partilhavam desta leitura, deste projeto e suas aspirações, assim como o foi a revista *Tricontinental*.

1.2. A revista *Tricontinental*: reflexões sobre um projeto editorial

Como apresentamos na seção anterior, entre suas resoluções, a Conferência Tricontinental determinava a constituição de uma organização que assumisse como tarefa principal a implementação dos acordos firmados na reunião ¹⁵², bem como o fortalecimento e a institucionalização das relações de solidariedade ali inauguradas. Uma vez criada, a OSPAAAL seria dotada de um Secretariado Executivo debatido e aprovado

¹⁵⁰ COVARRUBIAS, Ana. Cuba and Mexico: A Case for Mutual Nonintervention. *Cuban Studies*. 1996, vol. 26, p. 127.

¹⁵¹ *Segunda Declaración de La Habana*. 04 de fevereiro de 1962. Acessado em: 28/08/2017. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f040262e.html>>

¹⁵² A Conferência foi dividida nas Comissões Social-Cultural, Econômica, Política, e de Organização; e nas subcomissões de Colonialismo e Neocolonialismo, Assuntos Candentes e Vietnã. Cada uma dessas publicou pelo menos uma resolução geral e diversas específicas.

pela *Comisión de Organización* da Conferência, e ratificado por sua Assembleia Geral. O formato previa um Secretariado Geral cubano – em que Osmany Cienfuegos atuava como Secretário Geral, e Carlos Lechuga como Secretário Geral Adjunto – e outros 12 delegados atuavam como Secretários Executivos, 4 representantes por continente.

A participação no secretariado se dava sob a forma do envio de delegados de organizações, comitês nacionais e/ou partidos. A edição de número 10 da *Tricontinental*, referente a janeiro e fevereiro de 1969, conduziu-se uma pesquisa¹⁵³ em comemoração dos três anos da Conferência Tricontinental, que perguntava aos delegados representados no secretariado executivo acerca do significado da Conferência Tricontinental. Essa nos permitiu mapear não só os países que compuseram o secretariado, mas algumas das organizações e nomes de destaque. Desde a constituição do Secretariado em 1966, e pelo menos até 1969, sabemos que a América Latina era representada por Venezuela, Santo Domingo (República Dominicana), Porto Rico¹⁵⁴ e Chile¹⁵⁵. A África era representada pela República Árabe Unida¹⁵⁶, pela Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas (CONCP)¹⁵⁷, pelo Congo Leopoldville¹⁵⁸ e pela Guiné [Conakry]¹⁵⁹.

¹⁵³ Encuesta: Significado de la Conferencia Tricontinental. *Tricontinental*, Havana, n.10, jan-fec 1969, p. 127-136.

¹⁵⁴ Estimamos que pelo Movimiento Pro-Independencia de Puerto Rico (MPI), que aparecerá nas páginas da revista, com a publicação de documentos oficiais e textos escritos por seus membros.

¹⁵⁵ O Chile era representado pela Frente de Acción Popular de Chile (FRAP), aliança entre socialistas, comunistas e outras forças de esquerda que antecedeu a coligação eleitoral *Unidad Popular*, sob cuja bandeira o governo do presidente Salvador Allende seria eleito em 1970.

¹⁵⁶ A República Árabe Unida (RAU) advém da breve união entre Egito e Síria que se inicia em 1958 e vê seu ocaso em 1961, quando um golpe de Estado na Síria volta a separar os dois países. A denominação continuou sendo utilizada pelo Egito durante o período compreendido entre 1958 e 1971.

¹⁵⁷ Paulo Jorge, membro do Movimento Popular de Libertação de Angola foi o delegado angolano que representou a CONCP a partir de meados de 1968, substituindo Abílio Duarte, membro do Partido Africano para Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Vale notar que a CONCP representou os movimentos de libertação da África de expressão portuguesa de maneira unificada perante a Conferência Tricontinental, em delegação liderada pelo guineense-caboverdiano Amílcar Cabral. Pouco após a independência, a Guiné de colonização portuguesa adota o nome de República da Guiné-Bissau. Não confundir a Guiné lusófona com outros dois países africanos que adotam o nome de Guiné: a de colonização francesa com capital em Conakry; ou a de colonização portuguesa, espanhola e francesa com capital em Malabo, hoje denominada Guiné Equatorial.

¹⁵⁸ À época, identificavam-se os respectivos Congo em função dos nomes de suas capitais, de modo que é importante esclarecer que o Congo representado no secretariado executivo da OSPAAAL corresponde ao Congo que fora colonizado pelos belgas, à época tratado como Congo (Leopoldville) ou Congo (L). O país foi conhecido por vários nomes desde sua independência: República do Congo (Léopoldville) [até 1971] e República do Zaire [entre 1971 e 1997], e por fim República Democrática do Congo [nome que foi utilizado nos anos sessenta, e é recuperado de 1997 em diante]. Não deve ser confundido com o Congo (Brazzaville), de colonização francesa, conhecido hoje como República do Congo.

Já a Ásia, encontrava-se representada pelo Paquistão, a Síria¹⁶⁰, o Vietnã do Sul¹⁶¹ e a Coreia [do Norte]¹⁶².

A atuação da OSPAAAL se subdividia em quatro departamentos¹⁶³, cuja chefia deveria ser rotativa entre os membros do Secretariado Executivo. Nesse contexto, o *Departamento Económico-Político* tornou-se responsável por elaborar calendários anuais de ações de solidariedade; criar uma Escola de Quadros Tricontinental; estabelecer e fortalecer relações com outras organizações regionais e internacionais pertinentes; e monitorar e elaborar de informes acerca da situação política e econômica dos países dos três continentes. O *Departamento de Organización y Enlace* foi responsável pela administração e formulação das correspondências oficiais da organização; fomento à implementação de Comitês Nacionais de Solidariedade integrados à estrutura da OSPAAAL; e pela preparação de uma Segunda Conferência Tricontinental¹⁶⁴. O *Departamento Socio-Cultural*, assumiu a publicação da revista *Tricontinental*, de dezenas de livros, e atuou conjuntamente com o Instituto Cubano de Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC) na produção de documentários e filmes de curta-metragem.

¹⁵⁹ O país tornou-se independente da colonização francesa em 1957, após o sucesso da campanha por um plebiscito que decidiu pela independência, liderado por Ahmed Sékou Touré e pelo Partido Democrático da Guiné (PDG). A República da Guiné, com capital em Conakry, é representada no secretariado da OSPAAAL por Dabo Bengaly, que por sua vez é vinculado ao PDG.

¹⁶⁰ William Khoury representava o Partido Baath sírio, que governa a Síria desde 1963 – ainda que tenha passado por diversas rearticulações internas significativas desde então. Uma tradução livre de Baath seria Partido do Renascimento Árabe Socialista, que mescla ideias ligadas ao socialismo e o pan-arabismo. O partido sírio advém da dissolução e divisão entre o Partido Baath sírio e iraquiano que havia sido criado em finais dos anos quarenta.

¹⁶¹ A Conferência de Genebra de 1954 dividiu o Vietnã em dois países, ao norte e ao sul do paralelo 17. Afirmava-se, então, o interesse de reunificar o país posteriormente, após a realização de eleições democráticas. Desse modo, o Vietnã do Norte passou a ser denominado República Democrática do Vietnã, governada por Ho Chi Mihn, ao passo que o Vietnã do Sul foi denominado República do Vietnã. Os Estados Unidos foram acusados constantemente por *Tricontinental* não só de forçar a divisão do país, bem como forjar resultados de eleições na porção Sul, à fim de manter ali um governo aliado aos seus interesses. No secretariado da OSPAAAL, o Vietnã do Sul é representado pela Força de Libertação Nacional do Vietnã (FLN), responsável pela organização da resistência armada ao governo “títere” aliado do imperialismo, em defesa da reunificação sob o governo socialista do Norte.

¹⁶² Mais especificamente, Kim Kil Jem representava o Partido do Trabalho da Coreia que, desde a Guerra da Coreia, era liderado por Kim Il Sung e responsável pelo governo da formalmente chamada República Popular Democrática da Coreia, popularmente conhecida como Coreia do Norte. É importante deixar claro que a Coreia do Norte não é identificada assim nas páginas da revista, mas apenas como Coreia; a todo tempo fala-se do interesse em uma reunificação, que unisse ambos lados do paralelo 38 sob um único governo, alinhado às esquerdas.

¹⁶³ Arquivo Histórico da OSPAAAL. Pasta 288: Planes de Trabajo de los departamentos.

¹⁶⁴ Esta segunda Conferência estava proposta para acontecer no Cairo, em 1968, e não ocorreu, principalmente em decorrência do conflito sino-soviético.

Ademais, o *Departamento de Información y Propaganda* trabalhou na produção e circulação de boletins informativos, cartazes¹⁶⁵ e programas de rádio.

É possível sugerir que a atuação mais contundente e bem-sucedida da organização se deu no âmbito da produção, difusão e circulação de sua produção editorial, de cunho político, teórico e também cultural. A documentação consultada, por outro lado, indica que a atuação dos departamentos não pode ser pensada de maneira isolada, já que atas de reuniões, relatórios e planos de trabalho deixam claro o quanto o funcionamento interno da OSPAAAL interconectava a atuação de distintas esferas. As viagens organizadas pelo secretariado incorporavam tarefas relacionadas a todos os departamentos simultaneamente: estabelecer conexões, buscar material fotográfico e bibliográfico, conceder entrevistas, entrevistar líderes políticos, acordar a filmagem de documentários, estabelecer contato com intelectuais, etc.¹⁶⁶ Ademais, as revistas produzidas pelo *Departamento Socio-Cultural* eram distribuídas em conjunto com os cartazes produzidos pelo *Departamento de Información y Propaganda*, ou com rolos dos filmes elaborados conjuntamente com o ICAIC¹⁶⁷.

Enfim, entre as funções do Secretariado Geral estava precisamente atuar como coordenador das atividades, a fim de que todas fossem aproveitadas da maneira mais interessante possível para os objetivos da organização como um todo. Ainda que não tenhamos tido a oportunidade de consultar tantos documentos que exponham os meandros da atuação da organização, ousamos afirmar com base nos que foram

¹⁶⁵ Os cartazes, sobre os quais não nos pudemos debruçar ao longo desse trabalho, operaram diretamente na elaboração de imaginários acerca de resistência e insurgência, buscando produzir solidariedade, e certamente serão objeto de investigações futuras. Alguns deles são abordados por Claudia Gomes de Castro em dissertação de mestrado sobre o cartelismo cubano, especialmente no capítulo III, intitulado “*Hecho em Cuba: os cartazes de propaganda política cubanos dão a volta ao mundo*”. Ver: CASTRO, Claudia Gomes de. *Imagens da Revolução Cubana: os cartazes de propaganda política do Estado socialista (1960-1986)*. Dissertação de Mestrado defendida perante o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2006.

¹⁶⁶ “Sugerencias para un plan de trabajo”. Arquivo Histórico da OSPAAAL. Pasta 288: Planes de Trabajo de los departamentos.

¹⁶⁷ “Sugerencias para un plan de trabajo” lista, em 1968, as produções de “Hanoi, martes 13” de Santiago Álvarez, e “Madina”, de José Massip, como exemplos de produção fílmica conjunta entre OSPAAAL e ICAIC. Outros documentários e filmes de curta-mensagem são listados, como “Determinados a Vencer”, sobre o Vietnã do Sul, “La Guerra Olvidada de Laos”; ou ensejados para produção futura, como um documentário curto sobre a Palestina e outro sobre a Guiné Conakry, intitulado “Imágenes de Conakry”. Não dispusemos de fontes suficientes para mapear a totalidade dessa produção associada. Arquivo Histórico da OSPAAAL. Pasta 288: Planes de Trabajo de los departamentos.

consultados que a revista, enquanto “órgão teórico” da OSPAAAL, imprime e cristaliza percursos e trajetórias que, na maioria dos casos, ultrapassam em muito suas páginas.

Essa aproximação tão demarcada entre os empreendimentos informativos, propagandísticos, teóricos e culturais e o funcionamento geral da organização alude de maneira significativa à tradição marxista-leninista. Vladimir Lenin, antes e durante a Revolução Russa, defendeu a fundação de “um jornal político para toda a Rússia”¹⁶⁸, acreditando que uma publicação desse tipo poderia atuar como um organizador coletivo. O marxismo-leninismo, afinal, previa uma revisão da obra de Marx que complexificava as reflexões acerca da relação entre *infraestrutura* e *superestrutura*, demonstrando como ambas se influenciam mutuamente e afirmando que a segunda deveria, também, ser objeto da disputa política. A ideia de fundar um jornal com o objetivo de que esse atuasse como um “organizador coletivo” previa que o próprio processo de edição e distribuição do jornal teria como efeito a formação de relações efetivas entre seus distintos locais de produção. O jornal tinha, ainda, as funções de incitar o pensamento e a reflexão, além de educar o povo para a formação de organizações políticas fortes e atuaria como um *meio* de organização política, e não um fim em si. Bem, reconhecemos que uma revista bimensal dificilmente produziria contatos tão intensos quanto um jornal semanal, e ainda assim, para as esquerdas nesse período, a fundação de publicações periódicas respondia à pergunta lançada por Lenin em “Que fazer?": a certeza de que “é preciso sonhar” e a aposta no potencial organizativo coletivo de publicações periódicas.¹⁶⁹

Beatriz Sarlo afirmou que revistas devem ser compreendidas como uma modalidade de intervenção cultural que busca “cortar com o discurso a ausência de um debate estético ou ideológico”¹⁷⁰, aspirando a “ser uma presença imediata na atualidade”¹⁷¹. Fernanda Beigel e sua noção de “editorialismo programático”, por sua vez, convidam à reflexão sobre como publicações de caráter vanguardista – categoria em que certamente se encaixa a revista *Tricontinental* – tinham como objetivo materializar

¹⁶⁸ LENIN, Vladimir. “Plano de um jornal político para toda a Rússia”. In: *Que Fazer? As questões palpitantes do nosso movimento*. São Paulo: Editora Hucitec, 1986. p. 119-138.

¹⁶⁹ Agradecemos à Máira Nascimento e Felipe Oliveira Malacco pelas leituras indicadas e conversas sobre o tema, que possibilitaram um diálogo mais próximo com a bibliografia sobre a Revolução Russa e a história do marxismo.

¹⁷⁰ SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *America, Cahiers du CRICCAL*. Paris, n. 9-10, 1992. p. 9.

¹⁷¹ *Ibidem*, p. 9.

“novas formas de difusão cultural ligadas a uma aspiração [...] revolucionária”¹⁷², tornando-se espaço para explorações teóricas e preparações de uma determinada ação política. Revistas vanguardistas são objetos capazes “de lançar luz sobre as particularidades da construção de um projeto coletivo”¹⁷³, por evidenciarem os conflitos e urgências presentes no curso de sua história. Nesse sentido, a revista *Tricontinental* buscou cortar a realidade com um discurso elaborado por e para movimentos revolucionários do “Terceiro Mundo”, e intervir de maneira não apenas imediata e informativa, mas também reflexiva e teórica na realidade. A publicação dá a conhecer sobre movimentos revolucionários e de libertação nacional dos três continentes e a aliança entre eles, conformada na criação da OSPAAAL, especialmente a partir do momento em que se autointitula seu “órgão teórico”.

O projeto editorial da revista está diretamente relacionado às resoluções da Conferência e ao funcionamento da OSPAAAL, em especial à resolução aprovada pela *Comisión Social y Cultural*, que elencava entre seus objetivos “romper o monopólio cultural da chamada ‘civilização ocidental cristã’”¹⁷⁴, por meio da tradução, impressão e difusão de obras culturais diversas, bem como da “publicação de uma revista mensal ou bimensal, com edições especiais para os povos de Ásia, África e América Latina”¹⁷⁵.

O editorial de fundação da revista *Tricontinental* se inicia com um relato acerca da conjuntura mundial, que cita as lutas no Vietnã, a luta contra o colonialismo português, as guerrilhas latino-americanas e a busca por consolidação da independência no Congo. A essa introdução, se segue uma citação da *Mensagem à Tricontinental* de Ernesto Che Guevara, clamando por um “verdadeiro internacionalismo proletário; com exércitos proletários internacionais, onde a bandeira sob a qual se luta seja a causa sagrada da redenção da humanidade”¹⁷⁶. Os objetivos da publicação eram, nesse momento, alcançar uma maior compreensão dos problemas enfrentados pelos povos do Terceiro Mundo, e entender como superá-los por meio de ações eficazes.

¹⁷² BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia Latinoamericana. *Utopía y Praxis Latinoamericana*. n. 20, 2003, p. 109.

¹⁷³ *Ibidem*, p. 112.

¹⁷⁴ Arquivo Histórico da OSPAAAL. Pasta 10: Proyecto de Informe de la Comision social y cultural.

¹⁷⁵ *Ibidem*.

¹⁷⁶ GUEVARA, Ernesto Che apud Editorial. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967, p. 1.

O diagnóstico era de que a superação desses problemas perpassava precisamente a denúncia e o combate ao “sistema imperialista mundial”¹⁷⁷. Nesse contexto, a “solidariedade” militante apresenta-se como uma necessidade inevitável, motivada por uma “identidade de problemas e comunidade de aspirações”¹⁷⁸. O editorial assume a tônica conferida por Guevara em sua mensagem: ser solidário ao Vietnã, como conclamou o líder cubano, era lançar-se à sua mesma sorte e à luta armada. Mais que por meio de palavras, é por meio da abertura de novas frentes de luta contra o imperialismo – especialmente de luta armada –, que se demonstrava apoio ao povo vietnamita e a todos os povos que se encontravam sob o jugo colonial, imperialista ou neocolonial. Uma posição curiosa, afinal: um projeto editorial que critica os limites da palavra escrita, e cujo objetivo primordial é ultrapassar suas próprias páginas.

É interessante notar como os três termos – colonialismo, imperialismo e neocolonialismo – são citados de maneira conjunta, e percebidos como distintas experiências históricas de dominação que são, em alguma medida e a um só tempo, compartilhadas pelos povos dos três continentes. Seguindo a linha de outros documentos como o “*Antecedentes y objetivos del movimiento de solidaridad de los pueblos de África, Asia y América Latina*”¹⁷⁹, distribuído às delegações antes do início da Conferência Tricontinental, e a Declaração Geral da Conferência¹⁸⁰, o editorial de fundação da revista posiciona o colonialismo, o imperialismo e o neocolonialismo no centro de uma possível leitura da história da humanidade, e mais especialmente, de um diagnóstico sobre os anos sessenta. Esses fenômenos são compreendidos não de maneira isolada, mas como processos interligados que, juntos, forjaram as contradições que seriam o motor da tão necessária transformação por meio da ruptura radical. Tal movimento difere significativamente de outras formas de narrar e articular a história humana à luz de um mundo cada vez mais globalizado, operando na contramão, por

¹⁷⁷ Editorial. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967, p. 1.

¹⁷⁸ *Ibidem*, p. 2.

¹⁷⁹ Arquivo Histórico Digital da OSPAAAL. Não está disponível on-line. Acessado em Havana, Cuba, em junho de 2017.

¹⁸⁰ *Ibidem*.

exemplo, das teorias sociológicas da modernização e do desenvolvimento econômico desenvolvidas nos Estados Unidos no mesmo período¹⁸¹.

Tricontinental se propôs a publicar as “colaborações dos mais destacados dirigentes do Terceiro Mundo assim como de intelectuais revolucionários que estão intimamente ligados às manifestações culturais dos países subdesenvolvidos”¹⁸². Seu objetivo era atuar como “órgão de agitação, difusão e intercâmbio de experiências revolucionárias assim como das ideias mais nobres daqueles homens que lutam, sentem e pensam na liberdade plena da humanidade”¹⁸³. O editorial de fundação se encerra citando um trecho da Segunda Declaração de Havana¹⁸⁴: “*Esta gran humanidad ha dicho ¡Basta! y a hechado a andar*”. O trecho é seguido de outro, que a revista não cita expressamente, mas que vale a pena recuperar: “*y su marcha, de gigantes, ya no se detendrá hasta conquistar la verdadera independencia*”¹⁸⁵. A frase, em sua versão completa, carrega o binômio que guia o projeto editorial em questão, combinando a resistência e a denúncia ao colonialismo e ao imperialismo à defesa da adoção de medidas drásticas para seu combate por meio da revolução, da luta armada e da insurgência, em busca de uma emancipação definitiva.

A revista se propõe, em sua primeira carta *Al lector*, a operar como uma tribuna de ideias, por meio da qual seu público possa não apenas saber “sobre como vive, o que quer, como pensa e como atua este homem do Terceiro Mundo”¹⁸⁶, mas também produzir suas próprias análises e conclusões sobre os caminhos das esquerdas nos três continentes. Nessa seção, a revista se posiciona como “comprometida ao ponto de apresentar ou discutir documentos e posições que não lhe são inerentes, mas que podem ajudar de uma

¹⁸¹ Entre os principais defensores das teorias da modernização como caminho para o desenvolvimento econômico podemos citar Martin Seymour Lipset, ao passo que uma teoria “não-comunista” das etapas do desenvolvimento econômico foram desenvolvidas por Walt Whitman Rostow. A resposta da *Tricontinental* a esses autores será discutida ao longo do capítulo 3, e consistiu na crítica marxista e/ou vinculada à Teoria da Dependência. Sobre as teorias do desenvolvimento, conferir: LIPSET, Seymour Martin. “Values, Education and Entrepreneurship” [1967] In: KLAREN, Peter F. *Promise of Development: Theories of Change in Latin America*. Westview press, 1987; ROSTOW, Walt Whitman. *The Stages of Economic Growth: a Non-communist manifesto*. [1960] Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

¹⁸² Editorial. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967, p. 2.

¹⁸³ *Ibidem*, p. 2.

¹⁸⁴ *Segunda Declaración de La Habana*, 04 de fevereiro de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f040262e.html>>. Acesso em: 28/08/2017.

¹⁸⁵ *Ibidem*.

¹⁸⁶ *Al lector*. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967, p. 4.

forma ou de outra a esclarecer ou a informar sobre fatos e sucessões de nossa realidade contemporânea”¹⁸⁷.

Em relação ao editorial de fundação da revista *Tricontinental*, cabe a nós uma postura crítica e atenta. Por um lado, constatamos que de fato a revista publicou uma multiplicidade de textos, em seu estilo e em sua proveniência, buscando cumprir a promessa de publicar mesmo artigos que não eram “inerentes” aos seus interesses ou ao discurso oficial da Revolução Cubana. Por outro lado, cabe reconhecer que há um editorialismo forte por trás do formato adotado em suas páginas. Esse editorialismo foi bastante complexo, na medida em que se posicionava não só em relação à situação interna cubana, mas era também determinado pelas interações entre cubanos e outros movimentos – também diversos – que compunham as redes de relações tecidas pela OSPAAAL.

É importante notar que entre os mais destacados nomes ligados à revista *Tricontinental*, muitos fizeram parte de outras instâncias governamentais cubanas. Carlos Lechuga, primeiro secretário-geral adjunto da OSPAAAL, atuou como diplomata vinculado ao *Ministerio de Relaciones Exteriores* durante muitos anos. José Pérez Novoa, primeiro diretor do *Departamento Socio-Cultural* e editor chefe da revista em seus primeiros anos, parece também ter seguido carreira nessa instituição. O artista plástico Alfredo Roostgard atuou como diretor de criação no *Departamento de Información y Propaganda* durante muitos anos, sendo responsável pela produção de inúmeros cartazes de solidariedade; também atuou em outras instituições cubanas como o ICAIC, a *Casa de las Americas* e a *Unión Nacional de Escritores y Artistas Cubanos* (UNEAC). O cargo de Secretário Geral da organização foi assumido primeiramente pelo guerrilheiro e arquiteto de formação Osmany Cienfuegos e posteriormente pela militante e diplomata Melba Hernández, sendo que ambos participaram do *Movimiento 26 de Julio*. Mais tarde, ambos se tornaram membros do Partido Comunista de Cuba (PCC), no momento em que o governo consolidava o partido e buscava minimizar a influência de comunistas ligados ao antigo *Partido Socialista Popular* (PSP)¹⁸⁸.

¹⁸⁷ Al lector. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967, p. 4.

¹⁸⁸ Mariana Villaça descreve esse momento como sendo de “re-acomodação política”, em que os comunistas “dogmáticos” ligados ao PSP perdem espaço dentro do recém fundado Partido Comunista de Cuba (PCC) para uma geração mais jovem e ligada ao M-26. A re-acomodação carrega uma marca

Desse modo, emerge aqui o multifacetado status da organização, ao mesmo tempo ligada ao governo cubano por meio da participação de seus funcionários no Partido Comunista de Cuba e em outras áreas do governo e autônomo em relação a ele, por subordinar-se a uma organização internacional que é liderada por Cuba, mas que não é integralmente cubana. Essas características embaralham as possibilidades de leitura. A partir do perfil de alguns de seus funcionários e de uma análise dos conteúdos publicados na revista em relação à política cubana no período, acreditamos ser possível afirmar que a OSPAAAL se constitui como o que Mariana Villaça define como um espaço privilegiado¹⁸⁹: seus funcionários participavam do governo e o apoiavam diretamente, e talvez por isso mesmo a organização tenha gozado de certa autonomia em relação às políticas de controle e censura. Não deixava, entretanto, de aderir a diversos elementos que predominavam no discurso oficial naquele período.

A revista *Tricontinental* precisava equilibrar-se entre as múltiplas influências, interesses e objetivos manifestos dentro e fora da ilha. Afinal, tão importante quanto mostrar-se relevante e interessante aos olhos do governo cubano, era a manutenção de aliados, leitores e assinantes fora de Cuba. Nesse sentido, incorporava um projeto de fortalecimento do apoio à Revolução, fora da ilha, e de legitimação da política externa cubana, dentro da ilha. Nos primeiros anos, o objetivo parece ser a constituição de uma via para o internacionalismo revolucionário que fosse autenticamente cubana e marcadamente *guevarista*. Em alguns momentos a revista assumiu posturas mais enfáticas de defesa do governo cubano, como em resposta ao polêmico *caso Padilla*, em 1971. Em outros aspectos, buscou tensionar os posicionamentos de apoio à União

contraditória, na medida em que novas decisões acerca da política cultural cubana se afirmam antidogmáticas, mas, ao mesmo tempo, incorporam muitos valores do realismo soviético que criticam. Conferir: VILLAÇA, Mariana Martins. *O Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC) e a política cultural em Cuba (1959-1991)*. Tese defendida perante o Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP).

¹⁸⁹ O conceito permeia toda a tese defendida por Mariana Villaça, segundo a qual espaços de produção cultural como a *Casa de las Americas* e o ICAIC gozaram de relativa autonomia em relação ao governo e às políticas culturais adotadas pela Revolução Cubana, constituindo-se como espaços privilegiados. A autora ressalta que mesmo em momentos de patrulha ideológica ou maior controle do meio cultural, nem todos os cineastas vinculados ao ICAIC foram afetados da mesma maneira. Ademais, a normatização e vigilância das atividades da instituição oscilaram entre momentos de controle mais direto e intenso – como após o *caso Padilla*, durante o *quinquênio gris* – e momentos em que o instituto gozou de maior autonomia. Conferir: VILLAÇA, Mariana Martins. *O Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC) e a política cultural em Cuba (1959-1991)*. Tese defendida perante o Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP).

Soviética. Em pleno ano de 1968, enquanto Fidel Castro apoiava abertamente a invasão à Tchecoslováquia, *Tricontinental* seguia apontando contradições dos Partidos Comunistas latino-americanos, ecoando as críticas de Ernesto Che Guevara à URSS e até mesmo abrindo espaço para líderes trotskistas como Ernest Mandel. Esses elementos corroboram para nossa hipótese de que *Tricontinental* operou como fundamental ponto de apoio ao governo cubano, operando na interseção entre política cultural e política externa. De todo modo, em alguns momentos, de maneira sutil, tensionou posições adotadas pelo governo. Em ambos casos, o fez a partir do diálogo e do intercâmbio de experiências e ideias com outros movimentos, partidos e governos revolucionários ligados à OSPAAAL.

Diferentemente de muitas das revistas do período, *Tricontinental* não foi uma revista cultural, mas oscilou em seu caráter predominantemente político e teórico. Buscou informar e – em muitos sentidos, educar – seus leitores sobre a situação mundial e fornecer-lhe material político para a elaboração de leituras que fossem alinhadas ao posicionamento da OSPAAAL e os impulsionassem a uma “solidariedade ativa e revolucionária”. Todos os textos publicados na *Tricontinental* eram comentados pela seção *Al lector*, e muitos deles contavam ainda com uma introdução do corpo editorial, que apresentava um breve perfil biográfico de seu autor e atuava como uma espécie de guia à leitura. Nesses trechos, a revista demarcava claramente para seus leitores quais dos pontos abordados eram centrais e de quais perspectivas a revista compartilhava.

Aspecto que deve ser ressaltado nas análises sobre as publicações da OSPAAAL – boletins, revistas e cartazes –, é precisamente a intenção de que esses atuassem de forma didática. Nas páginas do boletim, isso fica extremamente claro, uma vez que cada abordagem regional ou nacional acompanhava mapas, situando localizações como o Yemen do Sul e as Coreias – por exemplo –, com o objetivo de facilitar a leitura de quem desconhecesse a realidade do Oriente Médio ou da Ásia. Os curtos textos introdutórios do corpo editorial da revista *Tricontinental* buscaram cumprir função semelhante. A revista tampouco se furtou de publicar mapas, reportagens fotográficas e cartazes que ressaltavam semelhanças, e tornavam os três continentes e a aliança entre eles mais conhecíveis.

O autor britânico Robert J. C. Young, associou a *Tricontinental* ao surgimento do pensamento pós-colonial, entendido por ele como um pensamento desenvolvido durante o período de descolonização política, e que incorporava reflexões acerca da necessidade da descolonização da produção teórica e cultural. Young chegou a afirmar que “pós-colonialismo poderia ser melhor nomeado ‘tricontinentalismo’, um termo que capta exatamente suas identificações políticas internacionalistas, assim como a fonte de suas epistemologias”¹⁹⁰, ou ainda, o “pós-colonialismo nasceu com a [revista] *Tricontinental*”¹⁹¹. Segundo o autor, as páginas da revista teriam sido pioneiras em congregar trabalhos de crítica política e cultural ao imperialismo e ao colonialismo produzidas por autores dos três continentes, que pela primeira vez atuavam sob a égide de um corpo de trabalho unificado e transnacional¹⁹².

Robert Young não foi nem o primeiro nem o único a reconhecer a importância da revista *Tricontinental*. A primeira edição da revista contou com a presença de inúmeros líderes do então chamado Terceiro Mundo. Ho Chi Minh escreveu uma carta pessoal aos leitores e ao corpo editorial, na qual envia seus “melhores votos de solidariedade e de êxitos em sua grande luta heroica contra o imperialismo, o colonialismo e o neocolonialismo”¹⁹³, e fraternalmente deseja ao corpo editorial da revista *Tricontinental* “êxito total em suas tarefas revolucionárias”¹⁹⁴. A seu lado, figuraram os votos de êxito de Nguyen Huu Tho, líder vietnamita do Sul, que espera “que a publicação da revista *Tricontinental* contribua ativamente a incrementar ainda mais a solidariedade combativa entre os povos dos três continentes na causa da luta revolucionária pela libertação dos povos”¹⁹⁵.

Esta edição contou também com artigo produzido exclusivamente por Kim Il Sung, o líder político da Coreia do Norte, no qual ele traça um largo panorama das lutas sendo travadas nos três continentes, dando destaque à Cuba, à Coreia do Norte e à Guerra

¹⁹⁰ YOUNG, Robert J. C. *Postcolonialism: an historical introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2001. p. 5.

¹⁹¹ *Ibidem*, p. 213.

¹⁹² É curioso perceber, ainda que a Conferência Tricontinental esteja no centro da elaboração da tese de Robert J. C. Young, que o autor dedica poucas páginas de sua obra a um estudo mais minucioso da Conferência, da OSPAAAL e da revista.

¹⁹³ HO, Chi Minh. “Carta”. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago, 1967, p. 7.

¹⁹⁴ *Ibidem*, p. 7.

¹⁹⁵ NGUYEN, Huu Tho. “Carta”. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago, 1967, p. 6.

do Vietnã como baluartes da luta anti-imperialista e anti-yankee. Ao lado destes, Stokely Carmichael, líder movimento negro estadunidense – que visitava Cuba por ocasião da Conferência da *Organización Latinoamericana de Solidaridad* (OLAS) – utiliza expressões como "nosso mundo", "nós do Terceiro Mundo" para falar sobre os três continentes, e de algum modo inserir o *Black Power* nesse grupo. Fica clara ali a intenção de que o conceito de Terceiro Mundo se fundamentasse nas condições compartilhadas de exploração de seus "membros", e não em disposições geográficas dos continentes. Em entrevista ao jornal cubano *Granma*, Carmichael afirmara que a revista *Tricontinental* era "uma bíblia nos círculos revolucionários"¹⁹⁶.

O perfil de seus colaboradores mais assíduos sugere que a revista, de fato, gozava de considerável prestígio, já que suas páginas congregaram inúmeros líderes políticos e até chefes de Estado. Entre artigos, discursos e entrevistas, reproduzidas ou inéditas, podemos verificar que marcam presença o cubano Fidel Castro, o coreano Kim Il Sung, o guineense Ahmed Sékou Touré, os guineense-caboverdianos Luis e Amílcar Cabral, o angolano Agostinho Neto, os moçambicanos Eduardo Mondlane e Moisés Samora Machel, o nicaraguense Carlos Fonseca Amador, os líderes do movimento negro estadunidense Huey P. Newton e Angela Davis, o palestino Yasser Arafat, os vietnamitas Ho Chi Mihn, Vo Nguyen Giap e Le Duan, os brasileiros Carlos Marighella e Carlos Lamarca, o congolês [Brazzaville] Marien NGouabi, o chileno Salvador Allende e o argelino Houari Boumediene.

Importantes intelectuais – nos sentidos mais tradicionalmente associados à palavra¹⁹⁷ – também figuraram nas páginas da revista. Os franceses Jean-Paul Satre e

¹⁹⁶ SEIDMAN, Sarah. *Tricontinental* Routes of Solidarity: Stokely Carmichael in Cuba. *Journal of Transnational American Studies*, n. 4/2, 2012. p. 3.

¹⁹⁷ De acordo com Carlos Altamirano, o conceito sempre teve caráter polivalente e limites imprecisos; delimita, enfim, “o conjunto social que se busca identificar com a denominação de ‘intelectuais’” (2013: 38). O autor traça uma interessante genealogia do termo, datando seu “batismo político” à França, quando em 1898 o caso Dreyfus mobilizou a atuação de escritores e artistas franceses à atuação no espaço público. Intelectuais foi, naquele momento, uma alcunha que receberam de seus críticos, e da qual se apropriaram. Nesse sentido, especialmente na tradição francesa, a ideia de intelectual surge ligada ao compromisso com os processos políticos e sociais. Altamirano ressalta que, ainda que a concepção francesa tenha tido bastante ressonância, “os efeitos de sua irradiação não foram os mesmos em todas as partes” (2013: 52). Na Grã-Bretanha, por exemplo, o termo assumiu outros contornos, que associavam o intelectual a um determinado rigor, profundidade ou abstração do pensamento, a um conjunto de categorias profissionais, ou ainda, ao exercício de determinada função de direcionamento, produção e mediação da cultura. O autor traça, também, outras ressonâncias da categoria em países como alguns países latino-americanos, a Itália, a

Albert-Paul Lentin, o guatemalteco Manuel Galich, os alemães Andre Gunder Frank e Peter Weiss, o australiano Wilfred Burchett, o norte-americano Paul Sweezy, os uruguaios Maria Esther Gillio, Carlos Nuñez e Sergio Benvenuto, o brasileiro Rui Mauro Marini, o chileno Carlos Altamirano, entre inúmeros outros. Também forneceram contribuições durante o período estudado literatos como o colombiano Gabriel García Márquez e o angolano Mario de Andrade, e cineastas como Santiago Alvarez, Octavio Getino e Fernando Solanas.

Enfim, *Tricontinental* fez convergir em suas páginas uma ampla rede de relações que, se desenhadas em um mapa-mundi, tecem uma tapeçaria complexa e imbricada. Suas edições eram distribuídas gratuitamente às organizações, movimentos, partidos, Comitês Nacionais e governos vinculados à OSPAAAL. Relatórios internos¹⁹⁸ apontam para a impressionante tiragem – após apenas um ano de circulação da revista *Tricontinental* – de 25.500 exemplares por edição. A documentação divide os exemplares da revista entre os produzidos em Cuba e impressos no Instituto del Libro – 10 mil exemplares em espanhol, 4.500 em inglês e 3.500 em francês – e os produzidos fora da ilha: 3.500 exemplares em italiano produzidos pela Libreria Feltrinelli em Milão; e 4.000 exemplares em francês impressos pela Ediciones Maspéro, em Paris. Segundo Ulises Estrada e Luis Suárez, organizadores da antologia de textos publicados na revista intitulada *Rebellión Tricontinental*, a publicação teria chegado a alcançar a impressionante tiragem de 50 mil exemplares¹⁹⁹, distribuídos gratuitamente a movimentos revolucionários, governos, organizações e partidos de esquerda membros da OSPAAAL, e vendida por subscrição a uma vasta gama de assinantes em todo o mundo.

A revista era, em 1968, publicada em pelo menos quatro idiomas: espanhol, inglês, francês e italiano. Esse fator, combinado à amplitude de temáticas e locais de origem das colaborações publicadas, exigiu uma infraestrutura compatível, que explica

Alemanha e a Rússia. Cf. ALTAMIRANO, Carlos. Intelectuales: nacimiento y peripezia de un nombre. *Nueva Sociedad*, n. 245, may-jun, 2013, p. 38-53.

¹⁹⁸ “Alcance actual de la distribución de las publicaciones de la OSPAAAL. Estado Comparativo entre julio de 1967 y diciembre de 1968” Arquivo Histórico da OSPAAAL. Pasta 25: Análisis de la distribución publicaciones OSPAAAL (julio 1967, dic 1968). “Informe del Departamento Socio-Cultural al Secretariado Ejecutivo de la OSPAAAL”. Arquivo Histórico da OSPAAAL. Pasta 47: Informe Dpto. Socio-Cultural.

¹⁹⁹ ESTRADA, Ulises. Prólogo. In: ESTRADA, Ulises (org.); SUÁREZ, Luis (org.). *Rebellión Tricontinental: las voces de los condenados de África, Asia y América Latina*. La Habana: Ediciones Tricontinental e Ocean Press, 2006. p. 3.

termos encontrado entre as correspondências entre a organização e o Ministerio de Relaciones Exteriores de Cuba (MinRex), uma listagem²⁰⁰ que conta com quatorze tradutores e tradutoras e suas respectivas habilidades em inglês, francês, russo, português, alemão, italiano, holandês e japonês. As dimensões do trabalho efetuado sugerem a necessidade de uma equipe ampla e altamente qualificada, bem como o emprego de recursos significativos.²⁰¹

Um exame das sessões da revista *Tricontinental* nos permite constatar um pouco mais sobre seu projeto editorial. *Puntos de Partida* e *Tierra de Ideas* foram sessões com forte peso teórico. Em muitos sentidos, a presença de líderes políticos como Fidel Castro e Kim Il Sung nessas sessões condiz com a concepção de intelectual revolucionário defendido na revista, que prevê seu alargamento para incluir outros trabalhadores intelectuais e da cultura que não só os escritores e pesquisadores. Incluem-se aqui os líderes políticos, professores, funcionários técnicos, arquitetos, cineastas, e tantos outros; e exige-se o compromisso. A revista foi fortemente crítica aos intelectuais que se distanciam em uma torre de marfim, e fechou suas páginas para opiniões que julgava não terem sido “forjadas na prática revolucionária” e “conjuntamente com o povo”²⁰².

Actas para la Historia foi uma seção que publicou trechos de obras clássicas do marxismo, com a presença – em geral póstuma – de autores como Vladimir Lenin, Ernesto Che Guevara e José Carlos Mariátegui; incluiu ainda programas de atuação de partidos políticos e movimentos guerrilheiros alinhados à OSPAAAL. *Meridiano Liberación* foi uma seção de reportagens fotográficas, e relatos de viagem que buscou propagandear movimentos de luta armada ao redor do globo, e conjuntamente com a seção *Experiencias y Evidencias*, tornar os países abordados na revista mais conhecíveis ao público leitor. A essas se somam a seção sobre cultura intitulada *Nueva Expresión* e a seção *La noticia verdad* que se dedicava a corrigir as notícias sobre movimentos guerrilheiros veiculadas na imprensa internacional. *Libros de hoy* foi uma seção de capítulos inéditos e resenhas de livros publicados pela Editora Tricontinental e por seus parceiros editoriais. *El hombre en su palabra* foi uma seção permanente de entrevistas,

²⁰⁰ “Traductores”. Arquivo Histórico da OSPAAAL. Pasta 153: 1966-MINREX (correspondencia).

²⁰¹ Não dispomos, entretanto, de informações acerca das fontes do financiamento da organização.

²⁰² O tema do papel dos intelectuais e uma análise mais detalhada do perfil dos colaboradores será abordado de maneira mais extensa no capítulo 2.

que contou com a prestigiosa presença de líderes políticos como Amílcar Cabral, Eduardo Mondlane, Huey P. Newton e muitos outros. Já a seção *Tricontinental en Marcha* expunha as atividades do secretariado: recebendo delegações na sede da organização; viajando pelo mundo; participando de eventos e coletando de material para as publicações da organização e outras formas de produção e difusão cultural como cartazes e documentários.

É interessante ressaltar, ainda, que a política editorial adotada pela revista almejava a livre circulação de todos os materiais ali disponibilizados. Em sua ficha catalográfica, *Tricontinental* deixava claro que “qualquer reprodução parcial ou total é livre e absolutamente facilitada pela revista”. Tal política demonstra consonância com a resolução aprovada pela *Comision Social y Cultural* da Conferência Tricontinental, que afirmou categoricamente que os povos dos três continentes já haviam pago, por meio do acúmulo de capital produzido por seu trabalho e pela exploração de seus recursos naturais, conjuntamente com a população trabalhadora dos países desenvolvidos, pela produção do arcabouço científico e técnico empregado pelo colonialismo e pelo imperialismo. Por esse motivo, reclamam “seu direito ao livre uso dessas conquistas do pensamento e da ciência”²⁰³. Segundo esse documento,

em um mundo que se liberta nacional e socialmente, *a cultura, em todas suas expressões, é cada vez em maior grau, patrimônio da humanidade*, sendo por isso dever dos revolucionários contribuir para libertá-la das ataduras mercantilistas impostas pela velha ordem.

A Conferência Tricontinental se manifesta *pela abolição de todos os direitos de autor que beneficiem aos organismos mercantis monopolistas* e os daqueles autores que negam que suas obras - que podem contribuir ao benefício da humanidade - sejam reproduzidas, por motivo de índole política, nos países em vias de desenvolvimento.²⁰⁴
[grifo nosso]

Tânia de Luca chama atenção para o quanto a materialidade das fontes assume caráter central no trabalho com revistas. “Historicizar [ess]a fonte requer ter em conta [...] as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se

²⁰³ “Resolución sobre el patrimonio cultural y científico”, aprovada pela Comisión Social y Cultural Arquivo Histórico Digital da OSPAAAL. Não está disponível on-line. Acessado em Havana, Cuba, em junho de 2017.

²⁰⁴ *Ibidem*.

dispunha, do que foi escolhido e por quê²⁰⁵. Cabe, portanto, considerar o público alvo de uma publicação, seus objetivos de fundação, a natureza de seu conteúdo, a forma e a ordem como os conteúdos estão dispostos em suas páginas, o grupo responsável por sua publicação, seus colaboradores mais assíduos, seus financiadores e as condições de sua consulta. Foi atentando-nos à materialidade das fontes que o projeto gráfico da *Tricontinental* passou a chamar nossa atenção.

Ainda que discutir o projeto gráfico da revista não seja o principal objetivo desse trabalho, acreditamos que seja necessário apresentá-lo aqui, já que – em se tratando de uma revista – esses elementos influenciam a experiência de leitura. O projeto gráfico da revista chama atenção por sua qualidade. Essa era publicada em formato de livro, contando com entre 100 e 200 páginas por edição. Suas capas eram criativas e coloridas, provavelmente desenvolvidas pelo *Departamento de Información y Propaganda*, já que guardam marcantes semelhanças em relação aos cartazes que esse produzia. As páginas, entre artigos de viés teórico e reportagens fotográficas sobre movimentos de luta armada ao redor do mundo, contavam com outros elementos gráficos interessantes, como instruções práticas ligadas à luta armada, caricaturas de líderes políticos conservadores e sátiras de peças publicitárias de empresas estadunidenses.

²⁰⁵ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2008. p. 132.

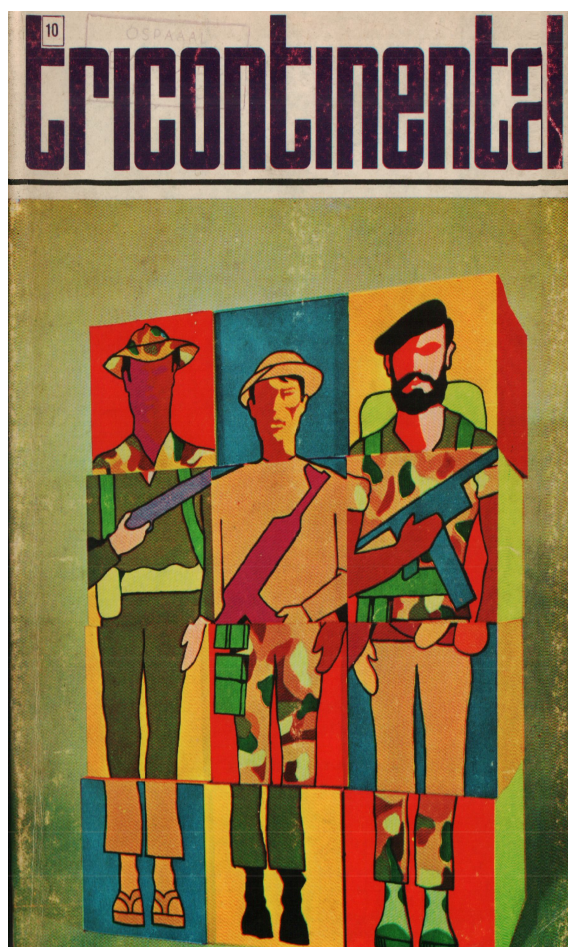


FIGURA I: [Epopéia Tricontinental]

Capa. *Tricontinental*, Havana, n. 10, jan-fev, 1969.

A edição de número 10 da revista *Tricontinental* contou com uma de suas capas mais impressionantes. Segundo sua carta *Al lector*, a imagem, sem autoria atribuída, está “dedicada ao ano terceiro do evento que congregou em Havana aos revolucionários de oitenta e dois países do Terceiro Mundo”²⁰⁶. A ilustração é composta por doze blocos coloridos ordenados de maneira intercambiável, sendo que cada quatro deles comporia uma imagem tradicionalmente associada à luta armada em cada um dos três continentes. Se reordenados, os blocos aludiriam a um guerrilheiro da Sierra Maestra, barbudo como Fidel Castro ou Che Guevara, utilizando uma característica boina; a um combatente

²⁰⁶ *Al lector*. *Tricontinental*, Havana, n. 10, jan-fev 1969, p. 4.

vietnamita que calça sandálias e carrega ornamento tradicionais na cabeça; e a um soldado negro que claramente alude aos movimentos de libertação do continente africano. Na imagem em questão, os blocos aparecem embaralhados, ordenados de maneira aleatória, de modo que compõe três “soldados” que juntos formam a imagem de homens “tricontinentais”.

A capa transporta para o campo imagético alguns dos principais valores defendidos pela “Mensagem à Tricontinental” de Che Guevara, e também pelo editorial de fundação da revista. Defende a proliferação de exércitos proletários e revolucionários, compostos por homens para os quais lutar em qualquer lugar do Terceiro Mundo deveria ser igualmente desejável. Todas as três figuras formadas carregam consigo armas de fogo. Identidades latino-americanas, africanas e asiáticas se embaralham, em luta contra o inimigo comum. O editorial da edição de número se lança em defesa de uma possível identidade tricontinental, fundada em torno da revolução, da luta armada e da solidariedade.

Somos revolucionários de África, de Ásia e América Latina, nosso inimigo está definido e as vias para nosso triunfo estão claras. Avancemos nossa guerra justa, que nossos ouvidos sejam receptivos ao grito de guerra lançado pelo Che desde as selvas bolivianas. E que nossos braços se alcem empunhando as armas, para cumprir o dever que apontam nossos mártires e que nossos povos reivindicam.²⁰⁷ [grifo nosso]

A edição em questão é a última de nosso recorte temporal a contar com um editorial. Daí em diante, as edições contarão apenas com a seção introdutória *Al lector*, que passa a fazer as vezes não só de apresentar os textos publicados, mas também de fornecer uma interpretação das capas e quando necessário intervir com algum posicionamento político. Como afirmamos anteriormente, a edição de número 10 tinha como elemento central a comemoração dos três anos da Conferência Tricontinental, mas também comemorava os dez anos da Revolução Cubana; “dois acontecimentos transcendentais”²⁰⁸. Seu editorial, portanto, centrou-se em traçar relações e paralelos entre ambos acontecimentos.

²⁰⁷ Editorial. *Tricontinental*, Havana, n. 10, jan-fev 1969, p. 3.

²⁰⁸ *Ibidem*, p. 3.

O texto se inicia posicionando a Revolução Cubana ao lado tanto da Revolução Russa quanto da Revolução Chinesa, entre a excepcionalidade histórica e a possibilidade revolucionária gerada pelas contradições históricas. Seu papel teria sido fundamental em abrir possibilidades para o Terceiro Mundo que busca sua completa independência e, especialmente na América Latina, abrir espaço “para o movimento revolucionário continental”²⁰⁹.

A partir de então Cuba se converteu em um sólido pilar da solidariedade e ligou sua sorte à dos povos que lutam por se libertarem. Não é um fato casual nem gratuito; sua atitude parte de uma premissa essencial: apenas a solidariedade ativa dos povos assegurará a vitória definitiva contra o imperialismo.

*A certeza desse fato se enraizou na vida do movimento revolucionário do Terceiro Mundo. O ter que enfrentar e destruir um mesmo causante de seus males comuns - o imperialismo - e as condições objetivas de identidade - que deram origem ao batismo destes continentes com o nome de mundo subdesenvolvido -, fez da solidariedade mais que uma consigna, uma necessidade da luta revolucionária. Esta solidariedade, se fundiria não com palavras ocas, se fundia com o sangue abnegado de heróicos combatentes da *epopeia tricontinental*.²¹⁰ [grifo nosso]*

Nas páginas da pesquisa²¹¹ publicada nessa mesma edição, que celebrava os três anos da Conferência Tricontinental, Paulo Jorge – delegado angolano que representava a CONP – não deixou de lamentar o fato de que alguns membros da OSPAAAL não respeitassem os compromissos firmados durante a Conferência, fator que dificultava avanços necessários ao movimento de solidariedade²¹². Esse comentário pode ser lido conjuntamente ao comentário do delegado congolês Edouard Marcel Sumbu, em que esse afirma que a sede da organização deve permanecer em Cuba em função do eficiente trabalho do país à frente da organização. Ambos aludem de maneira sutil ao afastamento entre a República Árabe Unida e a OSPAAAL, motivado pelo adiamento da realização da Segunda Conferência Tricontinental e pelo impacto do conflito sino-soviético na atuação da OSPAA, que há anos tentava resolver o impasse da realização de sua próxima

²⁰⁹ Editorial. *Tricontinental*, Havana, n. 10, jan-fev 1969, p. 3.

²¹⁰ *Ibidem*, p. 3.

²¹¹ JORGE, Paulo. Encuesta: Significado de la Conferencia Tricontinental. *Tricontinental*, Havana, n.10, jan-fev 1969, p. 127-136.

²¹² Nesse momento, o autor muito provavelmente se referia ao fato de que a República Árabe Unida estava negligenciando sua função em relação ao Secretariado Executivo, e já há algum tempo adiava a realização da Segunda Conferência Tricontinental.

conferência. O editorial da edição de número 10 reafirmou o distanciamento da OSPAAAL em relação ao conflito sino-soviético, bem como a persistência em reivindicar para a Revolução Cubana um local autônomo em sua proposta internacionalista. Nesse momento, o editorial busca consolidar Cuba como principal liderança e sede permanente da organização.

Na África, na Ásia ou na América Latina, o homem tricontinental que ilustra a capa da edição de número 10 é revolucionário e empunha suas armas. Inundam as páginas da publicação a defesa de que a violência revolucionária, redentora da humanidade, deveria ser oposta à violência da colonização e do imperialismo. Uma leitura muito ligada às reflexões de Frantz Fanon e Ernesto Che Guevara, como abordaremos no próximo capítulo. O projeto gráfico da revista, em suas sátiras de peças publicitárias, caricaturas e outras ilustrações, utilizava-se constantemente do *oxímoro* para expor o quanto o mundo da colonização e do imperialismo era permeado de contraposições absurdas. O objetivo era conduzir o leitor à conclusão de que as contradições eram tão grandes que não restava alternativa senão a luta armada.



FIGURA II: [Contradições].

Contracapa. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967.

A imagem acima é exemplo do tratamento dado à publicidade. Aqui, opõe-se duas realidades distintas, tratadas como duas peças de um mesmo quebra-cabeças, como indica o esqueleto da imagem. A peça de cima do quebra cabeça enfoca a abundância de comida, em uma foto colorida, enquanto crianças estadunidenses sorriem ao fundo. A peça publicitária original convoca os pais a servirem *Beefaroni* às suas crianças, refeição enlatada produzida pela marca estadunidense *Chef Boyardee*. Abaixo, a outra peça do quebra cabeça mostra duas crianças – provavelmente vietnamitas – em preto e branco. Sozinhas, em um terreno de terra batida, as crianças trazem um semblante triste que contrasta diretamente com a abundância exposta na imagem de cima. Vivem uma vida desprovida de cores, sorrisos ou recursos, em um terreno que alude aos arrastos causados pela guerra. O contraste exposto pela imagem, que ocupa a contra-capas do primeiro número da revista *Tricontinental*, tem como objetivo causar incômodo, estranhamento e indignação.

Como fica claro, as páginas da revista defenderam abertamente a adesão à luta armada, não só por meio de matérias teóricas, mas também de ilustrações como a que expusemos acima. O caráter abertamente combativo da publicação como um todo – mas principalmente de conteúdos como o exposto acima – é, provavelmente, o que motivou a proibição de sua publicação em todo o território francês poucas edições depois. A proibição foi tema do texto que inicia a edição de número 11, intitulado *¡no!*, no qual *Tricontinental* afirma que o decreto francês “não faz mais que ratificar que a revista está cumprindo seu objetivo. Seguirá cumprindo-o.”²¹³.

A proibição da circulação, distribuição e venda da revista na França ocorre pouco depois da publicação em suas páginas de uma análise do intelectual francês Pierre Vigier acerca do Maio de 68, momento de convulsão política em que estudantes e operários tomaram as ruas do país, ocuparam universidades, e decretaram o início de uma greve geral. O artigo *La hora de Francia*²¹⁴, publicado na edição de número 9, criticava duramente o Partido Comunista e outros grupos da esquerda francesa por terem negociado com o governo do general De Gaulle, promovendo assim o fim da rebelião e o retorno às instituições democráticas. O autor aponta as possibilidades abertas pelos eventos de maio, defendendo uma atualização da teoria do *foco*²¹⁵ à realidade europeia. Além disso, afirma que as minorias não incorporadas ao capitalismo francês – estudantes e operários imigrantes, principalmente – podem atuar como sujeitos potenciais de uma revolução nesse país.

Em defesa da proibição da *Tricontinental* na França, o Ministro do Interior francês Raymond Marcellin pronunciou discurso perante a Assembleia Nacional, que a revista reproduziu em seu editorial, ostentando suas críticas como um verdadeiro atestado de seus méritos.

²¹³ ¡no! *Tricontinental*, Havana, n. 11, mar-abr 1969, p. 2.

²¹⁴ VIGIER, Jean-Pierre. La hora de Francia. *Tricontinental*, Havana, n. 9, nov-dez 1968, p. 81-94.

²¹⁵ Inspirada na experiência do Movimento Revolucionário 26 de Julho durante a Revolução Cubana, a teoria do foco foi elaborada pelo francês Régis Debray, em Revolução na Revolução. Segundo Debray, que sintetizou várias teses de Ernesto ‘Che’ Guevara, um pequeno grupo de homens instalado em focos guerrilheiros no campo conduziria a revolução, por meio da luta armada em ação conjunta com os camponeses. Segundo Ítalo Cordeiro, a teoria do foco pode ser compreendida como uma sintetização de várias teses guevaristas. Cf. CORDEIRO, Ítalo Rodrigo Xavier. A cultura política da revolução latino-americana na década de 1960: Régis Debray e o foquismo. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2010.

... Estes movimentos revolucionários que existem hoje na França, qual é o apoio internacional que recebem? O que se pode responder a essa pergunta, e com a prudência necessária que tal matéria exige, é que há uma solidariedade incontestável entre os movimentos revolucionários que se desenvolveram nos últimos anos em todos os países do mundo ... não se trata de acusar a tal ou qual governo, a tal ou qual organização internacional de fomentar motins em tal ou qual país da Europa. Trata-se de constatar uma solidariedade, uma ajuda mútua entre os movimentos revolucionários ao serviço de uma mesma ideologia, de um mesmo culto pelos mesmos heróis: Che Guevara, Mao Tsé Tung, Fidel Castro, Ho Chi Mihn, etc.²¹⁶

Uma mudança significativa nas páginas da *Tricontinental* acontecerá em 1971, quando em resposta ao *caso Padilla* e às críticas que o governo cubano recebeu de intelectuais estrangeiros, a revista publica duras críticas ao que define como “intelectuais colonizados”, acusando-os de trabalharem para o imperialismo. O tema será tratado de maneira mais aprofundada no capítulo 2, mas é válido apontar que esse foi um momento de rompimento de relações com inúmeros intelectuais estrangeiros, o que impactará significativamente o perfil geral de colaboradores da revista. Intelectuais europeus perdem espaço, ao passo que latino-americanos, africanos e asiáticos mais ligados à Revolução Cubana e a outros governos e movimentos revolucionários ganham maior destaque.

Nueva Expresión, seção da revista ligada diretamente às questões da cultura também perde espaço e importância, e quase desaparece, já que a edição de número 25 coloca um ponto final nos debates sobre o papel dos intelectuais e da cultura em processos revolucionários, adotando uma posição normativa a esse respeito. Além disso, a edição de número 25 é a primeira a não ser mais publicada por Feltrinelli, em italiano; ou por Maspero, em francês, algo que nem mesmo a proibição de publicação da revista na França tinha garantido. Daí em diante, todas as edições da revista passam a ser elaboradas e distribuídas a partir da ilha de Cuba, inclusive as edições em francês, e a edição italiana parece desaparecer de maneira definitiva.

Outro momento importante de mudança foi a edição de número 33, publicada em 1973, e que indica um gesto claro de aproximação à União Soviética. Nesse ano só se

²¹⁶ [no] *Tricontinental*, Havana, n. 11, mar-abr 1969, p. 3.

publicou uma edição da revista, que adere às celebrações do cinquentenário da União Soviética, definindo-a como uma estrela vermelha que “é para toda a humanidade símbolo de uma sociedade sem classes, do homem totalmente libertado”²¹⁷. A partir de então, *Tricontinental en Marcha*, seção que relata as viagens, declarações e atividades oficiais do secretariado, passa também a aparecer de forma esparsa. A seção *Meridiano Liberación*, quase sempre vinculada à produção de conteúdo inédito, focada em reportagens fotográficas e relatos de viagem, também perde espaço a partir de então. Em meados de 1974, a revista retomaria a periodicidade bimensal que lhe era característica.

As últimas edições da revista *Tricontinental* que analisamos foram marcadas por uma sensação ambivalente. O avanço das ditaduras militares no Cone Sul ganhou considerável centralidade, o que mobilizou, por exemplo, a publicação da edição de número 38-39, referente a julho e agosto de 1974, acerca do golpe militar conduzido por Augusto Pinochet, no Chile, em 11 de setembro do ano anterior. A derrubada do governo da Unidade Popular reforçou as ações de repressão política, perseguição às esquerdas – revolucionárias ou não –, censuras, torturas e desaparecimentos, que já eram praticadas por ditaduras militares em outros países da região, como o Brasil, o Uruguai e o Paraguai. Em 1976, o golpe militar na Argentina consolidou mais uma ditadura na América do Sul. Segundo Claudia Gilman esses acontecimentos demarcam o ocaso da crença na ruptura iminente que havia dominado a região nos sessenta/setenta.²¹⁸

Se por um lado as páginas da revista reconheceram a gravidade da situação latino-americana, para seu corpo editorial aquele momento não significava uma derrota geral do internacionalismo revolucionário. Pelo contrário, para os internacionalistas, todos os momentos haviam sido marcados por vitórias e derrotas, próprios da dinâmica contraditória do período, e que só seria superada com a vitória definitiva daquela “humanidade que dizia basta” e consolidação de sua “verdadeira independência”. Na edição de número 41, publicada em fins de 1974, por exemplo, a seção *Al lector* afirmava categoricamente que

a correlação de forças no mundo tem mudado. Já não estamos na década

²¹⁷ Al lector. *Tricontinental*, Havana, n. 33 1973, p. 2.

²¹⁸ GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en America Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

de 50 ou de 60. O despertar dos povos se faz cada dia mais evidente, mais evidente a imperiosa necessidade de reivindicar o direito de por fim à pilhagem imperialista.²¹⁹

Os últimos anos analisados, portanto, não abandonavam a crença na ruptura, e pelo contrário, deram bastante atenção à celebração de vitórias importantes. Isso fica bastante evidente em 1975, com a derrota do colonialismo português e o fim da Guerra do Vietnã. Considerando que o Vietnã foi tratado como uma metonímia para o Terceiro Mundo como um todo, aquele foi um momento significativo e mobilizou comemorações do Vietnã unificado e independente, como a edição de número 42. Em certo sentido, a celebração das vitórias locais está conectada à ideia de que a vitória definitiva ainda não foi alcançada. Em um paralelo possível, semelhantemente à consigna popularizada por Che Guevara, “hasta la victoria siempre”, fica expressa a compreensão de que novas lutas e desafios sempre se sucederiam em um mundo em que sobrevivem o capitalismo, o colonialismo, o imperialismo e o neocolonialismo.

Encerrar nosso recorte temporal na edição 48 se atenta ao projeto editorial da revista, para o qual denunciar o sofrimento humano e as derrotas era tão importante quanto celebrar as vitórias. Ambos atuavam como oportunidade de aprendizado para avanços futuros. *Por el futuro de Africa*, texto publicado nessa edição, apresenta os discursos de Ahmed Sékou Touré, Agostinho Neto, Luis Cabral e Fidel Castro em um evento realizado em Conakry em março de 1976, em comemoração da independência de Angola. O principal fio que conecta os três discursos é precisamente a manutenção da defesa do internacionalismo e da solidariedade, “para resistir à ofensiva imperialista dirigida à recuperação das posições perdidas”²²⁰. Os quatro condenavam o governo da África do Sul, tanto pelas ações em território angolano, iniciada em fins de outubro de 1975, quanto pelo regime do *apartheid*. Naquele momento, era fundamental foi a busca pela consolidação de relações entre os países lusófonos recém-independentes - Guiné Bissau e Angola, principalmente - e os governos de Cuba e da Guiné [Conakry].

²¹⁹ Al lector. *Tricontinental*, Havana, n.41, nov-dez 1974, p. 1.

²²⁰ Al lector. *Tricontinental*, Havana, n.48, mar-abr 1976, p. 1.

Para Ahmed Sékou Touré, as vitórias daquelas lutas pela liberdade significavam que “a bandeira da dignidade fora hasteada”²²¹. Touré entoava “respeitosa homenagem para os militantes de todas as nacionalidades que perderam sua vida para que a vitória de Angola se pudesse inscrever no registro das forças progressistas do mundo”²²². Homenageia, também, a atuação da Revolução Cubana que, apesar de todas as dificuldades, enviava tropas para combater em Angola. “Cuba esteve em todas partes, onde quer que fosse, para materializar sua vocação de um povo de paz e liberdade”²²³. A declaração de independência de Angola pelo MPLA, em 1975, é abordada por Agostinho Neto como uma vitória da África como um todo, uma metonímia para a derrota de todo o colonialismo português. De todo modo, celebrar as vitórias em Angola não significava, para ele, encerrar “a tarefa da solidariedade com os outros povos do mundo”²²⁴, citando especialmente a existência de regimes racistas como o *apartheid* na África do Sul. Aquela vitória não é tratada como algo que se finda ali. Tanto Agostinho Neto quanto Luis Cabral ressaltam que o combate, as lutas, deveriam continuar, pelo futuro do continente, “até a libertação total de África”²²⁵. As palavras de Fidel Castro na ocasião reiteravam, em 1975, a mesma apologia da necessidade do internacionalismo que eram tão manifestas nas páginas da revista *Tricontinental*:

Existe um campo revolucionário, existe um movimento revolucionário e existe o internacionalismo proletário. E se os imperialistas querem saber o que é o internacionalismo proletário, Angola é um magnífico exemplo.²²⁶

Naquele momento, Fidel Castro afirma que o envio de tropas de Cuba a Angola justificava-se não só pelo internacionalismo revolucionário, mas também pelo caráter “latino-americano” e “latino-africano” do povo cubano; porque “parte importante do sangue cubano é sangue africano”²²⁷, daqueles trazidos como escravizados pelos colonialistas. Os discursos dos quatro líderes parecem indicar que o encontro entre Luis

²²¹ TOURÉ, Ahmed Sékou. Por el futuro de Africa. *Tricontinental*, Havana, n.48, mar-abr 1976, p. 6.

²²² *Ibidem*, p. 7.

²²³ TOURÉ, Ahmed Sékou. Por el futuro de Africa. *Tricontinental*, Havana, n.48, mar-abr 1976, p. 8.

²²⁴ NETO, Agostinho. Por el futuro de Africa. *Tricontinental*, Havana, n.48, mar-abr 1976, p. 10.

²²⁵ CABRAL, Luis. Por el futuro de Africa. *Tricontinental*, Havana, n.48, mar-abr 1976, p. 12.

²²⁶ CASTRO, Fidel. Por el futuro de Africa. *Tricontinental*, Havana, n.48, mar-abr 1976, p. 14.

²²⁷ *Ibidem*, p. 15.

Cabral, Agostinho Neto, Fidel Castro e Ahmed Sékou Touré foi além das expressões de solidariedade, e reuniões confidenciais provavelmente trataram de questões como a alocação de recursos e forças militares. Os motivos da reunião teriam sido, precisamente, nas palavras do líder cubano, elaborar a estratégia a ser adotada nos anos seguintes: “que fazer para completar a independência total de Angola?”²²⁸ Ademais, o envio de tropas e armamentos por esses três países à Angola é mencionado por todos os líderes em questão.

Em função de limitações de tempo e espaço, não foi nosso objetivo no presente trabalho investigar profundamente essa nova faceta do internacionalismo revolucionário cubano, que em 1975 inicia uma ação militar há quase 11 mil quilômetros da ilha, que duraria até o início dos anos noventa. Em toda sua complexidade, esta investigação constituiria um estudo em si.²²⁹ De todo modo, a participação cubana na guerra de libertação nacional, na guerra civil e nos esforços de consolidação da independência política de Angola podem ser compreendidas dentro do quadro geral de atuação internacionalista da política externa cubana, do qual a revista *Tricontinental* também foi expressão fundamental. Nesse contexto, mais uma vez, e apesar dos reveses que marcaram os meados dos setenta, a publicação fazia apologia ao potencial para a ruptura sistêmica que era aberto pelos momentos de crise, pelo agravamento das contradições, e também pelo avanço da “solidariedade ativa e revolucionária”.

²²⁸ CASTRO, Fidel. Por el futuro de Africa. *Tricontinental*, Havana, n.48, mar-abr 1976, p. 15.

²²⁹ Para uma introdução ao tema, conferir: GLEISEJES, Piero. *Conflicting Missions: Havana, Washington, and Africa (1959-1976)*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2011. [Kindle]; MOREIRA, Neiva; BISSIO, Beatris. *Os cubanos na África*. São Paulo: Global Editora, 1979.

2. De Frantz Fanon a Ernesto Che Guevara: anticolonialismo, anti-imperialismo e o intelectual revolucionário

Este capítulo analisa os debates acerca de anticolonialismo, anti-imperialismo e do “intelectual revolucionário” nas páginas da revista *Tricontinental*. Buscamos traçar as aproximações e distanciamentos entre ambos movimentos, em seus aspectos políticos e intelectuais. A partir das figuras emblemáticas de Ernesto Che Guevara e Frantz Fanon, bem como das formas como suas atuações políticas e obras intelectuais são referenciadas e empregadas nas páginas da publicação, nosso objetivo foi identificar não só os elementos centrais para as concepções de anticolonialismo e anti-imperialismo, mas também a forma como essas leituras impactaram compreensões acerca das relações entre revolução, cultura e intelectualidade.

Longe de apontá-los como únicos expoentes dessas correntes, ou da figura do intelectual revolucionário que foi associado às suas imagens, selecionamos Fanon e Che em função da centralidade que assumem nas páginas da revista. O primeiro em razão de sua obra basilar, e o segundo por causa de seu impacto político internacional e da construção simbólica de sua imagem. Conectar suas obras e trajetórias foi um exercício interessante e, em alguma medida, nos permitiu suturar a distância conceitual e política entre os movimentos anticoloniais e os anti-imperialistas; evidenciar convergências, reconhecer divergências, constatar diálogos.

Em *Ni Apolo ni Oddúdua*, nos debruçamos sobre os discursos nas páginas da revista *Tricontinental* que dialogam direta ou indiretamente com obra de Frantz Fanon. Ainda que Frantz Fanon seja notavelmente um autor martinicano, ressaltaremos aqui o quanto suas contribuições são centrais para que se compreenda o pensamento social africano e africanista, em especial as soluções que o autor propõe aos dilemas entre nacionalismo e internacionalismo. Partimos de uma apresentação geral da obra de Frantz Fanon, conferindo uma atenção especial à obra *Os Condenados da Terra*, à qual a *Tricontinental* busca responder diretamente. Algumas concepções são, acreditamos, chaves de leitura para a obra de Frantz Fanon e para o projeto editorial da revista: a defesa da violência revolucionária como meio primordial para a transformação política; a

defesa em suas páginas de uma nova síntese que fosse capaz de aspirar ao universal e transcender concepções essencialistas de raça ou reificadas de nação; a forma como este autor buscou solucionar possíveis contradições entre nacionalismo e internacionalismo; e por fim, a figura do intelectual revolucionário e o papel da cultura nos processos revolucionários.

Em um segundo momento, nossa atenção se volta para Ernesto Guevara de la Senra. Guerrilheiro, escritor, economista, médico, humanista, revolucionário, nômade; o *Che* apresenta-se como ponto de convergência para toda uma geração, fio fundamental dessa grande rede de sociabilidades revolucionárias que a *Tricontinental* buscou perpetuar, mesmo após sua morte, alçado nas páginas da revista a um dos grandes ícones da revolução tricontinental. Sua morte, em batalha, é referenciada como única morte desejável a um verdadeiro revolucionário, tornando-se motivo de permanente comemoração e rememoração. Sua imagem ocupou capas, cartazes e ilustrações publicadas pela OSPAAAL. Seu testamento político, *Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental*, publicado pela organização alguns meses antes de sua morte, tornou-se um dos principais manifestos do anti-imperialismo internacionalista e revolucionário que dominou as páginas da revista.

Durante a terceira seção desse capítulo, *El deber de los intelectuales*, enfocamos os debates travados na *Tricontinental* acerca das concepções de cultura, arte e do papel dos intelectuais. O principal argumento proposto nesta seção é de que as páginas da *Tricontinental* atribuíram à arte funções bem delimitadas de construção do Estado nacional, crítica do capitalismo e do colonialismo, e atuação como “arma” no combate ao imperialismo cultural. Acreditamos que os debates apresentados nos permitem afirmar que há naquelas páginas, simultaneamente, um intenso diálogo com as concepções propostas por Fanon, bem como a construção de laços em uma comunidade de discurso, entre as múltiplas vozes que se lançaram em defesa da proposta de culturas, artes e intelectualidades revolucionárias. Nesse sentido, refletimos sobre o posicionamento adotado pela revista, bem como os limites que o modelo de compromisso intelectual ali proposto impõe à liberdade de pensamento, criação e expressão.

Afinal, como enquadrar as problemáticas que suscitamos aqui sem incorrer em uma crítica rasa de processos de descolonização, independência e transformação social

que modificaram a história da humanidade e redesenharam a cartografia mundial? Como alcançar a justa medida entre a violência imperial e colonial, as guerras de independência e libertação nacional, e a necessária crítica a uma concepção acerca da arte e da cultura que é, no limite, normativa e perigosa? Como indaga nas páginas da revista o linguista senegalês Pathé Diagné²³⁰, ainda todos estes queiram transformar o mundo, o que compartilham um aldeão africano colonizado, um surrealista como Bréton, um existencialista como Sartre e um hippie estadunidense? O que fazer?

2.1. *Ni Appolo ni Oddúdua: Tricontinental* e a obra de Frantz Fanon

A primeira antologia de textos publicados na revista *Tricontinental* foi impressa sob o título de *Rebelión Tricontinental: las voces de los condenados de África, Asia y América Latina*²³¹. O título expressa clara alusão à obra de Frantz Fanon, *Os condenados da Terra*, que será abordada ao longo desta seção de nosso trabalho. Entre a obra de Fanon e a revista *Tricontinental* é possível apontar convergências significativas, de modo que o estudo de sua obra se tornou fundamental para complexificar a leitura da revista que apresentamos nas páginas dessa dissertação.

Frantz Fanon exerceu cargos diplomáticos para a República da Argélia, e entre esses destacamos sua atuação na Organização de Solidariedade Afro-asiática como membro da delegação argelina, de 1958 a 1960²³². Como apontamos no capítulo 1, a OSPAA foi precursora da Organização de Solidariedade dos Povos de África, Ásia e América Latina (OSPAAAL), havendo significativa continuidade entre o trabalho destas duas instituições, ao menos em um primeiro momento. O tom humanista e internacionalista da obra intelectual de Fanon, nesse contexto, estende-se para sua vida

²³⁰ DIAGNÉ, Pathé. Ni Apolo ni Oddudúa. *Tricontinental*, Havana, n. 27-28, 1972, p. 160.

²³¹ ESTRADA, Ulises (org.); SUÁREZ, Luis (org.). *Rebelión Tricontinental: las voces de los condenados de África, Asia y América Latina*. La Habana: Ediciones *Tricontinental* e Ocean Press, 2006.

²³² YOON, Duncan Mceachern. *The Global South and Cultural Struggles: On the Afro-Asian People's Solidarity Organization*. 2012. Disponível em: <<http://blogs.cornell.edu/globalsouthproject/files/2012/09/Yoon-1317jzt.pdf>>. Acessado em: 10 de fevereiro de 2017.

pública. Em seu discurso, durante o fechamento da sessão da Segunda Conferência de Solidariedade Afro-asiática, em 1960, Fanon afirmara que por meio dos esforços ali conjugados, se havia provado, por meio de pesquisas e vitórias, que “a cultura universal, a concepção de um homem do tamanho do mundo, está[va] apenas começando”²³³. Seu envolvimento na OSPAA, segundo Yoon, nos apontam para a possibilidade de que “seus próprios textos sobre cultura nacional [entre eles, sua obra *Os Condenados da Terra*] possam ser lidos em relação ao pano de fundo dessa organização de solidariedade transnacional”²³⁴. Infelizmente, a possibilidade de um maior envolvimento entre Frantz Fanon e a OSPAAAL ou a revista *Tricontinental* foram eclipsados por sua morte por leucemia, em dezembro de 1961, quase 5 anos antes da fundação da organização, tão inspirada por suas ideias.

Em *Os condenados da Terra*, Frantz Fanon apresenta uma leitura – ainda que breve – extremamente interessante da América Latina, “formada de países independentes que têm assento na ONU e cunham moeda”²³⁵, mas que “desde sua libertação vêm suportando no terror e na miséria a lei de bronze do capitalismo ocidental”²³⁶. Para Frantz Fanon, a história da América Latina deveria servir de aviso, deveria chamar a atenção dos povos africanos para os limites que seriam encontrados pelos países recém-independentes no mercado mundial, para a crítica do capitalismo global, da dependência econômica e da distribuição desigual de riquezas. A América Latina exemplificaria os motivos pelos quais a luta anti-imperialista seria a necessária para a continuação da luta anticolonial. Nesse momento, Frantz Fanon esboça também um gesto de aproximação entre os movimentos revolucionários africanos e a própria Revolução Cubana. Em suas palavras,

Castro toma o poder em Cuba e o dá ao povo. Esta heresia é recebida pelos ianques como uma calamidade nacional, e os Estados Unidos organizam brigadas antirrevolucionárias, forjam um governo provisório, incendeiam as colheitas de cana, resolvem enfim estrangular impiedosamente o povo cubano. Mas isso será difícil. O povo cubano

²³³ FANON, Frantz apud YOON, Duncan Mceachern. *The Global South and Cultural Struggles: On the Afro-Asian People's Solidarity Organization*. 2012. Disponível em: <<http://blogs.cornell.edu/globalsouthproject/files/2012/09/Yoon-1317jzt.pdf>>. Acessado em: 10 de fevereiro de 2017. p. 2.

²³⁴ *Ibidem*, p. 2.

²³⁵ FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 77.

²³⁶ *Ibidem*, p. 77.

sofrerá, mas vencerá.²³⁷

O martinicano, deste modo, identifica a Revolução Cubana como alinhada aos interesses dos países africanos, na medida em que desafia o capitalismo ocidental da mesma maneira que os países recém-independentes de África precisariam fazer. Os barbudos de *Sierra Maestra* são, ao lado dos africanos e asiáticos, personagens que no cenário internacional cumprem sua missão porquanto buscam construir, para os povos do então chamado Terceiro Mundo, alternativas ligadas à via revolucionária. Essa leitura influenciaria, como apontaremos, o pensamento político de Che Guevara e as páginas da revista *Tricontinental*.

Diversos trechos de *Os condenados da Terra* chamam a atenção precisamente para esse trânsito entre as lutas anticoloniais no plano nacional e a vontade de internacionalização. Ao referir-se à guerra de independência vietnamita, precisamente à vitoriosa batalha de Dien Bien Phu contra a colonização francesa, o martinicano afirmou que

O povo colonizado não está sozinho. A despeito dos esforços do colonialismo, suas fronteiras são permeáveis às notícias, aos ecos. Ele descobre que a violência é atmosférica, estoura aqui e ali, e, aqui e ali manda embora o regime colonial. Essa violência bem sucedida tem um papel não somente informador, mas operatório, para o colonizado. A grande vitória do povo vietnamita em Dien-Bien-Phu não é mais, estritamente falando, uma vitória vietnamita. A partir de julho de 1954, o problema que se apresentou aos povos coloniais foi o seguinte: “O que é preciso fazer para realizar um Dien-Bien-Phu? Como agir?”²³⁸
[grifo nosso]

O primeiro número da *Tricontinental*, publicado cinco anos depois da morte do autor martinicano, contou com texto de sua autoria e o descreveu como um intelectual “já exaustivamente analisado [...], mas de quem sempre se pode descobrir em releitura algum ângulo novo”²³⁹. O texto em questão, *La muerte de Lumumba: podríamos actuar de otra manera?*²⁴⁰, foi o único de Fanon publicado na íntegra nas páginas da revista, ainda que

²³⁷ FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 77.

²³⁸ FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 88.

²³⁹ Al lector. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967, p. 3.

²⁴⁰ FANON, Frantz. *La muerte de Lumumba: podríamos actuar de otra manera?* *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967, p. 23-27.

sua obra tenha sido citada e comentada ali inúmeras outras vezes. Nessas páginas, o autor tratou especificamente da situação no Congo [Leopoldville]²⁴¹, um dos primeiros países a tornar-se independente na África. Segundo Frantz Fanon, a independência de um Congo unificado contradizia os interesses belgas e de outros imperialistas na África, o que desencadeou uma série de esforços para desestabilizar o país. Após o assassinato do líder político Patrice Lumumba, o Conselho de Segurança das Nações Unidas autorizou uma intervenção militar no país, que o autor condenou.

Suas páginas trazem inúmeras críticas à Organização das Nações Unidas (ONU), afirmando que esta organização não atua de forma neutra ou isenta, mas é uma assembleia “posta de pé pelos grandes”²⁴²; “a cartada jurídica que utilizam os interesses imperialistas quando a cartada da força fracassou”²⁴³. Do Congo, Frantz Fanon extraiu a lição de que era preciso fortalecer os laços de amizade que unem as nações africanas e combater os governos que atuam no continente como auxiliares aos interesses imperialistas externos. Nos casos em que fosse necessária ajuda externa, esta deveria ser oferecida por aqueles com os quais os países africanos construíram uma “amizade forjada em combate”²⁴⁴ e não por atores externos, como a ONU.

O tom crítico com que Frantz Fanon abordou a Organização das Nações Unidas, bem como sua defesa da “amizade forjada em combate” entre os países africanos, são elementos que apareceram com frequência nas páginas da *Tricontinental*. A construção de relações mais solidárias entre os países que travavam os mesmos combates – anticolonial, anti-imperialista - foi defendida ferrenhamente, enquanto se buscava estender estas relações para além dos países africanos para incluir, também, países da Ásia e da América Latina.

Em *Beyond the color curtain*, Anne Garland Mahler afirma que a ideologia ligada à *Tricontinental* – que circulava nas publicações oficiais da OSPAAAL, mas também as transcendia – buscou responder diretamente à obra de Frantz Fanon. Segundo a autora, o

²⁴¹ Utilizamos a denominação adotada nas fontes, que identificava os países então chamados Congo pelo nome de suas capitais. O país hoje se denomina República do Congo, e sua capital foi renomeada de Leopoldville para Kinshasa.

²⁴² FANON, Frantz. La muerte de Lumumba: podíamos actuar de otra manera? *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967, p. 24.

²⁴³ *Ibidem*, p. 25.

²⁴⁴ *Ibidem*, p. 26.

martinicano clamou, especialmente em *Pele negra, máscaras brancas*, por uma nova síntese para a questão racial e o problema postulado pelo conceito universalista de humanidade.²⁴⁵

Segundo Anne Garland Mahler, Frantz Fanon subscreveu à proposta de Jean-Paul Sartre e identificou, assim como o intelectual francês fizera, que o movimento da *négritude* representa uma *antítese* ao conceito de universalidade e humanismo ocidentais. A *négritude* exporia as entranhas contraditórias e limitadas de um humanismo racista, por meio de uma crítica que vomitava sobre este a expressão política, cultural e poética de um *ser negro* alternativo às representações construídas pelos europeus. Ainda segundo Anne Garland Mahler, Frantz Fanon teria indicado certos limites do projeto da *négritude*, apontando para a necessidade de que – em um movimento *dialético* – fosse produzida uma nova *síntese*, que pudesse transcender – e não apenas responder e fazer antítese a – o conceito de humanidade universalista.²⁴⁶

Enquanto Mahler contrapõe esta crítica de Fanon à obra de Aimée Césaire, acreditamos que esta se insere mais diretamente no conjunto de questionamentos postulados pelo martinicano à concepção de *négritude* defendida por Leopold Sédar Senghór. Homem de cultura e político senegalês, Senghór teria proferido a célebre e controversa frase “*L’émotion est nègre et la raison hellène*”²⁴⁷, pela qual foi bastante criticado durante o Primeiro Congresso de Escritores e Artistas Negros de 1956.

Considerado um dos pais do movimento da *négritude*, Senghór lançou-se em defesa de um “fundo cultural único e totalizante” comum a todos os homens negros, marcados por uma forma de racionalidade peculiar, “[u]ma cognição que, para Senghór, não falseia nem mascara, mas essencializa, ou seja, toma as coisas em sua versão mais pura”²⁴⁸. Fanon foi crítico não só deste aspecto de sua obra como de sua postura política quando esteve à frente do Senegal, visto que Senghór negociou a independência deste

²⁴⁵ MAHLER, Anne. *Beyond the color curtain: Empire and resistance from the Tricontinental to the Global South*. 2013. Tese de Doutorado – Emory University, 2013. p. 15-17.

²⁴⁶ *Ibidem*, p. 15-17.

²⁴⁷ “A emoção é negra e a razão helênica” [Tradução livre, nossa]. SENGHÓR, Leopold Sédar apud REIS, Raissa Brescia dos. Projeto cultural e política intelectual nas páginas da *Présence Africaine* (1947-1965). In: REIS, Raissa Brescia dos; ALMEIDA, Taciana. *Cultura e mobilização: reflexões a partir do I Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros*. Rio de Janeiro: Synergia Editora, 2016. p. 92.

²⁴⁸ REIS, Raissa Brescia dos. Projeto cultural e política intelectual nas páginas da *Présence Africaine* (1947-1965). In: REIS, Raissa Brescia dos; ALMEIDA, Taciana. *Cultura e mobilização: reflexões a partir do I Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros*. Rio de Janeiro: Synergia Editora, 2016. p. 93.

país diretamente com a França e não apoiou efetivamente os meios revolucionários para a independência, nem ali, nem na Argélia, de cujo processo revolucionário o martinicano foi partícipe e no qual tornou-se um revolucionário. O fato de que o conceito de *négritude* de Senghór sobrepôs-se à defesa de um pan-africanismo capaz de incluir os africanos árabes mobilizou muitas de suas críticas²⁴⁹.

Enfim, há em Frantz Fanon muito mais críticas à *négritude* de Senghór que a Aimée Césaire, com quem a produção do psiquiatra teceu relações mais complexas. Entre *Discourse on Colonialism*²⁵⁰, de Aimée Césaire, e *Os condenados da Terra*, de Frantz Fanon, podem ser traçadas aproximações significativas. Ambos autores teceram críticas contundentes ao colonialismo e defesas da via revolucionária, e denunciaram o caráter racista do discurso colonial. Ambos se relacionam com a tradição marxista por meio de “apropriações criativas”, conceito empregado pela pesquisadora africanista Leila Hernández²⁵¹, e originalmente cunhado pelo palestino Edward Said²⁵². Nas páginas da *Tricontinental*, o intelectual senegalês Pathé Diagné partiu de sua leitura da obra de Frantz Fanon para criticar Senghór de maneira emblemática: “na comunidade que apresenta os explorados em luta, Ernesto Che Guevara e Ho Chi Minh são mais negros que Senghór”²⁵³.

As publicações ligadas à *Tricontinental*, para Anne Garland Mahler, adotam concepções de raça que estão mais ligadas à experiência da opressão pelo imperialismo e pela colonização, do que à cor da pele. Tal percepção é definida pela autora como uma “subjetividade revolucionária não-racialmente determinista, em que cor é usado para referir-se não à cor de pele de alguém, mas à uma posição ideológica de tricontinentalismo”²⁵⁴. Reconhecer a importância de Frantz Fanon para as publicações da OSPAAAL nos convida a examinar de que modo essas respondem a sua obra, e também os momentos em que a falta de um diálogo mais profundo com sua obra implicou em

²⁴⁹ FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 191.

²⁵⁰ CÉSAIRE, Aimé. *Discourse on colonialism*. New York: Monthly Review Press, 2000. [Kindle Edition].

²⁵¹ HERNÁNDEZ, Leila. A itinerância das ideias e o pensamento social africano. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 21, n. 40, p. 195-225, 2014.

²⁵² SAID, Edward. Reconsiderando a teoria itinerante. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *Deslocalizar a Europa - Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonidade*. Lisboa: Cotovia, 2005.

²⁵³ DIAGNÉ, Pathé. Ni Apolo ni Oddudúa. *Tricontinental*, Havana, n.27-28, 1972, p. 155.

²⁵⁴ MAHLER, Anne. *Beyond the color curtain: Empire and resistance from the Tricontinental to the Global South*. 2013. Tese de Doutorado – Emory University, 2013. p. 8.

ausências significativas. Por esse motivo, esse capítulo retornará a Frantz Fanon em inúmeros momentos.

Em *Pele negra, máscaras brancas*²⁵⁵, obra escrita como proposta de tese em psiquiatria, o autor destrincha os mecanismos por meio dos quais o mundo moderno – racista e colonialista – configura para o negro uma posição de neurose e melancolia. Para Frantz Fanon, a violenta história do racismo e da escravidão posicionam o negro fora até mesmo da dialética do Eu e do Outro, inserindo-o em uma relação de Sujeito-Objeto em relação ao branco. Fora da possibilidade de tornar-se o Outro e fora também da possibilidade de acesso à razão e ao conhecimento. Isso se dá na medida em que a “razão” não reconhece a possibilidade de que os negros sejam razoáveis e racionais, problema não só político e econômico, mas também cultural e subjetivo, que é agravado pela perpetração de estereótipos e representações infantilizadas e irracionais dos negros. Em prefácio à obra, Lewis Gordon aborda esse problema nos seguintes termos: “os negros, em outras palavras, enfrentam o problema de sua relação com a razão e com o Eu enquanto indígenas do mundo moderno”²⁵⁶.

Para romper com esse estado de melancolia e neurose, o pedido de Frantz Fanon enuncia a necessidade de que os negros possam se engajar na crítica e no questionamento do racismo; apropriar-se da linguagem; sair da dialética Sujeito-Objeto para inserir-se em uma relação dialética Eu-Outro. Esse processo tem contornos políticos, públicos e coletivos claros, mas também envolve um importante processo subjetivo, necessário mesmo em sociedades nas quais as relações étnico-raciais não são pautadas pela segregação, como no caso da colonização francesa. Em contexto semelhante, o homem negro e colonizado “só poderá conceber sua existência através de um combate contra a exploração, a miséria e a fome”²⁵⁷. O texto de Frantz Fanon se encerra com algumas demandas: que cesse a exploração do homem pelo homem, que o questionamento constante seja arma contra a alienação e em prol da liberdade.

O martinicano solidariza-se, ainda, com a guerra de independência vietnamita, reconhecendo que um colonizado negro e um vietnamita têm objetivos semelhantes:

²⁵⁵ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

²⁵⁶ GORDON, Lewis. Prefácio. In: FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 17.

²⁵⁷ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 186.

romper com a exploração a fim de conceber sua própria existência, de conseguir respirar²⁵⁸. O objetivo de Frantz Fanon é buscar caminhos para um novo humanismo, que viabilize a solidariedade, não só entre os negros, mas também para com todos seres humanos, inclusive os brancos. Ainda assim, quando lemos a obra de Frantz Fanon em seu conjunto, fica claro o quanto o autor destaca a relação intrínseca entre o racismo contra os negros, a escravidão, a diáspora e a colonização.

Nossa leitura das edições da revista aponta que Frantz Fanon ecoa em suas páginas. Essas dialogam intensamente com sua obra, mesmo em momentos que o autor não é citado de maneira direta. Entretanto, nos parece importante ressaltar que entre a revista e o martinicano houve diálogos encontrados e perdidos, certas críticas foram incorporadas e outras ignoradas. Enquanto *Os condenados da Terra* é citado nominalmente por inúmeros autores, *Pele negra, máscaras brancas*, que analisa e denuncia o racismo de maneira mais contundente, foi bastante ofuscado.

As concepções desenvolvidas ao longo de *Os condenados da Terra* enfocaram a busca por uma nova síntese para os problemas postos pelo mundo colonial e pelo imperialismo, e tiveram um impacto mais significativo nas páginas da revista. O que há de mais marcante na *Tricontinental* é um clamor pela urgência de uma descolonização que permitisse a verdadeira emancipação dos “condenados da Terra”, por meio de um necessário uso da violência. Cabe, portanto, um esforço para elencar os principais argumentos presentes nesta obra, a fim de que possamos propriamente abordar seus ecos na revista e, enfim, situá-la em relação a essa comunidade de discurso. Em Frantz Fanon, há a afirmação de uma “complementariedade entre o aspecto político e cultural”²⁵⁹, uma relação intrínseca entre o que se propõe para a cultura, a arte e a situação política. Essa indissociabilidade se manifestará nos três momentos sobre os quais o autor disserta: sob jugo colonial, nas lutas pela independência e no processo de construção nacional.

Segundo a leitura proposta por Alice Cherki em seu prefácio à obra *Os condenados da Terra*, “lutar contra o racismo é inútil se não se evidenciam os efeitos da

²⁵⁸ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 184.

²⁵⁹ DURÃO, Gustavo de Andrade. Frantz Fanon: sobre a violência e o projeto anticolonial para a emancipação. In: REIS, Raissa Brescia dos; ALMEIDA, Taciana. *Cultura e mobilização: reflexões a partir do I Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros*. Rio de Janeiro: Synergia Editora, 2016. p. 135.

opressão exercida pela cultura dominante, opressão que atinge as comunidades, o político e a cultura, mas também o psíquico”²⁶⁰. O aspecto inovador da obra de Fanon, portanto, está precisamente em ter “misturado os gêneros e os níveis do discurso – análise política, cultural e psicológica”²⁶¹ trabalhando essas formas de significar a experiência humana de maneira integrada.

O aspecto pelo qual *Os condenados da Terra* tornou-se mais conhecido foi a defesa da violência revolucionária. A obra se inicia afirmando sem rodeios: “a descolonização é sempre um fenômeno violento”²⁶². Desde seu lançamento, esse aspecto provou-se controverso, suscitando leituras bastante opostas. No prefácio à obra que lhe conferiu imediata notoriedade, dirigindo-se aos seus conterrâneos europeus, Sartre extrai de suas páginas um diagnóstico: “É o fim, como vocês estão vendo. [...] A relação de forças se inverteu, a descolonização está em curso; [...]”²⁶³. E enfim, “também nós, gente da Europa, somos descolonizados. Isso quer dizer que se extirpa, por uma operação sangrenta, o colono que está em cada um de nós”²⁶⁴. Nesse prefácio, o intelectual francês posiciona a violência revolucionária como aspecto central do livro, apontando a potência dos “condenados da Terra” para destruir a Europa e tudo que a ela é caro. Em contraponto a Sartre, Alice Cherki²⁶⁵ afirma que o peso dado à defesa da violência na obra de Fanon foi exagerado, e obscureceu outra leitura possível da obra: um apelo pela descolonização, um diagnóstico de um mundo doente para o qual a violência apresentava-se como o principal remédio possível naquele momento.

Mais que deliberar, hoje, acerca da pertinência da leitura proposta por Sartre à violência em Frantz Fanon, nos parece importante situá-la em relação ao período de publicação da obra, em que a luta revolucionária pela descolonização estava na ordem do dia. “O grande mito de Fanon podia ser lido naquele momento, tanto por aqueles que ele chocava quanto, igualmente, por aqueles a quem ele energizava, como um chamado

²⁶⁰ CHERKI, Alice. Prefácio. In: FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 13.

²⁶¹ *Ibidem*, p. 14.

²⁶² FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 51.

²⁶³ SARTRE, Jean-Paul. Prefácio. FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p.45.

²⁶⁴ *Ibidem*, p. 43.

²⁶⁵ CHERKI, Alice. Prefácio. In: FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p.7-21.

irresponsável à violência desmedida”²⁶⁶. Definida por Frederick Jameson e Claudia Gilman como a década em que a ruptura radical pareceu iminente, os sessenta/setenta²⁶⁷ não apenas subscreveram ao apelo do intelectual, psiquiatra e revolucionário²⁶⁸, como levaram-no às últimas consequências e a limites que teriam, quiçá, surpreendido o próprio Frantz Fanon. A leitura que ganha maior eco nas páginas da revista *Tricontinental* é definitivamente aquela marcada pelo olhar e pelo prefácio escrito por Sartre, enfocando a defesa da violência revolucionária.

Ainda sobre a violência, é importante ressaltar que a doença que o autor martinicano diagnostica neste mundo consistia no fato de que ele é inteiramente marcado pela violência da colonização, a alienação imposta ao colonizado. Isso se dá a partir da leitura fanoniana das obras de Hegel e Luckács; nesse sentido, a construção subjetiva dos povos colonizados se dá dentro da dicotomia Sujeito-Objeto²⁶⁹. Neste panorama, o objeto-colonizado é visto e passa a se enxergar como desprovido de humanidade em contraposição ao sujeito-Europa. Nesse sentido, a defesa da violência situa-se como proposta de opor à violência da colonização uma violência maior, suficiente para superá-la e assim moldar outro mundo possível. Não há uma defesa cega da violência, mas sua defesa na luta contra um mundo já concebido pelo autor como eminentemente violento e “cortado em dois”.

De todo modo, nas páginas de *Os condenados da Terra* delineou caminhos para a *nova humanidade* que propõe. A obra não abre mão da crítica, questionamento e

²⁶⁶ JAMESON, Frederic. Periodizing the 60s. *Social Text*, Durham, v. 9/10, p. 178-209, 1984. p. 188.

²⁶⁷ Jameson estende a duração dos sessenta até inícios dos 1970, demonstrando como até aquele momento pode-se falar de aspirações comuns e de uma euforia otimista em relação à descolonização e aos processos revolucionários, em África, Ásia e América Latina, e em relação à revolução cultural e as pautas de movimentos como o feminista e o LGBT, bem como o Maio de 68, no então chamado Primeiro Mundo. Também Claudia Gilman, em diálogo com a obra de Jameson, buscou trabalhar com os sessenta/setenta como época, na medida em que foram compartilhadas concepções semelhantes de arte, cultura e revolução, um conjunto de sensibilidades que permitiram crer que a transformação do mundo pela força da revolução terceiro-mundista era iminente. Essa proposta de periodização foi abordada mais extensamente na introdução e no primeiro capítulo da dissertação. Ver também: JAMESON, Frederic. Periodizing the 60s. *Social Text*, Durham, v. 9/10, p. 178-209, 1984; GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en America Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

²⁶⁸ Para mais elementos sobre a trajetória política, intelectual e profissional de Frantz Fanon, conferir: DURÃO, G. A. . Frantz Fanon, um escritor múltiplo: trajetória intelectual, formação cultural e movimentação política. Odeere, v. V.1, p. 100-119, 2016.

²⁶⁹ SAID, Edward. Reconsiderando a teoria itinerante. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *Deslocalizar a Europa - Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonidade*. Lisboa: Cotovia, 2005.

destruição do racismo, mas enfoca outras questões que parecem ter apelado mais às esquerdas naquele período: a construção nacional por meio do processo revolucionário, a defesa da violência revolucionária, e seus esforços para repensar o papel do intelectual, da cultura e da arte.

Esta luta [anticolonial], que visa uma redistribuição fundamental das relações entre os homens, não pode deixar intatos nem as formas nem os conteúdos culturais desse povo. *Depois da luta, não há somente desaparecimento do colonialismo, mas também desaparecimento do colonizado. Essa nova humanidade, para si e para os outros, não pode deixar de definir um novo humanismo.*²⁷⁰[grifo nosso]

Segundo Frantz Fanon, a colonização se impõe como um impeditivo ao florescimento da cultura do colonizado, que ao longo da colonização se tornara opaca, morta, repetitiva. Consolidada em torno do olhar colonial, a cultura colonizada assimilava a cultura do colonizador: sua língua, sua tradição intelectual, e com isso carregava em si a inferiorização imposta às culturas africanas. Mesmo quando se afirmava em oposição à ela, acabava reproduzindo exotismo e peculiaridades, colocando-se fora do projeto do humanismo europeu. Presa à reafirmação e repetição da cultura pré-colonial, “se torna um estoque de hábitos, motores, de tradições vestimentares, de instituições fragmentadas”²⁷¹.

Para o martinicano, na colonização, não há espaço para a livre criação; a violência deste mundo cortado em dois é incompatível com expressões culturais vivas. A luta revolucionária e a descolonização, por sua vez, colocam-se como processo histórico que constituiria as condições para o real florescimento da cultura nacional. Nesse sentido, o internacionalismo só é verdadeiramente possível a partir de um processo revolucionário e da construção nacional; é no decorrer deste processo que uma verdadeira consciência se forma, capaz de situar os países da África em relação à humanidade, precisamente em uma posição de luta anticolonial e anti-imperialista, em conjunto com os países de Ásia e América Latina.

A reivindicação nacional, dizem por aí, é uma fase que a humanidade já superou. A hora é dos grandes conjuntos e os atrasados do nacionalismo

²⁷⁰ FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 281.

²⁷¹ *Ibidem*, p. 273.

devem, conseqüentemente, corrigir os seus erros. *Pensamos, pelo contrário, que o erro, pesadas as conseqüências, consistiria em querer saltar a etapa nacional. Se a cultura é a manifestação da consciência nacional, não hesitarei em dizer, no caso de que tratamos, que a consciência nacional é a forma mais elaborada da cultura.*²⁷² [grifo nosso]

Vale ressaltar que não se trata aqui, para o autor martinicano, de uma defesa do nacionalismo, mas da defesa de um processo histórico de luta pela independência que permitiria o florescimento da cultura, o desenvolvimento de uma consciência da coletividade, que seria capaz de sanar problemas fundacionais das culturas nacionais africanas. Não basta nomear a nação, é preciso forjá-la em práxis e consciência. Mais que uma simples etapa, o momento de luta por libertação e exercício da violência revolucionária e descolonizadora constitui o primordial espaço de intercessão entre a práxis, a transformação do mundo e também a sua descoberta consciente. É a partir desta intercessão entre consciência e prática que Fanon pensará o local da liderança política e do intelectual.

Os intelectuais na África colonizada estariam demasiado próximos da cultura europeia e, por isso, distantes das questões que mais interessavam aos povos africanos. Estes só passariam a cumprir sua função em relação à cultura nacional se fossem capazes de conectarem-se à cultura do povo, e assim superarem sua condição de intelectual colonizado.

Nas regiões colonizadas, onde uma verdadeira luta de libertação existiu, onde o sangue do povo correu e onde a duração da fase armada favoreceu o refluxo dos intelectuais para bases populares, assiste-se a uma verdadeira erradicação da superestrutura colhida por esses intelectuais nos meios burgueses colonialistas²⁷³.

Para Fanon, é em “se misturar ao povo durante a luta de libertação [que o intelectual colonizado] vai descobrir a falsidade”²⁷⁴ de valores burgueses como o individualismo, em que cada indivíduo se fecha em sua subjetividade e supervaloriza a riqueza de pensamento intelectual subjetivo. No quadro geral da revolução, da

²⁷² FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 282.

²⁷³ *Ibidem*, p. 63.

²⁷⁴ *Ibidem*, p. 64.

descolonização e da construção nacional, o intelectual deixa de produzir para o colonizador – seja para impressioná-lo ou denunciá-lo – e passa a dirigir-se ao povo em uma literatura de combate, “porque assume, porque é vontade temporalizada”²⁷⁵.

Em comentários sobre a poesia, Frantz Fanon afirma que “a compreensão do poema não é apenas um procedimento intelectual, mas um procedimento político”²⁷⁶. Quando escreve para seu povo, o poeta deve “abrir o futuro, convidar à ação, fundar a esperança”²⁷⁷. Para fazê-lo com sucesso, deve participar do processo revolucionário, e seu trabalho na cultura nacional deve inserir-se em uma perspectiva temporal, articulando no presente as experiências do passado e a abertura do horizonte futuro.

Em contato com o povo, o intelectual – não mais colonizado, senão *revolucionário* – terá a oportunidade de explorar o valor da coletividade e da comunidade. Para este intelectual, deixa de ser importante “ter a última palavra”. A autocrítica, em comunidades que recuperam a tradição africana de debater questões pertinentes à aldeia em público, é comum, uma vez que todos têm objetivos compartilhados. A razão, as *luzes*, são aqui uma construção coletiva e comunitária.

O intelectual revolucionário por excelência é aquele que auxilia a comunidade, ao mesmo tempo que abdica de seu lugar de autoridade, aquele capaz de fazer-se “inessencial diante do objeto ou da ideia”²⁷⁸. É interessante ressaltar que a obra do martinicano foi escrita a partir de suas experiências como revolucionário na Guerra de Independência da Argélia, onde atuou como psiquiatra, intelectual, diplomata e revolucionário. A partir da leitura de Frantz Fanon, Ntongela Masilela elenca ainda alguns outros aspectos das responsabilidades políticas e sociais do intelectual defendido por Fanon:

Sua abordagem analítica não deve ser particularista em explicar problemas complexos para a nação, uma vez que isso pode apenas resultar no falhar em reconhecer a totalidade do processo em questão; uma de suas tarefas primordiais é introduzir novos conceitos e novas ideias que desmistifiquem circunstâncias que requerem transformação para que uma nova nação possa emergir; [...]; ela deve redefinir a missão histórica da nação como sendo superar a dominação e a opressão

²⁷⁵ FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 275.

²⁷⁶ *Ibidem*, p. 266.

²⁷⁷ *Ibidem*, p. 266.

²⁷⁸ *Ibidem*, p. 66.

em suas expressões internas e externas.²⁷⁹

Em *Ni Apolo ni Oddudúa*²⁸⁰, artigo publicado por Pathé Diagné na edição 27-28 da *Tricontinental*, este autor buscará denunciar e recusar os usos da cultura universal como pretexto para práticas e discursos imperialistas, e será endossado pelo corpo editorial da revista em nota introdutória. Diagné define as linhas políticas e culturais em discordância que dominaram os debates sobre cultura em África nos anos de 1960 entre aqueles que adotam concepções fanonistas e aqueles que não o fazem; aqueles que defendem uma concepção de cultura verdadeiramente libertadora, descolonizadora e politicamente responsável e aqueles que se alinham ao colonialismo.

Extremamente crítico de Leopold Sédar Senghór, o autor repudia as aproximações entre o Senegal independente e a França, a adoção do francês como língua oficial nesse país, bem como o conceito de *négritude* tal qual defendido por esse autor. Segundo Diagné, Senghór atribui à colonização o início da história senegalesa, e busca nas sociedades greco-latinas e francesa as bases culturais, políticas e históricas para o Senegal independente. Por optar pela língua francesa e focar-se na assimilação, a *négritude* de Senghór fazia um desserviço à cultura nacional senegalesa e à África como um todo. Leopold Sédar Senghor foi crítico da política cultural adotada na Guiné [Conakry], país que havia rompido relações com a França após a independência, algo que para Senghór seria inaceitável; a Guiné havia “renegado sua história”²⁸¹. Opondo-se a essa visão, Diagné retoma outro fundador da *négritude*, Aimée Césaire, que afirma “a colonização é o acidente. O papel do historiador é *realizar a dupla continuidade quebrada pela colonização, a continuidade com o mundo, a continuidade com nós mesmos* [grifo nosso]”²⁸². O argumento de Pathé Diagné consiste em afirmar que se a colonização é o acidente, não é nela que devem ser buscadas as referências para a nova nação independente.

²⁷⁹ MASILELA, Ntongela. *The continuing relevance of Frantz Fanon in the postmodern era of globalization*. Disponível em: <<http://pzacad.pitzer.edu/NAM/general/Prah.pdf>>. Acesso em: 03/12/2017. p. 15.

²⁸⁰ DIAGNÉ, Pathé. *Ni Apolo ni Oddudúa*. *Tricontinental*, Havana, n.27-28 1972, p. 155-174.

²⁸¹ SENGHÓR, Leopold Sédar apud DIAGNÉ, Pathé. *Ni Apolo ni Oddudúa*. *Tricontinental*, Havana, n.27-28 1972, p. 170.

²⁸² CÉSAIRE, Aimé apud DIAGNÉ, Pathé. *Ni Apolo ni Oddudúa*. *Tricontinental*, Havana, n. 27-28 1972, p. 170.

Diagné lança-se em defesa de revoluções culturais e linguísticas no continente africano, que valorizassem as línguas de matriz africana como instrumentos da cultura destes locais, repositórios de sua história, a fim de promover a alfabetização bilíngue dos africanos. Esta outra África, onde pudessem se consolidar Estados multirraciais e plurinacionais, que superassem questões étnicas, raciais e tribais, e que fossem multilíngues e alfabetizados, seria a África ideal para o florescimento de uma civilização pan-africana diversa e popular. Por meio da recuperação das línguas autóctones, as nações africanas seriam capazes de produzir um verdadeiro renascimento cultural. Lançando-se neste projeto, Pathé Diagné foi inclusive responsável pela escritura de uma das primeiras gramáticas wolof.

Apenas a partir deste renascimento cultural – pelo qual mesmo países como a França passaram, Diagné relembra – seria possível pensar um pan-africanismo dos povos, e não mais das elites. Reconhecendo não bastarem nem Apolo, nem Oddudúa, o linguista senegalês defende a fundação de uma “civilização [pan]africana, aberta ao mundo, mas primeiramente atenta ao patrimônio, aos instrumentos culturais africanos e à diversidade de culturas africanas”²⁸³. O lugar do universalismo aparece aqui como “abertura, atenção contínua ao novo, original e vivo que se cria em outro lugar”²⁸⁴, mas sem adotar o externo como ponto de referência.

Outras referências importantes a Frantz Fanon são dignas de nota: inúmeros dos relatos de viagem e peças propagandísticas publicadas na *Tricontinental* tinham como objetivo expor as contradições desse “mundo cortado em dois”, a dialética desigual e constitutiva da “cidade colonial”. Em inúmeros momentos, os três continentes são tratados como os “condenados da Terra”, e o autor martinicano é citado por inúmeros autores, especialmente, mas não exclusivamente, pelos intelectuais e líderes políticos africanos. A política de citação direta, tão comum em artigos acadêmicos, nem sempre esteve presente nas páginas da revista, o que dificulta precisar exatamente quais dos textos publicados referenciam o martinicano de maneira direta. O que fica claro e nos impressiona, por outro lado, é o quanto concepções, termos e figuras – enfim, formas de compreender e dar sentido ao mundo por meio da linguagem – que foram lançadas em

²⁸³ DIAGNÉ, Pathé. Ni Apolo ni Oddudúa. *Tricontinental*, Havana, n.27-28 1972, p. 173.

²⁸⁴ *Ibidem*, p. 168.

Os condenados da Terra, reverberaram, foram traduzidas e tornam-se parte do léxico de tantos movimentos, partidos, líderes políticos e intelectuais distintos.

Proseguimos, traçando outros percursos.

2.2. *Su querida presencia*: Che Guevara entre as memórias e o testamento político

Existe uma foto extraordinária, em que Guevara está na Bolívia, em cima de uma árvore, lendo, em meio à desolação e à experiência terrível da guerrilha perseguida. Sobe numa árvore para se isolar um pouco e ali está, lendo.²⁸⁵

Ernesto Guevara de la Senra foi uma figura central nas páginas da *Tricontinental*, tanto por suas obras, diários e discursos ali publicados, quanto pela construção simbólica e até mesmo iconográfica de sua imagem. Sua morte, na Bolívia, tornou-se motivo de rememoração, e levou a revista a publicar seu segundo número quase que inteiramente dedicada a ele. Posteriormente, em rememoração, homenagens foram prestadas ao guerrilheiro na data de seu falecimento. Ao longo de nosso recorte, identificamos que a revista publicou diversas homenagens a ele, mediante capas e cartazes, bem como com a publicação de textos, discursos e outros documentos elaborados pelo guerrilheiro ou sobre ele.²⁸⁶

Sua vida e sua produção intelectual tornaram-se referência daquilo que se espera de um guerrilheiro e de um pensador, enfim, de um intelectual revolucionário. Nas palavras de Claudia Gilman,

Guevara condensa nas significações que adquiriu, mas também nas que deu a si mesmo de maneira explícita e nas que foram a ele associadas, uma riqueza explicativa do passado recente e do passado remoto, o presente e, talvez, o futuro. Jean-Paul Sartre o qualificou como

²⁸⁵ PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. [Kindle] Posição 1251.

²⁸⁶ Quando se completou 1 ano desde sua morte, publicou-se a revista temática de número 8; aos 2 anos, a de número 14; aos 3 anos publica-se a edição de número 19-20, que também o homenageia; aos 4 anos de sua morte publica-se a edição de número 26; e quando cumprem-se 8 anos publica-se a edição de número 44.

“máximo exemplar da espécie humana”²⁸⁷.

Isso se dá por inúmeros motivos, elencados pela autora de *Agenciamentos nómades*. Iconograficamente, sua imagem tornou-se – em tempos de reprodutibilidade gráfica e técnica – uma das mais veiculadas e reproduzidas da história. O messianismo de sua proposta de transformação da história humana dialoga com a tradição cristã. Sua imagem congrega, ainda, a crença no potencial transformador da juventude e da ruptura radical, que são elementos centrais da crença no futuro que caracterizou a modernidade ocidental. “Clássico e singular exemplo de um ator-rede: não reduzível nem a um simples ator nem a uma simples rede”²⁸⁸, mas ponto onde se entrelaçam uma série de elementos; nóculo explicativo por meio do qual se dá a conhecer uma época. Sua significação nas páginas da *Tricontinental* permite refletir sobre ele, bem como sobre os agenciamentos que engendrou não só em vida, mas também os que foram postumamente associados a ele.

Guevara está presente em quase todas as geografias possíveis de seu tempo, primeiro em seu país natal e logo pelo mundo, em centenas de estações climáticas, todas singulares, todas memoráveis. Esse nomadismo começa desde a infância e seu ímpeto *não se detém com a morte: ao contrário, se intensifica com ela*. Na topologia infinita no espaço e no tempo o Che não é de nenhuma parte e é de todas, não é de ninguém porque pode ser de todos. [...] Seu deslocamento espacial e temporal é simultâneo à globalização (que Guevara, entretanto, em léxico marxista concebe como “internacionalização”). Em sua modalidade de agenciamento, traça linhas de desterritorialização que sempre se abrem a uma terra excêntrica, imemorial ou futura. [grifo nosso]²⁸⁹.

A figura do Che, com seus arroubos de rebeldia juvenil, sua ânsia por transformar o mundo por meio da ação, tornou-se ponto de intersecção entre o marxismo e os movimentos ligados às Novas Esquerdas – também, mas não só – na América Latina. É nesse sentido que Ernesto Guevara e sua imagem passam a ser sinônimos da Conferência

²⁸⁷ GILMAN, Claudia. Che Guevara: Agenciamentos nómades. Pasado, presente y transición epocal. 2014. Disponível em: <<https://conicet.academia.edu/ClaudiaGilman>>. Acesso em: 10/01/2017. p. 5.

²⁸⁸ *Ibidem*, p. 5.

²⁸⁹ *Ibidem*, p. 9.

Tricontinental, ainda que ele não tenha participado desta reunião.²⁹⁰ Como pontuamos no capítulo 1, Che Guevara não só foi ícone da Conferência como tornou-se pauta dela, sendo então identificado como o que há de mais belo e puro na Revolução Cubana, e quiçá como o maior apoiador, dentro da ilha, do fomento ao internacionalismo revolucionário.²⁹¹

Como indica Zolov, “foi na figura do Che Guevara que a guerrilha e o ‘hippie’ coincidiram”²⁹², ainda que não tanto em suas convicções políticas quanto no apego pela transformação radical. O reconhecimento de Guevara da necessidade de se forjarem “homens novos”, do papel fundamental que a transformação da cultura ocupa em processos de ruptura radical com o passado, é outro elemento que o posiciona como uma espécie de ponte entre as esquerdas ligadas umbilicalmente aos partidos comunistas, e essa nova esquerda²⁹³ que na América Latina se expressa por meio da adesão à guerrilha, e na Europa e nos Estados Unidos se expressava no movimento hippie e no maio de 68. As ideias de Guevara acerca do “homem novo”, defendidas em *El socialismo y el hombre en Cuba*, por sua vez, encontraram eco forte nas páginas da revista *Tricontinental*; especialmente naquelas que trataram diretamente de questões ligadas à intelectualidade e à cultura²⁹⁴.

Sua vida torna-se símbolo da Conferência Tricontinental, precisamente em função dos “agenciamentos nômades” que estabelece. Dedicou sua vida à defesa de um pensamento que reconhece a opressão como compartilhada, a ponto de que “morrer sob a bandeira do Vietnã, da Venezuela, da Guatemala, do Laos, da Guiné, da Colômbia, da Bolívia, do Brasil [...] seja igualmente glorioso e apetecível para um americano, um

²⁹⁰ ZOLOV, Eric. La Tricontinental y el mensaje del Che Guevara. Encrucijadas de una nueva izquierda. *Palimpsesto*. Santiago de Chile: v. VI, n. 9, jan-jun, 2016, p. 1- 13.

²⁹¹ SWEEZY, Paul M., HUBERMAN, Leo. The Tricontinental and After. *Monthly Review: a socialist independent magazine*. 1966, abril, vol. 17, n. 11.

²⁹² ZOLOV, Eric. La Tricontinental y el mensaje del Che Guevara. Encrucijadas de una nueva izquierda. *Palimpsesto*. Santiago de Chile: v. VI, n. 9, jan-jun, 2016, p. 11.

²⁹³ Segundo Zolov, essa nova esquerda latino-americana era inspirada pela Revolução Cubana e pela figura de Che Guevara, e buscou promover a crítica dos partidos comunistas latino-americanos, especialmente de compreensões etapistas que acreditavam na aliança com a burguesia para a condução de revoluções de cunho burguês, nacionalista e anti-imperialista. Defendiam, nesse sentido, que a revolução a ser feita deveria desde já ser nacionalista, anti-imperialista e socialista. Cf: ZOLOV, Eric. La Tricontinental y el mensaje del Che Guevara. Encrucijadas de una nueva izquierda. *Palimpsesto*. Santiago de Chile: v. VI, n. 9, jan-jun, 2016, p. 1-13.

²⁹⁴ Os intelectuais e a cultura são objeto das reflexões da próxima seção deste capítulo.

asiático, um africano e, ainda, um europeu”²⁹⁵. *Su querida presencia* nas páginas da revista *Tricontinental* expressa a força simbólica que sua imagem adquiriu, como personificação e cristalização de imagens do que seria a revolução e quem seria seu protagonista ideal. Afinal, como aponta Claudia Gilman, “os intelectuais que se alinharam em torno da expectativa de uma revolução iminente consideraram Guevara como o homem que reunia de maneira exemplar todos os ideais de seu tempo”²⁹⁶.

Em abril de 1967, foram impressas as páginas do panfleto *Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental*²⁹⁷, publicado e distribuído conjuntamente com a primeira edição da revista. Nessas páginas, Guevara delineou alguns dos principais aspectos de seu pensamento acerca da conjuntura política dos três continentes, demonstrando amplo conhecimento sobre as lutas anti-imperialistas e anti-coloniais que estavam em curso naquele momento. Lançou-se, mais uma vez, na defesa do internacionalismo revolucionário, que já o levava ao Congo e à Bolívia. Ressaltou também a centralidade que os debates sobre a Guerra do Vietnã assumiram para as esquerdas neste período. Sua Mensagem à *Tricontinental*, sabemos hoje, foram suas últimas palavras aos guerrilheiros do mundo, e são consideradas pelos editores da revista seu testamento político.

Para o Guevara autor da *Mensaje*, as Guerras da Coreia e do Vietnã são apenas alguns dos exemplos que contradizem o otimismo e a defesa da paz iniciadas após o fim da Segunda Guerra Mundial. A Guerra da Coreia, evento que opôs norte-coreanos e chineses, com apoio militar soviético, aos exércitos da Coreia do Sul, dos Estados Unidos e de outros países aliados ao bloco capitalista, se encerrou com a repartição do país em dois. O legado desse conflito, nas palavras do Che, são a “completa devastação” da Coreia do Norte; um país que é deixado sem hospitais, escolas, fábricas ou moradias.

²⁹⁵ O texto foi publicado como um anexo à primeira edição da revista *Tricontinental*, distribuído aos participantes da primeira conferência da *Organización de Solidaridad Latinoamericana* (OLAS), e republicado nas páginas da revista inúmeras vezes; entre elas, em sua décima quarta edição. Consultamos a versão digitalizada disponível no sítio Marxists.org. GUEVARA, Ernesto ‘Che’. *Crear dos, tres Viet Nam... Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental*. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/guevara/04_67.htm>. Acesso em: 10/12/2016.

²⁹⁶ GILMAN, Gilman. Che Guevara: Agenciamientos nómades. Pasado, presente y transición epocal. 2014. Disponível em: <https://conicet.academia.edu/ClaudiaGilman>. Acessado em: 10 de janeiro de 2017. p. 13.

²⁹⁷ GUEVARA, Ernesto ‘Che’. *Crear dos, tres Viet Nam... Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental*. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/guevara/04_67.htm>. Acesso em: 10/12/2016.

Sobre o Vietnã, o guerrilheiro cita os acordos de Genebra de 54, que versaram sobre a divisão do Vietnã em duas zonas e estipularam um prazo para a convocação de eleições e deliberações acerca da reunificação. Che Guevara acusa os Estados Unidos de tentarem impor sua vontade no Vietnã por meio de fraudes eleitorais. Esta intervenção é que, então, mobilizou o rearmamento das tropas que anteriormente lutaram contra os franceses e o recomeço das hostilidades. A escalada do conflito e da participação estadunidense se dá por meio dos bombardeios ao Vietnã do Norte, e por fim culmina na invasão do país por tropas, cujo contingente em solo vietnamita já alcançava cerca de meio milhão de combatentes, em 1967.

Um dos principais pontos levantados por Che nas páginas da *Mensaje* é acerca da solidão do povo vietnamita, “essa nação que representa as aspirações, as esperanças de vitória de todo um mundo preterido”²⁹⁸. Essa solidão é causada pelo fato de que a solidariedade oferecida ao Vietnã pelo mundo progressista é demasiado limitada. Para Guevara, “não se trata de desejar êxitos ao agredido, mas de correr sua mesma sorte; acompanhá-lo à morte ou à vitória”²⁹⁹. Também o campo socialista é responsável pelo isolamento vietnamita, enquanto preocupa-se com o conflito sino-soviético, uma “guerra de insultos e trapaças”³⁰⁰.

O guerrilheiro tece elogios a esse povo e sua luta. Para Guevara, são nas selvas vietnamitas que o imperialismo estadunidense se atola, como em um pântano. Os povos dos três continentes devem aprender com o Vietnã o papel que lhes cabe: “Criar dois, três Vietnams... essa é a consigna!”³⁰¹. É preciso reconhecer que a paz que se sucedeu à Segunda Guerra Mundial é falsa e permeada de conflitos locais, da miséria, e da exploração de África, Ásia e América Latina pelo colonialismo e pelo imperialismo. Não cabe esperar que os países da “velha Europa” destruam o imperialismo, é preciso fazê-lo.

E, a nós, explorados do mundo, qual é o papel que nos corresponde?
[...] Já que, com a ameaça da guerra, os imperialistas exercem sua
chantagem sobre a humanidade, *não temer a guerra é a resposta justa.*

²⁹⁸ GUEVARA, Ernesto ‘Che’. *Crear dos, tres Viet Nam... Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental*. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/guevara/04_67.htm>. Acesso em: 10/12/2016.

²⁹⁹ *Ibidem.*

³⁰⁰ *Ibidem.*

³⁰¹ *Ibidem.*

Atacar dura e ininterrompidamente em cada ponto de confrontação deve ser a tática geral dos povos.³⁰² [grifo nosso]

Em sua *Mensaje*, o revolucionário argentino busca ainda caracterizar os três continentes que compõe a *Tricontinental*. A Ásia apresenta-se como o foco de muitas das contradições do mundo, não apenas em função do caráter central da Guerra do Vietnã, mas também por causa do que se passava no Laos e em outras ilhas; o interesse estadunidense em fazer frente à República Popular da China, já naquele período, mobilizava as ações imperialistas naquele continente.

Sua caracterização do continente africano, por sua vez, aponta que as lutas anticoloniais na África (portuguesa, principalmente) devem ser apoiadas, ainda que não tenham um papel tão determinante em fazer frente ao imperialismo estadunidense. Para Guevara, o grande inimigo a ser combatido é o imperialismo, uma vez que não bastava acabar com o colonialismo. Alinhado à leitura de Frantz Fanon, o guerrilheiro afirma que o destino dos países africanos independentes era alinharem-se à luta anti-imperialista, uma vez que apenas esta seria capaz de produzir a real libertação da humanidade. Nesse sentido, o Che adota como sua a leitura do martinicano³⁰³, segundo o qual a ausência de uma burguesia consolidada em África expunha o continente aos riscos do imperialismo e do neocolonialismo.

Segundo Guevara, o perigo era de uma sul-americanização da África, no sentido de que ali se constituíssem países independentes em nome, mas economicamente subordinados, submetidos à uma economia de trocas desiguais, bem como a intervenções externas como as que foram sofridas ou intentadas na América Latina durante o mesmo período, com a derrubada de governos anti-imperialistas, progressistas e/ou das esquerdas e a instalação de governos alinhados aos interesses estadunidenses.

Che dá especial atenção à América Latina, continente que, segundo ele, constituía o palco de maior potencial para a criação de novos Vietnãs. Sua defesa da criação de “dois, três Vietnã”, perpassava a ideia de que a luta anti-imperialista deve internacionalizar-se; de que a abertura de “novos fronts” de lutas serviria de auxílio ao

³⁰² GUEVARA, Ernesto ‘Che’. *Crear dos, tres Viet Nam... Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental*. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/guevara/04_67.htm>. Acesso em: 10/12/2016.

³⁰³ Conferir: LÖWY, Michael. *O pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Expressão Popular, 1999.

Vietnã, na medida em que exigiria a repartição dos recursos estadunidenses dispendidos naquela guerra com o combate à revolução em outras partes do mundo. Nesse sentido, o fomento às lutas armadas latino-americanas assume papel central inclusive nos debates sobre como apoiar o Vietnã.

Guevara é descrito pelo corpo editorial da revista como “homem de ação e de palavra”³⁰⁴. Em seu discurso em Argel, pronunciado em 1965 e publicado pela revista *Tricontinental* em 1967, Che aponta que o neocolonialismo havia iniciado sua atuação na América Latina. Ainda que se expresse de maneira violenta, em geral opera de maneira sutil, como apoio à burguesia local e à transição capitalista, forjando laços entre essa nova classe em ascensão e o capitalismo internacional. Apresenta, portanto, a tese igualmente defendida por Frantz Fanon em *Os condenados da Terra*³⁰⁵, de que o neocolonialismo

está rapidamente criando o que alguns [Fanon] chamaram de sul-americanização destes continentes [África e Ásia]; é dizer, o desenvolvimento de uma burguesia parasitária que não agrega nada à riqueza nacional; que, inclusive, deposita fora do país, nos bancos capitalistas, seus lucros indigentes e parcos e que pactua com o estrangeiro para obter mais benefícios com um desprezo absoluto pelo bem estar de seu povo.³⁰⁶ [comentário nosso]

Guevara liderou a delegação cubana, convidada pela Organização de Solidariedade Afro-asiática a participar do seu Primeiro Seminário Econômico. Nesta conferência, focada em aspectos econômicos da solidariedade revolucionária, Che afirma que política e economia não podem ser tratadas em separado. Em suas palavras,

O aspecto da libertação por meio das armas de um poder político opressor deve tratar-se segundo as regras do internacionalismo proletário: se constitui um absurdo um diretor de empresa de um país socialista em guerra pensar em duvidar sobre enviar os tanques que produz a uma frente por não haver garantia de pagamento, não menos absurdo deve parecer que se averigüe a possibilidade de pagamento de um povo que luta pela libertação ou necessite destas armas para defender sua liberdade. As armas não podem ser mercadorias nos

³⁰⁴ [Introdução do corpo editorial a] GUEVARA, Ernesto ‘Che’. Internacionalismo e Anti-imperialismo – Discurso en el Seminario Economico Afroasiatico. *Tricontinental*, Havana, n.2, sep-oct 1967, p. 19.

³⁰⁵ Conferir: LÖWY, Michael. O pensamento de Che Guevara. São Paulo: Expressão Popular, 1999.

³⁰⁶ GUEVARA, Ernesto ‘Che’. Internacionalismo e Anti-imperialismo – Discurso en el Seminario Economico Afroasiatico. *Tricontinental*, Havana, n.2, sep-oct 1967, p. 27.

nossos mundos, devem entregar-se sem custo algum e em quantidades necessárias e possíveis aos povos que as demandem, para disparar contra um inimigo em comum. Esse é o espírito com que a URSS e a República Popular da China nos têm brindado sua ajuda militar. Somos socialistas, constituímos uma garantia de utilização dessas armas, mas não somos os únicos e todos devemos receber o mesmo tratamento.³⁰⁷

As críticas de Guevara às relações internacionais em seu sentido tradicional também apareceram em sua *Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental*, direcionadas tanto à Organização das Nações Unidas quanto à Organização dos Estados Americanos (OEA), descrita por ele como “organização fantoche” em função de seu alinhamento com a política externa estadunidense. No discurso de Argel, por sua vez, afirmara:

Falamos uma linguagem revolucionária e lutamos honestamente pelo triunfo dessa causa, mas muitas vezes enveredamos a nós mesmos nas malhas de um direito internacional, criado como resultado dos confrontos entre as potências imperialistas e não pela luta dos povos livres e dos povos justos.³⁰⁸

A Conferência Tricontinental apresentou-se como proposta alternativa às relações internacionais em seu sentido mais tradicional. Em Argel, Che propõe a limitação de uma futura organização dos três continentes [que viria a ser a OSPAAAL] à participação de governos “identificados com as aspirações gerais dos povos”. O argentino defendeu também a criação de mecanismos para a exclusão de governos e/ou movimentos que se desviem destes objetivos e a inclusão de latino-americanos e socialistas nos esforços dessa organização futura. Também neste discurso, Guevara demandava que os países socialistas deixassem de lado sua “cumplicidade tácita com países ocidentais exploradores”³⁰⁹, criticando diretamente a União Soviética e sua política de coexistência pacífica.

Os últimos parágrafos de sua Mensagem à *Tricontinental* assumem caráter ominoso. Alguns meses antes de seu assassinato na Bolívia, Guevara nos fala sobre sua morte e sobre o sentido que buscou conferir a sua vida.

³⁰⁷ GUEVARA, Ernesto ‘Che’. Internacionalismo e Anti-imperialismo – Discurso en el Seminario Economico Afroasiatico. *Tricontinental*, Havana, n.2, sep-oct 1967, p. 28.

³⁰⁸ *Ibidem*, p. 23.

³⁰⁹ *Ibidem*, p. 23.

Se a nós, os que em um pequeno ponto do mapa do mundo cumprimos o dever que preconizamos e colocamos a disposição da luta este pouco que nos é permitido dar: nossas vidas, nosso sacrifício; [se] nos acontece algum dia lançar nosso último suspiro sobre qualquer terra, já nossa, regada com nosso sangue, saiba-se que medimos os alcances de nossos atos e que não nos consideramos nada mais que elementos no grande exército do proletariado; mas nos sentimos orgulhosos de termos aprendido com a Revolução Cubana e seu grande dirigente máximo a grande lição que emana de sua atitude nessa parte do mundo: “que importam os perigos ou sacrifícios de um homem ou de um povo, quando o que está em jogo é o destino da humanidade[?]”. Toda nossa ação é um grito de guerra contra o imperialismo e um clamor pela unidade dos povos contra o grande inimigo do gênero humano: os Estados Unidos da América do Norte [sic]. *Em qualquer lugar que nos surpreenda a morte, bem-vinda seja, sempre que esse nosso grito de guerra tenha chegado até um ouvido receptivo e outra mão se estenda para empunhar nossas armas, e outros homens se apresentem a entoar cantos enlutados ao som de metralhadoras, e novos gritos de guerra e de vitória.*³¹⁰ [grifo nosso]

Nas páginas da revista *Tricontinental*, o tom das homenagens feitas a Che Guevara após sua morte seguiu, em muitos aspectos, aquele que fora adotado por ele mesmo no trecho que citamos acima, no texto que passaria a ser referenciado como seu testamento político. Boa parte da segunda edição da revista *Tricontinental*, referente a setembro e outubro de 1967, abordou a morte de Guevara. Publicou-se um editorial, uma carta *Al lector*, o discurso de Fidel Castro em seu velório solene, a exposição de Che Guevara durante o Seminário Econômico Afro-asiático de 1965 em Argel, e uma Declaração Geral da OSPAAAL instaurando o dia 8 de outubro como Dia Tricontinental do Guerrilheiro Heróico. O editorial da segunda edição da revista prestou homenagem a Guevara, descrito ali como “paradigma integral de homem do Terceiro Mundo”³¹¹. Sua figura é ali também associada à figura da fênix, animal fantástico capaz de ressurgir de suas próprias cinzas após sua morte. “Sua imagem ressurgirá”, afirma o texto, “todas as vezes que se entoarem cantos de vitória da luta revolucionária”³¹².

A conexão entre Che Guevara, sua vida e obra, e os esforços pela integração da América Latina à solidariedade Afro-asiática, também é apontada pela Declaração do

³¹⁰ GUEVARA, Ernesto ‘Che’. *Crear dos, tres Viet Nam... Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental*. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/guevara/04_67.htm>. Acesso em: 10/12/2016.

³¹¹ Editorial. *Tricontinental*, Havana, n.2, sep-oct 1967, p. 2.

³¹² *Ibidem*, p. 2.

secretariado da OSPAAAL publicada na segunda edição da *Tricontinental*. Esta declaração instituiu 8 de outubro como Dia Tricontinental do Guerrilheiro Histórico, incluindo a morte de Che no calendário comemorativo da organização. Segundo o secretariado, Guevara expressa o espírito da OSPAAAL, e havia sido determinante para a construção dos laços que culminariam na sua formação.

Sua preocupação com o destino da África e da Ásia o fizeram estudar, viajar, consultar e intercambiar opiniões com os mais destacados revolucionários do movimento Afro-asiático. Assim, no mês de fevereiro de 1965, na cidade de Argel, se reuniu com El Mehdi Ben Barka, discutindo a necessidade de ampliar a solidariedade Afro-asiática aos povos da América Latina e a importância da primeira Conferência dos Povos da África, Ásia e América Latina [Tricontinental], que meses mais tarde foi levada a cabo na cidade de Havana.³¹³ [comentário nosso]

Outro texto de grande impacto publicado nesta edição foi o discurso pronunciado por Fidel Castro durante o velório solene de Che Guevara³¹⁴; neste o líder da Revolução Cubana teceu elogios ao seu companheiro guerrilheiro, interconecta a vida de Guevara à história, e aponta para o futuro. Fidel Castro descreve Guevara como “leitor infatigável”; “homem de ideias” e “homem de ação”; detentor de “virtudes revolucionárias” incomparáveis; que levou uma vida “estoica e espartana”; em cuja conduta “praticamente não pode encontrar uma só mancha”; cujo exemplo deve “ajudar para que surjam homens como ele”. Castro tece ferozes críticas aos que buscaram incinerar, junto ao corpo de Che Guevara, a causa do internacionalismo proletário e revolucionário por ele defendida. Em suas palavras,

De sua morte heróica e gloriosa pretendem negar a veracidade ou o valor de suas concepções e suas ideias guerrilheiras. Poderá morrer o artista, sobretudo quando se é artista de uma arte tão perigosa como é a luta revolucionária, *mas o que não morrerá de forma alguma é a arte à qual consagrou sua vida e à qual consagrou sua inteligência.*³¹⁵ [grifo nosso]

³¹³ Declaración de la OSPAAAL. *Tricontinental*, Havana, n.2, sep-oct 1967, p. 117.

³¹⁴ CASTRO, Fidel. Ernesto Che Guevara: Discurso de Fidel Castro en la velada solemne. *Tricontinental*, Havana, n.2, sep-oct 1967, p. 105-116.

³¹⁵ *Ibidem*, p. 108.

Para Castro, é fundamental deixar claro que a morte de Guevara não deve ser vista como uma derrota do internacionalismo revolucionário, mas como um risco inerente àquilo a que ele dedicou sua vida: à revolução e à luta armada. O líder cubano reafirma a crença de que “as causas não são derrotadas quando os homens caem e a incontável marcha da história não se detém nem se deterá pela queda dos chefes”³¹⁶, crença que esteve expressa também pelo próprio Guevara em sua *Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental*. O que se elimina é, tão somente, “com um golpe de sorte, sua vida física”³¹⁷. Nas palavras de Fidel Castro, Guevara torna-se eternizado como alguém que morreu por aquilo em que acreditava, como exemplo de vida e de morte dignas de um revolucionário. O fato de que Guevara foi assassinado após sua captura seria mostrada “covardia” de seus captores, a tentativa de incinerar seu corpo demonstra que seus inimigos reconheciam a força de sua imagem, reconheciam que assassiná-lo não destruiria suas ideias. Conclama, então

E quando se falar de *internacionalista proletário* e quando se buscar um exemplo de internacionalista proletário, esse exemplo, acima de qualquer outro exemplo, é o exemplo do Che! Em sua mente e em seu coração haviam desaparecido as bandeiras, os preconceitos, os chauvinismos, os egoísmos. E seu sangue generoso estava disposto a verte-lo pela sorte de qualquer povo, por causa de qualquer povo, e disposto a verte-lo espontaneamente, e disposto a verte-lo instantaneamente! [...] Esse sangue se derramou por todos os explorados, por todos os oprimidos; esse sangue se derramou por todos os povos da América e se derramou pelo Vietnã, por que ele ali, combatendo contra as oligarquias, combatendo contra o imperialismo, sabia que brindava ao Vietnã a mais alta expressão de sua solidariedade!³¹⁸ [grifo nosso]

O discurso de Fidel Castro buscou guiar o luto acerca da morte do Che, não só para o povo cubano, mas para os povos do mundo. Assume a dor da perda, a dor por reconhecer que “tinha somente 39 anos no momento de sua morte, [por] pensar quantos frutos dessa inteligência”³¹⁹ se perderam. Entretanto, mais importante que a dor do luto, era transformá-lo em potencial revolucionário. A convocação final de Fidel Castro é para

³¹⁶ CASTRO, Fidel. Ernesto Che Guevara: Discurso de Fidel Castro en la velada solemne. *Tricontinental*, Havana, n.2, sep-oct 1967, p. 108.

³¹⁷ *Ibidem*, p. 108.

³¹⁸ *Ibidem*, p. 116.

³¹⁹ *Ibidem*, p. 114.

que as recordações sobre o Che olhassem ao futuro com otimismo, com renovadas forças para continuar sua luta internacionalista.

Hoje, nestes instantes de recordação, elevemos nosso pensamento e, com otimismo no futuro, com otimismo absoluto na vitória definitiva dos povos, digamos ao Che e com ele aos heróis que combateram e caíram junto dele: *Hasta la victoria siempre! Patria o muerte! Venceremos!*³²⁰ [grifo nosso, optamos por não traduzir as consignas].

A imagem de Che Guevara, nas páginas da *Tricontinental*, seguirá a convocatória de Fidel Castro no trecho apontado acima. A edição de número 14 da *Tricontinental*, dedicada à sua lembrança em virtude dos dois anos de sua morte utiliza-se de ilustrações para sugerir que a causa de Guevara sobrevivia para além de seu falecimento. Imagens de Guevara se encontram distribuídas ao longo de um globo do mapa mundi, composto por três imagens complementares. Uma primeira, mostra o Che localizado em um mapa da Bolívia, onde foi assassinado. Outras duas, são imagens do globo com os “muitos Che’s”, espalhados pelo que se pode ver das Américas, por um ângulo, e pela Europa, quando visto sob outro ângulo.

É curioso notar que, na imagem (Figura IV, *infra*), muitos Ches se espalham por uma América Latina representada de um modo que subverte a representação cartográfica tradicional, com o Sul no topo da imagem. Essa é uma clara alusão ao icônico mapa produzido anos antes pelo pintor uruguaio Joaquín Torres Garcia, que pode ser lido conjuntamente ao trecho publicado no livro *Universalismo Constructivo*: “porque na realidade, nosso norte é o sul. Não deve haver norte, para nós, senão em oposição a nosso Sul.”³²¹

Chama a atenção, também, a representação de múltiplos Ches na Europa, mas não na África e na Ásia, que pode ter sido motivada pelas dificuldades que esse enfrentou durante sua estadia no Congo, relatadas em seu diário. Afinal, aos caminhos do internacionalismo revolucionário não faltaram desafios, ainda que a revista *Tricontinental* tenha, em algumas ocasiões, se eximido do exame de suas falhas, ou subsumido-as a “lições aprendidas”. Cumpre ressaltar que as páginas da revista não tornaram públicas as

³²⁰ CASTRO, Fidel. Ernesto Che Guevara: Discurso de Fidel Castro en la velada solemne. *Tricontinental*, Havana, n.2, sep-oct 1967, p. 116.

³²¹ GARCIA, Joaquín Torres. *Universalismo Constructivo*, Buenos Aires: Poseidón, 1944.

dificuldades enfrentadas por Che Guevara no Congo, por exemplo, e que o polêmico diário dessa estadia não seria publicado em Cuba até 1998, provavelmente para evitar comprometer as imagens de Cuba e do guerrilheiro argentino. O prefácio dessa edição dos diários no Congo foi escrito pelo próprio Fidel Castro, que também foi responsável por selecionar os trechos do diário que seriam publicados.³²²



FIGURA IV: [Dois, três, muitos Ches...]
Contracapa. *Tricontinental*, Havana, n. 14, sep-oct, 1969.

³²² A edição publicada pelo grupo editorial Mondadori em 1999 foi digitalizada pelo Partido Comunista Mexicano, e encontra-se disponível online. Não tivemos acesso à versão original da primeira edição cubana, mas pudemos constatar que foi publicada em 1998. Disponível em: <<https://creandopueblo.files.wordpress.com/2011/08/che-diariodelcongo.pdf>>. Acesso em: 10/04/2017. Para mais detalhes sobre a missão de Ernesto Che Guevara no Congo, conferir: ANDERSON, John Lee. *Che Guevara: a revolutionary life*. New York: Grove Press, 2010.

Che percorre o mundo, mesmo postumamente, porque *Criar dois, três, muitos Ches...* é a consigna. Todavia, ainda que o objetivo fosse multiplicar os internacionalistas revolucionários como Guevara, nenhum outro teve sua imagem tão destacada e reproduzida quanto ele nas páginas da *Tricontinental*. E não só ali, já que a reprodução da foto emblemática de Alberto Korda impressiona estudiosos até os dias atuais. Nas páginas da *Tricontinental*, percebe-se que a imagem de Che Guevara é rememorada enquanto exemplo a ser seguido, como um “homem de ação e de palavra” que deve inspirar outros como ele. Como o “homem novo” que deu a vida pela revolução. Os discursos sobre ele – não só linguísticos, mas também imagéticos – constroem uma figuração específica do intelectual revolucionário, encarnado em sua vida e em sua obra intelectual³²³, que se equilibra entre palavra e ação, que se forja em luta ao lado do povo.

Acreditamos que cabe, ainda, destacar alguns aspectos que conferiram a Che a alcunha de “homem de palavra”. Guevara foi um grande leitor, aspecto de sua trajetória que é reforçado por quase todos os que a analisaram. No capítulo de *O último leitor*, que Ricardo Piglia dedica ao argentino, a leitura assume caráter central de suas descrições de Guevara. Também às análises de Claudia Gilman reafirmam constantemente seu hábito não só de leitura como de sistematização dessa prática, sob a forma de seus diários.

Como aponta Piglia, as práticas de leitura de Guevara contradizem a oposição usualmente estabelecida entre leitura e prática; o retrato do Che que lê em cima de uma árvore na selva boliviana indica um “Guevara [que] lê no interior da experiência, faz uma pausa”³²⁴. Nestas pausas, se informa e informa a prática. Seus textos e discursos aludem – ainda que nem sempre façam citação no sentido formal – a inúmeros autores. Michael Löwy³²⁵ elaborou uma significativa compilação das leituras do guerrilheiro histórico, apontando que Che foi leitor assíduo de Marx, Lenin, Mao Tse Tung, Neruda, Trotski, Von Giap, Ernest Mandel, Goethe, Baudelaire, Bolívar, Martí, e enfim, Frantz Fanon.

Optamos por tratar a recepção das obras e vidas de Che Guevara e Frantz Fanon nas páginas da revista *Tricontinental* como eixos de análise deste capítulo. Aliás, quais aproximações e distanciamentos entre suas obras podem ser identificados? Ambos, à sua

³²³ A ideia de intelectual revolucionário será explorada na próxima seção deste capítulo.

³²⁴ PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. [Kindle] Posição 1266.

³²⁵ LÖWY, Michael. *O pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Expressão Popular, 1999. p. 155-158.

maneira, com suas vidas e obras intelectuais – um tanto incompletas, já que interrompidas pelos seus falecimentos quando ainda jovens, em 1961 e 1967 – tiveram enorme impacto no internacionalismo revolucionário. Balizaram a ideia de que os “condenados da Terra”, em África, Ásia e América Latina, compartilhavam não só um passado de opressão como missões e destinos comuns. Frantz Fanon e Che Guevara compartilharam mais que elementos de sua obra intelectual, mais que sua vontade de transformação política. Ambos foram médicos de formação, que identificaram na miséria e na desigualdade o diagnóstico de um mundo doente. Ambos apontam não só para a revolução, mas para a necessidade urgente de um outro, novo humanismo, forjado pela luta revolucionária.

Michael Löwy aponta que Che Guevara foi leitor de Frantz Fanon, com atenção especial para sua última e mais célebre obra, *Os condenados da Terra*³²⁶. De acordo com Löwy, o guerrilheiro argentino dedicou parte de seu tempo na África a conversas com a viúva de Fanon. Em muitos sentidos, o pensamento de Che Guevara e os diálogos póstumos estabelecidos com a obra de Frantz Fanon foram fundamentais para introduzir e fomentar a divulgação da obra desse autor em Cuba, uma vez que ele havia demonstrado interesse em ver o livro publicado na ilha, bem como em escrever seu prefácio. *Os condenados da Terra* foi, de fato, publicado, mas não contou com dito prefácio. A recepção da obra de Frantz Fanon em Cuba e pelos editores da revista *Tricontinental* parece ter sido mediada, de forma inequívoca e contundente, pela leitura do revolucionário argentino, que exaltou o chamado à violência revolucionária de *Os condenados da Terra*, em detrimento das questões acerca das origens da opressão, tratadas em *Pele negra, máscaras brancas*.

Parece-nos fundamental, entretanto, ressaltar o quanto ambas obras de Frantz Fanon são complementares, e o quanto a leitura fica empobrecida quando essas são pensadas separadamente. A violência revolucionária defendida em *Os condenados da Terra* não tem, de maneira alguma, um fim em si mesma, mas aponta para a necessidade de um novo humanismo, em que cesse a exploração do homem pelo homem. Para tal, é necessário combater tanto a opressão racista que implica na objetificação do negro – enfocada em *Pele negra, máscaras brancas* – quanto a exploração dos africanos sob o

³²⁶ Conferir: LÖWY, Michael. O pensamento de Che Guevara. São Paulo: Expressão Popular, 1999. p.110, 158.

regime colonial – de modo mais geral, incluindo os africanos árabes – que motiva as reflexões de *Os condenados da Terra*.

Além dessa observação, é importante assinalar outras distinções importantes entre o pensamento de Guevara e o pensamento do martinicano. Diferentemente de Frantz Fanon, que identifica a Europa como principal agente da colonização a ser combatida, Che identifica nos Estados Unidos o principal inimigo. O anti-imperialismo é considerado por Fanon, mas não era seu principal foco, recebendo menos destaque que a luta pela descolonização e a luta contra o racismo. Entre as esquerdas latino-americanas do período a luta contra o racismo não era pauta principal, salvo exceções no Caribe, como o Haiti. A busca por uma descolonização não só formal, institucional, mas também das formas de pensamento, da teoria e da cultura, aparece de maneira muito mais demarcada em Frantz Fanon que em Che Guevara. Para o último, por sua vez, era mais importante a adoção de um marxismo não-dogmático, adaptável às condições objetivas e específicas, e que fosse capaz de guardar em seu horizonte uma perspectiva revolucionária e internacionalista. Guevara enfoca, também, a criação de uma nova cultura e um homem novo que possam romper com a cultura burguesa. Ambas correntes, de luta contra o imperialismo e luta anticolonial, se encontraram na Conferência Tricontinental, nas páginas da revista homônima e nas páginas deste estudo.

2.3. O dever dos intelectuais: configurações do intelectual revolucionário

Em *Postcolonialism: an historical introduction*, Robert J. C. Young traça a trajetória intelectual de obras que buscaram pensar o papel da teoria e da cultura em processos de transformação política e econômica. Em Marx, esta ideia aparece, entre inúmeros outros trechos, desde a XI das *Teses sobre Feuerbach*: “Os filósofos não fizeram mais que interpretar o mundo de forma diferente; trata-se, porém, de modificá-lo”³²⁷. Também em Lenin, afirma-se a importância da teoria, uma vez que “sem teoria

³²⁷ MARX, Karl. *Teses sobre Feuerbach* (1845). Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>>. Acesso em: 02/01/2017.

revolucionária não pode haver movimento revolucionário”³²⁸; por isso mesmo, defendeu também a criação de um jornal político para toda a Rússia, que deveria atuar como um meio de organização coletiva.

Segundo Robert Young³²⁹, Mao Tse Tung, a partir da experiência chinesa, buscou criticar e transformar as interpretações marxistas e revolucionárias em função de necessidades e especificidades locais. A identificação do campesinato como protagonista deste processo foi um destes gestos. Por outro lado, acerca de infraestrutura e superestrutura, Mao tornou a última objeto tão direto da luta revolucionária quanto a primeira. A proposta de revolução cultural chinesa prevê que “quando a superestrutura (política, cultura, etc.) obstrui o desenvolvimento da base econômica, mudanças políticas e culturais tornam-se primordiais e decisivas”³³⁰. Young chama atenção, ainda, para a influência que Mao Tse Tung e outros pensadores do início do século, como José Carlos Mariátegui, tiveram na geração de Frantz Fanon e Che Guevara, no sentido de demonstrarem e praticarem formas de ler e transformar o marxismo em função de experiências e necessidades localizadas.

Robert J. C. Young³³¹ alerta seus leitores para a contradição primordial suscitada por propostas de revolução cultural: como conciliar, especialmente no âmbito de uma política estatal, o deixar florescer uma nova cultura, ao mesmo tempo em que se defende como necessária a eliminação de ideias (e pensadores?) contrarrevolucionários? As respostas dadas a essa contradição podem, por sua vez, operar como um eixo condutor das indagações acerca do tratamento conferido por governos de esquerda revolucionária nos três continentes à cultura nacional, à arte e à intelectualidade.

O primeiro número da *Tricontinental* aponta a missão da revista como sendo: “coordenar, apoiar e impulsionar a solidariedade ativa e revolucionária”; e fazê-lo por meio da publicação de “colaborações dos mais destacados dirigentes do Terceiro Mundo, assim como dos *intelectuais revolucionários* que estão intimamente ligados às

³²⁸ LENIN, Vladimir. *Que fazer?* (1902). Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1902/quefazer/index.htm>>. Acesso em: 03/01/2017.

³²⁹ YOUNG, Robert J. C. *Postcolonialism: an historical introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2001.

³³⁰ Mao Tsé Tung apud YOUNG, Robert J. C. *Postcolonialism: an historical introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2001. p. 185.

³³¹ YOUNG, Robert J. C. *Postcolonialism: an historical introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2001. p. 187.

manifestações culturais dos países subdesenvolvidos”³³². Se, por um lado, a revista pretende se colocar como uma “tribuna de ideias”, capaz inclusive de publicar matérias que contradigam sua proposta editorial, caso o conteúdo seja de interesse de seus leitores, raros foram os momentos em que sua linha editorial destoou significativamente daquilo que foi defendido pela Revolução Cubana.

Isso pode ser atribuído, em larga medida, ao fato de que Cuba não só sediava a organização responsável pela publicação da revista, como também indicou seu Secretário-Geral e seu Editor-Chefe, os cubanos Osmany Cienfuegos e José Pérez Novoa, respectivamente. Assim, ainda que o Secretariado da OSPAAAL fosse composto por líderes de movimentos e países revolucionários dos três continentes³³³, pode-se constatar que há um significativo protagonismo cubano em suas páginas e nas deliberações acerca do seu editorialismo programático.

Os esforços da Revolução Cubana para construir uma vasta gama de instituições editoriais e de produção cultural, que incorporou revistas, jornais e editoras, foi vastamente abordado por estudiosos do período revolucionário na ilha. Também o foram as incongruências que marcaram a política cultural cubana e os discursos sobre o papel dos intelectuais ali veiculados³³⁴. De todo modo, o fato de que Cuba compartilhou o

³³² Editorial. *Tricontinental*, Havana, n. 1, jul-ago 1967, p. 3.

³³³ O Secretariado Executivo da OSPAAAL é formado por 4 representantes de cada um dos três continentes; alguns países e organizações integram essa instância deliberativa já há muitos anos, como é o caso de Cuba – que preside a organização desde sua fundação – e da Coreia do Norte. Para um mapeamento do secretariado em 1969, conferir páginas 51-53 da presente dissertação.

³³⁴ A estatização da revista *Vanidades*, direcionada ao público feminino e mais tarde renomeada revista *Mujeres*, foi vastamente estudada por Marisela Fleites-Lear. Claudia Gilman estuda os debates conduzidos na América Latina acerca do papel dos intelectuais, bem como os dilemas enfrentados por eles no que tange o apoio aos movimentos revolucionários e os limites do compromisso; debates que invariavelmente passavam pelas discussões acerca da Revolução Cubana, para criticá-la ou vincular-se a ela. Adriane Vidal Costa, por sua vez, aborda a forma como os intelectuais latino-americanos Julio Cortázar, Mario Vargas Llosa e Gabriel Garcia Márquez entremearam-se na rede intelectual latino-americana direcionada pela Revolução Cubana, produzindo leituras e tecendo relações distintas com aquele processo histórico. A autora aponta ainda a participação destes intelectuais nos prêmios literários e nas páginas da revista *Casa de las Americas*, publicação que é estudada mais detidamente por Nadia Lie. Silvia Cézár Miskulin enfoca a política cultural da Revolução Cubana entre 1961 e 1975, e aborda as práticas de censura e cerceamento direcionadas ao suplemento *El Caimán Barbudo* e a editora *El Puente*, além de oferecer um detalhado panorama (2009: 29-34) acerca dos numerosos outros estudos desenvolvidos sobre as revistas cubanas e da política cultural implementada na ilha. Cf: FLEITES-LEAR, Marisela. *Dentro de la "tierra del Hombre Nuevo": la Federación de mujeres y el discurso de la Nueva Mujer en la revista cubana Mujeres*. Tese de Doutorado, University of Washington, 2006; COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina – o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa*. São Paulo: Alameda, 2013; LIE, Nadia. *Transición y transacción: la revista cubana Casa de las Américas*

Secretariado da OSPAAAL com outros movimentos guerrilheiros e países, inclusive, dos três continentes, indica que *Tricontinental* foi uma publicação que guardou particularidades interessantes em relação às demais publicações criadas e fomentadas pela Revolução.

Em artigo publicado no primeiro número da publicação, Kim Il Sung, líder político da República Popular Democrática da Coreia, afirma que “não podemos tampouco admitir àqueles que de fato se mostram covardes na luta contra ele [o imperialismo], ainda que em palavras falem ruidosamente que se opõe a ele. *Esta é a dorsal da linha do compromisso* [grifo nosso]”³³⁵. Desde sua fundação, portanto, a revista já deixava clara a sua concepção de qual papel deve desempenhar o intelectual, aproximando-se significativamente da posição defendida pelos revolucionários do período (entre eles o governo cubano, Ernesto Che Guevara, Frantz Fanon, e outros). *Há de ser revolucionário*.

Outros artigos acerca deste tema foram publicados nas edições seguintes da revista. O dramaturgo alemão Peter Weiss defende que Coreia do Norte, Vietnã e Cuba seriam exemplos do potencial dialético do marxismo, principalmente por tensionarem o bloco socialista e buscarem constituir uma alternativa à burocracia soviética. Quanto ao papel do intelectual, o autor afirma ser o de apoiar a revolução mundial, entoando um chamado à solidariedade. Dá ainda pistas de qual acredita ser o papel do escritor na sociedade “verdadeiramente livre”, na qual lamenta não viver: “onde *não me fosse necessário criticar a sociedade*, mas que minhas obras formassem parte de um trabalho construtivo comum [grifo nosso]”³³⁶.

Os discursos sobre o papel do intelectual, da arte e da cultura na *Tricontinental* têm um caráter bastante hermético, podendo-se elencar alguns aspectos gerais que demonstram uma leitura específica da obra de Frantz Fanon. Há uma referência constante à ideia de que os intelectuais formam uma classe marcada por uma espécie de “pecado

(1960- 1976). Bélgica/Leuven: Ediciones Hispamérica/Leuven University Press, 1996; MISKULIN, Silvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução* (1961-1975). São Paulo: Alameda, 2009.

³³⁵ KIM, Il Sung. Reforcemos la lucha antiimperialista y antiyanqui. *Tricontinental*, Havana, n. 1, jul-ago 1967, p. 11.

³³⁶ WEISS, Peter. El mundo más poderoso de nuestra era. *Tricontinental*, Havana, n. 2, sep-oct 1967, p. 166.

original”. Em *O socialismo e o homem em Cuba*³³⁷, Che Guevara postula este pecado original como a não participação no processo revolucionário. O intelectual peca ao ser aquele que não participou do movimento guerrilheiro, das lutas que antecederam a vitória. A mesma ideia aparece reformulada em outros autores. Segundo o intelectual trotskista alemão Ernest Mandel, o pecado original do intelectual terceiro-mundista consistiria em sua origem de classe, que o compeliaria inevitavelmente a procurar alternativas reformistas ou elitistas para a transformação de seus respectivos países³³⁸.

Em quaisquer destas leituras, o intelectual aparece como – no mínimo – digno de suspeita. Em Frantz Fanon, como já observamos, fora do processo revolucionário, o intelectual aparece como extremamente impregnado da colonização, em seus temas e na língua que utiliza. Seria sua responsabilidade imergir-se no povo para, assim, superar o caráter trapaceiro, esperto, astucioso, ardiloso, sorrateiro de sua *condição* por meio da participação na revolução e na construção nacional³³⁹. Como já vimos, imiscuir-se no povo e na luta revolucionária é a saída proposta por Frantz Fanon para que o intelectual atue na descolonização de si mesmo, de sua produção teórica, cultural e artística e de seu país.

A Declaração final do *Primer Congreso Nacional de Escritores y Artistas de Cuba*, segundo a qual os intelectuais deveriam “estabelecer contato direto com o povo cubano, vínculo que permitiria a formação revolucionária dos intelectuais, visando a plena interpretação da realidade na obra de arte”³⁴⁰. Foi também neste congresso da UNEAC que Fidel Castro proferiu seu conhecido discurso *Palabra a los intelectuales*. Ali, o líder cubano afirmou que os intelectuais possuíam deveres para com a revolução, que seus direitos eram limitados pelo imperativo de não serem contrarrevolucionários, já

³³⁷ GUEVARA, Ernesto ‘Che’. *O socialismo e o homem em Cuba* (1965). Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/guevara/1965/03/homem_cuba.htm> Acesso em: 03/01/2017.

³³⁸ MANDEL, Ernest. Los intelectuales y el tercer mundo. *Tricontinental*, Havana, n.18, mai-jun 1970, p. 13-15.

³³⁹ FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 65; *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 38.

³⁴⁰ Declaração final do *Primer Congreso Nacional de Escritores y Artistas de Cuba* apud MISKULIN, Silvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 35.

que a sobrevivência da revolução era sua prerrogativa principal e seu direito. “Dentro da Revolução, tudo; contra a Revolução, nada”³⁴¹.

Não obstante, como aponta Miskulin, o líder cubano “exigia [em seu discurso] um compromisso dos intelectuais e de suas produções culturais com a Revolução, mas não esclarecia de forma explícita o que significava exatamente estar ‘dentro da Revolução’”³⁴². Esse caráter ambíguo, se, por um lado, conferia aos intelectuais alguma margem de atuação neste momento, permitia também à Revolução Cubana prerrogativas ilimitadas de deliberar, caso a caso, o que era contrarrevolucionário – e o governo o faria, em muitos momentos, de maneira incongruente.

Ainda durante a Conferência Tricontinental, em pesquisa conduzida pelo uruguaio Carlos Núñez para o semanário *Marcha*, cubanos como Lisandro Otero³⁴³ e Roberto Fernández Retamar³⁴⁴ já defendiam em suas respostas a necessidade do compromisso do intelectual com a Revolução. Recorrentemente, como exemplo de vinculação entre intelectuais e libertação nacional, cita-se Fidel Castro e Che Guevara como exemplos a serem seguidos. Retamar defende ainda que se supere o conceito "'tradicional e vulgarizado' que só considera intelectual ao 'literato, ao filósofo e ao artista'"³⁴⁵. Os governantes, técnicos, economistas, diplomatas, professores, jornalistas, etc, todos estes são intelectuais; sendo que o governo é uma atividade intelectual e política. O artista, por sua vez, deve expressar o fervor e as tensões do processo de transformação. Retamar defende que os intelectuais devem "servir" à revolução, enquanto Lisandro Otero defende que seu papel é “ser mais um”³⁴⁶ entre as fileiras revolucionárias.

A historiografia acerca da política cultural da Revolução Cubana atribui a crescente normatização do campo artístico e cultural na ilha à aproximação cada vez maior entre Cuba e a União Soviética. Miskulin demonstra a existência de ações de

³⁴¹ CASTRO, Fidel. *Palabra a los intelectuales*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f300661e.html>>. Acesso em 28/12/2017.

³⁴² MISKULIN, Silvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 35.

³⁴³ OTERO, Lisandro. Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional. *Marcha*, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p. 20.

³⁴⁴ RETAMAR, Roberto Fernández. Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional. *Marcha*, ano XXVII, n. 1297, 25 de março de 1966, p. 18.

³⁴⁵ *Ibidem*, p. 18.

³⁴⁶ OTERO, Lisandro. Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional. *Marcha*, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p. 20.

censura e normatização da cultura desde bem antes desta aproximação, e indica como o apoio às lutas do “Terceiro Mundo” assume papel importante na retórica anti-imperialista na ilha, e na defesa de que a cultura atuasse em solidariedade a essas lutas³⁴⁷. Por outro lado, a autora não se distancia tão significativamente das leituras que atribuem o endurecimento da política cultural cubana à influência soviética.

Adriane Vidal Costa³⁴⁸, por sua vez, subdivide os debates sobre o papel do intelectual na ilha nos sessenta/setenta em três fases, balizadas pelos estudos acerca dos debates sobre o tema travados nas páginas da revista *Casa de las Américas*. A primeira fase foi marcada pelos esforços do governo para delimitar essas questões conjuntamente aos intelectuais, momento marcado por certa indefinição, e por discursos como o *Palabra a los intelectuales*. Na segunda fase, a revista *Casa* publicou intensos debates acerca destas questões, até que, em 1968, passou a adotar discursos normativos acerca do papel do intelectual. A terceira fase consistiu no momento em que o caso Padilla prenuncia o que ficaria conhecido como quinquênio gris, período de grande normatização, controle e censura das instituições ligadas à produção cultural e teórica em Cuba, que se estende – pelo menos – de 1971 a 1975.

As mudanças de 1968 estiveram em consonância com o conteúdo aprovado durante o *Congreso Cultural de la Habana*, cuja Declaração Geral foi publicada no número 4-5 da revista *Tricontinental*. Nossa leitura acerca do Congresso sugere a possibilidade de que ele seja lido conjuntamente a outros eventos de viés internacionalista e grande adesão – de movimentos políticos e de intelectuais – que ocorreram em Havana nesse período, como a Conferência Tricontinental e a primeira conferência da *Organización Latinoamericana de Solidaridad* (OLAS). A cobertura desse evento nas

³⁴⁷ Os casos de censura e cerceamento da liberdade de expressão estudados por Miskulin (2009) consistem especialmente no fechamento da editora *El Puente*, em 1965, e na mudança do corpo editorial d’*El Caimán Barbudo*, em 1967. Ambos acontecimentos, para a autora, demonstram que a Revolução Cubana exerceu práticas nesse sentido muito anteriormente ao que ficaria conhecido posteriormente como *caso Padilla*, momento, em 1971, que marca uma guinada na política cultural da Revolução, iniciando o que ficaria conhecido como quinquênio gris (1971-1975). Cf. MISKULIN, Silvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009.

³⁴⁸ COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina – o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa*. São Paulo: Alameda, 2013.

páginas da revista *Tricontinental* sugere que ele contou com a participação de intelectuais de cerca de 70 países distintos³⁴⁹.

Sua declaração final, por sua vez, demonstra a adesão a, e o diálogo com, distintas concepções marxistas acerca da cultura, marcada pela adoção de léxicos híbridos e o estabelecimento da primazia da política nos debates acerca do tema. A declaração se divide em 7 seções, e a diversidade de enfoques e até mesmo termos utilizados, indica que cada uma delas tenha sido escrita a muitas mãos, ainda que todas tenham sido igualmente aprovadas.

A seção de número 1 tem caráter panorâmico e demonstra influências múltiplas. Ressalta a importância de que aquela reunião tenha sido celebrada em um país em revolução e em um ambiente “de liberdade e discussão fraternal”³⁵⁰. Seu texto nos parece dialogar diretamente com autores vinculados à Teoria da Dependência³⁵¹. Afirma a importância de romper com a dependência de caráter colonial e neocolonial, e define o subdesenvolvimento como “deformação das estruturas econômicas e sociais impostas pela exploração direta ou indireta características [sic] do colonialismo de ontem e do neocolonialismo imperialista de hoje”³⁵².

³⁴⁹ CASTRO, Fidel. Discurso en la clausura del Congreso Cultural de la Habana. *Tricontinental*, Havana, n.4-5, ene-abr 1968, p. 32.

³⁵⁰ Declaración General del Congreso Cultural de la Habana. *Tricontinental*, Havana, n.4-5, ene-abr 1968, p. 80.

³⁵¹ A Teoria da Dependência surge em resposta às teorias do desenvolvimento econômico elaboradas tanto nos Estados Unidos quanto pelos estudiosos estruturalistas da Comissão Econômica para a América Latina. Em especial aos segundos, ao constatarem que as iniciativas de industrialização por substituição de importações não tinham sido bem sucedidas em reduzir os níveis de desigualdade social em países que a implementaram, como o Brasil e a Argentina. Segundo Claudia Wasserman, os trabalhos identificados sob esse nome buscavam, em linhas gerais, elaborar uma “análise global do desenvolvimento”. Joseph Love subdivide os autores da Teoria da Dependência em dois grupos, os reformistas e os radicais. Entre os primeiros, destacam-se autores como Fernando Henrique Cardoso, José Serra e Enzo Faletto, cujas obras não rompiam por completo com o estruturalismo. Já os dependentistas radicais, como Andre Gunder Frank, Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos e Vânia Bambirra incorporaram à sua análise muito mais elementos do marxismo, inclusive as teses de Vladimir Lenin acerca do imperialismo, e criticavam não só as perspectivas reformistas, mas também aos marxistas que defendiam perspectivas estapistas para o continente, já que segundo os dependentistas radicais, era fundamental promover o quanto antes a ruptura radical com o sistema de produção capitalista. As formas como a Teoria da Dependência aparece nas páginas da *Tricontinental* é abordada em nosso capítulo 3, sobretudo na primeira seção. Cf: LOVE, Joseph. *A construção do Terceiro Mundo: teorias do subdesenvolvimento na Romênia e no Brasil*. Paz e Terra: São Paulo, 1998. SANTOS, Theotônio. *A Teoria da Dependência. Balanço e Perspectiva*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000; WASSERMAN, Claudia. *A teoria da dependência: do nacional-desenvolvimentismo ao neoliberalismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017.

³⁵² Declaración General del Congreso Cultural de la Habana. *Tricontinental*, Havana, n.4-5, ene-abr 1968, p. 80.

A guerra popular no Terceiro Mundo, cujos objetivos são a defesa do futuro da humanidade, é definida como “manifestação mais alta da cultura”³⁵³. Desse modo, a resolução parece dialogar expressamente com Fanon na medida em que ressalta a necessidade da ruptura radical, já que, no campo da cultura, “na luta de libertação e seu desenvolvimento, se fortalecem e crescem os elementos de uma autêntica cultura nacional”³⁵⁴. Retoma-se aqui a dicotomia entre cultura colonizada e cultura autêntica, sendo que a segunda precisa destruir o mundo cortado em dois da colonização para que possa florescer. A segunda seção aborda especificamente o *intelectual revolucionário*, e postulou que “a vinculação permanente entre os intelectuais e o resto das forças populares, a aprendizagem mútua, é a base do progresso cultural”³⁵⁵. Ainda, conforme o documento, aprovado por aclamação,

só poderá chamar-se *intelectual revolucionário* aquele que, guiado pelas grandes ideias avançadas de nossa época, estiver disposto a encarar todos os riscos e para quem a morte não constitua senão a possibilidade suprema de servir a sua pátria e a seu povo.³⁵⁶

A terceira seção da declaração enfoca os meios de comunicação de massa e os problemas do imperialismo cultural. O problema, afirmam, é político e não técnico; não se trata da abolição desses meios de comunicação, mas de combater o seu controle por oligarquias nacionais e monopólios internacionais. Uma vez no poder, a revolução deve buscar se apropriar dos meios de comunicação massiva para que auxiliem na educação e na alfabetização. Mais uma vez, emerge o apego a um humanismo, uma crença quase que inabalável na “força do homem” como capaz de se opor a todos os inimigos – colonização, imperialismo e subdesenvolvimento – e forjar um novo presente e um novo futuro.

O nacionalismo aparece em inúmeras seções, já que a nação é entendida como um “ponto de partida para se relacionar com o resto do mundo, para contribuir ao mundo contemporâneo”³⁵⁷. Demonstra-se uma preocupação com a manutenção de um horizonte

³⁵³ General del Congreso Cultural de la Habana. *Tricontinental*, Havana, n.4-5, ene-abr 1968,p. 80.

³⁵⁴ *Ibidem*, p. 81.

³⁵⁵ *Ibidem*, p. 83.

³⁵⁶ *Ibidem*, p. 82.

³⁵⁷ *Ibidem*, p. 87.

aberto ao universal, na medida em que afirmava a importância de “fugir do nacionalismo estreito e do universalismo imitador”³⁵⁸. A cultura deve fugir do enclausuramento localista, mas estabelecer bases sólidas que permitam diálogos com o universal que estejam livres do compromisso de aceitar ou rechaçar qualquer obra de maneira integral. A preocupação aqui é com o “florescimento de uma cultura com raízes próprias e amplos horizontes”³⁵⁹, o que demanda preocupações não só de caráter artístico, mas também técnico, científico e até mesmo linguístico, na medida em que a luta pela consolidação da língua nacional assume caráter central para os países africanos e asiáticos.

A revolução técnico-científica, tema da seção de número 4, conclama para a necessidade premente de políticas de alfabetização, bem como consolidação do ensino universitário público e gratuito. Na seção de número 5, notamos o predomínio incontestado de concepções vinculadas à obra de Ernesto Che Guevara, em especial um diálogo direto com *El socialismo y el hombre en Cuba*. O texto se inicia afirmando que “da luta das gerações anteriores para se libertarem da exploração, e da luta contemporânea dos povos que combatem todas as manifestações agressivas do imperialismo, vai surgindo a imagem de um homem novo”³⁶⁰. Entretanto, a transformação desse homem não pode estar sujeita apenas à transformação espontânea e mecânica das estruturas econômicas, mas deve ser obra coletiva de uma sociedade consciente. A abolição do individualismo burguês e excludente daria lugar, portanto, a uma individualidade verdadeira. A seção de número 6 também se dedica a Che Guevara, de maneira ainda mais direta, na medida que o caracteriza como “exemplo supremo do intelectual revolucionário contemporâneo”³⁶¹.

A declaração final do Congresso Cultural de Havana, portanto, remete-nos claramente a elementos das obras de Frantz Fanon e Ernesto Che Guevara. Nesse sentido, em um esforço complementar ao de boa parte da bibliografia acerca da política cultural da Revolução Cubana, nos parece fundamental apontar o impacto de *Os condenados da terra*, bem como das relações tecidas pelo internacionalismo cubano, em especial as relações com outros movimentos na África, na Ásia e na América Latina. Essas relações

³⁵⁸ Declaración General del Congreso Cultural de la Habana. *Tricontinental*, Havana, n.4-5, ene-abr 1968, p. 82.

³⁵⁹ *Ibidem*, p. 89.

³⁶⁰ *Ibidem*, p. 89.

³⁶¹ *Ibidem*, p. 90.

impactaram não só a revista *Tricontinental*, como a concepção de intelectualidade, cultura e arte que se tornará dominante na ilha a partir de 1968, e suas implicações diretas para a política cultural da Revolução.

É importante ressaltar que o diálogo com a obra de Frantz Fanon, mais uma vez, enfoca, principalmente, *Os condenados da terra*. A declaração faz referência direta à luta contra o racismo em mais de um momento, e reconhece que o racismo antecede o imperialismo moderno, ainda que tenha se convertido em parte essencial desse sistema. O texto da declaração condena todas as formas de racismo, identificando que sua eliminação está ligada à desaparecimento do imperialismo e sua base econômica de exploração, já que apenas em uma sociedade sem opressores se fará possível o seu completo desaparecimento. De todo modo, a declaração tende a relacionar a luta contra o racismo mais diretamente ao apoio do movimento negro estadunidense que a um combate interno ao racismo nos países latino-americanos.

O lugar das questões raciais, em Cuba e nas páginas da *Tricontinental*, apresenta-se de maneira ambígua e complexa. Por um lado, medidas que almejavam a abolição da desigualdade social na ilha, sob uma perspectiva de classe – como a universalização do ensino básico imediatamente após o triunfo da Revolução Cubana, e os esforços pela universalização do ensino superior, a partir de 1971 – tiveram importante impacto nas taxas formais de desigualdade racial. Ademais, o governo revolucionário aboliu todas as práticas de racismo institucional da letra da lei logo nos primeiros anos da Revolução. Entretanto, sob o argumento da necessidade da unidade nacional frente ao imperialismo, houve considerável cerceamento aos discursos que buscavam pensar as relações étnico-raciais em Cuba de maneira crítica e combativa.

Silvia Miskulin³⁶² demonstra como o governo cubano adotou uma postura incongruente em relação aos intelectuais negros em Cuba às vésperas do Congresso Cultural de Havana. Primeiramente, afirmava querer escutá-los, e posteriormente proibiu-os de participar do evento afirmando que não toleraria sedição ou divisão do povo cubano em termos étnicos e acusando os intelectuais negros de planejarem um complô. A autora continua o artigo detalhando as formas como eles foram impedidos de participar do

³⁶² MISKULIN, Silvia Cezar. O ano de 1968 em Cuba: mudanças na política internacional e na política cultural. *Esboços* (UFSC), v. 20, p. 47-66, 2008.

congresso, sendo que alguns deles foram inclusive presos e perseguidos. É o caso, por exemplo, do cineasta Nicolás Guillén Landrián, que foi expulso do ICAIC e teve seu filme *Coffea arábica* censurado pelo governo. Anne Garland Mahler³⁶³ discorre sobre o filme, bem como a censura a ele, ressaltando que, muito além das críticas a Fidel Castro – cujas imagens no filme são intercaladas com a música dos Beatles *The fool on the Hill* –, a obra oferecia, ainda, uma crítica contundente às relações raciais em Cuba e à forma como a desigualdade racial era perpetrada – ou pelo menos não era suficientemente combatida – pelo próprio governo revolucionário.

As páginas da revista *Tricontinental* são extremamente elogiosas ao movimento negro nos Estados Unidos, considerado um aliado da Revolução Cubana na luta anti-imperialista. Enquanto isso, poetas e cineastas cubanos foram duramente criticados e até mesmo perseguidos por seus posicionamentos acerca das relações raciais em Cuba, e acusados de utilizarem as questões raciais para produzir divisões artificiais na sociedade cubana e em sua luta anti-imperialista. Contraditoriamente, o governo exaltava a crítica do racismo fora da ilha – especialmente quando a crítica se levantava contra os Estados Unidos da América, o imperialismo e o colonialismo –, ao passo que buscou silenciar aqueles que afirmavam que o racismo ainda sobrevivia em Cuba.

Alejandro de la Fuente sugere que a “campanha internacional cubana de solidariedade para com povos negros oprimidos ao redor do mundo era encenada para uma audiência doméstica”³⁶⁴, buscando deixar claro aos cubanos que a sociedade em que viviam era superior aos Estados Unidos da América, inclusive em termos de igualdade racial. O apoio ao movimento negro estadunidense, bem como aos movimentos de libertação nacional na África, tiveram papel significativo na articulação de uma política interna de unificação nacional em torno da luta de classes e do anti-imperialismo, que subordinava as relações raciais a um discurso unificado em torno da *Cubanidad*. Desse modo, a política externa da Revolução Cubana teria sido “usada para distrair a atenção dos problemas raciais domésticos”³⁶⁵, argumento compartilhado por Carlos Moore³⁶⁶.

³⁶³ MAHLER, Anne. *Beyond the color curtain: Empire and resistance from the Tricontinental to the Global South*. Tese de Doutorado – Emory University, 2013.

³⁶⁴ DE LA FUENTE, Alejandro. *A Nation for All. Race, Inequality, and Politics in Twentieth-Century Cuba*. Chapel Hill & Londres: University of North Carolina Press, 2001. p. 296.

³⁶⁵ *Ibidem*, p. 302.

Constatamos aqui contradições do discurso nacionalista cubano e a recusa em enfrentar o debate acerca das relações étnico-raciais em Cuba. Essas contradições foram compartilhadas com expressões significativas do marxismo latino-americano no período, que não reconhecia as especificidades do racismo em relação à luta de classes.

No prefácio³⁶⁷ da edição brasileira de *Pele negra, máscaras brancas*, publicada em 2008 pela EDUFBA, Lewis Gordon chama atenção dos leitores precisamente para o fato de que Frantz Fanon escreve sua crítica contundente ao racismo não a partir de experiências segregacionistas – identificadas à época em experiências da colonização britânica, como nos Estados Unidos e África do Sul – mas o faz a partir da colonização francesa, que reivindicava valores ligados à igualdade, à razão e ao humanismo. Frantz Fanon critica, portanto, as contradições do discurso humanista, que afirma a não existência da diferença racial, mas não abole as formas de opressão e discriminação racial e, desse modo, nega aos negros a humanidade definida pelas ideias que defende. O martinicano critica, portanto, não só o racismo que se encontra na letra da lei, mas também as práticas políticas e culturais racistas que permeiam e ultrapassam a institucionalidade.

Em *Pele negra, máscaras brancas*, o pedido de Frantz Fanon é por ser sempre um homem que questiona; por se apropriar da linguagem, da teoria e da ação para manter a crítica do racismo sempre viva; pela des-alienação dos negros, seja por meio da luta contra o colonialismo ou pelo abandono de máscaras e ilusões embranquecidas sobre si mesmos. Em muitos sentidos, esse espaço de permanente questionamento e crítica foi negado pela Revolução aos negros cubanos. A afirmação de uma coletividade baseada em princípios humanistas, universalistas e até mesmo antirracistas, contraditoriamente, justificou o cerceamento dos espaços para questionamento e denúncia do racismo, que sobreviveu e ainda sobrevive à experiência revolucionária.

Esse foi um momento de grande polarização. Após a aprovação da declaração final do *Congreso Cultural de la Habana*, a arte, a cultura e a produção intelectual passam a ser vistos como espaços incorporados ao combate revolucionário, anticolonial e anti-imperialista, em que ou se é revolucionário ou contrarrevolucionário, ou se é

³⁶⁶ MOORE, C. *Castro, the blacks and Africa*. Los Angeles: Center for Afro-American Studies, University of California, 1988.

³⁶⁷ GORDON, Lewis. Prefácio. In: FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008. p.11-24.

comprometido com as revoluções ou comprometido com o imperialismo, ou se é colonizado ou autenticamente parte do povo. Não obstante, o “mundo cortado em dois” – contra o qual Frantz Fanon se levanta em *Os condenados da terra* – mantém-se como aspecto central das perspectivas adotadas nas páginas da revista. Assim se materializou, em discurso e em prática, a ideia de que os intelectuais têm um “dever” bem definido para com as revoluções na África, na Ásia e na América Latina.

Acreditamos que atribuir a crescente normatização da política cultural cubana exclusivamente à influência soviética deixa de lado uma série de elementos importantes, que marcaram as relações entre a Revolução Cubana e os países e grupos vinculados à OSPAAAL. É importante ressaltar que, nas páginas da revista *Tricontinental*, os discursos acerca do papel dos intelectuais, das artes e da cultura sempre assumiram uma tônica normatizadora, oriunda de diversas referências, para além das soviéticas – como o sueco Peter Weiss, o trotskista Ernest Mandel, a política cultural guineense, a experiência revolucionária da Coreia do Norte e a liderança política de Kim Il Sung, dentre outros.

Discursos, mais que um debate, visto que a publicação de polêmicas acerca do assunto foi evitada e priorizou-se a veiculação de ideias que, por mais distintas que fossem, fortaleceram uma narrativa coletiva em torno da ideia de que intelectuais têm um “dever” para com as revoluções; que cabe a elas, na figura das suas lideranças, dizer qual papel devem desempenhar, e aos intelectuais, executá-lo; de que desvios não seriam tolerados; de que o intelectual não ocupa um espaço privilegiado em relação ao povo. A revista *Tricontinental* publicou apenas uma edição inteiramente voltada para a questão dos intelectuais e da cultura. O número 25 foi lançado em julho de 1971, e sua capa (figura V, a seguir) dialoga diretamente com o texto de sua carta ao leitor. Naquelas páginas, *Tricontinental* afirma que

A imagem do intelectual do Terceiro Mundo esvaziado de seu meio, afastado de sua própria expressão por uma simbiose de colonizado, e que se torna, pela perda de contato com sua realidade legítima, em instrumento - consciente ou não - dos opressores de seu próprio povo, é o tema de nossa capa.³⁶⁸

³⁶⁸ Editorial. *Tricontinental*, Havana, n. 25, jul-ago 1971, p. 1-2.



FIGURA V: [Intelectual colonizado]

Capa e contracapa. *Tricontinental*, Havana, n. 25, jul-ago, 1971.

A edição 25 da *Tricontinental* foi uma resposta direta às polêmicas suscitadas pelo caso Padilla³⁶⁹. Ainda em 1967, o escritor cubano Herberto Padilla se viu envolvido em uma primeira polêmica de grandes proporções em função do texto que publicou em *El Caimán Barbudo*, no qual tecia duras críticas à Revolução Cubana, ao escritor cubano Lisandro Otero, bem como a atribuição a ele, e não ao seu concorrente, Guillermo Cabrera Infante, de um prêmio literário da *Unión Nacional de Escritores y Artistas Cubanos* (UNEAC). Padilla teceu ainda um pedido de explicações à Revolução Cubana, indagando o motivo que levava à destituição de Guillermo Cabrera Infante de seu posto na embaixada cubana em Bruxelas. A publicação deste texto no *El Caimán Barbudo*

³⁶⁹ Sobre o caso Padilla, ver também: COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina – o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa*. São Paulo: Alameda, 2013; CROCE, Marcela (comp.) *Polémicas intelectuales en América Latina: del “meridiano intelectual” al caso Padilla (1927-1971)*. Buenos Aires: Simurg, 2006; MISKULIN, Silvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009.

culminaria na destituição de seu corpo editorial e na instauração de uma “segunda época” “verdadeiramente revolucionária” da publicação, sob nova direção. No ano seguinte, em 1968, Padilla publicaria sua obra *Fuera de Juego*, livro de poemas em que dispara críticas carregadas de ironia à Revolução Cubana. O livro, premiado pela UNEAC, foi publicado conjuntamente a uma nota introdutória que o descrevia como “contrarrevolucionário” e “anti-histórico”. As relações entre Padilla e a Revolução Cubana se deteriorariam ainda mais, até que, em 1971, o poeta fosse preso por “atividades subversivas”, após a leitura de seu texto *Provocaciones*, em um recital da organização.

Herberto Padilla foi preso juntamente com sua esposa e outros escritores, e sua prisão mobilizou a intelectualidade europeia e latino-americana. Tal mobilização levou, inicialmente, à publicação da Carta dos 52 Intelectuais, um pedido de explicações à Revolução Cubana acerca do paradeiro do escritor cubano. Padilla ficou preso por 38 dias, após os quais foi forçado a assinar e apresentar perante a UNEAC uma longa autocrítica, desfecho que, ao contrário de arrefecer a polêmica suscitada pelo caso, incendiou-a. Muitos dos intelectuais que assinaram a Carta dos 52, acompanhados de novos indignados, redigiram a Carta dos 61, em que afirmavam sua “vergonha” e sua “cólera”, convencidos de que a confissão e a autocrítica de Padilla haviam sido obtidas sob métodos ilegais e injustos. “Queríamos que a Revolução Cubana voltasse a ser o que em um momento nos fez considerá-la um modelo dentro do socialismo”³⁷⁰, lamentaram os 61; entre eles Simone de Beauvoir, Jean-Paul Sartre, Hans Magnus Enzenberger, Susan Sontag e Mario Vargas Llosa.

Para a o governo cubano, entretanto, são as revoluções que devem apontar, segundo suas necessidades, o papel dos intelectuais. Reitera-se nesse momento uma proposta normativa para a arte e a cultura, bem como a recusa do governo revolucionário a explicar-se ou redimir-se. O momento marca o rompimento de relações entre a revolução e diversos intelectuais, que culmina no fechamento das portas da ilha a vários deles. Nas palavras de Costa, uma crítica contundente aos autores da Carta dos 52 e da Carta dos 61

veio do próprio Fidel Castro durante o discurso pronunciado no *Primer*

³⁷⁰ A “Carta de los 61” foi veiculada em inúmeras publicações do período, entre elas, a revista argentina *Los libros*, que consultamos. Ver: Carta de los 61, *Los libros*, Buenos Aires, n.20, 1971, p. 8.

Congreso Nacional de Educación y Cultura, no qual afirmou que os intelectuais estrangeiros espalhavam “o veneno, a insídia e a intriga na Revolução” e, como se não bastasse, eram ainda “agentes do colonialismo cultural”, “inteligências do imperialismo”, “agentes da CIA”. [...] Teriam “guarida” [em Cuba] apenas “os escritores revolucionários”. Os “intelectuais burgueses e liberais” nunca mais entrariam em Cuba, mesmo que a defendessem.³⁷¹

Críticas aos intelectuais envolvidos no caso Padilla também aparecem no discurso de Fidel Castro pronunciado durante as celebrações dos 10 anos da fracassada invasão à Baía dos Porcos/Playa Girón, e publicado no número 25 da *Tricontinental* sob o título *Unión sin Confines*. Neste, o líder cubano afirma que

Temos que aprender a pensar nesses termos [de verdadeira irmandade entre povos revolucionários]. Temos que aprender a nos educar nestes termos e educar nossa nova geração nesses termos *para que, à colonização econômica, não sobreviva a colonização cultural*. Não há que se esquecer que os imperialistas financiavam seu domínio não só nas armas da economia, da política, senão muito essencialmente também com as armas do pensamento, as armas da cultura. [...] O domínio imperialista tende a desaparecer nos países do Terceiro Mundo, mas *subsistem os aspirantes à tutela intelectual, à colonização intelectual*. Senhores que querem ensinar nossos povos, desde Nova York, ou desde Paris, ou desde Roma, ou desde Londres, ou desde Berlim Ocidental. *E por isso também nossos povos têm que dar um grito de independência bem alto contra esse intento de colonização espiritual, de colonização cultural [...]*.³⁷² [grifo nosso]

A edição de número 25 publicou uma resposta revolucionária por continente a esses “intelectuais colonizados”. *Pueblo y técnica*, do guineense Louis Behanzin, é uma “solução Africana aos problemas da cultura”³⁷³. *Notas sobre la vida cultural de la República de Viet Nam*, do alemão Peter Weiss, aborda a “fundação de um povo em revolução, do caminho avançado à construção de uma nova cultura alimentada pelas tradições nacionais mais genuínas”³⁷⁴. Mais tarde, na edição de número 27-28, o texto de Pathé Diagné *Ni Apolo ni Oddúdua*, que comentamos na primeira seção desse capítulo, partiria da obra de Frantz Fanon para dissertar sobre cultura africana. *Tricontinental*

³⁷¹ COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina – o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. p. 198.

³⁷² *Unión sin confines*. *Tricontinental*, Havana, n. 25, jul-ago 1971, p. 21.

³⁷³ Editorial. *Tricontinental*, Havana, n. 25, jul-ago 1971, p. 1.

³⁷⁴ *Ibidem*, p. 1.

publicaria, ainda, *Verde es el pino*, relato de viagem em que o poeta salvadorenho Roque Dalton tece elogios à política cultural norte-coreana.

A ferocidade das críticas publicadas no número 25 da *Tricontinental* acompanha a tônica dos debates sobre cultura e o papel dos intelectuais em Cuba no período. Nas páginas do “órgão teórico da OSPAAAL”, em consonância com a forma como o tema foi abordado em Cuba, ganha espaço significativo as concepções de *imperialismo e colonialismo cultural*, termos que dominaram – conjuntamente com os exemplos de outras experiências socialistas em matéria de cultura – as abordagens do tema da cultura que foram publicadas na revista entre 1971 e 1976.

A concepção de colonialismo cultural foi definida por Fidel Castro em seu discurso de encerramento ao *Primer Congreso Nacional de Educación y Cultura* como “um colonialismo que subsiste e pretende subsistir ao imperialismo econômico, ao neocolonialismo: o colonialismo cultural e político”³⁷⁵. Combater esse colonialismo cultural assume papel central no vocabulário cubano acerca do papel dos intelectuais. Constatamos que o colonialismo cultural é um dos principais argumentos utilizados para desqualificar os escritores e intelectuais latino-americanos e europeus que, naquele momento, criticavam publicamente a Revolução Cubana.

Veiculado na mesma época, nas páginas da revista *Casa de las Américas*, o ensaio *Calibán* se tornaria um dos mais famosos textos de Roberto Fernández Retamar³⁷⁶. Ali, o autor parte da construção de alegorias inspiradas pela obra *A tempestade*, de Shakespeare, e em *Une Tempête*³⁷⁷, de Aimé Césaire, e lança um ultimato aos intelectuais: servirão a Próspero ou a Calibán? Servirão ao imperialismo, ao modelo de civilização ocidental; ou aos “condenados da Terra” de Frantz Fanon, aos “pobres da Terra” de José Martí? É curioso perceber que – tal como o gênio Ariel, que serve a Próspero em ambas *Tempestades* – a representação gráfica do intelectual colonizado na capa do número 25 da *Tricontinental* (Imagem V) tem um aspecto irreal e fantasmagórico, paira sobre a realidade, e serve ao imperialismo. Roberto Fernández Retamar subscreve a Gramsci e

³⁷⁵ CASTRO, Fidel. Discurso en la clausura del Primer Congreso Nacional de Educación y Cultura. *Los libros*, Buenos Aires, n.20, 1971, p.14.

³⁷⁶ FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. Calibán. In: FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Todo Calibán*. Havana: Instituto del Libro, 2000. p. 4-80.

³⁷⁷ CÉSAIRE, Aimé. *Une Tempête: d’après <<La Tempête>> de Shakespeare, adaptation pour un théâtre nègre*. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

conclama que a categoria de intelectual não seja restringida aos escritores, mas estendida aos demais trabalhadores da cultura, da ciência e da técnica³⁷⁸, posição que ele já defendia pelo menos desde 1966, na pesquisa de Carlos Núñez³⁷⁹.

A *Tricontinental* publicou, também em seu número 25, um texto de Louis Behanzin, Secretário de Estado para a Ideologia da República da Guiné, como uma “resposta africana aos problemas da cultura”³⁸⁰ sob o título *Pueblo y técnica*³⁸¹. Para o autor, “é o povo, e só o povo, quem cria a cultura”³⁸². O objetivo, na Guiné, é engendrar a existência de uma cultura “progressista e dinâmica, [...] rumo à qual tende a cultura de todos os povos comprometidos na edificação do socialismo”³⁸³. O debate sobre as formas da cultura, para Behanzin, “é uma expressão radical da luta de classes”³⁸⁴. A tentativa de colonização cultural consiste, nada menos, que na vontade de “adestrar” os colonizados segundo as regras do campo cultural dos colonizadores, utilizando-se de todos os meios encontrados para tal: a educação, os meios de comunicação de massa, a produção científica.

O texto de Behanzin não aborda diretamente a arte, mas se foca nas percepções da cultura como “ciência, técnica, prática produtiva e transformadora”³⁸⁵. O guineense debruça-se sobre a ciência e a técnica como partes constituintes da cultura, e destaca a importância imprescindível da educação do povo da Guiné em questões científicas, como a biologia e a engenharia. Enfoca, ainda, a necessidade de que se produzisse na Guiné avanços de caráter científico e produtivo que permitissem ao país saltos de desenvolvimento econômico. Ao passo que desloca o debate sobre cultura da questão dos intelectuais para um debate sobre ciência e educação, o texto de Behanzin contribui para legitimar os esforços cubanos que buscaram retirar dos escritores, a quem Retamar se referiu em *Calibán* como “feiticeiros”, a exclusividade no emprego da categoria *intelectuais*, bem como sua autoridade para atuarem como “críticos da sociedade”.

³⁷⁸ FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Calibán*. In: *Todo Calibán*, Havana: 2000. p. 69.

³⁷⁹ A pesquisa também foi citada nas páginas 50-51, 118 e 135 desta dissertação.

³⁸⁰ Editorial. *Tricontinental*, Havana, n. 25, jul-ago 1971, p. 1-2.

³⁸¹ BEHANZIN, Louis. *Pueblo y técnica*. *Tricontinental*, Havana, n. 25, jul-ago 1971, p. 30-52.

³⁸² *Ibidem*, p. 34.

³⁸³ *Ibidem*, p. 36.

³⁸⁴ *Ibidem*, p. 36.

³⁸⁵ *Ibidem*, p. 37.

Parece-nos claro que nas páginas da *Tricontinental*, assim como no texto de Fernández Retamar, a Revolução Cubana estabeleceu uma clara correspondência entre os pedidos de explicações de intelectuais estrangeiros quanto ao caso Padilla e as práticas do colonialismo cultural; entre as figuras do intelectuais com os quais a revolução rompeu relações – aqueles que a criticaram abertamente, em especial – e a descrição um intelectual colonizado, ou pior ainda, colonizador. Aliás, fundem-se, nos discursos do governo cubano acerca dos intelectuais, as figurações do intelectual como consciência crítica da sociedade e do intelectual colonizado ou colonizador, já que a própria pretensão de atuar como consciência crítica da sociedade já era considerada, em si, um ato colonizador. A consciência crítica da sociedade deveria ser o povo. Ser um “escritor” ou “trabalhador da cultura” não deveria conferir a alguém distinção ou autoridade alguma acerca dos rumos da sociedade, da Revolução.³⁸⁶

É importante ressaltar, ainda, que o caso Padilla atuou como um estopim em um longo processo de normatização e controle da arte e da cultura na ilha de Cuba, que não se encerra com a prisão desse escritor. Pelo contrário, sua emblemática prisão foi o prenúncio de um período mais amplo de cerceamento das liberdades criativas, que ficou conhecido como *quinquênio gris*, e se estendeu pelo menos de 1971 a 1975. Esse foi um momento de forte expansão do ensino universitário público e gratuito na ilha – uma das medidas adotadas pelo *Primer Congreso Nacional de Educación y Cultura* – e, portanto, de ampliação do acesso à arte, à cultura e ao conhecimento. Por outro lado, os anos do quinquênio gris foram marcados por inúmeras demissões e “re-alocações” de intelectuais que eram incômodos ao governo, e que eram acusados de “desvios ideológicos”.

Segundo Claudia Gilman, o auge do caso Padilla mobiliza uma onda de discursos na América Latina que expressam o que a autora chama de “anti-intelectualismo”, empregados por críticos da figura do intelectual e que objetivam reduzir sua relevância pública e até mesmo desclassificá-lo, como um inimigo da revolução e do povo. Tal visão, em certa medida defendida pela Revolução Cubana, encontrou resistência em

³⁸⁶ Ao analisar a forma como o termo intelectuais foi empregado na Gran-Bretanha, Carlos Altamirano constata concepções que, de modo semelhante, expressam forte desconfiança acerca da possibilidade de que o exercício de funções intelectuais conferisse a alguém autoridade política. Cf: ALTAMIRANO, Carlos. Intelectuales: nacimiento y peripécia de un nombre. *Nueva Sociedad*, n. 245, may-jun, 2013, p. 38-53.

veículos importantes de produção cultural latino-americanos como, por exemplo, o semanário *Marcha*. Se bem reconhecemos que esse foi um dos efeitos almejados pelo governo cubano em seus discursos acerca do caso, gostaríamos de observar que certos intelectuais seguiram ocupando posições de destaque no meio cultural cubano, e que mesmo durante todo o quinquênio gris, a revista *Tricontinental* seguiu sendo publicada. Para tal, contou com a participação de inúmeros escritores, jornalistas, tradutores, cartelistas e ilustradores; ou seja, dependeu do trabalho de produção intelectual e mediação cultural de inúmeros indivíduos. O mesmo pode ser dito acerca de outras instituições que integravam a política cultural cubana, como o ICAIC e a *Casa de las Américas*.

O caso não suspendeu as atividades ligadas à produção cultural e intelectual na ilha, mas foi mobilizado com o objetivo de promover, por meio da intimidação e da censura, o cerceamento do acesso a esses espaços por aqueles que não se alinharam à proposta de *intelectual revolucionário* defendida pelo governo. Desse intelectual revolucionário é cobrada a solidariedade praticamente incondicional, e suas críticas podem e devem ser suprimidas ou ignoradas sempre que as revoluções julgarem necessário.

Nesse novo contexto, só há espaço para intelectuais cujo compromisso e solidariedade para com a revolução tomam precedência em relação à adoção de uma posição de “consciência crítica”. Tal gesto não indica que o governo cubano esteja abrindo mão da disputa pela arte e pela cultura. Pelo contrário, demonstra a centralidade de ambos, tanto que o objetivo é subordiná-los completamente à lógica da política e à defesa da violência revolucionária. Na medida em que os governos, partidos e lideranças políticas se arrogam a autoridade para definir o que pode ou não pode ser defendido e criticado, o espaço para a multiplicidade torna-se paulatinamente tolhido pelos discursos oficiais, como observou-se em Cuba nesse período.

As páginas da *Tricontinental* permitem afirmar que o posicionamento virulento da Revolução Cubana em relação ao caso Padilla não foi de maneira alguma uma postura isolada, mas buscou (e encontrou) eco e apoio em outras experiências das esquerdas dos três continentes. Aliás, utilizou-as para se legitimar perante uma comunidade de discurso, uma rede política e intelectual de solidariedade que compartilhava leituras e propostas

afins para as relações entre política e cultura. Com o fechamento da ilha para os intelectuais que a criticaram, a publicação da revista seguiu acontecendo, e passou a veicular um número decrescente de intelectuais europeus. Ganharam espaço um número ainda maior de latino-americanos, africanos e asiáticos alinhados às revoluções, em geral, e à Revolução Cubana, especificamente; dispostos a exercer o papel que essa atribuía ao trabalho intelectual. *Há que ser revolucionário.*

3. A *Tricontinental* e a construção do Terceiro Mundo

Quando perguntado sobre o papel dos intelectuais nos processos de libertação nacional durante a Conferência Tricontinental, Roberto Fernández Retamar respondeu que "a revolução cubana se internacionalizou, não só na medida em que influencia o mundo, mas também na medida em que se explica por esse mundo tomado em seu conjunto"³⁸⁷. O cubano define que o papel de um intelectual, além de exercer suas tarefas cidadãs, participando ativamente do processo revolucionário, é interpretar a revolução, produzir compreensões acerca do "nosso mundo, o mundo subdesenvolvido, o Terceiro Mundo"³⁸⁸. O autor expressou ali uma identificação com esse "nosso mundo", que muito se repetirá nas páginas da *Tricontinental*. Roberto Fernández Retamar fala de sua própria experiência na Cuba revolucionária, que buscava estabelecer para si um espaço em um mundo que era cada vez mais interconectado, mas ao qual o acesso institucional era constantemente negado pelo bloqueio político e econômico exercido pelos Estados Unidos da América.

O historiador estadunidense David Armitage, ao refletir sobre a Declaração de Independência dos Estados Unidos, buscou demonstrar o caráter global desse documento. O autor enfoca não só a influência que a declaração estadunidense teve fora do país, mas também a forma como ela mesma se produziu em constante interação com outras partes de um mundo interconectado. Isso se dá não só na medida em que estabelece diálogos com outras tradições intelectuais, mas em sua própria materialidade. Para citar apenas alguns dos aspectos abordados por ele, a declaração foi impressa com maquinário importado, e escrita por um número expressivo de imigrantes. *The Declaration of Independence: A Global History*³⁸⁹, sugere, já naquele contexto, que a necessidade de

³⁸⁷ A pergunta fez parte de uma pesquisa conduzida por Carlos Núñez durante a Conferência Tricontinental, e publicada no semanário *Marcha*. Cf. RETAMAR, Roberto Fernández. Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional. *Marcha*, ano XXVII, n. 1927, 25 de março de 1966, p. 18.

³⁸⁸ RETAMAR, Roberto Fernández. Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional. *Marcha*, ano XXVII, n. 1927, 25 de março de 1966, p. 18.

³⁸⁹ ARMITAGE, David. *The Declaration of Independence: A Global History*. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

enunciar uma independência aponta para um mundo que pode e deve ser pensado como interdependente.

Guardadas suas distinções, ambos aludem aos desafios que perpassam qualquer tentativa de pensar a partir de uma perspectiva que transcenda os limites dos territórios nacionais. A historiadora que narra essas páginas reconhece, por esse motivo, a necessidade de acompanhar percursos que transitam constantemente entre o local e o global, de não se limitar à compreensão de apenas um dos sentidos desse movimento. Enfim, adotar uma abordagem que enfoque o estabelecimento de relações.

Na Cuba revolucionária dos anos sessenta e setenta, o Terceiro Mundo foi uma das categorias que significou uma forma de estar no mundo, explicar-se por um mundo tomado em seu conjunto, e estabelecer relações que buscaram superar o isolamento e a hostilidade do bloqueio econômico. Além disso, dentro e fora da Ilha, a reincidência e impacto do uso do termo permite que o Terceiro Mundo seja pensado como um conceito que deteve grande capacidade de mobilização da realidade no período estudado³⁹⁰. Por esses motivos, no presente capítulo, o Terceiro Mundo assume o centro da narrativa. Em um primeiro momento, enfocamos o termo a partir de uma abordagem conceitual. Em seguida, buscamos mapear algumas das reações – itinerâncias, relações, sensibilidades – suscitadas pela atuação da OSPAAAL. Essas teceram redes de relações nas quais o Terceiro Mundo, como autoconsciência de um *nós*, transcendeu os debates teóricos.

3.1. *Tercer mundo, nuestro mundo: conceito e aporia, raízes e ramificações*

Até agora, demonstramos que a Conferência Tricontinental e as páginas da revista estudada tinham como objetivo construir um projeto comum de libertação para os três continentes, entendendo que libertação perpassava não só o estabelecimento da independência política formal. Identificamos algumas das principais influências teóricas desse projeto, bem como indicamos que papel seus construtores atribuíam aos intelectuais

³⁹⁰ Para uma breve história do conceito de Terceiro Mundo e da capacidade mobilizadora desse conceito, ver VIGEVANI, Tullo. *Terceiro Mundo: conceito e história*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

e à cultura. O presente capítulo, por sua vez, argumenta que os grupos que convergiram na conferência de Havana e nas páginas da *Tricontinental* ao longo dos sessenta/setenta promoveram uma apropriação do conceito de Terceiro Mundo, e lhe conferiram contornos específicos ligados à leitura de que os países dos três continentes compartilhavam uma condição de opressão diretamente ligada ao imperialismo, ao colonialismo e ao neocolonialismo. As páginas da revista, por sua vez, têm como eixo condutor a concordância entre seus colaboradores acerca de qual seria a chave que abriria as portas para um novo futuro: a revolução, preferencialmente por meio da luta armada. Os textos publicados pela revista promoveram uma vinculação entre a mobilização do conceito e a defesa da revolução e da luta armada, e parece possível afirmar que o enfraquecimento das vias de transformação política por meio da ruptura significaram, também, um empobrecimento do conceito.

Compreendemos o Terceiro Mundo como um conceito que traz em si o caráter *aporético* dos conceitos políticos, que o mantém em disputa, reinterpretação, movimento e transformação. Nesse sentido, na esteira teórica proposta por autores como Pierre Rosanvallon³⁹¹ e Elias Palti³⁹², entendemos que o conceito de Terceiro Mundo não se refere a uma realidade fixa e inteiramente extratextual, mas à aporia que o constitui. Ainda que possa parecer fácil imaginar e circunscrever o que seria o Terceiro Mundo em um mapa, não é a posição geográfica que indica a participação neste grupo, o que sugere a possibilidade de tratá-lo como mais que mera categoria, como um conceito a ser investigado. Nas palavras do historiador argentino Elias Palti,

[...] os conceitos nucleares do discurso político moderno não designam nenhum conjunto de princípios ou realidades, não remetem a nenhum objeto que possa determinar-se, mas indicam basicamente *problemas* [...]. Isto supõe uma visão completamente diferente quanto à raiz da historicidade dos conceitos; significa que mesmo quando ninguém questione as definições existentes dos mesmos, esses serão sempre precários, contém *nós problemáticos irresolutos*.³⁹³ [grifo nosso]

³⁹¹ ROSANVALLON, Pierre. Por uma história do político. São Paulo: Alameda, 2010.

³⁹² PALTÍ, Elias; BONILLA, Rafael Polo. Un Dialogo con Elias Palti (Entrevista). *Íconos: revista de Ciencias Sociales*. Num. 36, Quito, enero 2010, p. 119-129; PALTÍ, Elias. *Giro Lingüístico e Historia Intelectual*. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes, 2001.

³⁹³ *Ibidem*, p. 125.

O fato de que, nas páginas da revista *Tricontinental* analisadas por nós, o conceito de Terceiro Mundo tenha emergido nutrindo-se de diálogos intensos com o marxismo suscita outro problema específico: a compreensão de que nenhuma solução proposta pelas fontes estudadas é apenas discursiva, mas opera na interseção entre teoria e prática, linguagem e materialidade. Robert J. C. Young, um dos primeiros autores contemporâneos a conferir posição de destaque à Conferência Tricontinental em seus estudos, reconhece essa indissociabilidade entre prática e teoria, inerente aos textos que analisa. O autor reitera essa caracterização por meio do uso da expressão “práticas teóricas [*theoretical practices*]”, e adota a perspectiva do italiano Antonio Gramsci³⁹⁴ acerca dos intelectuais, de modo que considera os autores que estuda como intelectuais orgânicos, ou ainda, organicamente ligados a projetos políticos emancipatórios, anti-imperialistas e anti-coloniais. Segundo Young, os escritores *tricontinentais* promovem apropriações e transformações do marxismo que são reflexo da necessidade de atualizar a teoria marxista à luz de experiências não-Ocidentais, um processo que é sempre *ativo*, e *marcado* pelas urgências da prática.

Buscamos pensar essas apropriações e transformações, bem como a intercessão entre prática e teoria, materialidade e linguagem, a partir da chave de análise proposta por autores que abordaram o caráter *performativo* do discurso, especialmente Jacques Derrida e Judith Butler. Derrida define o discurso/ato performativo como “uma interpretação que transforma a própria coisa que interpreta”³⁹⁵. Por outro lado, critica as afirmações de que a vontade de seu autor seja suficiente para que os discursos se transformem. Para Derrida, “o performativo não tem seu referente (mas aqui essa palavra certamente não é mais apropriada, e isso é precisamente o interesse da descoberta) fora de si ou, em algum evento, antes e de frente a si. Ele não descreve algo que existe fora da linguagem e

³⁹⁴ Segundo Gramsci, as classes sociais necessitavam da produção de intelectuais, que estariam organicamente ligados a elas, à elaboração de sua consciência e a uma capacidade diretiva e técnica que permitiria a organização da sociedade e da produção. Os intelectuais organicamente ligados às classes dominantes são chamados “intelectuais tradicionais”. Por outro lado, os intelectuais ligados às classes subalternas passam a ser chamados pelo marxista italiano “intelectuais orgânicos”, e assumiriam papel fundamental na organização política e partidária, contribuindo para a superação do ‘senso comum’ e da hegemonia. Cf. GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

³⁹⁵ DERRIDA, Jacques. Conjuring – Marxism. In: *Spectres of Marx: The State of the Debt, the Work of Mourning and the New International*. New York City: Routledge Classics, 2006. p. 63.

anteriormente a ela. *Ele produz ou transforma uma situação, ele afeta*³⁹⁶. Derrida deixa claro, por outro lado, que aquilo que é performativo necessariamente é “impuro”, na medida em que é permeado pela citacionabilidade. Para o filósofo, essa assume um caráter distinto do ato de citar no sentido mecânico – colocar entre aspas, escrever uma nota de rodapé – e refere-se a uma característica constitutiva da linguagem. Nesse sentido, nenhum discurso performativo é capaz de – singular e absolutamente – constituir algo inteiramente novo.

Judith Butler, por sua vez, define *performatividade* como “o poder reiterativo do discurso para *produzir o fenômeno que regula e delimita*”³⁹⁷. Entretanto, a performatividade seria sempre marcada pelo paradoxo constitutivo do processo de *assujeitamento* [no inglês, em Butler, *subjectivation*; no francês, *assujétissement*]. À luz da crítica de Derrida, mas também preocupada com a possibilidade de pensar a agência, a autora afirma que

[o(a)] sujeito(a) que resistiria às normas é ele mesmo possibilitado, se não produzido, por essas normas. Ainda que essa limitação constitutiva não encerre a possibilidade de agência, ela posiciona a agência como uma prática reiterativa e [ou?] rearticulatória, imanente de poder, e não uma relação de oposição externa ao poder.³⁹⁸ [grifo/comentário nosso]

Butler pensa performatividade, portanto, como um processo reiterativo de transformação por meio da linguagem, influenciado pelos sujeitos individuais, mas nunca circunscrito por apenas um deles de maneira definitiva. Butler critica aqueles que pretendem estabelecer uma separação artificial – ou uma correspondência absoluta – entre os discursos e a materialidade a que eles se referem, e aponta a impossibilidade de compreensão de uma matéria que não seja significada discursivamente. É importante reconhecer aqui que, em larga medida, os sujeitos que estudamos, precisamente os autores e autoras, nem sempre demonstram total consciência dessa “impossibilidade [discursiva] de situar-se como uma oposição externa ao poder”. Eles se levantam em defesa de um mundo novo, de homens novos, mas seus discursos mostram que eles e elas

³⁹⁶ DERRIDA, Jacques. Signature Event Context. In: *Limited Inc.* Evanston: Northwestern University Press, 1988. p. 13.

³⁹⁷ BUTLER, Judith. *Bodies That Matter: On the discursive limits of “sex”*. New York City: Routledge Classics, 1993. p. xxii.

³⁹⁸ *Ibidem*, p. xxiii.

não tinham consciência de *todas* as formas como foram subjetivados pelo mundo em que nasceram e pela linguagem que conhecem. Nesse sentido, algumas de suas postulações acerca da possibilidade de criar um mundo mais justo podem parecer limitadas quando lidas à luz de novas perspectivas acerca do exercício do poder, como as críticas à desigualdade das relações de gênero e das relações étnico-raciais, para citar apenas dois exemplos abordados no presente trabalho³⁹⁹.

Nesse capítulo, sustentamos a hipótese de que o Terceiro Mundo – nas páginas da revista *Tricontinental* – não se remete exclusivamente a uma condição de inferioridade e atraso em relação à modernidade e ao desenvolvimento econômico capitalista, acepção mais comumente associada ao uso do termo pelo senso comum. Pelo contrário, aqui o Terceiro Mundo se expressa de maneira multifacetada, disputada e transformada performativamente por aqueles que o empregam. Pensado como um *conceito político*, o Terceiro Mundo enuncia sua própria aporia constitutiva, convidando à reflexão sobre as diferenças forjadas pela colonização e pelo imperialismo, e as formas como elas foram enunciadas. Pensado como *ato discursivo*, analisado a partir da compreensão da performatividade do discurso, o Terceiro Mundo supera sua própria enunciação e se inscreve na materialidade e na prática, delimita e regula o fenômeno que enuncia. Reconhecer o sentido performativo desse conceito permite enxergar que dizer “*Tercer mundo, nuestro mundo*” não enuncia uma ideia pronta, mas institui a possibilidade de que essa coletividade seja concebível, e convida a pensá-la e construí-la coletivamente.

Emergem aqui dificuldades que permeiam qualquer tentativa em pensar a história indo além de abordagens nacionais isoladas, preocupação que é expressa de maneira clara pelo projeto editorial da revista. Saltam aos olhos, enfim, contradições inerentes às tentativas de analisar um “mundo tomado em seu conjunto”, em toda sua complexidade e violência, e situar-se em relação a ele. Essas dificuldades foram enfrentadas pelos autores e autoras dessa história, pelos editores e colaboradores da revista e pelos partícipes da

³⁹⁹ As questões ligadas às relações étnico-raciais estão expostas, principalmente, ao longo do capítulo 2, na medida em que colocamos as posições defendidas nas páginas da *Tricontinental* e pela Revolução Cubana em diálogo com a obra de Frantz Fanon. Na próxima seção do presente capítulo, abordamos também a forma como *Tricontinental* cobriu o II Congresso da *Federación de Mujeres Cubanas*, nas páginas 180-184.

Conferência Tricontinental, talvez por um reconhecimento de que, para transformar o mundo, é necessário também nomear, interpretar, compreender.

Como elaborar discursivamente a percepção das diferenças e desigualdades forjadas pela colonização e pelo imperialismo; pelo tráfico atlântico de escravizados, pela diáspora e pelo racismo; pela expansão internacional do modo de produção capitalista? Estamos conscientes da complexidade do desafio, e por isso nos nutrimos neste trabalho do diálogo com diversas contribuições dos estudos pós-coloniais⁴⁰⁰ e do giro decolonial⁴⁰¹.

Compreendemos que o termo *pós-colonialismo* aponta para dois gestos investigativos principais: a crítica da metanarrativa da modernidade eurocentrada e a atenção para as formações políticas, econômicas e culturais dos países recém-independentes. Mais que demarcar o fim da colonização, o campo se atenta para a forma como o mundo moderno foi forjado pelo processo de colonização e pelo imperialismo, sugerindo uma impossibilidade de estudá-lo sem posicionar esse processo histórico de longa duração como elemento fundamental à análise. Nesse sentido, o campo abarcou autores e autoras que compartilhavam expectativas comuns de romper com o eurocentrismo epistemológico, ainda que partissem de vertentes teóricas distintas.⁴⁰²

O pós-colonialismo foi marcado pela recuperação da crítica anti-colonial e de marxistas negros, como Aimé Césaire, Frantz Fanon e Amílcar Cabral. A constatação

⁴⁰⁰ Listamos aqui os principais autores consultados. Vale ressaltar que nem todos se vinculam declaradamente aos estudos pós-coloniais e que não buscamos nesse momento exaurir as distinções entre suas produções. Cf: CHAKRABARTY, Dipesh. *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference*. Princeton: Princeton University Press, 2000; SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011; SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *Malhas que os Impérios tecem – textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2010; SETH, Sanjay. Razão ou Raciocínio? Clio ou Shiva? *História da Historiografia*, 11, abril 2013: 173-189; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *History*. In: *A critique of postcolonial reason: toward a history of the vanishing present*. Cambridge: Harvard University Press, 1999; YOUNG, Robert J. C. *Postcolonialism: an historical introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2001.

⁴⁰¹ Listamos aqui os principais autores consultados, deixando claro que não nos propusemos aqui a conduzir uma leitura exaustiva de todos textos publicados pelos membros do *Coletivo Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade*, e que não buscamos nesse momento exaurir as distinções entre suas produções. Ver: GROSGUÉL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, Março 2008: 115-147; MIGNOLO, Walter. “La opción descolonial”. *Letral – Revista Eletronica de Estudios Transatlaticos de Literatura*. Universidad de Granada. Espanha. Número 1, 2008, pp. 4-22; QUIJANO, Anibal. *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

⁴⁰² Algumas das discussões apresentadas aqui foram elaboradas conjuntamente com Gabriel dos Santos Gonzaga, durante a escrita de proposta de simpósio temático para o VII Encontro de Pesquisa em História da Universidade Federal de Minas Gerais.

dessa recuperação levou Robert J. C. Young a afirmar que “pós-colonialismo poderia ser melhor nomeado ‘tricontinentalismo’, um termo que capta exatamente suas identificações políticas internacionalistas, assim como a fonte de suas epistemologias”⁴⁰³. Por outro lado, o campo também foi marcado pelo diálogo com correntes teóricas autocríticas ao Ocidente, como o pós-estruturalismo, e ganhou considerável força entre estudiosos que, em larga medida, privilegiaram o estudo dos contornos culturais da colonização. Segundo Miguel Mellino⁴⁰⁴, esse diálogo intenso com o pós-estruturalismo e essa ênfase nas questões culturais teria levado alguns desses autores a um abandono do marxismo, e a expressarem certo descaso com contornos econômicos e políticos do momento pós-colonial. Em diálogo com Miguel Mellino⁴⁰⁵, acreditamos que o gesto de Robert Young – vincular pós-colonialismo e anti-colonialismo, sob o uso do termo *tricontinentalismo*, e adotar a ideia de *práticas teóricas* em sua obra – buscou chamar a atenção dos autores do campo para as raízes epistemológicas da crítica à colonização, e alertar sobre a indissociabilidade entre prática e teoria pós-colonial; ou ainda, a interligação entre os domínios da cultura, da política, da economia e da epistemologia.

Por sua vez, Gayatri Spivak⁴⁰⁶ afirma que a ideia de Europa, bem como a forma como grupos nesse continente pensaram e executaram modernidade, colonizações, imperialismos e os ‘processos civilizatórios’, – para a autora, esses não podem ser pensados separadamente – fundamentaram-se na produção discursiva de uma Europa-sujeito e de um Outro-objeto sobre o qual a Europa inscreveria a si e a sua modernidade. Esse processo de violência epistêmica reproduzia – naquele Outro – as ideias de incompletude, atraso e deslocamento em relação à possibilidade de modernidade, progresso e avanço. Também Immanuel Wallerstein⁴⁰⁷ chama nossa atenção para a dificuldade de separação entre o capitalismo histórico enquanto modelo econômico e o projeto de civilização e modernidade capitalista que necessariamente o acompanha.

⁴⁰³ YOUNG, Robert J. C. *Postcolonialism: an historical introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, p. 5.

⁴⁰⁴ MELLINO, Miguel. *La crítica Poscolonial*. Descolonización, capitalismo y cosmopolitismo en los estudios culturales. Buenos Aires: Paidós, 2008.

⁴⁰⁵ *Ibidem*, p. 50-54.

⁴⁰⁶ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *History*. In: *A critique of postcolonial reason: toward a history of the vanishing present*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

⁴⁰⁷ WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalismo Histórico e civilização capitalista*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

Dipesh Chakrabarty ⁴⁰⁸ afirma que a colonização engendrou um processo de espacialização do tempo [*spatializing time*], que situa certas regiões como “atrasadas” e outras como “adiantadas” em uma relação forjada pelo *telos* da modernidade.

O *Coletivo Colonialidade/Modernidade/Decolonialidade* ⁴⁰⁹, preocupado com questões específicas da América Latina e em diálogo com os estudos pós-coloniais, lançou críticas e propostas que ficaram conhecidas como *giro decolonial*. A compreensão adotada é de que “o modelo de poder que é globalmente hegemônico hoje pressupõe um elemento de colonialidade” ⁴¹⁰. Entre as principais contribuições do grupo, está a compreensão de que essas relações de poder não precisam necessariamente dar-se entre nações em um contexto de domínio colonial, na medida em que reconhecem que o exercício do poder, articulado sob as formas de domínio e subalternidade, se dá, inclusive, no interior dos territórios nacionais, frequentemente a partir de uma clivagem de caráter racial. Boaventura de Sousa Santos ⁴¹¹, por sua vez, aborda problema semelhante a partir da compreensão da “linha abissal”, que dividiria o mundo entre Sul e Norte Global. Essa divisão constitutiva se reproduz não só na política internacional, mas nas formas de produção e difusão do conhecimento. A linha abissal transcende as fronteiras nacionais, já que os países – tanto do Norte quanto do Sul – se organizam internamente seguindo linhas globais de divisão, permeadas pelo racismo e pelas concepções modernas de civilização e progresso difundidas pela colonização e pelo imperialismo.

O diálogo com esses autores nos chamou a atenção para a forma como movimentos de descolonização promoveram negociações dialógicas entre modernidade e tradição; para o caráter violento dos encontros culturais promovidos pela globalização/modernidade/colonização/imperialismo; para o caráter híbrido e complexo das negociações e apropriações que marcam essas interações; para as limitações do

⁴⁰⁸ CHAKRABARTY, Dipesh. *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

⁴⁰⁹ Para um panorama da atuação do Coletivo ver: BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 11, p. 89-117, 2013.

⁴¹⁰ QUIJANO, Aníbal. Coloniality of Power, Eurocentrism, and Latin America. *Nepantla: Views from the South*. Duke University Press, v. 1. n.3, 2000. Disponível em: <<http://www.unc.edu/~aescobar/wan/wanquijano.pdf>>. Acesso em: 31/12/2017. p. 553.

⁴¹¹ SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010b, p. 31-83.

discurso nacionalista anti-imperialista em abordar problemas internos ligados à colonialidade do poder, em especial no âmbito das relações étnico-raciais. Enfim, para o eurocentrismo das categorias que organizam o pensamento histórico contemporâneo, enquanto pesquisadores e historiadores inseridos na lógica de uma disciplina.

Todos esses diálogos – com a História Intelectual do Político, com a abordagem filosófica do caráter performativo do discurso, com os estudos pós-coloniais, o giro decolonial, a teoria do sistema-mundo e os estudos do Sul Global - constroem a forma como abordamos o Terceiro Mundo. Investigar o que é o Terceiro Mundo é pesquisar as múltiplas respostas dadas a essa questão ao longo do período estudado, e os nós problemáticos irresolutos desse debate. Nosso objetivo é compreender os usos multifacetados desse conceito nas páginas da *Tricontinental*, que incorporaram a análise de elementos geográficos, políticos, culturais, históricos e econômicos entendidos como compartilhados. Adotamos uma perspectiva distinta de autores que, reconhecendo que a cristalização do conceito no presente é predominantemente pejorativa, advogam por um abandono do termo Terceiro Mundo. Nosso objetivo nesse capítulo é precisamente escavar historicamente, a contrapelo e para além da cristalização do presente, outras formas de empregar esse conceito.

*

O primeiro texto da revista *Tricontinental* a abordar os três continentes como um conjunto foi seu primeiro editorial, que traçou um panorama das lutas em curso, destacando as independências das “colônias portuguesas”, a guerra do Vietnã, a situação no Congo [Leopoldville] e as guerrilhas latino-americanas. Entre as referências citadas de maneira explícita, estavam a *Mensagem à Tricontinental* de Che Guevara, que foi analisada no segundo capítulo, e a *Segunda Declaração de Havana*. “*Esta gran humanidad ha dicho ¡Basta! y a hechado a andar*”, trecho que é seguido de outro, que não é citado pela revista mas que vale a pena recuperar aqui: “*y su marcha, de gigantes, ya no se detendrá hasta conquistar la verdadera independencia*”⁴¹².

⁴¹² Segunda Declaración de La Habana, 04 de fevereiro de 1962. Acesso em: 28/08/2017. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f040262e.html>>.

Essa mesma edição publicou um importante texto de Stokely Carmichael, líder do movimento negro estadunidense, intitulado *Tercer mundo, nuestro mundo*⁴¹³. Ali, Carmichael reivindica para os negros estadunidenses um espaço no Terceiro Mundo, apontando a opressão e exploração colonial como sendo compartilhada entre esse grupo e os povos de África, Ásia e América Latina. Segundo Carmichael, o povo negro dos Estados Unidos não deve demandar amor, paz ou não-violência, mas *Black Power*. “Nós vivemos ali [nos Estados Unidos] durante quatro séculos, e comprovamos a profundidade do racismo, [motivo] pelo qual temos que levar a cabo uma luta em duas frentes: contra o racismo e contra a exploração, os resultantes do sistema capitalista”⁴¹⁴. Para Stokely Carmichael, ele e os negros estadunidenses ligados ao *Black Power*, “instintivamente nos aliamos aos povos do Terceiro Mundo porque nos consideramos, e em realidade somos, uma colônia dentro dos próprios Estados Unidos”⁴¹⁵.

Carmichael define os Estados Unidos “como um enorme polvo, cujos tentáculos se estendem por todo o mundo, e cujo olho se encontra nos Estados Unidos. Cuba já lhe cortou um de seus tentáculos; Vietnã lhe amarrou outro [...]”⁴¹⁶. Essa constatação está ligada à ideia de que o capitalismo internacional operava como um sistema complexo de exploração e opressão, cujo combate deveria ser tão internacionalizado quanto os tentáculos daquele polvo. Aos negros estadunidenses competia a tarefa de atacar o olho do polvo para, conjuntamente com os povos dos três continentes, derrotá-lo. Essa percepção sistêmica fica extremamente clara no trecho que destacamos abaixo.

Portanto, ainda que nossas metas fossem diferentes, ainda que nossos objetivos fossem distintos e nossas ideologias fossem diferentes, nosso inimigo é o mesmo e na realidade a única forma em que todos nós poderemos ser libertados será quando todos nos unamos e derrotemos ao nosso inimigo em comum. E temos que nos unir para derrotar o inimigo porque *não estamos lutando contra um capitalismo isolado; estamos lutando contra o capitalismo internacional; e como as potências capitalistas do mundo internacionalizaram seu sistema, nós também devemos internacionalizar o nosso, a fim de que nossa luta seja*

⁴¹³ CARMICHAEL, Stokely. *Tercer mundo, nuestro mundo*. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967.

⁴¹⁴ *Ibidem*, p. 15.

⁴¹⁵ *Ibidem*, p. 18.

⁴¹⁶ *Ibidem*, p. 18.

*uma luta internacional.*⁴¹⁷ [grifo nosso]

Partindo da compreensão de que “a mesma estrutura de poder que explora e oprime a vocês, explora e oprime a nós”⁴¹⁸, Carmichael defende a necessidade de coordenação das lutas contra o sistema capitalista e imperialista dentro e fora dos Estados Unidos. Essa percepção implica o reconhecimento, inclusive, da necessária crítica interna à Guerra do Vietnã e às demais guerras imperialistas. Nesse momento, o *Black Power* começa a defender um boicote aos alistamentos obrigatórios, iniciativa que foi duramente combatida pelo governo estadunidense e levou à prisão de inúmeros de seus membros.

A definição de opressão e exploração compartilhada, entre negros estadunidenses e povos dos três continentes, está vinculada, ainda, à compreensão histórica do tráfico atlântico de escravizados e da diáspora, apontados por ele como elementos centrais da história dos negros estadunidenses. Nas palavras de Carmichael,

Black Power deve começar a falar especificamente à cultura dos homens de raça negra em todo o mundo, devido ao fato de que as potências imperialistas violaram o continente africano de uma forma tão covarde, sacando-nos de África e regando-nos por todo o mundo; tirando-nos de nossa pátria; separando-nos de nossas mães e nossos pais; saqueando-nos de nossa cultura, nosso idioma; roubando-nos nossa herança; e despojando-nos de nossa dignidade. E agora estamos começando a compreender mais e mais que - *ao contrário de outra gente que tem uma terra, ou um país pelo qual lutar - para nós, em um certo sentido, Black Power vai ter que ser uma espécie de nacionalidade para nossa raça, e portanto, nossa cor vai se converter em nossa pátria.*⁴¹⁹ [grifo nosso]

Carmichael não se limita a definir linhas de continuidade entre os negros estadunidenses e os demais povos negros do mundo. Pelo contrário, afirma que negros, “chineses” e “índios” conformam a parcela “não-branca” do mundo, que devem tomar consciência de que são a maioria da população, e assim deixarem de temer o “homem branco”. Stokely Carmichael afirma que “[a]s sociedades ocidentais brancas despojaram o mundo de sua humanidade. E é nossa tarefa nos unir a fim de *salvar a humanidade do*

⁴¹⁷ CARMICHAEL, Stokely. Tercer mundo, nuestro mundo. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967. p. 18.

⁴¹⁸ *Ibidem*, p. 16.

⁴¹⁹ *Ibidem*, p. 19-20.

*mundo*⁴²⁰. Em seu texto, o pronome da primeira pessoa do plural, “nós”, inicialmente utilizado para delimitar um “nós, os afro-americanos”, começa a ser utilizado de maneira intercambiável, até que “nós” passe a significar não só a identificação com a população negra dos Estados Unidos, mas também um nós, “não-brancos”, “despojados”. O autor constrói ao longo do texto, portanto, a conclusão que está expressa no título de seu artigo: o Terceiro Mundo é o mundo daqueles explorados pelo sistema capitalista internacional, pelo imperialismo e pelo colonialismo; o Terceiro Mundo é o mundo de africanos, asiáticos, latino-americanos, e negros estadunidenses.

Em complemento a essa análise, Stokely Carmichael afirma que é da união das distintas raças do mundo que foram exploradas pelo homem branco que viria a transformação e ruptura radical com o sistema de exploração e opressão internacional capitalista, colonialista e imperialista. Ele defende, já naquele momento, a adoção da luta armada pelos negros estadunidenses. Segundo ele, “tratamos durante quatrocentos anos de *coexistir pacificamente* dentro dos Estados Unidos. Não foi possível. A opressão não cessou”⁴²¹. Segundo Carmichael, em 1967 os negros estadunidenses já empunhavam as armas, aliavam-se aos povos do Terceiro Mundo que aderiam à luta armada, e estavam “decididos a destruir o imperialismo, por qualquer meio que fosse necessário”⁴²².

A leitura do texto de Stokely não deixa de chamar a atenção para a forma como o discurso racial se ordenava nas páginas da revista, na medida em que o autor opõe o homem branco aos ‘não-brancos’. Seu texto pode ser lido à luz da obra de Anne Garland Mahler, que identifica nas publicações da OSPAAAL e em outros materiais estudados por ela a expressão de uma ideologia tricontinentalista, marcada por uma “subjetividade revolucionária não-racialmente determinista, *em que cor é usado para se referir não à cor de pele de alguém, mas à uma posição ideológica de tricontinentalismo*”⁴²³.

É importante reconhecer aqui a importância de que o primeiro texto a definir o conceito de “Terceiro Mundo” nas páginas da revista tenha sido esse. Stokely Carmichael parte de dois aspectos que se manterão centrais às acepções do conceito que a revista

⁴²⁰ CARMICHAEL, Stokely. Tercer mundo, nuestro mundo. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967, p. 21.

⁴²¹ *Ibidem*, p. 22.

⁴²² *Ibidem*, p. 22.

⁴²³ MAHLER, Anne. *Beyond the color curtain: Empire and resistance from the Tricontinental to the Global South*. 2013. Tese de Doutorado – Emory University, 2013. p. 8.

veicula. Primeiramente, fica definido o Terceiro Mundo a partir da percepção de que a opressão é uma experiência compartilhada pelos povos que foram despojados pelo Ocidente, por meio não só da colonização e do imperialismo, mas também do tráfico de escravizados e da diáspora. Em segundo lugar, destaca-se a necessidade da ruptura sistêmica com a exploração e a opressão, por meio de quaisquer meios necessários, com destaque para a luta armada e a adoção da via revolucionária.

A introdução⁴²⁴ do corpo editorial da *Tricontinental a Tercer mundo, nuestro mundo* afirma que o texto foi escrito no escritório da revista, durante a viagem de Stokely Carmichael a Cuba para participar do primeiro e único encontro da *Organización de Solidaridad Latinoamericana* (OLAS), no qual representou o movimento negro estadunidense. Sua ida à Cuba revolucionária marca sua inflexão rumo à crítica da adoção da via pacífica de combate ao racismo. Até então, Stokely Carmichael, desempenhara uma trajetória política vinculada ao Movimento pelos Direitos Civis, cujas ações iniciais estiveram mais ligadas à reivindicação do direito ao voto e do fim da segregação do acesso a serviços públicos como educação e transporte.

James Forman⁴²⁵ aponta algumas justificativas interessantes para a radicalização das posições do movimento negro estadunidense em finais dos anos sessenta, mesmo entre atores que estiveram ligados ao Movimento dos Direitos Civis. De acordo com o autor, a ferrenha oposição da população branca do sul dos Estados Unidos às iniciativas de integração, que incluiu boicotes e perseguições a militantes, e também a baixa mobilização do governo estadunidense quanto ao combate ao racismo em escala nacional, contribuíram para um descontentamento com as vias pacíficas. Esses fatores foram agravados pelas tensões engendradas pela Guerra do Vietnã e os alistamentos obrigatórios. Enfim, o fim dos anos sessenta foi marcado pela ascensão da consigna *Black Power*, de lideranças como o próprio Stokely Carmichael, e dos diálogos entre o movimento negro estadunidense e a Revolução Cubana⁴²⁶. Em 1968, o assassinato de

⁴²⁴ Al lector. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967, p. 3.

⁴²⁵ FORMAN, James. Estados Unidos 1967: marea alta de resistencia negra. *Tricontinental*, Havana, n. 6, mai-jun, 1968, p. 22-52.

⁴²⁶ Essas aproximações atingem seu auge em fins dos anos sessenta. Entretanto, muitos militantes do movimento negro estadunidense, inclusive o próprio Stokely Carmichael, se afastariam da Revolução Cubana em função de desavenças quanto ao marxismo-leninismo e quanto ao combate ao racismo dentro da ilha. Cf. GRONBECK-TEDESCO, John. *The Left in Transition: The Cuban Revolution in US Third*

Martin Luther King mobiliza ainda mais militantes a reivindicarem o direito à autodefesa armada e o boicote ao alistamento obrigatório para combater na Guerra do Vietnã. Alguns deles, como Stokely Carmichael, chegaram até mesmo a defender a adoção da luta armada contra o governo estadunidense.

Todavia, o texto de Carmichael não foi o único a abordar o Terceiro Mundo, especialmente nos primeiros anos de publicação da revista. Acreditamos que o número significativo de textos que delinearam o que congrega os três continentes publicados pela revista em seus primeiros anos se explica por razões relativamente práticas. Os debates acerca do Terceiro Mundo, tratado enquanto conceito que expressa uma coletividade, eram fundamentais para legitimar o próprio projeto editorial da revista, e convencer seus leitores da pertinência da adoção dessa escala *tricontinental*. Isso explica porque, na primeira edição da revista, tantos textos busquem refletir sobre esse grupo, tomado em seu conjunto.

Naquela primeira edição, Ho Chi Minh enviou votos de solidariedade e êxito aos “povos irmãos de Ásia, África e América Latina”⁴²⁷. Curiosamente, mesmo entre os autores que não se utilizavam dos termos “Terceiro Mundo”, era importante tratar discursivamente os três continentes como um conjunto, “vítimas da política de agressão, de escravidão e de exploração brutal do imperialismo e do colonialismo”⁴²⁸. O objetivo do uso conjunto dessas expressões pode parecer trivial, mas carrega consigo uma percepção histórica interessante na medida em que articula temporalmente os três continentes como parte de um mesmo processo. Para Nguyen Huu Tho, foi importante afirmar que “a opressão engendra a luta”⁴²⁹. Kim Il Sung afirma algo semelhante, ao dizer que “onde há opressão há também resistência”⁴³⁰. Esse binômio foi central para as posições adotadas pela revista, e reflete uma concepção adaptada do materialismo histórico; aqui, não é necessariamente a luta de classes que engendra a transformação por meio da ruptura, mas

World Politics. *Journal of Latin American Studies*: 2008, 40, p. 651-673; RODRIGUEZ, Besenia. “De la Esclavitud Yanqui a la Libertad Cubana”: U.S. Black Radicals, the Cuban Revolution, and the Formation of a Tricontinental Ideology. *Radical History Review*, n. 92 (2005): 62–87; SEIDMAN, Sarah. Tricontinental Routes of Solidarity: Stokely Carmichael in Cuba. *Journal of Transnational American Studies*, ano 4, #2 (2012).

⁴²⁷ HO, Chi Minh. Carta. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago, 1967, p. 7.

⁴²⁸ NGUYEN, Huu Tho. Carta. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago, 1967, p. 6.

⁴²⁹ *Ibidem*, p. 6.

⁴³⁰ KIM, Il Sung. Reforcemos la lucha antiimperialista y antiyanqui. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967, p. 11.

o combate à forma de exploração específica do colonialismo e do imperialismo. O vietnamita do sul fala de uma “luta revolucionária pela libertação dos povos”⁴³¹, enquanto o norte-coreano se refere a uma “luta comum contra o imperialismo”⁴³². Em ambos os casos, nos chama a atenção o fato de que a palavra “luta” aparece no singular. Do ponto de vista performativo, é possível afirmar que ambos enunciam uma *luta comum* que é, a um só tempo, uma constatação e um convite.

A segunda edição da revista *Tricontinental* também dedicou várias páginas às discussões sobre o que conformava o Terceiro Mundo como uma coletividade, e ganha destaque o texto do escritor e dramaturgo alemão Peter Weiss, cuja opinião é descrita pela seção *Al lector* como “polêmica”⁴³³. Sua contribuição mais significativa foram as críticas que o autor esboçou a todo o léxico utilizado para tratar dos países de África, Ásia e América Latina como um conjunto.

*Antes de tudo, eu desejaria utilizar outras denominações. Não me agrada a expressão “Terceiro Mundo”, e não gosto de falar sobre “países subdesenvolvidos”. A expressão “Terceiro Mundo” está baseada em uma maneira de raciocinar classista, qualifica uma terceira classe de mundo, mas não expressa realmente o que este “Terceiro Mundo” significa. Aparentemente é um mundo que está como se arrastando - se arrastando atrás dos outros mundos, que consideram a si mesmos como de máxima importância.*⁴³⁴

Segundo Weiss, “Terceiro” define-se em subordinação ou atraso em relação a um “Primeiro”, sem que se especifiquem os critérios que justificam a divisão ou a respectiva hierarquização. Entre os objetivos do texto publicado pelo autor alemão está evidenciar que os binômios Primeiro e Terceiro, desenvolvido e subdesenvolvido, adotam perspectivas específicas para avaliar e qualificar os espaços geográficos que circunscrevem. Peter Weiss afirma que o termo ‘subdesenvolvidos’ é, também, problemático na medida em que adota o padrão de desenvolvimento dos países capitalistas europeus como referência, enfocando níveis de industrialização e avanço técnico. O autor trata ambos binômios como problemas a serem destrinchados.

⁴³¹ NGUYEN, Huu Tho. Carta. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago, 1967, p. 6.

⁴³² KIM, Il Sung. Reforcemos la lucha antiimperialista y antiyanqui. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967, p. 13.

⁴³³ Al lector. *Tricontinental*, Havana, n.2, set-oct 1967, p. 4.

⁴³⁴ WEISS, Peter. El mundo mas poderoso de nuestra era. *Tricontinental*, Havana, n.2, set-oct 1967, p. 163.

Tampouco desejo chamar a esses países que agora estão surgindo, e que se encontram lutando para construir novas sociedades, moldando sua nova atitude frente à vida, “países subdesenvolvidos”, posto que não são subdesenvolvidos em comparação com os chamados países desenvolvidos. Como é natural, esses países não tem o mesmo nível de industrialização e equipe técnica; *todavia, conseguiram alcançar algo que os chamados “países desenvolvidos” não puderam obter ainda: mudaram - ou estão no processo de mudar - sua sociedade de maneira dinâmica, muito superior às mudanças que ocorreram nas sociedades ocidentais.*⁴³⁵

Para o autor, libertar-se “da opressão”, da “exploração” e “estabelecer a dignidade do homem”, como teriam feito os processos revolucionários em Cuba, no Vietnã, na Coreia do Norte, na Argélia e na Guiné-Bissau, eram expressões de um desenvolvimento merecedor desse nome, muito mais que o desenvolvimento de uma sociedade ocidental capitalista. Em suas palavras, *“devemos chamar aos países revolucionários países desenvolvidos, e aos países ocidentais, que todavia se aferram a uma sociedade baseada em diferenças de classes e na exploração, países subdesenvolvidos”*⁴³⁶. Para Weiss, o binômio que opõe desenvolvimento e subdesenvolvimento guarda, ainda, um problema constitutivo fundamental. Quando os “desenvolvidos” afirmam um suposto “atraso” e “subdesenvolvimento” nos países de África, Ásia e América Latina, tal leitura frequentemente deixa de lado que “são eles mesmos culpados deste estado de coisas, pois conseguiram adquirir seu poderio, sua superioridade, e todo seu desenvolvimento técnico por meio da exploração destes países”⁴³⁷.

Peter Weiss continua afirmando que é dos três continentes explorados do mundo, África, Ásia e América Latina, “de onde vão surgir as grandes mudanças que viveremos nos anos que se avizinham”⁴³⁸. Para o autor, traçar os contornos da aproximação entre os três continentes deveria enfocar seu “caráter militante, dinâmico, explosivo”⁴³⁹; ele sugere, portanto, denominações alternativas como “mundo revolucionário” e “mundo da luta revolucionária”. Weiss afirma que os três continentes que compõe a OSPAAAL

⁴³⁵ WEISS, Peter. El mundo mas poderoso de nuestra era. *Tricontinental*, Havana, n.2, set-oct 1967, p. 164.

⁴³⁶ *Ibidem*, p. 164.

⁴³⁷ *Ibidem*, p. 164.

⁴³⁸ *Ibidem*, p. 163.

⁴³⁹ *Ibidem*, p. 163.

compreendem “o mundo mais poderoso de nossa era”⁴⁴⁰. Fica claro que “poderoso” aqui não alude ao ato de deter o poder político, mas à afirmação de um potencial revolucionário e transformador.

A publicação do texto de Weiss sugere que o uso do conceito de Terceiro Mundo nas páginas da revista *Tricontinental* não corresponde a uma adoção acrítica ou inocente de um termo pejorativo, mas a um processo de apropriação que ressignifica e disputa esse conceito. Ainda que o conceito de Terceiro Mundo não tenha sido substituído pelos termos que Peter Weiss propôs, a ênfase no potencial revolucionário dos três continentes passou a ser cada vez mais incorporada à forma como o conceito de Terceiro Mundo era compreendido nos textos publicados pela revista. A crítica dos parâmetros que definem “desenvolvimento” e “subdesenvolvimento” também se aprofunda em linhas semelhantes às apontadas por Peter Weiss. Em seu discurso de encerramento do Congresso Cultural de Havana, por exemplo, Fidel Castro afirma que o “desenvolvimento do povo na política e na consciência se torna requisito *sine qua non* para ganhar a batalha do subdesenvolvimento econômico”⁴⁴¹, o que indica que essas categorias não são adotadas de maneira automática, e que sua aplicabilidade precisa ser especificada.

Curiosamente, Peter Weiss debate diretamente com os contornos que o conceito de Terceiro Mundo adquiriu no senso comum. O autor não menciona, talvez por desconhecimento, o fato de que a primeira concepção de Terceiro Mundo emergiu em termos relativamente próximos àquele pelo qual advoga, e em referência direta à experiência revolucionária francesa. Em *Trois mondes, un planète*, Alfred Sauvy cunha o termo já em tom de admoestação. Caso o Primeiro Mundo não se atente às mazelas do Terceiro – o crescimento demográfico, a pobreza, a miséria – verá, como observaram nobreza e clero durante a Revolução Francesa, que “depois de ter sido ignorado, explorado, desprezado como o Terceiro Estado, o Terceiro Mundo vai, também, ser alguma coisa”⁴⁴². O autor francês não ousou, entretanto, afirmar ou definir o que viria a ser esse Terceiro Mundo, enquanto as páginas da *Tricontinental* surgem a partir de um projeto já delimitado.

⁴⁴⁰ WEISS, Peter. El mundo mas poderoso de nuestra era. *Tricontinental*, Havana, n.2, set-oct 1967, p. 163.

⁴⁴¹ CASTRO, Fidel. Discurso de clausura del Congreso Cultural de la Habana. *Tricontinental*, Havana, n.4-5, jan-abr 1968, p. 33.

⁴⁴² SAUVY, Albert. Trois Mondes, une planète. *L'Observateur*, 14 août 1952, n. 118, p. 14.

É importante ressaltar que, diferentemente da posição elaborada por Stokely Carmichael, que aborda diretamente a questão racial, Peter Weiss não a confere tanta atenção. Identificar-se como sendo parte do Terceiro Mundo trazia ao conceito contornos específicos, ligados à um senso de pertencimento e solidariedade entre pares. Como demonstramos, para Carmichael ter sido submetido à colonização e ao imperialismo, assim como um status racial *não-branco*, conformavam aspectos importantes da definição do Terceiro Mundo. Fica evidente, portanto, que a elaboração do conceito de Terceiro Mundo foi mediada, de maneira significativa, pela experiência e prática política dos autores e autoras que se engajaram em defini-lo.

Em entrevista concedida à *Tricontinental*, o guerrilheiro brasileiro Carlos Marighella define o Terceiro Mundo em relação à necessidade da luta revolucionária. Em suas palavras, “não há outra saída para o Terceiro Mundo exceto a organização da guerra justa e necessária contra o imperialismo”⁴⁴³. A organização da solidariedade entre os grupos que levam a cabo essa luta é outro elemento fundamental, e esses deverão encontrar na OSPAAAL o indispensável apoio de que necessitam. Essa fundamental solidariedade é definida aqui em termos semelhantes aos postulados por Guevara em sua Mensagem à Tricontinental. Nas palavras de Marighella, “[o] povo brasileiro, por exemplo, daria uma solidariedade efetiva ao Vietnã e a outros povos dos três continentes se se lançasse desde agora à luta guerrilheira”⁴⁴⁴.

Já o texto publicado pelo economista francês Pierre Jajée, na edição de número 4, se insere em um amplo debate do período, e buscou precisar de que modo se davam as relações de dependência entre Primeiro Mundo e Terceiro Mundo. Diferentemente de outros autores, que afirmavam que o Terceiro Mundo operava como válvula de escape para o excedente da produção industrial do Primeiro, Jajée afirma que o “elemento principal de dependência dos países industrializados em relação ao Terceiro Mundo reside no campo das matérias-primas”⁴⁴⁵. Para o autor, os países do Primeiro Mundo dependem diretamente dos recursos naturais do Terceiro Mundo, em especial dos

⁴⁴³ MARIGHELLA, Carlos. Carlos Marighella: disparos en la Plaza. *Tricontinental*, Havana, n.2, set-oct 1967, p. 162.

⁴⁴⁴ *Ibidem*, p. 158.

⁴⁴⁵ JALÉE, Pierre. El tercer mundo en la economia mundial - la explotacion imperialista. *Tricontinental*, Havana, n.4-5, jan-abr 1968, p. 105.

recursos minerais. Nesse sentido, o "Terceiro Mundo continua atuando como válvula de escape [segurança] do sistema capitalista em seu conjunto"⁴⁴⁶, na medida em que supre as necessidades de recursos naturais, em especial minerais, que não podia ser suprida pela produção interna. Após constatar essa 'dependência', o autor defende que a valorização e administração dos recursos minerais, pelos países do Terceiro Mundo, desencadearia a crise do imperialismo.

As produções de economistas tiveram papel fundamental na 'construção do Terceiro Mundo', tese defendida no trabalho de história das ideias econômicas de Joseph Love⁴⁴⁷. O intelectual estadunidense compara e conecta entre os estudos de economistas brasileiros e romenos, narrando os debates que teorizaram o "subdesenvolvimento" nos dois países. O abrangente trabalho percorre o surgimento das teorias do desenvolvimento na Romênia, sua chegada ao Brasil, a incorporação e reinvenção de algumas de suas críticas por pesquisadores ligados à Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), e por fim, os diálogos entre os estruturalistas ligados à CEPAL e os teóricos da dependência.

Para nós, é evidente que, dentre outras referências, a leitura econômica da dependência ganhou destaque na revista *Tricontinental*. Joseph Love identifica os alguns dos elementos fundamentais compartilhados entre os autores ligados à teoria da dependência, quais sejam:

Uma caracterização do capitalismo moderno como uma relação de Centro-Periferia, entre o Ocidente desenvolvido e industrializado e o Terceiro Mundo subdesenvolvido e agrícola mais ou menos industrializado; a adoção de uma abordagem histórica aplicável ao sistema como um todo, [...]; a hipótese das trocas desiguais, bem como das relações de poder assimétricas entre o Centro e a Periferia, e a afirmação da inviabilidade absoluta ou relativa, de um caminho capitalista para o desenvolvimento baseado na liderança de burguesias nacionais dos países latino-americanos.⁴⁴⁸

⁴⁴⁶ JALÉE, Pierre. El tercer mundo en la economía mundial - la explotación imperialista. *Tricontinental*, Havana, n.4-5, jan-abr 1968, p. 109.

⁴⁴⁷ LOVE, Joseph. *A construção do Terceiro Mundo: teorias do subdesenvolvimento na Romênia e no Brasil*. Paz e Terra: São Paulo, 1998.

⁴⁴⁸ *Ibidem*, p. 428.

Para além de adotarem essas linhas gerais, as propostas dos dependentistas para solucionar o problema do subdesenvolvimento variavam bastante. Joseph Love divide os teóricos da dependência entre reformistas e radicais, e é fácil concluir que foram os segundos quem receberam espaço nas páginas da revista *Tricontinental*. O grupo de Brasília, no qual destacam-se Rui Mauro Marini, Vânia Bambirra e Theotônio dos Santos defendia a necessidade da revolução terceiro-mundista como forma de romper com o capitalismo moderno e engendrar relações de produção que não fossem pautadas nas relações Centro-Periferia. Outro autor que defendeu ponto de vista semelhante foi o alemão Andre Gunder Frank, que iniciou importantes diálogos com os dependentistas brasileiros durante passagem pelo país como professor visitante na Universidade de Brasília.

No cerne dos debates da dependência, estava a questão que mobilizou as discussões acerca da economia latino-americana antes dos anos sessenta: o que determina que um país se insere no capitalismo moderno? Em linhas gerais, as distintas respostas a essa questão serviam de justificativa para as ações políticas correspondentes. De um lado, aqueles que se vinculavam a uma análise local do capitalismo, apontavam a necessidade de que se desenvolvesse uma burguesia nacional antes que fosse possível conceber a possibilidade de revoluções socialistas. Até então, o caminho a ser adotado era o das revoluções democrático-burguesas e anti-imperialistas, em prol do desenvolvimento nacional. Essa foi a postura adotada pela maioria dos Partidos Comunistas ligados à Terceira Internacional, ao menos até o início dos anos sessenta.

Por outro lado, a compreensão do capitalismo como um sistema global abriu caminho para a conclusão de que mesmo os países pouco ou nada industrializados se inserem no capitalismo moderno. Foi para isso que Andre Gunder Frank apontou, ao afirmar que o estabelecimento do capitalismo produz, ao mesmo tempo, o desenvolvimento em alguns lugares e o subdesenvolvimento em outros. A engenhosa expressão “o desenvolvimento do subdesenvolvimento [*the development of underdevelopment*]”⁴⁴⁹ ficou famosa ao conectar ambos fenômenos como integrantes de

⁴⁴⁹ FRANK, André Gunder. “The Development of Underdevelopment.” In: *Latin America: Underdevelopment or Revolution*. New York: Monthly Review Press, 1969, p. 1-17.

um mesmo processo histórico de expansão e consolidação do capitalismo, que produz os dois lados dessa moeda: desenvolvimento e subdesenvolvimento.⁴⁵⁰

A Teoria da Dependência solapava o argumento dos Partidos Comunistas na medida em que, seguindo a derivação lógica do argumento, se o desenvolvimento em alguns lugares é compreendido como causador do subdesenvolvimento em outros, então os países do Terceiro Mundo não poderiam sob hipótese alguma reproduzir a trajetória de desenvolvimento econômico do Primeiro Mundo antes de se dedicarem à revolução. Essas críticas ficam extremamente claras no texto de Andre Gunder Frank publicado na edição de número 7 da *Tricontinental*, intitulado *Walt Whitman Rostow: oda al subdesarrollo*. Segundo o corpo editorial da revista, Gunder Frank “fornece as bases econômicas e sociais que complementam as conclusões políticas de Régis Debray”⁴⁵¹, um dos grandes expoentes da defesa da revolução latino-americana por meio da guerra de guerrilhas e do *foco*. A leitura econômica da dependência fortalecia o argumento político em prol da ruptura radical.

Segundo Gunder Frank, a conformação histórica do capitalismo trabalhava não só produzindo a diferença, mas aprofundando-a por meio de relações econômicas baseadas em trocas desiguais, em que economias da periferia forneceriam bens de baixa tecnologia agregada e baixo valor no mercado internacional, ao passo que o centro lhes forneceria tecnologia e produtos industrializados a altíssimos preços. O autor sugere que o principal equívoco das teorias do desenvolvimento e da modernização de autores como Rostow é precisamente que esses “examinaram os países desenvolvidos como se tivessem se desenvolvido isolados”⁴⁵², sem levar em conta o processo de expansão econômica da Europa por meio de esforços mercantilistas e subsequentemente capitalistas, ligados à colonização e ao imperialismo.

Os que buscam compreender o subdesenvolvimento a partir de análises exclusivamente nacionais, e evitam compreender o subdesenvolvimento como um parte

⁴⁵⁰ Joseph Love sugere que Andre Gunder Frank teria derivado essa proposição do diálogo com o marxista estadunidense Paul Baran. Cf: LOVE, Joseph. *A construção do Terceiro Mundo: teorias do subdesenvolvimento na Romênia e no Brasil*. Paz e Terra: São Paulo, 1998. p. 448.

⁴⁵¹ [Introdução do corpo editorial a] FRANK, André Gunder. *Walt Whitman Rostow: oda al subdesarrollo*. *Tricontinental*, Havana, n. 7, jul-ago 1968, p. 32.

⁴⁵² FRANK, Andre Gunder. *Walt Whitman Rostow: oda al subdesarrollo*. *Tricontinental*, Havana, n. 7, jul-ago 1968, p. 35.

de uma estrutura internacional, cometem um erro “empírico, teórico e político”⁴⁵³. O desenvolvimento capitalista se baseia não só na exploração de operários por burgueses, mas conforma um sistema internacional de exploração, uma estrutura “onipresente” que se estende “desde a porção mais desenvolvida do país mais desenvolvido até a porção mais subdesenvolvida do país mais subdesenvolvido”⁴⁵⁴, engendrando relações de dependência. Segundo Joseph Love, portanto, Gunder Frank concatenava relações metrópole-satélite que se estendiam “desde Wall Street até a menor das aldeias latino-americanas”⁴⁵⁵.

Nesse sentido, para Gunder Frank, o subdesenvolvimento no Terceiro Mundo não pode ou deve ser atribuído a questões culturais ou educacionais, como propunham autores como Walt Whitman Rostow e Martin Seymour Lipset. Às pretensões de que a modernização cultural engendrada pelo contato com os países industrializados poderia levar ao desenvolvimento econômico dos demais, Gunder Frank responde que foi precisamente

a incorporação destas terras e destes povos a um sistema mundial de expansão mercantilista e logo capitalista o que inicia seu subdesenvolvimento; mais ainda, que *sua permanente participação nesse mesmo sistema mantém e inclusive agrava esse subdesenvolvimento*⁴⁵⁶. [grifo nosso]

Subdesenvolvimento e desenvolvimento são, portanto, produtos do mesmo processo histórico e de uma mesma estrutura sistemática, que opera como “causa histórica” e “determinante contemporânea”. Em trecho carregado de ironia, o autor afirma que

Se os países atualmente subdesenvolvidos começarem em realidade a seguir as etapas de crescimento dos agora desenvolvidos, *teriam que encontrar outros povos para explorá-los e mergulhá-los no subdesenvolvimento*, como fizeram em seu momento os países agora

⁴⁵³ FRANK, Andre Gunder. Walt Whitman Rostow: oda al subdesarrollo. *Tricontinental*, Havana, n. 7, jul-ago 1968, p. 41.

⁴⁵⁴ *Ibidem*, p. 41.

⁴⁵⁵ LOVE, Joseph. *A construção do Terceiro Mundo: teorias do subdesenvolvimento na Romênia e no Brasil*. Paz e Terra: São Paulo, 1998. p. 449.

⁴⁵⁶ FRANK, Andre Gunder. Walt Whitman Rostow: oda al subdesarrollo. *Tricontinental*, Havana, n. 7, jul-ago 1968, p. 36.

desenvolvidos.⁴⁵⁷

Andre Gunder Frank encerra seu texto entoando uma ode própria, dizendo que as etapas do desenvolvimento propostas por Rostow não existiram no passado e não são alcançáveis no futuro da América Latina, e tampouco nos demais países do Terceiro Mundo. A solução estaria, por outro lado, na ruptura radical com o sistema capitalista de produção, que priorizasse medidas focadas no desenvolvimento auto-sustentado, ligado à produção de bens de consumo duráveis para o mercado interno.

*uma revolução socialista que situe o poder estatal nas mãos do povo, que mude a distribuição de renda, que leve a cabo a reforma agrária, que encaminhe os investimentos para os bens de produção ao invés de bens suntuários, que elimine os investimentos estrangeiros. Em resumo, que tenha a previsão e a capacidade para escolher um modelo que abarque todo o desenvolvimento rumo ao crescimento auto-sustentado.*⁴⁵⁸

A mesma edição que publicou Andre Gunder Frank publicou também Rui Mauro Marini, sob a justificativa de que era “importante superar leituras ‘folclóricas’ e superficiais do fenômeno [do subdesenvolvimento], em busca de um maior rigor científico”⁴⁵⁹. Naquelas páginas, o dependentista brasileiro afirmou de maneira taxativa que “a história do desenvolvimento latino-americano é a história do desenvolvimento do capitalismo mundial”⁴⁶⁰. Suas conclusões se aproximam daquelas alcançadas por seu professor e colaborador Andre Gunder Frank, mas adicionam alguns elementos interessantes, em especial a compreensão da “superexploração do trabalho” como fonte compensatória para a mais-valia e o senso de urgência que atribui à revolução.

Segundo Rui Mauro Marini, a convergência de interesses entre a burguesia agro-mercantil e a burguesia industrial teria produzido um “Estado de compromisso”⁴⁶¹, marcado pela aliança e complementaridade entre os interesses desses dois grupos em

⁴⁵⁷ FRANK, Andre Gunder. Walt Whitman Rostow: oda al subdesarrollo. *Tricontinental*, Havana, n. 7, jul-ago 1968, p. 41.

⁴⁵⁸ *Ibidem*, p. 40

⁴⁵⁹ [Introdução do corpo editorial a] MARINI, Rui Mauro. Subdesarrollo y revolución en America Latina. *Tricontinental*, Havana, n. 7, jul-ago 1968, p. 64.

⁴⁶⁰ MARINI, Rui Mauro. Subdesarrollo y revolución en America Latina. *Tricontinental*, Havana, n. 7, jul-ago 1968, p. 65.

⁴⁶¹ *Ibidem*, p. 65.

torno da industrialização de substituição de importações. O autor narra como o auge dessa estratégia, em países da América Latina como Argentina, Brasil e Chile, acentuou a dependência tecnológica em relação aos países desenvolvidos. Além disso, esse processo levava à formação de uma ideologia de classe média que é politicamente liberal e economicamente conservadora. Os desequilíbrios das balanças comerciais voltadas à exportação de matérias-primas, por sua vez, tornam essas economias bastante suscetíveis ao impacto de fatores externos. Para compensar a exploração de recursos e a flutuação dos preços no mercado exterior, as classes dominantes locais levam a cabo a superexploração do trabalhador mineiro e agrícola, sendo este o “princípio fundamental da economia subdesenvolvida”⁴⁶². Nas palavras de Marini

No marco da dialética do desenvolvimento capitalista mundial, o capitalismo latino-americano reproduziu as leis gerais que regem o sistema em seu conjunto, mas, em sua especificidade própria, as acentuou até seu limite. A superexploração do trabalho em que se funda o conduziu finalmente a uma situação caracterizada por um *corte radical* entre as tendências naturais do sistema e, portanto, entre os interesses das classes beneficiadas por ele e as necessidades mais elementares das grandes massas, que se manifestam em suas reivindicações do trabalho e do consumo. *A lei geral de acumulação do capital que implica a concentração da riqueza em um polo da sociedade e a pauperização absoluta da grande maioria do povo, se expressa aqui com toda brutalidade e põe na ordem do dia a exigência de formular e praticar uma política revolucionária de luta pelo socialismo.*⁴⁶³ [grifo nosso]

Segundo o economista brasileiro, era importante agir o quanto antes, de maneira sistemática e radical, já que o estabelecimento de ditaduras de classe, em regimes militar-burocratas, apontava para a constituição de um instrumento de contenção das forças revolucionárias. Quanto mais integrada ao imperialismo estivesse a América Latina, maiores seriam as forças da repressão contra os movimentos revolucionários. Para Marini, a principal contribuição latino-americana à luta mundial dos povos contra o imperialismo é precisamente a ênfase nos esforços internacionalistas.

A ação internacionalista de um Guevara, a política revolucionária de

⁴⁶² MARINI, Rui Mauro. Subdesarrollo y revolución en America Latina. *Tricontinental*, Havana, n. 7, julho 1968, p. 70.

⁴⁶³ *Ibidem*, p. 74.

Cuba, antecipam já a resposta que darão os povos do continente a seus opressores. *E, mais ainda, conseguem que se delineie no horizonte o que parece ser a contribuição mais original da América Latina à luta do proletariado mundial: seu caráter internacional.* Tudo indica que será aqui que o internacionalismo proletário alcançará uma nova etapa de seu desenvolvimento e assentará as bases de uma sociedade mundial de nações livres da exploração do homem pelo homem.⁴⁶⁴ [grifo nosso]

A introdução do corpo editorial da *Tricontinental* aos textos de Gunder Frank e Rui Mauro Marini indica que ambos estiveram presentes no Congresso Cultural de Havana, em 1968, momento em que ofereceram à revista as contribuições que apresentamos aqui. Mais uma vez, essa participação sugere que a emergência do Terceiro Mundo ultrapassou sua formulação teórica, e engendrou itinerários, que tematizaremos mais amplamente na próxima seção deste trabalho.

Falta agora abordar outro aspecto relevante: a reflexão acerca do local que *Tricontinental* conferia ao marxismo. Afinal, quando afirmava que os povos do Terceiro Mundo eram os sujeitos da revolução dos sessenta/setenta, a revista *Tricontinental* não deixava de desafiar uma série de outras compreensões. Qual o papel do proletariado em uma leitura segundo a qual os revolucionários são os povos de países que sequer são industrializados? O economista marxista estadunidense Paul Sweezy buscou responder a essa questão em texto publicado na nona edição da revista. Segundo ele, não cabia abandonar a concepção de proletariado defendida por Marx, mas de aplicá-la.

Sweezy busca responder aos críticos do marxismo e aos marxistas céticos por meio de um “mergulho na lógica interna da teoria para descobrir *por que* Marx assinalou ao proletariado o papel de agente revolucionário”⁴⁶⁵. Para Sweezy, a crença de Marx no proletariado como classe revolucionária não era fruto de um apego emocional ou idealista, mas era objetiva, vinculada à sua capacidade e fundamentada em sua força numérica, sua indispensabilidade para a produção e sua vontade de não viver em privações de ordem material e humana. O autor busca escapar de leituras que limitavam a aplicabilidade do marxismo, compreendendo-o como um sistema global, que não está

⁴⁶⁴ MARINI, Rui Mauro. Subdesarrollo y revolución en América Latina. *Tricontinental*, Havana, n. 7, jul-ago 1968. p. 82.

⁴⁶⁵ SWEEZY, Paul. El proletariado en el mundo de hoy. *Tricontinental*, Havana, n.2, nov-dez 1968, p. 23.

confinado aos países capitalistas industrializados, e deve ser compreendido em sua totalidade. Segundo Sweezy,

Na teoria de Marx sobre o capitalismo, o proletariado não é sempre necessariamente revolucionário. [...] Se não se aproveitam das oportunidades do período inicial da indústria moderna [como fizeram os soviéticos], o proletariado do país que se está industrializando tende a converter-se em menos e menos revolucionário. Isto não significa, entretanto, que o argumento de Marx, sobre os efeitos de que “o capitalismo produz seus próprios coveiros”, esteja equivocado. *Se considerarmos ao capitalismo como um sistema global, o qual é o único procedimento correto, vemos que está dividido em um punhado de países exploradores e em um número muito mais numeroso e populoso de países explorados.* As massas destas dependências exploradas constituem, no sistema capitalista global, uma força que é revolucionária, *no mesmo sentido e pelas mesmas razões* que Marx considerou que o proletariado é revolucionário no período inicial da indústria moderna.⁴⁶⁶ [grifo nosso]

Identificar o proletariado e seu potencial revolucionário se tratava, então, não de repetir o conteúdo do *Manifesto Comunista* e identificar trabalhadores de sociedades industrializadas, mas de *transpor a teoria marxista a uma análise das nações*. Assim, Sweezy interpela a obra de Marx e busca identificar como o “proletariado no mundo de hoje” os detentores da capacidade revolucionária em função de sua força numérica, sua indispensabilidade para a produção capitalista e sua vontade de não viver em privação. O autor sugere, então, que nos anos sessenta eram os povos colonizados que demonstravam potencial revolucionário, e atuavam ‘no mesmo sentido e pelas mesmas razões’ que as que haviam levado Marx a afirmar que o proletariado consistia nos operários da indústria moderna, no século anterior. O autor cita os exemplos de Cuba, China e Vietnã para subsidiar seu argumento, que não era nada incomum à época.

Nas páginas da *Tricontinental*, lê-se as variadas formas como o marxismo – enquanto saber e enquanto ciência – foi transformado por autores que buscaram pensá-lo e aplicá-lo a realidades não-Ocidentais. Muitos deles produziram leituras bastante distintas das posições defendidas pelo próprio Marx. Mais do que reviver a polêmica acerca das ideias estarem ou não ‘no lugar’, constatamos por meio da pesquisa que ideias não pertencem a lugares específicos, e ainda assim, suas itinerâncias abrem espaço

⁴⁶⁶ SWEEZY, Paul. El proletariado en el mundo de hoy. *Tricontinental*, Havana, n.2, nov-dez 1968, p. 33.

potencial para sua transformação, por meio do que Edward Said denominou *apropriações criativas*⁴⁶⁷.

O marxismo na *Tricontinental* aparece, acreditamos, como uma pluralidade controlada, que não prescinde de ideias consideradas universais, mas que, constatando a multiplicidade de experiências humanas, abre espaço para leituras que não exijam a unidade absoluta. O controle do que pode ou não ser veiculado, por sua vez, suscita problemas próprios, especialmente na medida em que as direções de partidos e movimentos revolucionários se arrogaram o direito de definir quais leituras eram ou não aceitáveis. Em alguns momentos, como os que exploramos no capítulo II, o controle do que pode ser dito se deu de maneira contraditória e incongruente.

De todo modo, essa abertura à possibilidade de se apropriar do marxismo para produzir leituras inovadoras é compatível com a própria Revolução Cubana e suas relações com a tradição marxista. Essa abertura se expressa nas incursões teóricas de Che Guevara, nas críticas tecidas aos partidos comunistas latino-americanos, bem como na postura de seu mais expoente líder, Fidel Castro, acerca desse tema. Em seu discurso de encerramento do *Primer Congreso Cultural de la Habana*, e que foi reportado por *Tricontinental* em sua edição 4/5, o primeiro ministro teria afirmado que

Não pode haver nada mais antimarxista que o dogma; não pode haver nada mais antimarxista que a petrificação das ideias. [...] Mas o marxismo necessita desenvolver-se, sair de certo engessamento, interpretar com sentido objetivo e científico as realidades de hoje, comportar-se como uma força revolucionária e não como uma igreja pseudo-revolucionária.⁴⁶⁸

Nesse sentido, *Tricontinental* reproduz a ideia de que o marxismo é uma tradição a se transformar por meio da prática e da necessidade; a compatibilidade entre teoria e prática é mais relevante que o ‘engessamento’ teórico; a produção de conhecimento aparece como – ao mesmo tempo – um tanto quanto utilitária, e um tanto aberta à reconstrução. Na mesma ocasião, Fidel Castro afirmou também que “ninguém pode

⁴⁶⁷ SAID, Edward. Reconsiderando a teoria itinerante. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *Deslocalizar a Europa - Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonidade*. Lisboa: Cotovia, 2005.

⁴⁶⁸ CASTRO, Fidel. Discurso de clausura del Congreso Cultural de la Habana. *Tricontinental*, Havana, n. 4-5, jan-abr, 1968, p. 40.

declarar hoje, em meio à enorme complexidade do mundo, que tem toda a verdade”⁴⁶⁹. O marxismo na *Tricontinental* opera como um conjunto de verdades e saberes que devem necessariamente serem balizados pela prática e pela experiência. Fica evidente, ao menos no campo do discurso, uma relação com a produção de conhecimento bastante interessante, que afirma a possibilidade de constatar que, mesmo as verdades do marxismo são, em alguma medida, localizadas.

Ao tratar do dilema entre a perspectiva universal do marxismo e a pluralidade de experiências humanas, Sergio Benvenuto⁴⁷⁰ sugere que não se deve confundir “unidade histórica universal” com “uniformidade histórica universal”. Isso significa compreender que não se deve esperar a repetição de uma mesma lei de desenvolvimento idêntica em todos países, mas analisar cada sociedade a partir de uma perspectiva que identifique expressões de um “pluralismo relativo”, que compreenda a universalidade do sistema capitalista moderno, mas esteja aberta à análise de como os locais se inserem nesse desenvolvimento desigual e interagem com o sistema de proporções globais. Segundo o autor,

Por querer evitar o pluralismo absoluto - infinitas variáveis históricas sem leis comuns - caiu-se no monismo absoluto, fora da história: uma só e mesma lei de desenvolvimento - igual - para todos os países; umas mesmas formas de sucessão, sequências iguais para todas as sociedades. (Comunismo primitivo, escravismo, feudalismo, capitalismo, socialismo.) Não se compreendeu - ou se esqueceu - que a *unidade essencial da evolução humana não é formal, e se manifesta, precisamente, dentro do desenvolvimento desigual, ou seja, em um pluralismo relativo [...]*⁴⁷¹

Benvenuto chama a um retorno à definição leninista da classe social, uma definição “aberta, funcional, contextual” que enfoque as classes sociais a partir do exercício de uma função em relação aos meios de vida. Aproximando-se da teoria da dependência, o autor sugere que na América Latina, burgueses e latifundiários compõem uma mesma classe social, pois exercem funções complementares em um mesmo modelo

⁴⁶⁹ CASTRO, Fidel. Discurso de clausura del Congreso Cultural de la Habana. *Tricontinental*, Havana, n. 4-5, jan-abr, 1968, p. 40.

⁴⁷⁰ BENVENUTO, Sergio. Evolución, malthusianismo o revolución. *Tricontinental*, Havana, n.2, nov-dez 1968, p. 6-21.

⁴⁷¹ BENVENUTO, Sergio. Evolución, malthusianismo o revolución. *Tricontinental*, Havana, n.2, nov-dez 1968, p. 12.

econômico. Tanto Sergio Benvenuto quanto Paul Sweezy compreendem o proletariado como classe inserida em um processo de “proletarização”, “depauperização”, “empobrecimento”, causado pelas relações de exploração estabelecidas entre essa classe e os grupos que acumulam capital. A universalidade do marxismo não consistiria, portanto, em identificar as mesmas classes sociais em lugares distintos, mas em fornecer ferramentas que possibilitem ler e analisar locais e suas relações com o universal. Em meio à pluralidade, nas páginas da revista, o marxismo opera como uma espécie de código de tradução comum, que a um só tempo aponta para o universal e oferece ferramentas para leituras do local e do específico, estabelecendo entre eles uma relação que poderia ser qualificada como *dialética*.

Por sua vez, o intelectual francês Albert-Paul Lentin tematizou a pobreza e a miséria como realidades compartilhadas pelos povos dos três continentes. Em *Sociografía de la miseria*⁴⁷², o autor denuncia “o fantasma da fome” que percorre os países subdesenvolvidos. As respostas ao problema da fome nos anos sessenta, afirma o autor, tinham focado dois pontos igualmente problemáticos: a ajuda ‘humanitária’ condicionada à adoção de posicionamentos políticos alinhados, ou a defesa de políticas de controle de natalidade. A fome no mundo era mais uma expressão da relação dialética entre o “apogeu de uns” e a “decadência de outros”. As estruturas agrárias do Terceiro Mundo – ligadas à produção para o mercado externo – contribuía para a dominação e exploração imperialista e impediam a modernização técnica e econômica necessária ao desenvolvimento agrícola, que por sua vez era necessário para resolução do problema da fome. O texto do comunista francês se encerra opondo discursivamente “egoístas bem nutridos” a “escravos sem pão”, e afirmando que apenas a ação revolucionária solucionaria o problema da fome. O que mais chama a atenção no texto de Lentin são as páginas de sua conclusão, nas quais o autor mobiliza referências que vão do Manifesto Comunista à canção “A Internacional”; de “os condenados da Terra” de Frantz Fanon, à mensagem à Tricontinental de Che Guevara.

Os ‘*escravos sem pão*’ que evoca o canto conhecido por todos os revolucionários do universo, “A Internacional”, são principalmente, na hora atual, os do Terceiro Mundo. São estes ‘*condenados da Terra*’ de

⁴⁷² LENTIN, Albert-Paul. Sociografía de la miseria. *Tricontinental*, Havana, n.10, jan-feb 1969, p. 67-80.

que fala Frantz Fanon os que provocarão ‘a erupção final’, a crise generalizada e a derrota final do imperialismo. Por fracos que estejam pela falta de calorías, os ‘escravos sem pão’ possuem apesar de tudo as forças necessárias para empunhar nas mãos um fuzil ou uma metralhadora. *O duro caminho, o caminho a seguir apontado por Che Guevara em sua mensagem à OSPAAAL, é o único que pode conduzi-los à vitória.* Quando todos compreenderem que vale mais combater e quiçá perecer com as armas nas mãos que morrer de fome na passividade e resignação, e que, neste combate resoluto “apenas tem a perder suas correntes”, o crepúsculo do imperialismo estará muito próximo.⁴⁷³

Essa mobilização eclética, e até mesmo herética, de referências foi característica dos textos publicados pela revista, e sugere a possibilidade de lê-la como um palimpsesto, no qual se entreveem épocas, autores, línguas, gêneros textuais, nacionalidades, espaços. Essa metáfora, utilizada por Ana Beatriz Azevedo em sua tese *Antropofagia – palimpsesto selvagem*, sugere a imagem

do pergaminho que, reescrito diversas vezes, acaba resultando em uma somatória de tempos diversos. A transparência do “antigo” entrevisto sob o “novo”, a não hierarquização dessas próprias categorias (o que é antigo, o que é novo?), e a ideia implícita de recriação permanente.⁴⁷⁴

Afinal, o Terceiro Mundo é dependente, atrasado, subdesenvolvido, proletário, ou potencialmente revolucionário? Reconhecer a aporia que permeia os conceitos modernos é compreender que o Terceiro Mundo, enquanto conceito, justapõe todas essas significações e dialoga com todas essas referências. *Tricontinental* pode ser lida a partir da chave da pluralidade, na qual o uso de terminologias sobrepostas como “dependente”, “subdesenvolvido”, “condenados da Terra”, “mundo tricontinental”, mobiliza distintas formas de compreender o mundo que não são necessariamente excludentes entre si, mas complementares. Não há na *Tricontinental*, nesse sentido, uma única resposta à questão “o que conforma o Terceiro Mundo?”, mas um palimpsesto de referências mobilizadas por uma comunidade de discurso que busca pensar, elaborar e demarcar *a diferença em relação ao outro, a semelhança entre o nós*, de maneira plural.

⁴⁷³ LENTIN, Albert-Paul. Sociografía de la miseria. *Tricontinental*, Havana, n.10, jan-feb 1969, p. 80.

⁴⁷⁴ AZEVEDO, Ana Beatriz Sampaio Soares de. *Antropofagia: palimpsesto selvagem*. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada, defendida perante a Universidade de São Paulo, 2012. p. 18.

Em meio a essa pluralidade, o elemento que se destaca nas leituras acerca do Terceiro Mundo que aparecem na revista *Tricontinental*, e provavelmente constitui o filtro que delimitava os contornos dessa pluralidade foi, precisamente, *a defesa da revolução*. Se a revolução é o fio condutor, a tapeçaria que se tece é precisamente a cooperação e a solidariedade entre os grupos que a veem apontar no horizonte. Essa tapeçaria não abarca apenas um objetivo político compartilhado no presente, ainda que esse tenha sido seu objetivo primordial. O objetivo era também costurar passados e futuros.

A perspectiva adotada acerca do passado tentava suturar as feridas produzidas pela espacialização do tempo [*spatializing time*], que destituiu os povos colonizados não só de suas posses, mas de um lugar no presente. Para se apoderar do presente era necessário ressignificar o tempo. Um primeiro passo nesse sentido, de constituir um espaço no tempo para o “Terceiro Mundo”, foi a compreensão de “colonialismo, imperialismo e neocolonialismo” como experiências históricas que articulavam os três continentes em uma mesma linha do tempo. A expressão “colonialismo, imperialismo e neocolonialismo”, escrita em ordem “cronológica” e quase sempre tratando os três fenômenos em conjunto, é citada exaustivamente nas páginas da revista *Tricontinental*. Compreendê-los em conjunto significava relacionar, também, os passados dos três continentes, aludindo a experiências comuns que são anteriores ao surgimento desse Terceiro Mundo autoconsciente.

Não se abandonam por completo algumas formas de espacialização do tempo. A formulação da dependência de Gunder Frank e Rui Mauro Marini, ainda que situe desenvolvimento e subdesenvolvimento em um mesmo processo histórico, o do surgimento do capitalismo, não elimina por completo do léxico certas concepções de avanço e atraso. Já a leitura elaborada por Frantz Fanon e popularizada por Che Guevara em sua mensagem à *Tricontinental*, afirmava que a América Latina experimentara antes dos demais continentes o neocolonialismo, “última etapa do imperialismo”. Entretanto, diferentemente da espacialização do tempo que separou a Europa do resto do mundo, a narrativa de espacialização do tempo que constatamos na *Tricontinental* não é (ou ao menos tenta não ser?) hierárquica. Não apontava a América Latina como sendo qualitativamente superior ou mais avançada que a África ou a Ásia. Pelo contrário,

posicionava-a como exemplo do que *não* deveria ser feito após a independência política formal. Em ambos os casos, o que se vê são narrativas híbridas, que buscam se apropriar da narrativa sobre a história “universal”, intentam tematizar o novo, ainda que não rompam por completo com a lógica da modernidade.

Na medida em que se cristalizam determinadas concepções acerca do conceito de Terceiro Mundo, se consolida o projeto editorial da revista e se solidificam relações entre os países dos três continentes e a Revolução Cubana, definir o Terceiro Mundo se torna paulatinamente menos importante, e os artigos e ensaios com esse objetivo vão se tornando mais escassos. De todo modo, termos como dependência, subdesenvolvimento e Terceiro Mundo são permanentemente incorporados ao léxico, e seguem sendo articulados às reflexões nacionais, mesmo quando textos de cunho exclusivamente teórico perdem espaço nas páginas da revista. Ademais, é importante notar que enunciar o Terceiro Mundo não tinha como objetivo, ali, elidir a percepção da radical alteridade que permeia o próprio grupo enunciado. Isso fica claro na medida em que dezenas de casos nacionais são abordados com considerável cuidado, não só por especialistas e jornalistas, mas também pelos próprios líderes políticos e militantes que foram convidados a colaborar com a revista.

Buscamos demonstrar ao longo desse capítulo que *Tricontinental* publicou diversos textos que definiam Terceiro Mundo e tematizou aspectos que foram entendidos à época como comuns aos países dos três continentes, entre eles: a pobreza e a miséria como realidades compartilhadas; a experiência da colonização no passado ou no presente; o jugo do imperialismo e do neocolonialismo como possibilidades atemorizantes do presente e do futuro; apologias ao potencial revolucionário dos três continentes; e o intento de tecer laços de solidariedade militante entre grupos revolucionários. Os debates teóricos se aliaram às tentativas de consolidar relações entre os grupos que se entremearam nas redes de solidariedade militante tecidas pela OSPAAAL. As concepções acerca do Terceiro Mundo foram mobilizadas por homens e mulheres que traçaram itinerários e configuraram sensibilidades que ultrapassaram as páginas da revista, e que são tema de nossa próxima seção.

3.2. Itinerâncias e sensibilidades tricontinentais

Considerando a proposta de atuação da organização como um todo, e da revista em particular, parece importante ressaltar o quanto ambas dependiam de constantes trânsitos. O arquivo histórico consultado no atual escritório da organização guarda correspondências, telegramas, relatórios e relatos de viagem, atas de reuniões, listas de endereços, material recebido de outras revistas, além de centenas de páginas sobre a Conferência Tricontinental, seu comitê preparatório, suas atas e análises produzidas posteriormente. Outro arquivo, ao lado desse, guarda um banco de dados de fotos de todo o mundo: paisagens, líderes políticos, manifestações culturais, registros das lutas armadas. Imagens que foram coletadas ao longo de muitos anos, e que subsidiariam cartazes, ilustrações e capas da revista e do boletim.

Dentre a essa vastíssima documentação, na presente seção optamos por analisar reportagens fotográficas e relatos de viagem, articulando-os aos planos de trabalho encontrados no arquivo da organização. Acreditamos que compreender como a revista aborda o Terceiro Mundo prevê não só a análise dos contornos teóricos, mas refletir sobre o quanto a história do conceito está diretamente conectada às práticas políticas e ao mundo do político. A presente pesquisa busca escavar a impressão de naturalidade que a cristalização do conceito de Terceiro Mundo adquire no presente, e trazer à tona suas aporias, questionamentos, e sua potência crítica.

Isso implica enxergar o conceito, na esteira de Pierre Rosanvallon⁴⁷⁵, como um modo de simbolização da realidade que se põe em exercício, que é concomitante à prática política e social, significando-a e conferindo-lhe sentido. Nosso objetivo na presente seção é abordar precisamente os momentos em que Terceiro Mundo transcendeu as páginas, as letras de sua formulação teórica, e configurou itinerários e sensibilidades. Por meio da análise de planos e relatos de viagem e reportagens fotográficas selecionados, constatamos o quanto a revista engendrou contatos culturais entre os três continentes. Apresentamos algumas das figurações mobilizadas nas páginas da revista, que atribuem

⁴⁷⁵ ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010.

ao conceito de “Terceiro Mundo” dimensões ligadas à prática política, ao estabelecimento de relações e às sensibilidades.

Sugerimos, ainda, que a revista *Tricontinental* contribuiu para a formação de, pelo menos, duas redes transnacionais. Autores como Eduardo Devés Valdés e Alejandra Pita González abordaram, nos últimos anos, a questão do estabelecimento de redes intelectuais transnacionais, especialmente enfocando aquelas que se constituíram entre intelectuais latino-americanos desde fins do século XIX. Entre as formas de estudar as redes intelectuais, destacam-se vieses quantitativos e qualitativos, que podem assumir papéis complementares na investigação.⁴⁷⁶

Claudio Maíz⁴⁷⁷, por sua vez, sugere a possibilidade de abordar as redes transnacionais a partir de um enfoque teórico. Segundo o autor, mesmo um trabalho que não adota uma abordagem quantitativa das redes transnacionais pode se beneficiar do uso da categoria e de seu potencial reflexivo. Isso significa utilizar a rede como uma *metáfora*, que alude ao caráter relacional da sociabilidade intelectual. Nesse sentido, ganham espaço na pesquisa não só a análise dos textos e autores em si mesmos, mas também as viagens, os encontros e conferências internacionais, as instituições, as correspondências, as revistas, as traduções e publicações de livros, as citações mútuas. O que está em jogo nessa abordagem é, portanto, uma análise não só da soma de elementos, mas das relações estabelecidas entre eles. Isso significa reconhecer, ainda, que as redes possuem aspectos que não estão necessariamente ligados a uma materialidade que pode ser comprovada nos documentos, e que possuem inclusive dimensões que escapam da racionalização moderna, adentrando as sensibilidades, as relações pessoais, os afetos. O presente trabalho não se propõe a ser um estudo exaustivo das redes tecidas pela OSPAAAL, mas incorpora algumas dessas reflexões como auxiliares à análise, especialmente em diálogo com as reflexões que a abordagem teórica das redes suscita.

⁴⁷⁶ Interessados em conhecer mais sobre as abordagens possíveis da questão das redes intelectuais, podem conferir: DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *Redes intelectuales en América Latina*. IDEA, Santiago de Chile: 2007; PITA GONZÁLEZ, Alejandra. *Las revistas culturales como fuente para el estudio de redes intelectuales*. In: MONTIEL, Celia del Palacio; MARTÍNEZ MENDOZA, Sarely (coord.). *Voces en papel: la prensa en Iberoamérica de 1792 a 1970*. México: Universidad Autónoma de Chiapas, 2008.

⁴⁷⁷ MAÍZ, Claudio. *Tramas culturales. De las determinaciones sociales a la red intelectual*. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 20, n. 37, p. 19-35, jul. 2013.

A atuação da OSPAAAL contribuiu de maneira fundamental para o estabelecimento de, pelo menos, duas redes transnacionais. Ambas têm em Cuba seu principal ponto de convergência, e na OSPAAAL uma mediadora permanente, articulando-se ao seu projeto político e editorial. A primeira rede abarca as relações e conexões entre movimentos de libertação nacional, grupos ligados à luta armada, partidos de esquerda e governos aliados à OSPAAAL. Muitos desses participaram da Conferência Tricontinental, e mantiveram contato com a instituição desde então. A segunda rede em questão consiste nas relações entre intelectuais de todo o mundo e a Revolução Cubana. O surgimento dessa rede antecede a Conferência Tricontinental, e os intelectuais que a compõe foram incorporados às páginas da revista *Tricontinental*, ou excluídos delas, em consonância com as decisões tomadas pela política externa cubana no período.

Apropriando-nos do conceito de *zona de contato* elaborado por Mary Louise Pratt⁴⁷⁸, propomos aqui que a OSPAAAL e a revista *Tricontinental* sejam compreendidas como zonas de contato, na medida em que se constituíram como uma comunidade de discurso e conhecimento – uma rede de sociabilidade intelectual e solidariedade entre aqueles que lutaram contra o colonialismo e o imperialismo – que transcendeu as fronteiras nacionais. Publicando textos de colaboradores de todo o mundo, estabelecendo relações longevas entre movimentos, governos e organizações, engajando-se em esforços de tradução, a OSPAAAL e seu “braço teórico” atuaram como espaço profícuo para o encontro e o estabelecimento de relações de cooperação e solidariedade, promovendo e mediando inusitados contatos entre culturas. Buscaremos abordar a OSPAAAL a partir de uma perspectiva transnacional, e enfocamos, portanto, “pontos não necessariamente físicos nem geográficos onde os ‘encontros’ internacionais mais intensos transparecem”⁴⁷⁹. Esses encontros delineiam um Terceiro Mundo que transcende a elaboração teórica.

⁴⁷⁸ É importante destacar que a obra de Pratt, diferentemente do trabalho aqui proposto, foca-se no estudo de contatos circunscritos nos marcos da expansão da colonização europeia. Nosso trabalho, por outro lado, buscará pensar “zonas de contato” entre culturas distintas que buscaram tecer, por meio da OSPAAAL e da *Tricontinental*, relações marcadas pela solidariedade. Cf. PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

⁴⁷⁹ WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 14, p. 13-29, jan./jun. 2013. p. 17.

Por meio da análise de relatos de viagem, planos de atuação do secretariado da OSPAAAL e reportagens fotográficas mapearemos algumas das itinerâncias tricontinentais às quais se refere nosso título. Além disso, sugerimos que os encontros políticos e culturais suscitados por esses percursos foram traduzidos e simbolizados por meio de algumas figurações recorrentes, que apresentaremos aqui.

Como evidenciamos ao longo do nosso primeiro capítulo a revista *Tricontinental* foi instituída por uma Conferência que contou com a participação de 82 delegações, compostas por movimentos revolucionários, partidos e/ou governos. A instituição fundada ali, a OSPAAAL, alcançou projeção internacional e mantém relações com inúmeros dos grupos participantes da conferência. Foi responsável, também, por produção e circulação de materiais políticos, culturais e teóricos, operando precisamente na interseção entre os domínios da política externa e da política cultural. Ao analisar a política externa cubana em *To make the world safe for revolution*, Jorge Domínguez sugere que essa se construía a partir da atuação de diversas instituições. Nesse sentido, a OSPAAAL se inseriria em um aparato que incluía também instituições estatais, como o Ministério de Relações Exteriores, o Ministério de Comércio Exterior, o Ministério do Interior e as Forças Armadas; o Bureau Político do Partido Comunista de Cuba – fundado em 1975 –; e instituições predominantemente culturais como *Casa de las Américas*, *Prensa Latina* e o *Instituto Cubano de Amistad con los Pueblos*.⁴⁸⁰ A revista que é objeto desse estudo começa a ser publicada em 1967. Como demonstramos ao longo do capítulo 1, quatro departamentos integravam o quadro de atuação da organização: *Económico-Político*, *Organización y enlace*, *Socio-cultural* e *Información y propaganda*. Todos os departamentos, por sua vez, eram supervisionados e coordenados pela *Secretaría General*.

“*Sugerencias para un plan de trabajo*”⁴⁸¹, documento encontrado no arquivo histórico da organização, permite concluir que as viagens organizadas pelo secretariado incorporavam tarefas relacionadas a todos os departamentos simultaneamente. Entre essas, estabelecer relações, compilar material fotográfico e bibliográfico, conceder e

⁴⁸⁰ DOMÍNGUEZ, Jorge. *To make a world safe for revolution: Cuba's foreign policy*. Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Press, 1989. p. 248-282.

⁴⁸¹ “*Sugerencias para un plan de trabajo*”. Arquivo Histórico da OSPAAAL. Pasta 288: Planes de Trabajo de los departamentos.

conduzir entrevistas, acordar a filmagem de documentários, estabelecer contato com intelectuais, etc. O documento não foi datado, mas estimamos que tenha sido produzido em fins de 1968, em função dos acontecimentos mencionados. Suas páginas preveem a realização, ao longo de 1969, de uma série de tarefas e atividades, que incluía várias viagens internacionais.

A primeira proposta de viagem apresentada consistia em percorrer a Europa Ocidental, em busca de maior diálogo com movimentos operários, de solidariedade e intelectuais. O foco era em aproximar-se de “gente menos conhecida”⁴⁸² e mais acessível que intelectuais de “primeira linha”, como Sartre, Althusser e Bertrand Russell. O documento listava alguns desses intelectuais menos conhecidos a serem contatados, como os franceses Albert Paul-Lentin e Pierre Vigier, além de Feltrinelli e François Maspero, responsáveis respectivamente pelas publicações da revista na Itália e na França.

A segunda viagem planejada era aos países árabes, e previa paradas na Argélia, na República Árabe Unida, na Síria, nas bases palestinas da Jordânia e no Líbano, em Dhufar, no Yemen do Sul e na Eritreia. Entre os objetivos, se destacavam o início da publicação da revista em árabe, a coleta de materiais e entrevistas para futura publicação e tratar diretamente com Youssef El-Sebai acerca da Segunda Conferência Tricontinental. Ficava implícito que, caso a segunda reunião tivesse acontecido, estava prevista a mudança da sede da organização de Havana para o Cairo.

Nos campos palestinos, a delegação deveria tratar diretamente com Yasser Arafat, propondo um plano de solidariedade internacional aberto às demandas do *Al Fatah*. As instruções previam, ainda, a obtenção de fotos, reportagens, documentos e entrevistas e a elaboração de um documentário sobre a luta por libertação nacional do povo palestino, “algo como ‘Hanoi’ [documentário de Santiago Álvarez que aborda a luta do povo vietnamita] e ‘Madina’ [documentário de José Massip que leva o espectador às lutas de libertação nacional travadas na Guiné Bissau]”⁴⁸³. Outra viagem prevista consistia em ir à Indochina, visitando o Laos, a República Democrática do Vietnã [Vietnã do Norte] e o

⁴⁸² “Sugerencias para un plan de trabajo”. Arquivo Histórico da OSPAAAL. Pasta 288: Planes de Trabajo de los departamentos, p. 6.

⁴⁸³ *Ibidem*, p. 6.

Reino do Camboja. Entre os objetivos, estava efetuar o maior número possível de entrevistas e visitas, participar em atos e discutir meios para incremento da solidariedade.

Com suficiente antecedência pediremos artigo para a Revista, materiais para o Boletim, música para programas de rádio e pontos políticos que lhes interessem para que os fixemos em chamados e na propaganda. [...] Igualmente, os informaremos de nossas atividades, enfatizando a ampliação do marco de nossas relações, suas possibilidades, publicações, propaganda, etc. Isto é, ‘vender o produto’ a partir do ângulo de mais interesse.⁴⁸⁴

As viagens pela África previam visita às “Colônias Portuguesas” - Guiné Bissau, Moçambique e Angola -, além de Argélia, Guiné [Conakry], Congo [Brazaville], Nigéria e Tanzânia. A finalidade era que a viagem fosse oportunidade “não só para conversas oficiais com os partidos e figuras dirigentes desses países, mas para trabalhos e acordos práticos com emissoras, periódicos, intelectuais, obtenção de artigos, entrevistas, fotos, contatos, endereços etc.”⁴⁸⁵. Pela América Latina, as viagens previstas incluíam como possibilidade apenas o Uruguai, a Argentina e o Chile, já que as ditaduras militares e a geral hostilidade dos governos à Cuba revolucionária limitavam as possibilidades de atuação. Entre os fins apresentados, que muito tinham em comum com as demais viagens propostas, destaca-se ainda a busca por parceiros de distribuição, circulação e até mesmo venda das publicações da organização.

Além disso, o documento destacava a importância do diálogo com outras organizações cubanas de produção e difusão cultural que atuavam dentro e fora da ilha, como *Casa de las Américas* e *Prensa Latina*, a revista *Pensamiento Crítico*, o jornal *Granma*, e a Direção de Informação do Ministerio de Relaciones Exteriores. A finalidade geral era o intercâmbio de experiências em distribuição de periódicos, que incluíam a busca por listas de endereços de publicações socioculturais e de intelectuais relevantes.

Ainda que não sejam abundantes, outros relatos e planos de viagem estão disponíveis no arquivo da organização, referentes pelo menos até o início da década de 70. Não é possível afirmar de maneira conclusiva se a ausência desse tipo de documentação referente ao período subsequente deve ser atribuída a um declínio desse

⁴⁸⁴ “Sugerencias para un plan de trabajo”. Arquivo Histórico da OSPAAAL. Pasta 288: Planes de Trabajo de los departamentos. p. 8.

⁴⁸⁵ *Ibidem*, p. 9.

tipo de viagem ou a questões meramente relacionadas ao arquivamento da documentação. De todo modo, ainda que tenham sido desenvolvidas outras estratégias para alcançar esses mesmos fins, a pluralidade de nacionalidades que continuam a convergir nas páginas da revista se mantém.

Como o plano de trabalho que acabamos de apresentar, esses documentos expõe os bastidores da produção da revista e funcionamento da organização. Sugerem, ainda, que havia uma coordenação estratégica clara entre os planos de viagens, semanas de solidariedade e as páginas da *Tricontinental*. As viagens mobilizavam a compilação e produção de conteúdo, estabeleciam relações e fomentavam a divulgação e circulação dos materiais produzidos pela organização. Essas itinerâncias renderam bastante material para as páginas da *Tricontinental*, inclusive reportagens fotográficas e relatos de viagem impressionantes. É o caso das estadas narradas por Carlos Lechuga no Laos e Ulisses Estrada na Palestina; de relatos sem autoria atribuída pelo Yemen do Sul, a Palestina, a Guiné Bissau e tantos outros lugares; das muitas entrevistas com líderes políticos como Carlos Marighella, Agostinho Neto e Amílcar Cabral.

Os contatos estabelecidos pela organização podem ser entendidos a partir de uma análise que tem seu foco na ilha de Cuba, e a partir dali pode acompanhar dois ‘fluxos’ de itinerâncias. Do mundo para a ilha, chegaram fotografias, reportagens, artigos, delegações visitantes, conferencistas, intelectuais. De dentro de Cuba, saíam jornalistas, diplomatas e funcionários da organização, além de milhares de edições da revista *Tricontinental*. Entendidos de maneira complementar, todos esses trânsitos foram fundamentais para que a revista se consolidasse como a publicação multifacetada que buscamos demonstrar nas páginas da presente dissertação.

O primeiro relato de viagem publicado nas páginas da revista foi escrito por Carlos Lechuga, e narra a viagem de uma delegação do Secretariado da OSPAAAL aos países aliados, especificamente pelo Laos, pequeno país do sudeste asiático. Seu narrador ocupava o posto de secretário geral adjunto da organização, e fez carreira em Cuba como diplomata e jornalista. Lechuga descreveu o país como estando situado no centro do “delicado mosaico” em que consiste a Ásia, circundado de países de regimes políticos distintos, e fundamental para a manutenção do equilíbrio da região – e, por isso mesmo, tão estrategicamente importante. No Laos, o árduo trabalho de seu povo, a destruição

causada pelas bombas estadunidenses e as peculiaridades da luta armada e da vida material chamaram a atenção do autor cubano. Como descreve Lechuga, toda a vida no Laos se ordena em torno de cavernas, que servem de proteção contra os bombardeios e camuflam o povo.

É uma visão surrealista da paisagem que se apresenta ao visitarmos os lugares onde vivem os lutadores laotinos, onde trabalham e onde desfrutam de recreação. Em centenas de cavernas nas colinas e montanhas se alojam esses combatentes pela liberdade de seu povo. Cavernas para dormir e comer. Cavernas que servem de oficinas, de lugares de reunião. Cavernas para atividades políticas e para atos políticos. Mas a inatividade e a ausência de seres humanos é [apenas] aparente. Pode-se dizer que detrás de cada pedra, de cada árvore, há um laociano trabalhando para a causa. As circunstâncias os fizeram mestras da camuflagem. *Milhares de pessoas vivem em cavernas, desde as mais altas figuras até o mais humilde camponês.*⁴⁸⁶ [grifo nosso]

A caracterização e descrição da paisagem – das selvas, das montanhas e das cavernas – também assume considerável importância nos relatos, aspecto que se explica por necessidades bastante práticas: como suscitar empatia com locais e situações distantes e desconhecidos? O primeiro passo, quiçá, seja tornar aquilo mais conhecível, traduzir a experiência de estar no Laos para os leitores da revista, e oferecer imagens que possam produzir uma sensibilidade solidária. O autor segue, então, descrevendo a vida em uma aldeia no Laos, o incremento nas taxas de alfabetização de meninos e meninas, a fundação de pequenos hospitais regionais que operam dentro de cavernas, a redução da fome e o aumento da produção de arroz. Carlos Lechuga apresentou com admiração o fato de que, nesse novo Laos, a crença em gênios e sacrifícios de animais foi substituída pelo uso da medicina. Inserida na lógica da modernização que permeou o período, a *Tricontinental* celebrava o abandono de certas tradições em prol do acesso amplo à medicina ocidental, por exemplo. O autor descreve também a construção de canais de irrigação e a expansão da produção agrícola. Seu relato narrava a recepção do povo laociano como sendo marcada por um “entusiasmo contagiante”⁴⁸⁷.

Suas leituras transitam entre uma descrição minuciosa do país e situá-lo em uma perspectiva regional e global, aspecto com o qual o autor inicia e encerra o texto. Desse

⁴⁸⁶ LECHUGA, Carlos. Laos y la estrategia imperialista. *Tricontinental*, Havana, n.2, sep-oct 1967, p. 45.

⁴⁸⁷ *Ibidem*, p. 48.

modo, Lechuga retoma em suas conclusões os debates sobre a criação de bases militares estadunidenses na Tailândia, bem como o impacto da atuação estadunidense no sudeste asiático. Segundo o secretário geral adjunto da OSPAAAL, os ataques ao Laos, além de violarem os Acordos de Genebra, relacionam-se também à Guerra do Vietnã e à tentativa de estabelecer uma zona de influência definitiva no sudeste asiático e na Indochina.

Outros percorreram o caminho “de Cuba para o mundo”. Também na edição de número 2, um artigo sem autoria atribuída narrava uma viagem pelo Iêmen do Sul nas páginas da seção *Meridiano Liberación*, e descrevia a região como “a Argélia dos britânicos”⁴⁸⁸. A primeira exposição da região nas páginas da revista dialoga diretamente com as figurações elaboradas por Frantz Fanon acerca da cidade colonial, das divisões que reproduzem e até mesmo exacerbam no nível local todas as contradições do mundo colonial.

M'aalla, bairro europeu exclusivo, com amplas avenidas de quatro vias repletas de modernos veículos, com suas calçadas e seus elegantes comércios repletos de súditos britânicos, oferece a imagem concreta da ocupação colonial. [...] É preciso caminhar para Cráter, Sheikh, Othman ou Al Mansoor para sentir-se em solo árabe; é necessário transitar por seus becos [*callejuelas*] para conhecer um mundo distinto do de M'aalla. *As proporções do luxo e a ostentação desse bairro são centuplicadas pela miséria dos bairros árabes do Aden, do verdadeiro Aden.*

*São dois mundos distintos e enfrentados.*⁴⁸⁹ [grifo nosso]

A estadia ali é narrada predominantemente por meio da exposição dos contrastes e a apresentação da luta armada em atuação no Iêmen do Sul, em especial seu caráter urbano. Contra eles, o aparato colonial britânico é narrado em toda sua opulência. “O ambiente de opressão violenta, de luxo, de miséria, de patrulhas militares e “check-points”, de interceptações e registros forçados, oferecem a imagem do Aden atual”⁴⁹⁰. Um último elemento que chama a atenção nessa narrativa é precisamente o interesse dos iemenitas pelas lutas anticoloniais nos demais lugares do mundo. Esse interesse fica bastante demarcado no trecho abaixo,

⁴⁸⁸ Yemen del Sur ocupado: federación o revolución. *Tricontinental*, Havana, n.2, sep-oct 1967, p. 89.

⁴⁸⁹ *Ibidem*, p. 90.

⁴⁹⁰ *Ibidem*, p. 92.

Ademais das informações sobre o Mundo Árabe, o Vietnã é o que mais atenção e interesse lhes desperta [quando escutam emissoras de rádio, escondidos nas montanhas]. Provavelmente, a maioria dos guerrilheiros não poderia apontar com exatidão, o Vietnã em um mapa; todavia, sua identificação com a causa vietnamita é total, sua admiração não tem limites. A expressão ‘imperialismo yanqui’ vai se familiarizando entre eles. *Resulta assombroso ver a estes homens, que há até poucos anos apenas se identificavam entre si, identificarem-se com seus irmãos palestinos, sírios, omanitas, egípcios e vietnamitas.*⁴⁹¹ [grifo nosso]

Esse tipo de apontamento, por sua vez, tem papel importante em reforçar o projeto político da organização e editorial da revista, por meio da afirmação de que seus valores criaram raízes e ramificações em inúmeros lugares do mundo. Ao se referir às primeiras viagens do secretariado ao longo de 1967, Agostinho Neto ressaltou precisamente a importância desse tipo de visita, como forma de “estreitar os laços de conhecimento, os laços que já existem entre nosso continente e a [organização] Tricontinental”⁴⁹².

Outros materiais chamam a atenção, como a estadia de Teófilo Acosta no Oriente Médio, reportada em um texto de gênero híbrido, entre o relato de viagem, o testemunho e os trechos de entrevista do autor com líderes políticos. A viagem, nesse contexto, foi oportunidade de observar a destruição causada pela Guerra dos Seis Dias, “ao longo de um recorrido pela RAU, Líbano, Síria e Jordânia. Este é seu testemunho”⁴⁹³.

Na Jordânia vi a milhares de famílias palestinas e jordanas cruzando a semidestruída ponte Allenby, levando sobre suas cabeças tudo o que um ser humano é capaz de carregar, sob a pressão dos soldados sionistas postados no meio da passarela “onde começa - segundo gritou um deles em correto inglês - o novo território israelense”⁴⁹⁴.

Em entrevista conduzida por Acosta, um líder palestino afirma sua confiança no potencial das “massas organizadas e armadas”⁴⁹⁵, “princípio revolucionário inviolável”⁴⁹⁶ comprovado por experiências como – cita ele – a independência argelina e a Revolução

⁴⁹¹ Yemen del Sur ocupado: federación o revolución. *Tricontinental*, Havana, n.2, sep-oct 1967, p. 95.

⁴⁹² NETO, Agostinho. Estetoscopio y guerrillas. *Tricontinental*, Havana, n.2, sep-oct 1967, p. 153.

⁴⁹³ [Introdução do corpo editorial a] ACOSTA, Teófilo. Palestina: comandos "Tormenta". *Tricontinental*, Havana, n. 3, nov-dez 1967, p. 69.

⁴⁹⁴ ACOSTA, Teófilo. Palestina: comandos "Tormenta". *Tricontinental*, Havana, n. 3, nov-dez 1967, p. 71.

⁴⁹⁵ *Ibidem*, p. 74.

⁴⁹⁶ *Ibidem*, p. 74.

Cubana, os combatentes vietnamitas e os bolcheviques. O relato escrito por Ulises Estrada sob o pseudônimo A. Zapata, acerca de sua estadia na Palestina em viagem subsequente, narra experiência semelhante. O internacionalismo revolucionário, nesse sentido, ganha corpo e substância por meio do estabelecimento de contatos, e também na medida em que sucessos em outras regiões são mobilizados como inspiração para a ação local.

O autor inicia a reportagem narrando o processo de consolidação do sionismo, abordando a constituição do Comitê Especial sobre a Palestina, em 1947, e sua decisão sobre a constituição de dois estados. O autor termina essa introdução histórica abordando a Guerra dos Seis Dias, descrita como um processo expansionista do sionismo, e que culminou na incorporação por Israel de parte das colinas de Golã sírias, dos territórios da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, e de parte da Península do Sinai egípcia. O presente narrado pelo autor parte da categoria dos refugiados, na qual se encontravam cerca de dois milhões de palestinos. Um campo de refugiados na Jordânia é descrito como denúncia da “brutalidade gritante do imperialismo”⁴⁹⁷.

Após identificar o *Al Fatah* como o movimento de libertação nacional do povo palestino, o autor caracteriza o movimento: atua na clandestinidade, é dirigido por um Comitê Executivo, um Congresso Nacional e uma seção política responsável pela divulgação e conscientização, e composto também pelo *Al Assifa* [traduzido pelo autor como *Comandos Tormenta*], setor responsável pela luta armada. A narrativa de Ulises Estrada se iniciava com os viajantes

apertados em um pequeno carro, acompanhados por um membro da seção política, começamos a nos distanciarmos [da cidade] deixando para trás a falsa paz que tanto se prega no mundo de hoje, para nos aproximarmos da guerra, única via que conduz realmente os povos à conquista de seu mais irrenunciável direito O frio da noite nos refresca do sufocante calor do dia.⁴⁹⁸

⁴⁹⁷ ZAPATA, A [Ulisses Estrada]. La rebelión de los palestinos. *Tricontinental*, Havana, n. 9, nov-dez 1968, p. 60.

⁴⁹⁸ *Ibidem*, p. 61.

O autor entrevistou um líder do grupo, ao qual atribui o pseudônimo Abou Amar, e que anos depois foi identificado na antologia de textos publicados na revista⁴⁹⁹ como sendo Yasser Arafat. É interessante perceber como as palavras do líder palestino foram marcadas por constante mobilização do léxico anti-imperialista, bem como por constantes associações a outros lugares do Terceiro Mundo. “Somos um movimento de libertação nacional que luta da mesma forma que os combatentes do Vietnã, Bolívia ou qualquer outro povo do mundo”⁵⁰⁰, afirmava Arafat. Os líderes do Al Fatah afirmaram nesse mesmo texto serem estudiosos de todas as experiências revolucionárias do mundo.

O relato de Estrada chama bastante a atenção, em especial no momento em que o autor conta sobre um jovem de dezesseis anos que interrompeu a reunião de Yasser Arafat com os cubanos para oferecer um relatório, com um fuzil AK-10 dependurado no ombro. A interrupção pelo garoto deu oportunidade ao líder político palestino para iniciar uma interessante digressão. “Sua revolução, Castro e o Che são muito conhecidos entre nossos combatentes”⁵⁰¹, asseverava o palestino, “você poderá ver que há muitos que deixaram crescer as barbas rememorando aos combatentes da Sierra Maestra, inclusive temos alguns que adotaram o nome de Castro”⁵⁰². O jovem em questão era, precisamente, um desses “Castro”, ao qual, curioso, Ulises Estrada pediu explicações. “Me chamo Castro porque quando passava pela escola de treinamento para comandos, meu chefe, o capitão Moujahid [...] *nos disse um dia em uma aula que queria que nós fôssemos como Castro*”⁵⁰³, afirmou o jovem palestino, enquanto deixava aquela reunião e retomava suas atividades ligadas à luta armada.

Esse foi um importante recurso narrativo mobilizado pela revista, que buscava reforçar certa imagem do combatente revolucionário – barbudo como Fidel Castro – e difundí-la pelo mundo. A veracidade do relato não pode ser confirmada, mas não deixa de suscitar questões importantes. O jovem em questão se inspiraria em um processo

⁴⁹⁹ ESTRADA, Ulises; SUÁREZ, Luis. *Rebelión Tricontinental: las voces de los condenados de África, Asia y América Latina*. La Habana: Ediciones Tricontinental e Ocean Press, 2006.

⁵⁰⁰ ARAFAT, Yasser apud ZAPATA, A [Ulisses Estrada]. La rebelión de los palestinos. *Tricontinental*, Havana, n. 9, nov-dez 1968, p. 62.

⁵⁰¹ *Ibidem*, p. 62.

⁵⁰² *Ibidem*, p. 62.

⁵⁰³ *Ibidem*, p. 62.

revolucionário que aconteceu anos antes, do outro lado do globo, e não podemos deixar de nos perguntar: o que significaria, para ele, ser como Castro?

Muitos dos líderes políticos citados naquele período foram referenciados por meio de pseudônimos; e, tantas fotos, borradas para que os atores não fossem identificados. É importante reconhecer, ainda, que os contatos com outros movimentos que são narrados nas páginas da revista consistem apenas naquilo que podia ser tornado público. Por detrás desses relatos, mantém-se a confidencialidade acerca dos acordos militares, dos intercâmbios de armamento, de outros aspectos da atuação da política externa cubana que, ainda hoje, não são amplamente conhecidos. Esse senso de confidencialidade fica bastante demarcado nas páginas da *Tricontinental*, que nem sempre atribuem autoria dos textos publicados, nem sempre apresenta aos leitores os meios pelos quais certos textos e materiais foram coletados, etc.

Da ilha para o mundo, emerge um olhar que almeja estabelecer relações mais sólidas com outros grupos, partidos, movimentos de libertação nacional e governos, além de encontrar expressões do internacionalismo revolucionário que pudessem ser relatadas. Os laços tecidos, para usar a expressão de Agostinho Neto, conformam uma vasta tapeçaria em que o Terceiro Mundo não é apenas teórico, mas consiste também em uma rede de relações.

Os relatos e reportagens escritos por aqueles que se moviam “de Cuba para o mundo”, e posteriormente retornavam, não eram a única fonte de informação e material da qual a revista dispunha. Intelectuais e autores que não estavam ligados à organização de maneira tão direta também produziram materiais que encontraram caminhos até o escritório da OSPAAAL, e foram então reenviados para circularem pelo mundo nas páginas da *Tricontinental*. É o caso, por exemplo, da estadia da jornalista uruguaia Maria Esther Gilio no nordeste brasileiro⁵⁰⁴, ou da estadia do poeta salvadorenho Roque Dalton na Coreia do Norte⁵⁰⁵, das visitas de Peter Weiss ao Vietnã⁵⁰⁶, ou das muitas estadias do

⁵⁰⁴ GILIO, Maria Esther. Conversaciones en el nordeste. *Tricontinental*, Havana, n. 31, jul-ago 1972, p. 30-36.

⁵⁰⁵ DALTON, Roque. Verde es el pino. *Tricontinental*, Havana, n. 29-30, mar-jun 1972, p. 96-131.

⁵⁰⁶ WEISS, Peter. Notas sobre la vida cultural de la República Democrática de Viet Nam. *Tricontinental*, Havana, n. 25, jul-ago 1971, p. 141-149.

australiano Wilfred Burchett na Coreia do Norte⁵⁰⁷. O período foi marcado por essas conexões.

O historiador britânico Basil Davidson foi um dos que estabeleceu esses contatos, externos à estrutura da organização, mas que encontram espaço nas páginas da revista. Seu texto narra a viagem do intelectual europeu à Guiné [Bissau] e Cabo Verde. Ali, ele e um visitante vietnamita, Tran Hoai-Nam, presenciaram a explosão de uma bomba. “Napalm”, disse o vietnamita.

Disse em tom de amargo desgosto, no mesmo tom que poderia utilizar *um médico que descobre outra vítima mais de uma epidemia: a epidemia de matar e queimar, a epidemia ‘ocidental’ do nosso tempo.* Tran é um veterano membro do Comitê Central do Frente Nacional de Libertação do Vietnã do Sul: ele viu isto antes; o viu muitas vezes.⁵⁰⁸ [grifo nosso]

O historiador constata que o napalm em uso na Guiné [Bissau] tinha, muito provavelmente, sido produzido por algum outro país membro da OTAN; ou os Estados Unidos da América ou a Alemanha Ocidental. Sua narrativa é marcadamente permeada de um oxímoro, que opõe o discurso civilizatório capitalista à miséria e à guerra. O objetivo é expor as contradições do mundo moderno em toda sua absurdez. O tom de Davidson foi, também, bastante amargo. Ao visitar o ferido pela bomba que ouvira no dia anterior, o intelectual britânico constata que esse estava “enfaixado dos pés à cabeça”⁵⁰⁹.

‘Entretanto, o salvaremos’, disse o médico das guerrilhas, um africano de Bissau, a capital colonial, conhecido pelo nome guerrilheiro de Jacques. ‘Ficará bem’. Seria demais dizer que Jacques não se fez médico graças aos portugueses. *Na Guiné [Bissau] os portugueses não treinaram nenhum médico africano, sequer um, em todo o tempo que estiveram ‘civilizando’ supostamente os africanos.* Jacques terminou sua carreira médica em 1966, em Moscou.⁵¹⁰ [grifo nosso]

Basil Davidson traça um pouco do histórico da “missão civilizatória” portuguesa, citando o termo entre parênteses. O autor enfatiza que “depois de oitenta anos de ‘missão civilizadora’, os portugueses tinham produzido na Guiné o magnífico resultado de

⁵⁰⁷ BURCHETT, Wilfred. Otra vez corea. *Tricontinental*, Havana, n.1, ago-set 1967, p. 112-122.

⁵⁰⁸ DAVIDSON, Basil. La rebelión de Guinea "Portuguesa". *Tricontinental*, Havana, n. 8, sep-oct 1968, p. 89.

⁵⁰⁹ *Ibidem*, p. 89.

⁵¹⁰ *Ibidem*, p. 89.

graduar na universidade exatamente ONZE africanos”⁵¹¹. É curioso perceber como o autor mobiliza a crítica da colonização não só por sua extrema violência, relatada no uso indiscriminado de napalm; mas também por seu caráter contraditório, paradoxal, e no limite, mentiroso. Onde estavam as benesses propagadas pelos defensores da colonização como “civilização”?

Enfim, para Davidson o que faz com que a Guiné [Bissau] mereça destaque é precisamente sua resposta ao domínio colonial, os êxitos da guerrilha nesse país, sua posição revolucionária, como uma “frente destacada da revolução africana”⁵¹². Para confirmar seu argumento, o autor traça um histórico das ações revolucionárias do Partido Africano pela Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC), fundado na capital colonial de Bissau em 1956, sob a direção do político, engenheiro agrícola e intelectual Amílcar Cabral. Suas conclusões tem um tom bastante internacionalista.

Como os cubanos, como os vietnamitas - pensam que não só vale a pena lutar simplesmente por libertar-se do imperialismo. Creem que vale a pena lutar, sobretudo, para abrir o caminho rumo a uma vida completamente nova, uma vida moderna, uma vida decente. Estão a favor da libertação nacional, mas estimam que a libertação nacional não significa muito se não vai acompanhada de uma revolução.⁵¹³

A conclusão do texto de Davidson remete a um elemento fundamental da maioria dos textos publicados na *Tricontinental*: o constante trânsito, entre o local e o universal, entre a abordagem nacional e o internacionalismo. Inúmeros dos textos publicados na revista se iniciam de maneira panorâmica, se debruçam sobre as particularidades de determinado local ou região, e se encerram retornando ao ponto de partida. Outros muitos, se encerram como o texto acima, associando múltiplas experiências a uma luta comum. Como uma câmera fotográfica, as narrativas se ajustam e se alternam entre escalas e enfoques. O discurso, a língua, a cultura nacional... todos esses operam como filtros e lentes, que ao mesmo tempo personalizam e condicionam que tipo de relato é possível, quais figuras de linguagem são empregadas.

⁵¹¹ DAVIDSON, Basil. La rebelión de Guinea "Portuguesa". *Tricontinental*, Havana, n. 8, sep-oct 1968, p. 90.

⁵¹² *Ibidem*, p. 90.

⁵¹³ *Ibidem*, p. 90.

Essas itinerâncias, como buscamos demonstrar, não emanavam apenas de dentro para fora da ilha, mas tinham ali um importante ponto de convergência. Do mundo para Cuba, a própria Conferência Tricontinental foi um momento de intensos contatos. A constituição do secretariado da OSPAAAL, por sua vez, mobilizou o estabelecimento de importantes relações: cada delegado nomeado foi objeto de uma série de correspondências, até que o órgão fosse instituído oficialmente em meados de 1966, alguns meses depois da realização da Conferência. As visitas recebidas no escritório da organização são objeto de constantes relatos na sessão *Tricontinental em Marcha*. É o caso de textos como *Tercer Mundo, nuestro mundo*, escrito por Stokely Carmichael durante visita ao escritório da organização.

Inúmeros eventos conduzidos na ilha foram importantes ao mobilizar a comunidade internacional para a solidariedade, tanto à Revolução Cubana quanto a outras lutas dos três continentes. Esses mostraram-se espaços para encontros culturais, *zonas de contato*, e constituíam oportunidades ímpares para coleta de material para a revista *Tricontinental*, aproveitadas pelo secretariado da organização e pelo corpo editorial. Esse foi o caso de eventos como a primeira conferência da OLAS em 1967; o Congresso Cultural de Havana em 1968; o Congresso de Solidariedade com o povo de Porto Rico e o Congresso dos Partidos Comunistas Latino-americanos, ambos em 1975. A condução de eventos de amplitude internacional como os citados acima integrava de maneira fundamental as formas de atuação da política externa cubana, e em muitos casos ia muito além da atuação da OSPAAAL, integrando outras instituições cubanas importantes.

Um exemplo claro disso foi o II Congresso da Federação de Mulheres Cubanas, que ocorreu em 1974 e contou “com a participação de 1961 delegadas nacionais e 55 delegações de organizações femininas de todo o mundo”⁵¹⁴. Sua cobertura na edição de número 41 da revista *Tricontinental* conta com o informe geral distribuído às participantes, a resolução geral aprovada acerca das questões relativas à solidariedade e compilações referentes a três coletivas de imprensa. Abordar essa reunião é uma oportunidade interessante para constatar uma aparente contradição que permeia as páginas desta dissertação. A multiplicidade de mulheres citadas entre referências teóricas

⁵¹⁴ [Introdução do corpo editorial a] La mujer, fuerza decisiva de la revolución. *Tricontinental*, Havana, n. 41, nov-dez 1974, p. 101.

e bibliográficas contrasta diretamente com a forma como as mulheres aparecem nas páginas da revista que é nosso objeto de estudo. A participação de intelectuais e revolucionários nas páginas da *Tricontinental* foi predominantemente masculina. Dentro de nosso recorte temporal, de 1967 à 1976, algumas exceções importantes a essa regra são dignas de nota: algumas capas, fotografias e materiais gráficos; a presença eventual de mulheres à frente de reportagens; e, especialmente, a edição de número 41. Essa foi pioneira em tratar das questões ‘femininas’ de maneira mais específica, e a primeira vez, aliás, que mulheres ocuparam a seção de entrevistas intitulada *El hombre en su palabra*.

A desvanecida imagem que tinham, uns dos outros, os povos explorados do mundo, foi desaparecendo na medida em que se desenvolveram seus movimentos de libertação nacional. Os revolucionários compreenderam então que a mesma exploração, por exemplo, desses operários desconhecidos que trabalham nas minhas de estanho da América Latina é semelhante à dos operários de estanho da Indonésia; que o suor, o sangue e o martírio se vinculam, mais além da distância e do tempo.⁵¹⁵

O trecho introduz as coletivas de imprensa prestadas pela argelina Fatiha Bettahar; pelas palestinas May Sayeb e Salwa Khadia; e pela estadunidense Angela Davis. As quatro participaram como convidadas do II Congresso da FMC, e foram descritas como “mulheres combatentes, símbolos da luta de seus povos, unidas acima das barreiras que nos quisera impor o imperialismo”⁵¹⁶. Nas palavras do corpo editorial da revista, ainda, “elas expressam, a uma voz, o dever impostergável dos oprimidos a lutar contra o imperialismo ianque por um mundo melhor”⁵¹⁷.

Os três relatos tem como principal intercessão, como indica o título, o caráter multifacetado da ideia de libertação nacional e luta contra a opressão. No caso argelino, o significado disso havia sido a Guerra de Independência e o estabelecimento de um governo autônomo; para os palestinos, isso significava ver-se livre do sionismo e da ocupação territorial, em apoio à atuação da Organização de Libertação Palestina (OLP); já para o movimento negro dos Estados Unidos, era importante combater o racismo e,

⁵¹⁵ [Introdução do corpo editorial a] Liberación nacional: deber impostergable de los oprimidos. *Tricontinental*, Havana, n. 41, nov-dez 1974, p. 132.

⁵¹⁶ Liberación nacional: deber impostergable de los oprimidos. *Tricontinental*, Havana, n. 41, nov-dez 1974, p. 132.

⁵¹⁷ *Ibidem*, p. 132.

segundo sua representante Angela Davis, construir alternativas políticas anti-bélicas, anti-imperialistas e socialistas para os Estados Unidos. De todo modo, o anti-imperialismo e a libertação nacional são sempre pensados como objetivo central, eixo condutor ao qual se subordinam as demais lutas.

Angela Davis relata um pouco de sua experiência no Congresso, chegando a afirmar que a principal lição aprendida em Cuba foi que “a única forma em que se pode falar da libertação da mulher é através de uma revolução socialista”⁵¹⁸. A autora estava impressionada com o discurso de encerramento de Fidel Castro no Congresso, e com o fato de que ele mesmo tenha afirmado a necessidade de que mais mulheres ocupassem posições de direção no governo e no Partido. Tal reconhecimento público dos problemas enfrentados era fundamental para que eles fossem superados, segundo a autora. Davis também ressaltou a importância da solidariedade para com o Chile, defendida pela presidenta da FMC, Vilma Espín.

Para Fatiha Bettahar, secretária Geral da União Pan-africana de Mulheres e presidenta da União Geral de Mulheres Argelinas, os movimentos de mulheres na Argélia tinham como objetivo não a reivindicação de direitos - que já haviam sido alcançados com a libertação nacional - mas a consolidação desses direitos por meio de medidas político-educativas e sociais. É curioso perceber como o discurso de Bettahar recupera a maternidade como motivação para a luta contra o imperialismo, associando-a à demonstração de amor aos filhos e às crianças do mundo. Esse discurso se assemelha à forma como se articulavam as defesas do internacionalismo publicadas, por exemplo, pela revista cubana *Mujeres*.

Como aponta Marisela Fleites-Lear⁵¹⁹, a revista publicada pela Federação de Mulheres Cubanas (FMC), ocupou espaço importante no forjar de uma “nova mulher cubana”, mesclando em suas páginas a defesa da Revolução Cubana, receitas, dicas de beleza, notícias sobre a revolução mundial, educação sexual e informações sobre o cuidado da casa e dos filhos. Nesse contexto, o Estado cubano passa a assumir a

⁵¹⁸ DAVIS, Angela. Liberación nacional: deber impostergable de los oprimidos. *Tricontinental*, Havana, n. 41, nov-dez 1974, p. 139.

⁵¹⁹ FLEITES-LEAR, Marisela. *Dentro de la tierra del Hombre Nuevo: la Federación de Mujeres y el discurso de la Nueva Mujer en la revista cubana Mujeres*. Tese de Doutorado, University of Washington, 2006.

execução de algumas funções tradicionalmente atribuídas às mulheres, especialmente para que essas passem a integrar a economia exercendo funções remuneradas e postos de trabalho fora do espaço doméstico. Vê-se, portanto, a fundação de creches e restaurantes comunitários que aliviassem as mulheres cubanas do exercício do trabalho doméstico e reprodutivo como o cuidado da casa, dos filhos e da alimentação. Entretanto, toda e qualquer crítica social deveria ser subordinada à defesa de Revolução e ao anti-imperialismo que, se por um lado buscou implementar melhorias para a vida das mulheres cubanas, por outro o fez sob um discurso nacionalista que buscava ressaltar a unidade do povo cubano, e que nem sempre enfrentava questões polêmicas como o lugar das mulheres na sociedade revolucionária, passando ao largo dos debates sobre liberdade e diversidade sexual que eram travados naquele momento também em outras partes do mundo.

A resistência da Revolução Cubana em incorporar o feminismo ao repertório político e intelectual da Federação de Mulheres Cubanas – como demonstra Marisela Fleites-Lear⁵²⁰ e também reconhece Vilma Espín⁵²¹, a própria líder da organização – nos chama a atenção para a forma como a Revolução teceu relações com o exterior e com a produção intelectual de fora da ilha. O governo cubano foi extremamente crítico de “estrangeirismos”, exceto quando estes podiam se aliar aos interesses nacionais e à defesa da Revolução. O feminismo foi rejeitado em Cuba, sob o argumento de que era uma ideologia de cunho liberal que opunha homens e mulheres, quando estes deveriam lutar juntos contra o imperialismo e o capitalismo. O mesmo tipo de crítica foi direcionada pela Revolução à homossexualidade, considerada um “desvio pequeno-burguês”, e duramente perseguida pelo Estado, no mínimo, até os anos 80.

Essas práticas e discursos relacionam-se diretamente a uma série de concepções dos papéis sociais de gênero, e estudos como o de Giselle Cristina dos Anjos Santos⁵²² e

⁵²⁰ FLEITES-LEAR, Marisela. *Dentro de la tierra del Hombre Nuevo: la Federación de Mujeres y el discurso de la Nueva Mujer en la revista cubana Mujeres*. Tese de Doutorado, University of Washington, 2006.

⁵²¹ ESPÍN, Vilma. *La mujer en Cuba*. Havana: Editorial de la Mujer, 1990.

⁵²² FLEITES-LEAR, Marisela. *Dentro de la tierra del Hombre Nuevo: la Federación de Mujeres y el discurso de la Nueva Mujer en la revista cubana Mujeres*. Tese de Doutorado, University of Washington, 2006.

Marisela Fleites-Lear⁵²³ permitem refletir sobre a forma como o discurso revolucionário valeu-se de concepções de gênero, masculinidade e feminilidade para constituir não só o “homem novo”, mas também – subordinadas a essa categoria – “novas mulheres”. O relatório do governo estadunidense⁵²⁴ acerca da Conferência Tricontinental destaca o papel expressivo do trabalho voluntário das mulheres cubanas na organização da Conferência Tricontinental, especialmente sua programação cultural e os comitês de recepção das delegações estrangeiras. Essa participação, entretanto, não foi mencionada na documentação oficial da conferência a que tivemos acesso. Além disso, a organização ainda contaria com duas Secretárias-Gerais, Melba Hernández e a atual ocupante do posto, Lourdes Cervantes. Desse modo, a investigação acerca de como as mulheres foram incluídas nos discurso e nas práticas revolucionárias, terceiro-mundistas e internacionalistas ainda conta com muitas questões a serem exploradas.

Por fim, é importante abordar a centralidade conferida à Guerra do Vietnã naquele período, bem como algumas das principais figurações que passaram a ser associadas àquele evento. A edição número 7 da *Tricontinental* contou com uma pesquisa que perguntava a dezesseis intelectuais de todo o mundo acerca de seu ponto de vista ético e político acerca da Guerra do Vietnã. Os pesquisados posicionaram-se unanimemente contra a guerra, adjetivando-a injusta, imoral, criminosa. Enquanto alguns autores afirmavam a possibilidade de opor-se a ela a partir de um posicionamento ético, a maioria afirmava que sua crítica deveria perpassar o exame da sociedade estadunidense e do imperialismo, as razões políticas e econômicas que eram utilizadas para justificá-la.

Durante a leitura da pesquisa conduzida pela *Tricontinental*, a resposta do cineasta espanhol Antonio Eceiza se destaca por seu forte tom poético. O autor faz alusão ao prefácio de Jean-Paul Sartre ao livro *El fin de la esperanza* de Juan Hermanos, testemunho sobre a guerra civil espanhola publicado quase vinte anos antes pela revista *Temps Modernes*, e republicado como livro em Cuba, em 1963.⁵²⁵ O prefácio de Sartre foi

⁵²³ SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. *A revolução cubana e as representações sociais de gênero*. Revista Eletrônica da ANPHLAC, v. 14, p. 265, 2013.

⁵²⁴ US GOVERNMENT, *The Tricontinental Conference of African, Asian and Latin American Peoples: a staff study*. 1966. Disponível em: <<http://www.latinamericanstudies.org/tricontinental.htm>>. Acesso em: 05 mai. 2015.

⁵²⁵ SARTRE, Jean Paul. Prefácio. In: HERMANOS, Juan. *El fin de la esperanza*. Havana: Bayo Libros, 1963. p. 7-9.

uma resposta anedótica às muitas vezes em que a revista francesa havia recebido indagações acerca da autoria do testemunho de Hermanos. Sartre narra, então, as muitas vezes em que, escondido com outros intelectuais durante a resistência, um grito de socorro se fazia ouvir. Os intelectuais em questão não saíram às ruas naquela noite, por medo das patrulhas alemãs, e nas palavras de Antonio Eceiza,

Quando por fim o fizeram, não encontraram ninguém. Havia cessado também o grito.

De volta à casa, presente ainda em todos a angústia daquela voz, se atormentavam pensando em quem podia pedir auxílio. Alguém opinou, creio que o próprio Sartre, que essa voz poderia pertencer aos espanhóis traídos, abandonados a suas solitárias forças em meio à recente contenda.

Juan Hermanos, o autor do livro, milhares de espanhóis, um milhão de mortos, físicos, reais, convertidos no correr dos anos em um grito [...].⁵²⁶ [grifo nosso]

A anedota de Sartre deixa claro que – anos depois da derrota da Resistência – a voz adquire caráter coletivo, não só na medida em que ecoa nos ouvidos dos que a ouviram naquele primeiro momento, mas também na medida em que sua angústia se repete. Para Sartre, o grito se transmuta na consciência pesada daqueles naquele primeiro momento não saíram à rua, e em momentos posteriores, celebraram a libertação da França após a Segunda Guerra Mundial, mas não acudiram tantos espanhóis sob o franquismo. Ainda que encontrem o dono do pseudônimo Juan Hermanos, já há muitos mortos, para os quais não há mais o que fazer, não há mais reparação. “É demasiado tarde”⁵²⁷. Sartre encerra seu prefácio com uma admoestação.

É preciso que ouças esse grito de vossa vítima, o clamor que precede em um segundo ao momento posterior: a voz aflita do fim da esperança. Este clamor não cessou desde há vinte anos: foi primeiro o dos judeus alemães, mais tarde o dos [judeus] austríacos, logo dos espanhóis, o dos checos, o dos polacos. Pereceram uns depois dos outros. Quando morriam uns, apareciam outros que levantavam a voz e gritavam a sua vez. Nós tampávamos os ouvidos. Agora, aí tens esse livro. *Os que gemiam morreram, mas deixam as palavras impressas. Deves lê-las para aprender como se grita o fim da esperança, porque vossa voz*

⁵²⁶ ECEIZA, Antonio. Encuesta sobre Vietnam: Diversidad y unidade de 16 intelectuales. *Tricontinental*, Havana, n.7, jul-ago 1968, p. 124.

⁵²⁷ SARTRE, Jean Paul. Prefacio. In: HERMANOS, Juan. *El fin de la esperanza*. Havana: Bayo Libros, 1963, p. 8.

*chegará em breve. Depois não restará ninguém para gritar nem tampouco para tampar os ouvidos.*⁵²⁸ [grifo nosso]

Segundo Antonio Eceiza, o grito segue se transmutando em uma “consciência pesada” daqueles que foram cúmplices de injustiças, dos que não interviram. Como Sartre, o cineasta espanhol reconhece que esse grito ouvido durante a Guerra Civil Espanhola não foi nem o primeiro nem o último anúncio dos fins da esperança. O cineasta espanhol, por sua vez, prossegue relacionando os muitos mortos e desesperançosos europeus que são mencionados no prefácio do intelectual francês a outros, no Terceiro Mundo.

Um grito semelhante a esse voltou a soar desde os campos de concentração alemães, desde a Casbah argelina, desde a Cuba invadida ou extorquida, logo, na crise do Caribe. *Hoje o grito de clamor desde toda a geografia do chamado Terceiro Mundo*, dos numerosos pontos onde há um homem em uma colina com um fuzil, ou uma população inteira esperando a carga de napalm que lhe foi destinada. *E esse grito tem sua nota mais aguda, sua chamada mais urgente, seu imperativo máximo, na terra calcinada do Vietnã.*⁵²⁹ [grifo nosso]

A agudez dos gritos no Vietnã exigia o repúdio à Guerra. O autor define o que se passa no Vietnã como um genocídio, mas não como uma exceção histórica. Essa posição polêmica foi, em verdade, defendida por inúmeros intelectuais, seguindo a linha defendida pelo Tribunal Russell⁵³⁰, conduzido em Estocolmo e que dois anos antes “condenou” unanimemente aos Estados Unidos por crimes de guerra, uso de armas proibidas, maus tratos e assassinato de prisioneiros de guerra e por promover um genocídio no Vietnã. Os trabalhos do tribunal haviam sido relatados na *Tricontinental* no ano anterior, pelo próprio Jean-Paul Sartre. Ainda que seja possível criticar o emprego do termo genocídio nesse contexto, é importante reconhecer que essas associações não foram veiculadas exclusivamente nas páginas da revista, e correspondem a um

⁵²⁸ SARTRE, Jean Paul. Prefacio. In: HERMANOS, Juan. *El fin de la esperanza*. Havana: Bayo Libros, 1963, p. 9.

⁵²⁹ ECEIZA, Antonio. Encuesta sobre Vietnam: Diversidad y unidade de 16 intelectuales. *Tricontinental*, Havana, n.7, jul-ago 1968, p. 124.

⁵³⁰ O Tribunal Russell foi convocado pelo intelectual britânico Bertrand Russell, e congregou dezoito intelectuais de nacionalidades distintas em Estocolmo, onde debateu relatórios e emitiu uma sentença unânime sobre os crimes cometidos pelos Estados Unidos no Vietnã durante a guerra. O tribunal foi relatado à revista por Jean-Paul Sartre. Conferir: SARTRE, Jean-Paul. De Nuremberg a Estocolmo. *Tricontinental*, Havana, n.3, nov-dez 1967, p. 7-20.

posicionamento de inúmeros intelectuais e críticos da guerra naquele período. Em linhas gerais, a associação entre nazismo e colonialismo havia sido inaugurada anos antes por Aimée Césaire, em *Discurso sobre o colonialismo*⁵³¹. No texto, o poeta martinicano denunciava as sociedades colonialistas europeias – modernas, cristãs, humanistas – por tratarem os povos em seus territórios coloniais com violência e desumanização comparáveis à devastação que o nazismo trouxera à Europa durante a Segunda Guerra Mundial.

Naquele momento, associar a Guerra do Vietnã ao termo genocídio tinha não só o objetivo discursivo de fortalecer as denúncias de crimes de guerra, mas também de mobilizar – performaticamente – a força da legislação elaborada pelo Tribunal de Nuremberg. Levantava-se contra crimes que chocavam a comunidade internacional, buscando denunciá-los e julgá-los, confrontando o silêncio de outras instituições do Direito Internacional. Nas palavras de Sartre, “nossa indignação perante as fotos de hospitais devastados ou perante as vítimas - entre outras, um menino, cujos músculos estavam corroídos pelo napalm - era a mesma em todos nós e sua violência era experimentada por todos em igual medida”⁵³². O tribunal, entretanto, não era vinculado a nenhum governo, e não possuía autoridade legal para asseverar seu julgamento ou impor penalidades às partes.

Durante a pesquisa conduzida pela *Tricontinental*, foram constantes as respostas que posicionavam essa Guerra como uma figuração que carrega em si as contradições enfrentadas por todos que lutavam por libertação nos três continentes. O Vietnã opera discursivamente como uma metonímia para todo o Terceiro Mundo. Para o economista francês Pierre Jalée⁵³³, o objetivo da Guerra era enviar a todos os povos dos três continentes a mensagem clara de que a guerra de libertação estava perdida, para que aceitassem a dominação colonial, imperialista e neocolonial. Encerrar a utopia, fechar as portas de um futuro em que o imperialismo deixasse de existir. Tal visão é compartilhada por Fidélis Cabral, membro do PAIGC, segundo o qual “a luta do povo vietnamita é a

⁵³¹ CÉSAIRE, Aimé. *Discourse on Colonialism*. New York: Monthly Review Press, 2000. Edição do Kindle.

⁵³² SARTRE, Jean-Paul. De Nuremberg a Estocolmo. *Tricontinental*, Havana, n.3, nov-dez 1967, p. 12.

⁵³³ JALÉE, Pierre. Encuesta sobre Vietnam: Diversidad y unidade de 16 intelectuales. *Tricontinental*, Havana, n.7, jul-ago 1968, p. 130-131.

luta de todos os povos do mundo. No Vietnã se joga a sorte de todos os movimentos armados de libertação nacional”⁵³⁴.

Hans Magnus Enzensberger ressaltou na *encuesta* sobre o Vietnã a importância de que os intelectuais deixassem claro, especialmente nos países ocidentais, que “a matança do povo vietnamita é o resultado inexorável das mesmas premissas que servem de base a sua própria sociedade; que o mundo ocidental é, de certa forma, cúmplice dos crimes imperialistas”⁵³⁵. Para Antonio Eceiza, por sua vez, o que se passava no Vietnã “é perfeitamente consequente com a essência mesma do imperialismo”⁵³⁶. De modo que o cineasta espanhol encerra seu texto conclamando seus leitores a expressar sua total solidariedade em resposta a esse “grito rasgando-lhe a alma”⁵³⁷.

Porque a anedota de Sartre tem outro sentido, ademais. Não é difícil imaginar que foi absolutamente inútil ao povo espanhol, em seu caso, ao anônimo que gritava na noite, a sacudida que seu lamento pode provocar nos intelectuais escondidos. Nem seus sinceros protestos de solidariedade, nem ainda a amargura de suas auto-reprovações, anos depois.

[...]

Estão bem, então, os protestos doloridos, indignados, sinceros, de todos nós. Mas, seguramente, não bastam. Che encontrou a canalização estratégica para toda esta paixão inativa, a articulação ativa a todo esse movimento humano e solidário. A suas palavras me remeto: “Criar dois, três, muitos Vietnã...”⁵³⁸

À luz da mensagem de Che Guevara à *Tricontinental*, Antonio Eceiza compreende a expressão da solidariedade como a ação direta contra o imperialismo. Segundo o cineasta, “a solidariedade encontra sua expressão mais alta na ação. A solidariedade se realiza ou não é solidariedade”⁵³⁹. Essa compreensão acerca da

⁵³⁴ CABRAL, Fidelis. Encuesta sobre Vietnam: Diversidad y unidade de 16 intelectuales. *Tricontinental*, Havana, n.7, jul-ago 1968, p. 134.

⁵³⁵ ENZENSBERGUER, Hans Magnus. Encuesta sobre Vietnam: Diversidad y unidade de 16 intelectuales. *Tricontinental*, Havana, n.7, jul-ago 1968, p. 128.

⁵³⁶ ECEIZA, Antonio. Encuesta sobre Vietnam: Diversidad y unidade de 16 intelectuales. *Tricontinental*, Havana, n.7, jul-ago 1968, p. 125.

⁵³⁷ *Ibidem*, p. 125.

⁵³⁸ *Ibidem*, p. 125.

⁵³⁹ *Ibidem*, p. 125.

solidariedade como ação está diretamente ligada ao projeto editorial da *Tricontinental*, que previa “impulsionar a solidariedade ativa e revolucionária”⁵⁴⁰.

A presente seção se dedicou à compreensão das dimensões assumidas pelo Terceiro Mundo que ultrapassam a definição teórica do conceito e engendraram práticas políticas e sensibilidades. Essas conferem ao conceito contornos que transcendem as linhas dos textos, e fundamentaram o estabelecimento de relações múltiplas entre organizações políticas dos três continentes e a Revolução Cubana, para muitas das quais a OSPAAAL operou como um importante mediador. As relações estabelecidas tecem uma imbricada tapeçaria de contatos, dentre os quais delineamos dois perfis distintos – e complementares – de redes institucionalizadas que convergem nas páginas da revista *Tricontinental*. Uma primeira se forma entre partidos, governos, movimentos e organizações ligadas à OSPAAAL; e uma segunda, por sua vez, interconecta os intelectuais que se alinham a esse projeto político, cultural e revolucionário para os três continentes.

Os intensos encontros culturais promovidos pela organização, e abordados pelas páginas da revista *Tricontinental*, engendraram várias leituras e compreensões desse *outro-nós*. Incapaz de romper com a lógica da alteridade por completo, os textos adquirem caráter híbrido, mobilizando múltiplas referências de maneira bastante interessante. É o caso de Europeus que não partem da experiência da Segunda Guerra Mundial para tentar compreender o sofrimento causado pela colonização, por exemplo. Enfim, as narrativas operam com jogos de escalas, que alternam enfoques regionais, nacionais, continentais e internacionalistas. Como em uma câmera fotográfica, a linguagem, a cultura nacional, as leituras mobilizadas por quem narra operam como lentes que permitem traduzir e simbolizar experiências que hora se distanciam, hora se aproximam.

A partir da constituição de relações entre os três continentes, elaboraram-se figurações específicas que perpassaram toda a presente dissertação. Algumas delas foram abordadas de maneira mais extensa ao longo da presente seção, e outras se espalharam pelos demais capítulos. As formas de compreender e representar a masculinidade de um guerrilheiro barbudo e a feminilidade de uma mãe que luta pelo futuro de seus filhos. Os

⁵⁴⁰ Editorial. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967, p. 2.

locais particulares tratados como metonímia de todo o Terceiro Mundo; a opressão e a exploração como experiências compartilhadas por africanos, asiáticos e latino-americanos. Desenvolvimento e subdesenvolvimento como duas faces da mesma moeda; colonialismo, imperialismo e neocolonialismo como expressões do mesmo processo histórico. A “missão civilizatória” do colonialismo exposta em toda sua falácia e contradição. O intelectual colonizado que paira sobre a realidade ou o intelectual revolucionário que empunha suas armas na direção que a Revolução apontar? A defesa da violência e as imagens de armas que se multiplicam pelas páginas, as instruções sobre *o que fazer*. A solidariedade que ultrapassa a sensibilidade e torna-se, também, ação. Enfim, um mundo cortado pela colonização, e conectado pela vontade de libertação.

Considerações Finais

Os estudos acerca da Conferência Tricontinental, da OSPAAAL e de suas publicações sempre expressaram preocupação com suas implicações para o presente. Nesse contexto, Robert J. C. Young⁵⁴¹ considerou a Conferência e a revista como espaços para a formação de um campo de trabalho transnacional *tricontinental*, que congregava autores de todos os três continentes em torno da crítica anticolonial e anti-imperialista. Anne Garland Mahler⁵⁴² defende que o tricontinentalismo se aproxima do Sul Global, por desenvolver uma forma de resistência tão globalizada quanto a opressão que busca combater. O tricontinentalismo compreenderia, portanto, sensibilidades e epistemologias que entendem a opressão, a dominação e a exploração como experiências compartilhadas, simbolizadas por meio de um discurso racial não-essencialista. Said Bouamama, por sua vez, justifica o estudo da Conferência Tricontinental afirmando que “[a] memória das lutas passadas é uma arma dos dominados e os esquecimento delas é uma arma dos dominantes”⁵⁴³.

As experiências políticas no cenário internacional nos últimos anos demonstram a importância do estudo das categorias, conceitos, práticas e experiências que narramos e investigamos nessas páginas, bem como a necessidade de ainda tê-los como objeto de reflexão. Em 2017, o polêmico ensaio *A case for colonialism*⁵⁴⁴ suscitou debates acalorados entre os intelectuais que se dedicam ao estudo de movimentos anticoloniais e anti-imperialistas e dos Estados pós-coloniais. Naquelas páginas, Bruce Gilley faz aberta apologia ao colonialismo, compreendendo-o pelas lentes de uma “missão civilizatória”, termo que o autor utiliza sem sequer utilizar aspas. Para Gilley, um estadunidense branco professor da *Portland State University*, o colonialismo foi “objetivamente benéfico” e

⁵⁴¹ YOUNG, Robert J. C. *Postcolonialism: an historical introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2001

⁵⁴² MAHLER, Anne. *Beyond the Color Curtain: Empire and Resistance from the Tricontinental to the Global South*. Tese de Doutorado, Emory University, 2013.

⁵⁴³ BOUAMAMA, Said. *La Tricontinentale. Les peuples du Tiers-Monde à l'assault du ciel*. Éditions du CETIM e Syllepse: Genebra e Paris, 2016, p. 187.

⁵⁴⁴ GILLEY, Bruce. The case for colonialism, *Third World Quarterly*. Desde então, o artigo foi retirado da página oficial da revista, e pode ser lido no link disponibilizado pelo autor. Disponível em: <http://www.web.pdx.edu/~gilleyb/2_The%20case%20for%20colonialism_at2Oct2017.pdf>. Acesso em 10/12/2017.

“subjetivamente legítimo”. A responsabilidade por todos os aspectos negativos da vida contemporânea nos países que foram colonizados, como a pobreza, a violência e o subdesenvolvimento, foi atribuída pelo autor aos governos pós-coloniais que rejeitaram o legado moderno, civilizacional, ocidental. Segundo Gilley, o “benéfico” e “legítimo” colonialismo não mereceria a “má reputação” que recebeu.

Em seguida à publicação do texto, inúmeros intelectuais ligados ao conselho editorial da revista *Third World Quarterly* renunciaram seus postos, entre eles Vijay Prashad. O autor, dedicado há muitos anos aos estudos sobre o Terceiro Mundo, ressaltou que o “colonialismo não foi contato cultural. Ele foi brutalidade”⁵⁴⁵. Outros, em resposta a essa polêmica, chegaram a afirmar que a defesa pública do colonialismo seria o “equivalente moral da negação do Holocausto”⁵⁴⁶. Vários autores criticaram o ensaio em questão, abordando desde os métodos que subsidiam as polêmicas conclusões, às suas implicações [anti]éticas, políticas e [a]morais. Alguns chegaram a defender a censura do texto de Gilley, e o editor da revista *Third World Quarterly* chegou a ser ameaçado após sua publicação, motivo pelo qual o texto foi oficialmente tirado do ar.

A operação discursiva de defesa do colonialismo não é nova, e argumentos sobre o “fardo do homem branco” já sustentaram e defenderam o colonialismo, o imperialismo, o neocolonialismo por muitos séculos. Na esteira de Vijay Prashad, acredito que é importante situar o texto em um contexto de ascensão de discursos intervencionistas e fundamentados na suposta supremacia racial branca nos Estados Unidos. O eco político das ideias apresentadas por esse ensaio infeliz se faz ver quando Donald Trump chama países como Haiti, El Salvador e outros países africanos de “países de merda” [*shithole countries*]⁵⁴⁷. Essas são apenas expressões extremadas da insensível, indiferente e violenta forma como, em boa parte do Ocidente, ainda hoje, se lida com o legado colonial e

⁵⁴⁵ PRASHAD, Vijay. *Third World Quarterly* row: *Why some western intellectuals are trying to debrutalise colonialism*. 21 de setembro de 2017. Disponível em: <<https://scroll.in/article/851305/third-world-quarterly-row-why-some-western-intellectuals-are-trying-to-debrutalise-colonialism>>. Acesso em: 21/09/2017.

⁵⁴⁶ ROBINSON, Nathan J. A quick reminder that colonialism was bad. *Current affairs*, 14 de setembro de 2017. Disponível em: <<https://www.currentaffairs.org/2017/09/a-quick-reminder-of-why-colonialism-was-bad>>. Acesso em: 15/12/2017.

⁵⁴⁷ ALONSO, Nicolás. O mundo contra Trump: “não há países de merda”. *El país* [versão em português, online], 13 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/12/internacional/1515774630_288263.html> Acesso em: 15/01/2017.

imperialista. O presente ainda está permeado por discursos que lhe deram sustentação, entre eles a objetificação e des-humanização dos *Outros*. Em suas dimensões globais, na forma como redesenharam violentamente a cartografia do mundo, o colonialismo e o imperialismo seguem sendo processos cuja compreensão é fundamental para entender o mundo contemporâneo.

Por outro lado, iniciativas transnacionais de combate ao colonialismo e ao imperialismo, como a Conferência Tricontinental, a OSPAAAL e suas publicações, seguem sendo pouco conhecidas pela historiografia e pelo público geral. Por este motivo, buscamos contribuir, através deste trabalho, para a compreensão dessas iniciativas, com o intuito de lançar sobre o presente um pouco de seu potencial crítico e reflexivo. É importante deixar claro que nossas páginas não pretenderam exaurir todas as possibilidades de trabalho com a documentação selecionada e consultada. Um projeto que busca tomar o mundo em seu conjunto certamente ainda merece a atenção de muitas outras pesquisas e investigações.

Atentamos-nos a três eixos de análise principais, que subsidiam a divisão do trabalho em capítulos. Inicialmente, buscamos compreender de que modo a Conferência Tricontinental, a OSPAAAL e a revista *Tricontinental* se situaram em relação aos múltiplos projetos de libertação que ganharam força nos sessenta e setenta. Dedicamo-nos ao estudo do caminho percorrido, *de Bandung a Havana*. O estudo mais detido da Conferência Tricontinental, por sua vez, partiu da cobertura desse evento nas páginas de publicações como *Politique Etrangère*, *Marcha* e *Monthly Review* e analisou algumas das principais discussões conduzidas naquela ocasião. Destacamos alguns pontos contenciosos como o cisma sino-soviético, a constituição da OSPAAAL e a questão árabe-israelense. Outros aspectos mais consensuais também chamaram nossa atenção, entre eles a forma como a participação na conferência contribuiu para a conformação de sensibilidades específicas ligadas ao terceiro-mundismo e à solidariedade revolucionária.

Em seguida, debruçamo-nos sobre o projeto editorial e gráfico da revista *Tricontinental*, inserindo-o no quadro geral de atuação da OSPAAAL. Entre as muitas imagens de armas e as sátiras de peças publicitárias, a *Tricontinental* publicou dezenas de líderes políticos e “intelectuais revolucionários” não só dos três continentes, mas também da Europa e dos Estados Unidos. As edições da *Tricontinental* permitem-nos um olhar

privilegiado sobre as esquerdas latino-americanas, africanas e asiáticas e, principalmente, sobre o estabelecimento entre elas de uma aliança política de dimensões globais, marcada por fortes laços de solidariedade. Sua constituição foi de fundamental importância não só por sua atuação eminentemente política, mas também por produzir, compilar, traduzir e difundir conhecimento sobre os países dos três continentes.

O segundo capítulo identificou alguns dos principais pilares teóricos da revista *Tricontinental*, dando especial atenção às obras e vidas de Frantz Fanon e Ernesto Che Guevara e à forma como foram incorporados à revista. *Os condenados da Terra* foi uma leitura estruturante nas páginas da revista, ao passo que a *mensagem de Che à Tricontinental*, provavelmente impactada pela leitura que o argentino fez do martinicano, ecoava em praticamente todas suas edições. Ernesto Che Guevara é citado constantemente pela revista como exemplo de homem de palavra e ação, “intelectual revolucionário”. Foi precisamente sobre as compreensões defendidas pela publicação acerca do papel dos intelectuais e da cultura na libertação nacional que nossa última seção se atentou. Em suas páginas, a revista recuperou inúmeros líderes políticos e intelectuais, promovendo uma junção de pontos de vista que defendiam políticas normativas sobre o papel dos intelectuais e da cultura. Após o *caso Padilla*, em Cuba, sobretudo, preponderou a tese de que os intelectuais deveriam ser revolucionários, mesmo que isso significasse prescindir da crítica aos governos. Uma questão transversal que perpassa todo esse capítulo é a forma como Frantz Fanon foi lido pelas páginas da revista, e constatamos que uma maior atenção foi dada pelos colaboradores e editores da revista ao livro *Os condenados da Terra*, do que a *Pele negra, máscaras brancas*, sua primeira obra, na qual o martinicano desenvolve uma contundente crítica do racismo.

No último capítulo nos debruçamos sobre o Terceiro Mundo, compreendido como um conceito multifacetado, apropriado performativamente pelos autores publicados na *Tricontinental*. Buscamos demonstrar como esse conceito assumiu significados que ultrapassaram em muito sua atual cristalização pejorativa. Argumentamos que o Terceiro Mundo, na *Tricontinental*, não significava apenas atraso, subdesenvolvimento e miséria, mas também o reconhecimento do potencial desses três continentes compreendidos como uma coletividade. A primeira seção desse capítulo analisou o conceito a partir de uma perspectiva teórica, examinando sua aporia constitutiva, seus nódulos problemáticos não-

resolvidos, e como este se conformou em diálogo com a tradição marxista. Essa percepção subsidiava as tentativas de estabelecer relações solidárias entre grupos anticoloniais e anti-imperialistas. A segunda seção enfatizou as formas múltiplas como o conceito foi apropriado, não só pelas reflexões teóricas, mas também pela prática política. Nesse sentido, acompanhamos itinerâncias e enfatizamos o estabelecimento de relações entre governos, organizações, partidos e intelectuais ligados às esquerdas e às lutas anti-imperialistas e anticoloniais. A forma como os contatos promovidos pela revista *Tricontinental* foram traduzidos e simbolizados demonstram a elaboração de figurações compartilhadas acerca dos três continentes, que por sua vez sugerem a conformação de sensibilidades *tricontinentais*.

O objetivo desse trabalho não foi apenas resgatar o conceito de Terceiro Mundo, mas acompanhá-lo e ao terceiro-mundismo dos sessenta e setenta, bem como refletir sobre os questionamentos do período. De todo modo, buscamos adotar uma perspectiva crítica acerca do nosso objeto de estudo, e não elidir da narrativa os inúmeros momentos em que os discursos publicados ali eram contraditórios ou problemáticos. Afinal, a forma como são abordadas as relações de gênero é passível de um exame atento e crítico; assim como o tratamento dado à questão racial dentro e fora de Cuba; as dificuldades enfrentadas pelo internacionalismo; o dilema constante entre a unidade e a crítica que ainda atinge as esquerdas; e, por fim, o dever atribuído aos intelectuais pelos processos revolucionários do período. Mais que oferecer soluções para essas questões, esperamos que a leitura desse trabalho alimente tão necessárias reflexões e críticas.

Situar a Revolução Cubana em relação à revista é uma questão que perpassou a dissertação como um todo. A *Tricontinental* foi um projeto cubano e/ou internacional – e/ou internacionalista? A resposta a essa pergunta tornou-se mais complexa que um primeiro olhar permitiria concluir. Boa parte da bibliografia disponível sobre o tema pende radicalmente para um dos dois lados, e ou considera a revista e a organização cubanas, e nada mais, ou consideram-na tão internacional que fazem parecer que funciona sem nenhum vínculo espacial ou territorial, abordagem que também é problemática. Buscamos adotar em nossas páginas uma perspectiva dialógica, que reconhece tanto o protagonismo cubano quanto as especificidades que caracterizam a organização.

A revista *Tricontinental* é compreendida como espaço privilegiado para o estudo de contatos culturais, e, ainda que Cuba seja definitivamente protagonista, suas páginas não deixam de ser, também, latino-americanas, africanas, asiáticas. O Terceiro Mundo não é apenas objeto de estudo dos textos publicados na revista, mas é também seu locutor e interlocutor. Em nossa leitura, concluímos que ali se expressou uma maneira bastante distinta de lidar com a alteridade, que buscava superar a dinâmica estabelecida sob a égide de uma modernidade europeia auto-centrada, na qual as relações se estabeleciam predominantemente entre o Eu-Europa-Sujeito e o Outro-Objeto⁵⁴⁸. As páginas da revista pareceram buscar o estabelecimento de relações entre um Eu-Sujeito e o um Outro-Sujeito. No limite, buscou também elaborar o Terceiro Mundo como um *Nós-Outros*, adotando uma perspectiva que reconheceu o valor fundamental da alteridade e da multiplicidade. Essa transição na forma de lidar com a alteridade, não escapa por completo da lógica moderna, e por isso foi limitada, provisória e em muitos momentos, contraditória. Como qualquer outra tentativa de romper com o passado e inaugurar o novo, foi mediada pelo caráter performativo do discurso, bem como pela materialidade das diferenças.

A *Tricontinental* trata múltiplas experiências humanas nos três continentes, conferindo a todas elas relevância. Sem prescindir do nacional, aspecto que é central aos movimentos anticoloniais e anti-imperialistas do período, a publicação atua por meio de constantes trânsitos e jogos de escalas. Anos antes da postulação desta questão por Edward Said em *Representações do Intelectual*⁵⁴⁹, a revista *Tricontinental* já defendia que seu papel era promover a generalização da crise, reconhecer e denunciar o sofrimento humano a partir de uma perspectiva relacional. Em suas páginas, inúmeras experiências humanas constituíram oportunidades de intercâmbio e de aprendizado, de agudização de uma crise percebida como global. Toda experiência narrada, analisada, ilustrada, fotografada, foi não só denúncia do sofrimento humano, mas também oportunidade de defender a necessidade de transformação.

⁵⁴⁸ Essa forma característica de relacionar-se com a alteridade foi abordada ao longo da dissertação, ao passo que aqui dialogamos principalmente com Frantz Fanon e Gayatri Spivak. Cf: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010; FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

⁵⁴⁹ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. Tradução Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Lista de ilustrações

FIGURA I: [Epopéia Tricontinental]. Capa. *Tricontinental*, Havana, n. 10, jan-fev, 1969. p. 69.

FIGURA II: [Contradições]. Contracapa. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967. p. 73.

FIGURA III: [Coquetel – Compilação de lustrações à seção *La noticia verdad*]. *Tricontinental*, Havana, n. 7, jul-ago 1968, p. 159-166. p. 74.

FIGURA IV: [Dois, três, muitos Ches...]. Contracapa. *Tricontinental*, Havana, n. 14, sep-oct, 1969. p. 110.

FIGURA V: [Intelectual colonizado]. Capa e contracapa. *Tricontinental*, Havana, n. 25, jul-ago, 1971. p. 127.

Fontes

Arquivo Histórico da OSPAAAL.

Los libros, Buenos Aires, n. 20, 1971.

Monthly Review: a socialist independent magazine. Nova York, 1966, abril, vol. 17, n. 11, abril 1966 – vol. 18, n. 13, junho 1966.

Marcha, Montevideo, n. ano XXVI, n. 1287, 31 de dezembro de 1965 - ano XXVII, n. 1299, 15 de abril de 1966.

[revista] *Tricontinental*, Havana, n. 1 [1967] – n. 48 [1976].

BRIEUX, Jean-Jacques. La «Tricontinentale». *Politique étrangère*, n. 1, 1966, 31o ano.

CASTRO, Fidel. *At the Closing Session of the Tricontinental Conference* [1966]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/cuba/archive/castro/1966/01/15.htm#cuban-support>>. Acesso em: 10/01/2017.

CASTRO, Fidel. *Palabra a los intelectuales*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f300661e.html>>. Acesso em 28/12/2017.

GUEVARA, Ernesto ‘Che’. *Crear dos, tres Viet Nam... Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental*. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/guevara/04_67.htm>. Acesso em: 10/12/2016.

GUEVARA, Ernesto ‘Che’. *O socialismo e o homem em Cuba* (1965). Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/guevara/1965/03/homem_cuba.htm> Acesso em: 03/01/2017.

SAUVY, Alfred. Trois Mondes, une planète. *L’Observateur*, 14 août 1952, n. 118, p. 14.

Segunda Declaración de La Habana. 04 de fevereiro de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f040262e.html>>. Acesso em: 28/08/2017.

US GOVERNMENT, *The Tricontinental Conference of African, Asian and Latin American Peoples: a staff study*. 1966. Disponível em: <<http://www.latinamericanstudies.org/tricontinental.htm>>. Acesso em: 05/02/2015.

Referências

- ALMEIDA, Rodrigo Davi. *As posições políticas de Jean-Paul Sartre e o "Terceiro Mundo"* (1947 - 1979). UNESP/Assis/SP, 2010. Tese de Doutorado.
- ALTAMIRANO, Carlos. Intelectuales: nacimiento y peripecia de un nombre. *Nueva Sociedad*, n. 245, may-jun, 2013, p. 38-53.
- ANDERSON, John Lee. *Che Guevara: a revolutionary life*. New York: Grove Press, 2010.
- ARMITAGE, David. *The Declaration of Independence: A Global History*. Cambridge: Harvard University Press, 2007.
- AYERBE, Luis Fernando. *A revolução cubana*. São Paulo, Editora UNIFESP: 2004. p. 83-85.
- AZEVEDO, Ana Beatriz Sampaio Soares de. *Antropofagia: palimpsesto selvagem*. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada, defendida perante a Universidade de São Paulo, 2012.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 11, p. 89-117, 2013.
- BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia Latinoamericana. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, n. 20, 2003, p. 105-115.
- BOUAMAMA, Said. *La Tricontinentale*. Les peuples du Tiers-Monde à l'assault du ciel. Genebra e Paris: Éditions du CETIM e Syllepse, 2016.
- BUTLER, Judith. *Bodies That Matter: On the discursive limits of "sex"*. New York City: Routledge Classics, 2011. [iBooks Edition].
- Carta das Nações Unidas – ONU*, 1945.
- CASTRO, Claudia Gomes de. *Imagens da Revolução Cubana: os cartazes de propaganda política do Estado socialista (1960-1986)*. Dissertação de Mestrado defendida perante o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2006.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discourse on colonialism*. New York: Monthly Review Press, 2000. [Kindle Edition].
- _____. *Une Tempête: d'après <<La Tempête>> de Shakespeare, adaptation pour un théâtre nègre*. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

- _____. *Cahier d'un retour au pays natal, Diário de um retorno ao país natal*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- CHAKRABARTY, Dipesh. *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- _____. The legacy of Bandung: decolonization and the politics of culture. In: LEE, Christopher (ed.). *Making a World After Empire: The Bandung Moment and Its Political Afterlives*. Athens: Ohio University Press, 2010. p. 45-68.
- _____. Postcoloniality and the Artifice of History: Who Speaks for "Indian" Pasts?. *Representations*, No. 37, 1992, Special Issue: Imperial Fantasies and Postcolonial Histories, p. 1-26.
- CORDEIRO, Ítalo Rodrigo Xavier. *A cultura política da revolução latino-americana na década de 1960: Régis Debray e o foquismo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2010.
- COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina – o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa*. São Paulo: Alameda, 2013.
- COVARRUBIAS, Ana. *Cuba and Mexico: A Case for Mutual Nonintervention*. *Cuban Studies*. 1996, vol. 26.
- CRESPO, Regina. *Las revistas y suplementos culturales como objetos de investigación*. CD-ROM do Coloquio Internacional de Historia y Ciencias Sociales. Colima, Universidad de Colima, 2010.
- CROCE, Marcela (comp.) *Polémicas intelectuales en América Latina: del “meridiano intelectual” al caso Padilla (1927-1971)*. Buenos Aires: Simurg, 2006.
- DE LA FUENTE, Alejandro. *A Nation for All. Race, Inequality, and Politics in Twentieth-Century Cuba*. Chapel Hill & Londres: University of North Carolina Press, 2001.
- DERRIDA, Jacques. Conjuring – Marxism. In: *Spectres of Marx: The State of the Debt, the Work of Mourning and the New International*. New York City: Routledge Classics, 2006.
- _____. Signature, Event, Context. In: *Limited Inc*. Evanston: Northwestern University Press, 1988.
- DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *Redes intelectuales en América Latina*. *IDEA*, Santiago de Chile: 2007.

- DOMÍNGUEZ, Jorge. *To make a world safe for revolution: Cuba's foreign policy*. Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Press, 1989.
- _____. *La Política Exterior De Cuba (1962-2009)*. Madrid: Editorial Colibrí, 2009.
- DURÃO, Gustavo de Andrade. Frantz Fanon: sobre a violência e o projeto anticolonial para a emancipação. In: REIS, Raissa Brescia dos; ALMEIDA, Taciana. *Cultura e mobilização: reflexões a partir do I Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros*. Rio de Janeiro: Synergia Editora, 2016.
- _____. Frantz Fanon, um escritor múltiplo: trajetória intelectual, formação cultural e movimentação política. *Odeere*, v. V.1, p. 100-119, 2016.
- ESPÍN, Vilma. *La mujer en Cuba*. Havana: Editorial de la Mujer, 1990.
- ESTRADA, Ulises (org.); SUÁREZ, Luis (org.). *Rebelión Tricontinental: las voces de los condenados de África, Asia y América Latina*. La Habana: Ediciones Tricontinental e Ocean Press, 2006.
- FALIGOT, Roger. *La Tricontinentale. Quand Che Guevara, Ben Barka, Cabral, Castro et Hô Chi Minh préparaient la révolution mondiale (1964-1968)*. Paris: Editions La Découverte, 2013.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra* [1961]. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- _____. *Os condenados da terra* [1961]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- FERNÁNDEZ, Damián. *Cuba and the politics of passion*. Austin: University of Texas, 2000.
- FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Todo Calibán*. Havana: Instituto del Libro, 2000.
- FLEITES-LEAR, Marisela. *Dentro de la "tierra del Hombre Nuevo": la Federación de mujeres y el discurso de la Nueva Mujer en la revista cubana Mujeres*. Tese de Doutorado, University of Washington, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FRANK, André Gunder. "The Development of Underdevelopment." In: *Latin America: Underdevelopment or Revolution*. New York: Monthly Review Press, 1969, p. 1-17.

- GARCIA, Joaquín Torres. *Universalismo Constructivo*, Buenos Aires: Poseidón, 1944.
- GENEROSO, Lúdia Maria de Abreu. *Cara y cruz: a Conferência Tricontinental sob os olhares do semanário Marcha*. *Temporalidades*, v. 9, p. 49-75, 2017.
- GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en America Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.
- _____. Che Guevara: *Agenciamientos nómades*. Pasado, presente y transición epocal. 2014. Disponível em: <<https://conicet.academia.edu/ClaudiaGilman>>. Acesso em: 10/01/2017.
- GILMAN, Claudia. Las revistas y los límites de lo decible: cartografía de una época. In: SOSNOWSKI, Saul (ed.). *La cultura de un siglo: América Latina en sus revistas*, Madrid-Buenos Aires: Alianza Editorial S.A., 1999, p. 461-469.
- GLEISEJES, Piero. *The Cuban Drumbeat*. Salt Lake City: Seagull Books, 2009.
- _____. *Conflicting Missions: Havana, Washington, and Africa (1959-1976)*. Chapel Hill: Univerisity of North Carolina Press, 2011. Kindle Edition.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- GRONBECK-TEDESCO, John. The Left in Transition: The Cuban Revolution in US Third World Politics. *Journal of Latin American Studies*: n. 40, 2008, p. 651-673.
- GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, Março 2008, p. 115-147.
- HARMER, Tanya. Two, three, many revolutions? Cuba and the prospects for revolutionary change in Latin America, 1967-1975. *Journal of Latin American Studies*, 45:1, Feb. 2013, p. 61-89.
- HERNÁNDEZ, Leila. A itinerância das ideias e o pensamento social africano. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 21, n. 40, p. 195-225, 2014.
- JAMESON, Frederic. Periodizing the 60s. *Social Text*, Durham, v. 9/10, p. 178-209, 1984.
- KALTER, Christoph. *The Discovery of the Third World: decolonization and the rise of the New Left in France – 1950-1976*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- LENIN, Vladmi. Ilich. *Obras Escolhidas*, tomo II. Lisboa, Moscú: Editorial Avante!, Edições Progresso, 1984. Disponível em:

- <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/>>. Acesso em 19/12/2017.
- _____. “Plano de um jornal político para toda a Rússia”. In: *Que Fazer? As questões palpitantes do nosso movimento*. São Paulo: Editora Hucitec, 1986. p. 119-138.
- LENTIN, A. P. De Bandung à Havana (1967). In: SANTIAGO, Theo. *Descolonização*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. Republicado e traduzido de *La lutte Tricontinentale* (1966), publicado originalmente pela François Maspero.
- LIE, Nadia. *Transición y transacción: la revista cubana Casa de las Américas* (1960-1976). Bélgica/Leuven: Ediciones Hispamérica/Leuven University Press, 1996.
- LIPSET, Seymour Martin. “Values, Education and Entrepreneurship” [1967] In: KLAREN, Peter F. *Promise of Development: Theories of Change in Latin America*. Westview press, 1987.
- LOVE, Joseph. *A construção do Terceiro Mundo: teorias do subdesenvolvimento na Romênia e no Brasil*. Paz e Terra: São Paulo, 1998.
- LÖWY, Michael. *O pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Expressão Popular, 1999.
- _____. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MACHIN, Horacio; MORAÑA, Mabel (eds.). *Marcha y América Latina*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana / Universidad de Pittsburgh, 2003.
- MAHLER, Anne. *Beyond the Color Curtain: Empire and Resistance from the Tricontinental to the Global South*. Tese de Doutorado, Emory University, 2013.
- MAÍZ, Claudio. Tramas culturais. De las determinaciones sociales a la red intelectual. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 20, n. 37, p. 19-35, jul. 2013.
- MARIATÉGUI, Carlos José. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo: Alfa-Omega, 2004.
- MARX, Karl. *Teses sobre Feuerbach* (1845). Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>>. Acesso em: 02/01/2017.
- MASILELA, Ntongela. *The continuing relevance of Frantz Fanon in the postmodern era of globalization*. Disponível em: <<http://pzacad.pitzer.edu/NAM/general/Prah.pdf>>. Acesso em: 03/12/2017.

- MAZRUI, A. A. (Ed.); WONDJI, C (Ed.). *História Geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília: UNESCO, 2010.
- MELLINO, Miguel. *La crítica Poscolonial. Descolonización, capitalismo y cosmopolitismo en los estudios culturales*. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- MIGNOLO, Walter. “La opción descolonial”. *Letral – Revista Eletronica de Estudios Transatlaticos de Literatura*. Universidad de Granada. Espanha. Número 1, 2008, pp. 4-22.
- MISKULIN, Silvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009.
- _____. O ano de 1968 em Cuba: mudanças na política internacional e na política cultural. *Esboços (UFSC)*, v. 20, p. 47-66, 2008.
- MOORE, C. *Castro, the blacks and Africa*. Los Angeles: Center for Afro-American Studies, University of California, 1988.
- MOREIRA, Neiva; BISSIO, Beatris. *Os cubanos na África*. São Paulo: Global Editora, 1979.
- NKRUMAH, Kwame. *Neocolonialismo: último estágio do imperialismo [1965]*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- PALTI, Elias; BONILLA, Rafael Polo. Un Dialogo con Elias Palti (Entrevista). *Íconos: revista de Ciencias Sociales*. Num. 36, Quito, enero 2010, p. 119-129.
- PALTI, Elias. *Giro Linguístico e Historia Intelectual*. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes, 2001.
- _____. *Verdades y saberes del marxismo*. Reacciones de una tradición política ante su “crisis”. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- PEPETELA, *O planalto e a estepe*. São Paulo: Leya, 2009. [Kindle].
- PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. [Kindle].
- PITA GONZÁLEZ, Alejandra. Las revistas culturales como fuente para el estudio de redes intelectuales. In: MONTIEL, Celia del Palacio; MARTÍNEZ MENDOZA, Sarely (coord.). *Voces en papel: la prensa en Iberoamérica de 1792 a 1970*. México: Universidad Autónoma de Chiapas, 2008.
- PRADO, Maria Lúcia Coelho. América Latina: história comparada, histórias conectadas, história transnacional. *Revista Digital Escuela de Historia UNR*, n.3, 2011/2012.
- PRASHAD, Vijay. *The Darker Nations: A Biography of the Short-Lived Third World*. New Delhi: LeftWorld Books, 2007 [Kindle].

- PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: travel writing and transculturation*. London: Routledge, 2003.
- _____. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.
- QUIJANO, Aníbal. *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014.
- _____. Aníbal. Coloniality of Power, Eurocentrism, and Latin America. *Nepantla: Views from the South*. Duke University Press, v. 1. n.3, 2000. Disponível em: <<http://www.unc.edu/~aescobar/wan/wanquijano.pdf>>. Acesso em: 31/12/2017. p. 553.
- REIS, Mateus Fávaro. *Políticas da leitura, leituras da política: uma história comparada sobre os debates político-culturais em Marcha e Ercilla (Uruguai e Chile, 1932-1974)*. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.
- REIS, Raissa Brescia dos. Projeto cultural e política intelectual nas páginas da *Présence Africaine* (1947-1965). In: REIS, Raissa Brescia dos; ALMEIDA, Taciana. *Cultura e mobilização: reflexões a partir do I Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros*. Rio de Janeiro: Synergia Editora, 2016.
- ROCCA, Pablo. *35 años en Marcha: mapa de la escritura en el semanário Marcha (1939-1974)*. Havana: Casa de las Americas, 2015.
- RODRIGUEZ, Besenia. “De la Esclavitud Yanqui a la Libertad Cubana”: U.S. Black Radicals, the Cuban Revolution, and the Formation of a Tricontinental Ideology. *Radical History Review*, n. 92. 2005. p. 62–87.
- ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010.
- ROSTOW, Walt Whitman. *The Stages of Economic Growth: a Non-communist manifesto*. [1960] Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. Reconsiderando a teoria itinerante. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *Deslocalizar a Europa - Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonidade*. Lisboa: Cotovia, 2005.
- SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *Malhas que os Impérios tecem – textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2010.

- _____. (Org.) *Deslocalizar a Europa - Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonidade*. Lisboa: Cotovia, 2005.
- SAMARY, Catherine. El comunismo en movimiento. *Viento sur*, n. 150, fevereiro de 2017.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010b, p. 31-83.
- _____. *Do pós-moderno ao pós-colonial: e para além de um e de outro*. Conferência de abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 16 set. 2004. Disponível em: <www.ces.uc.pt/misc/Do_pos-moderno_ao_pos-colonial.pdf>. Acesso em: 10/01/2015.
- SANTOS, Theotônio. *A Teoria da Dependência: balanço e Perspectiva*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.
- SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. A revolução cubana e as representações sociais de gênero. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, v. 14, p. 265, 2013.
- SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *Cahiers du CRICCAL*. Paris, n. 9-10, 1992.
- SARTRE, Jean Paul. Prefacio. In: HERMANOS, Juan. *El fin de la esperanza*. Havana: Bayo Libros, 1963.
- SEIDMAN, Sarah. Tricontinental Routes of Solidarity: Stokely Carmichael in Cuba. *Journal of Transnational American Studies*, ano 4, n. 2, 2012.
- SETH, Sanjay. Razão ou Raciocínio? Clio ou Shiva? *História da Historiografia*, 11, abril 2013: 173-189.
- SIRINELLI, François. Os intelectuais. In: Rémond, René (org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 231-270.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *A critique of postcolonial reason: toward a history of the vanishing present*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- _____. *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- THIAM, Iba Der; MULIRA, James. A África e os países socialistas. In: MAZRUI, A. A. (Ed.); WONDJI, C (Ed.). *História Geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília: UNESCO, 2010.
- VIGEVANI, Tullo. *Terceiro Mundo: conceito e história*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

- VILLAÇA, Mariana Martins. *O Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC) e a política cultural em Cuba (1959-1991)*. Tese defendida perante o Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP).
- _____. Cuba e a esquerda uruguaia: o encontro da OLAS (Organización Latinoamericana De Solidaridad, 1967) nas páginas de Marcha. *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 59, p. 309-336, 2017.
- VILLEN, Patricia. *Amilcar Cabral e a crítica ao colonialismo: entre harmonia e contradição*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- YOON, Duncan Mceachern. *The Global South and Cultural Struggles: On the Afro-Asian People's Solidarity Organization*. 2012. Disponível em: <<http://blogs.cornell.edu/globalsouthproject/files/2012/09/Yoon-1317jzt.pdf>>. Acesso em: 10/02/2017.
- YOUNG, Robert J. C. *Postcolonialism: an historical introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2001.
- _____. *Postcolonialism: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2003 (Kindle Edition).
- _____. *Postcolonialism: from Bandung to the Tricontinental*. *Historien*, Athens, v. 5, p. 11-21, 2005.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalismo Histórico e civilização capitalista*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- WASSERMAN, Claudia. *A teoria da dependência: do nacional-desenvolvimentismo ao neoliberalismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017.
- WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 14, p. 13-29, jan./jun. 2013.
- WICKBERG, Daniel. What Is the History of Sensibilities? On Cultural Histories, Old and New. *American Historical Review* (2007), p. 661-684